UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO" - FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

O BANCO MEDICI COMO INSTRUMENTO CONSOLIDADOR DA DINASTIA MEDICI: a perspectiva de Nicolau Maquiavel

BIANCA CORADIN BENEDETI

FRANCA

2024

BIANCA CORADIN BENEDETI

O BANCO MEDICI COMO INSTRUMENTO CONSOLIDADOR DA DINASTIA MEDICI: a perspectiva de Nicolau Maquiavel

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP) como requisito para a obtenção do título de Mestre em História

Área de concentração: "História e Cultura"

Linha de pesquisa: "Política: ações e representações".

Orientadora: Profª. Drª. Rita de Cássia Biason

BIANCA CORADIN BENEDETI

O BANCO MEDICI COMO INSTRUMENTO CONSOLIDADOR DA DINASTIA MEDICI: a perspectiva de Nicolau Maquiavel

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de mestre em História junto ao programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciência Humanas e Sociais - Campus Franca - da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

- Área de concentração: História e Cultura

- Linha de pesquisa: Política: ações e representações

Orientadora: Profª. Drª. Rita de Cássia Biason

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE:

Profª. Drª. Rita de Cássia Biason (UNESP/Franca)

1º EXAMINADOR:

Profª. Drª. Ana Raquel M. da C. M. Portugal (UNESP/Franca)

2º EXAMINADOR:

Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira (UFRGS)

Franca, 27 de maio de 2024

B462b

Benedeti, Bianca Coradin
O Banco Medici como instrumento consolidador da dinastia Medici : a perspectiva de Nicolau Maquiavel / Bianca Coradin Benedeti. -- Franca, 2024
167 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Rita de Cássia Biason

1. Cosimo. 2. Medici. 3. Banco. 4. Florença. 5. Maquiavel. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

A presente pesquisa possui como impacto esperado expandir as possibilidades interpretativas das obras de Nicolau Maquiavel, destacando novos aspectos sobre o processo de ascensão e estabelecimento no poder da família Medici por meio de sua riqueza advinda do Banco Medici, contribuindo para um entendimento mais aprofundado da relação entre riqueza e poder político, entre os séculos XIV a XVI. A dissertação busca demonstrar como Maquiavel explicou os meios financeiros e sua causalidade para a influência dessa família na região de Florença. Por fim, espera-se acrescentar ao debate acadêmico no que tange às obras de Maquiavel, sendo essas importantes a partir do momento que continuam a influenciar significativamente as discussões contemporâneas da ciência política.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

This research look forward to expand the interpretative possibilities of the works of Nicolau Machiavelli, highlighting new aspects about the process of rise and establishment in power of the Medici family through their wealth arising from the Medici Bank, contributing to a deeper understanding of the relationship between wealth and political power, between the 14th and 16th centuries. The dissertation seeks to demonstrate how Machiavelli explained the financial means and their causality for the influence of this family in the region of Florence. Finally, it is expected to add to the academic debate regarding Machiavelli's works, which are important since they continue to significantly influence contemporary discussions in political science.

AGRADECIMENTOS

O caminho do mestrado foi de fato muito mais turvo e cheio de emoções do que poderia prever quando prestei o processo seletivo ainda na pandemia. Por vezes, pensei que talvez não conseguiria, mas todos que aqui agradecerei jamais me deixaram cair em desilusão ou desacreditar em mim mesma.

Primeiro, agradeço aos meus pais, Gislene e Rodolfo, que sempre me incentivaram a correr atrás de meus sonhos, torceram por mim e nunca abandonaram meu lado. Sem vocês esse trabalho não estaria sendo concluído. Eu nunca seria o ser humano que sou se não tivesse tido guias tão incríveis e que admiro tanto. Tudo que sou devo a vocês.

Segundo, agradeço imensamente à minha orientadora, professora Rita. Quando a procurei no segundo ano, incerta e insegura, me acolheu e me deu a oportunidade de estudar o tema que sonhava e amava. Durante tantos anos, esteve ao meu lado me orientando e sendo tão humana ao mostrar-me os passos necessários à vida acadêmica. Essa pesquisa jamais teria se concretizado sem você e te admiro imensamente. Agradeço do fundo do coração por toda a paciência e ajuda.

A Aline, minha companheira, que me proveu um apoio ilimitado. Você foi e sempre será minha rocha para todas as tempestades. Jamais caberia em algumas linhas o tanto que sou grata por tê-la ao meu lado. Admiro o ser humano e principalmente o coração que você tem. Nunca imaginei conhecer alguém tão gentil e que cuidasse tanto de mim, você é meu sonho que se tornou realidade.

À minha irmã e ao meu cunhado, Bruna e Samuel, que valendo-se do humor sempre me ajudaram, distraíram e fizeram companhia quando precisei. Me ajudando a refletir sobre os mais diversos temas e discorrer sobre minha dissertação.

Ao meu cachorrinho, Joey, que me mostrou a forma mais pura de amor e me trouxe tanta alegria durante esse tempo. Sempre ao meu lado nas inúmeras horas escrevendo e trabalhando no mestrado.

Agradeço também às minhas amizades, Marcela, Luiza, Sophia, Camila, Victória, Ana Victória, Ana Luiza, Beatriz, Joice, Gabriela, que estão comigo há tantos anos e sob todas as

circunstâncias me apoiaram, me deram bronca, torceram por mim, me resgataram e estiveram ao meu lado.

Às amizades que a Unesp me agraciou. Lorenzo, meu grande amigo de tantas risadas, desabafos e apoio, obrigada por continuar ao meu lado. Das felizes coincidências, essa amizade entregue pela Unesp e pela van da Renata se tornou para vida e sou muito grata por isso.

A Laura Duarte, minha mineira favorita que sempre segurou minha mão e me aconselhou tanto. Nas diversas noites que estive sentada no quarto conversando, distraindo a cabeça, rindo até a barriga doer, caminhando até a Unesp, você é especial e levo nossa amizade o tempo todo, independentemente da distância.

A Laura Costa, meu encontro de almas, minha companheira de pesquisa, nunca imaginei que nos tornaríamos o que nos tornamos. Admiro a pesquisadora e principalmente a mulher forte e guerreira que você é. Nossa viagem à Itália vai sair do papel e juntas (por todas as etapas desde a graduação) estaremos.

Ao Alfredo, meu professor de italiano, meu romano favorito, obrigada por tantas lições e tantos anos que você ensinou e vem ensinando sobre a língua italiana e sobre a vida.

A minha corretora Kelly, que mesmo sob tempos tão complicados em sua vida, me proveu uma ajuda imensurável na última etapa antes da conclusão.

Ao corpo docente da Unesp, que mudou minha vida, me ensinou e continua ensinando tanto. Vocês mudaram quem eu era desde que pisei na graduação em 2017.

A Unesp Franca, que proveu os meios necessários e o acolhimento para que essa pesquisa pudesse ser feita.

A todos, vocês foram parte dessa jornada e a tornaram possível. Pretendo levar todos comigo nas minhas mais profundas gratidões e sentimentos. Minhas mais sinceras gratidões a todos.

BENEDETI, Bianca Coradin. **O Banco Medici como instrumento consolidador da dinastia Medici**: a perspectiva de Nicolau Maquiavel. Orientadora: Rita de Cássia Biason. 2024. 167 p. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2024.

RESUMO

A cidade de Florença, localizada na península italiana, apresentava uma dinâmica supostamente díspar em comparação às demais cidades europeias do final do século XVI. Enquanto muitos estavam submetidos a governos centralizados ou a monarquias, Florença se destacava como uma república autônoma desde o século XIII. No entanto, apesar dessa aparente independência política, o verdadeiro poder se situava nas mãos de algumas famílias proeminentes da cidade, com destaque, nesse projeto, para os Medici. Desde o século XIV, a família Medici consolidou seu domínio sobre Florença, tendo como égide de seu poder econômico e político o Banco Medici, estabelecido na mesma época. Esse domínio perdurou por séculos, moldando não apenas o destino de Florença, mas também influenciando a dinâmica política e econômica na península italiana e, em certa medida, na Europa. Florença, assim, emergiu como um dos mais significativos centros de disseminação do Renascimento. Dentre os notáveis intelectuais florentinos da época, destaca-se Nicolau Maquiavel, que, como observador e participante dos acontecimentos dos séculos XV e XVI, registrou suas visões políticas em suas obras, fornecendo valiosas observações sobre a dinâmica do poder em Florença e a influência da família Medici nesse cenário. Nosso objetivo reside na concepção da visão maquiaveliana, com o uso de suas obras, *História de Florença* e *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, do processo de ascensão Medici ao poder por meio do uso do Banco Medici.

Palavras-chave: Cosimo; Medici; Banco; Florença; Maquiavel.

BENEDETI, Bianca Coradin. **The Medici Bank as a consolidating instrument of the Medici dynasty**: the perspective of Niccolo Machiavelli. Advisor: Rita de Cássia Biason. 2024. 167 p. Dissertation (Master's in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Franca, 2024.

ABSTRACT

The city of Florence, located on the Italian peninsula, had supposedly different dynamics compared to other European cities at the end of the 16th century. While many were subject to centralized governments or monarchies, Florence stood out as an autonomous republic since the 13th century. However, despite this apparent political independence, real power lay in the hands of some prominent families in the city, with emphasis on the Medici in this project. Since the 14th century, the Medici family has consolidated its dominance over Florence, with the Medici Bank, established at the same time, as the aegis of its economic and political power. This dominance lasted for centuries, shaping not only the destiny of Florence but also influencing political and economic dynamics on the Italian peninsula and, to some extent, Europe. Florence thus emerged as one of the most significant centers for the dissemination of the Renaissance. Among the notable Florentine intellectuals of the time, Niccolo Machiavelli stands out, as an observer and participant in the events of the 15th and 16th centuries, he recorded his political views in his works, providing valuable observations on the dynamics of power in Florence and the influence of the Medici family. Our objective lies in the conception of the Machiavellian vision, with the use of his works, History of Florence and Discourses on the First Decade of Livy, of the process of Medici's rise to power through the use of the Medici Bank.

Keywords: Cosimo; Medici; Bank; Florence; Machiavelli.

Sumário

Introdução.....1
1. Capítulo I - Uma Árvore Genealógica Centenária: o Fundador, Il Vecchio, o Gotoso e o Magnífico..... 24
1.1. A Família Medici..... 24
1.1.1. Giovanni de Bicci de Medici..... 24
1.1.2. Cosimo de Medici..... 29
1.1.3. Piero de Medici..... 43
1.1.4. Lorenzo de Medici..... 44
2. Capítulo II - O Banco Medici como Eixo Estruturador da Família.....48
2.1. Contexto Econômico.....48
2.2. Sede Bancária e Administração..... 49
2.3. Subsidiárias ou Filiais..... 54
2.4. Serviços Bancários.....56
2.5. Comércio e Produção Têxtil..... 58
2.6. O Banco e o Papado.....59
2.7. Depósitos de Alume.....61
2.8. Decadência do Banco.....63
3. Capítulo III - O Método no Contexto Físico e Intelectual de Maquiavel.....70
3.1. Maquiavel e sua vida cívica em Florença..... 74
3.2. Contexto Intelectual e Concepções Maquiavelianas.....82
3.2.1. O Humanismo e sua Contribuição na Visão de Maquiavel..... 83
3.2.2. Perspectivas e Tendências da Historiografia Maquiaveliana ao Longo dos Séculos..... 89
3.2.3. Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio / História de Florença e suas Circunstâncias de Escrita..... 93
4. Capítulo IV - Intrínseco Vínculo: a visão Maquiaveliana.....97
5. Considerações Finais.....142
6. Referências.....146

Introdução

O paradigma da modernidade e a designação do período “medieval”, termo que já nasceu com uma conotação depreciativa no século XVI, criam controversos debates historiográficos que se encontram no cerne da periodização de nosso trabalho. Observando os escritores dos séculos XV e XVI, notou-se a disseminação da percepção do medieval como uma era obscura, gótica e sombria. Essa visão sustentava que o avanço clássico havia sido interrompido, para ser retomado somente no século XVI com o Renascentismo.

O desprezo pelo medieval se intensificou ainda mais no século XVIII. Contudo, com o advento do Romantismo no início do século XIX, emergiu uma nostálgica idealização dessa época, agora vista como berço das nacionalidades europeias.[1] Tal reavaliação oscilou entre as diversas interpretações que influenciaram a historiografia subsequente.

Já no decorrer do século XX, a percepção da Idade Média foi profundamente transformada, à medida que os historiadores passaram a adotar uma abordagem focada na compreensão do passado, em detrimento da prática anterior de julgá-lo. Nessa linha, sem estabelecer limites rígidos para seus marcos iniciais ou finais, a Idade Média é amplamente reconhecida como um período extenso na história europeia, abarcando cerca de um milênio.

Essa mudança de perspectiva no campo historiográfico abriu caminho para a elaboração de uma vasta gama de teses, estudos e o desenvolvimento de novas metodologias de pesquisa, caracterizando-se por apresentar certas semelhanças em dimensões políticas, religiosas e econômicas, embora essas não sejam uniformemente observadas em todos os territórios que compõem o panorama medieval.

Quanto à análise da realidade florentina, observam-se abordagens distintas que a situam ora no contexto medieval, ora no início da Modernidade. Contudo, seguindo a linha interpretativa de Nicolai Rubinstein, esta pesquisa se dedica ao estudo do recorte temporal identificado como Renascimento, por tratar-se de um momento vivenciado prioritariamente pela Península Itálica.

Nessa medida, os Medici edificaram sobre um terreno díspar, entre os anos de 1394 e 1497, as fundações necessárias para sua ascensão. Fundação essa que permitiu à família transitar de uma posição modesta no ramo bancário até alcançar um *status* quase principesco com Lorenzo de Medici, conhecido como "*Il Magnifico*", uma figura amplamente reconhecida e respeitada tanto pelos florentinos de Florença quanto pela nobreza europeia. É importante pontuar, contudo, que este período também foi caracterizado por uma resistência considerável

[1] FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade média: nascimento do ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001, p.5 et. seq.

às transformações socioeconômicas, evidenciando a complexidade da ascensão dos Medici dentro desse contexto histórico.

O ponto culminante para tal evolução residiu nas habilidades da liderança de Cosimo de Medici. Herdeiro de uma corporação em evolução de seu pai, Giovanni de Bicci de Medici, Cosimo foi um astuto banqueiro, estabelecendo uma rede de negócios que se estendia por toda a Europa, na qual facilitava transações comerciais e empréstimos financeiros, movendo um grande capital entre os territórios no continente europeu.[2] Essa atividade bancária não apenas acumulou vastas riquezas para a família, mas também lhes conferiu uma posição de destaque na sociedade florentina e na Europa.

Esta dissertação teve como objetivo a compreensão de como o Banco Medici - um negócio familiar desenvolvido pela família Medici no século XIV na cidade de Florença - foi capaz de propiciar a consolidação do poder político da família durante quase dois séculos. Para isso, utilizou-se das fontes produzidas por Nicolau Maquiavel - *História de Florença* e *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* - para a verificação de sua perspectiva sobre esse processo. Sob a ótica maquiaveliana, a investigação explorou como os Medici usaram o Banco para escalar e solidificar seu poder, uma dimensão que ainda não foi plenamente explorada na historiografia existente. Assim, a pesquisa pretende preencher esta lacuna e contribuir significativamente para o entendimento desse fenômeno histórico.

Ademais, a ascensão dos Medici também foi marcada por rivalidades políticas, pois a família não hesitou em usar sua riqueza para consolidar seu poder. Muitas vezes, inclusive, essa posição levou-os a enfrentar a oposição de outras famílias aristocráticas de Florença. No entanto, sua astúcia política e sua capacidade de navegar pelas águas turbulentas da política florentina permitiram que os Medici prosperassem em um ambiente intrinsecamente competitivo.

Como ponto de partida para o desenvolvimento, inicia-se com uma contextualização da história florentina, buscando oferecer uma visão do período em questão. Vale destacar que pesquisas históricas antigas sugerem que, antes do Renascimento, as cidades europeias haviam desaparecido quase que inteiramente. No entanto, evidencia-se que, embora tenha ocorrido uma debilidade desses centros urbanos desde os séculos IV até o século VIII, eles não chegaram a um completo esgotamento. No entanto, observou-se um processo de recuperação gradual das cidades e das manufaturas nos primeiros séculos seguintes.[3]

---

[2] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.1 et seq.

[3] Este tópico remete a um item de suma importância para nós, especialmente à baixa circulação de moedas nos séculos que antecederam o crescimento da família Medici. Hilário Franco Júnior nos demonstrou as três funções

Durante os séculos X e XIII foram registrados fluxos migratórios resultantes de uma variedade de fatores. Estes incluíam migrações habituais, sazonais ou temporárias, motivadas pelas condições de vida oferecidas pelos centros urbanos em expansão; migrações de caráter colonial voltadas para o fortalecimento do comércio com o Oriente; e migrações extraordinárias, como a expulsão dos mouros do sul da Península Ibérica ou dos Judeus, desencadeada pelo início das cruzadas. Segundo Cipolla:

> [...] com o século X, e de forma mais decisiva durante os séculos XI e XII, a economia desenvolveu-se, o comércio intensificou-se e o uso do dinheiro tornou-se cada vez mais comum. [...] Além disso, surgiram tantas novas casas da moeda quantos estados e principados [...].[4]

Dessa forma, o século seguinte é caracterizado como um período temporal de significativas mudanças. Após sucessivas incursões dos reis ingleses e franceses ao papa Bonifácio VIII (1294-1303), houve a insuflação de um renovado corpo de ideias políticas, tais como a defesa de monarcas mais poderosos, apoiados e amparados por súditos, a criação de novas armas de tiro, em consonância ao desenvolvimento militar e a presença intermitente da Peste Negra em séries de ondas epidêmicas,[5] tangenciada pela instabilidade da produção agrícola. Tem-se ainda o fim das Cruzadas no século XIII, o afastamento dos árabes e as oportunidades de comércio, com feiras e rotas comerciais que passaram a se multiplicar em maior quantidade pela Itália, França, Inglaterra, Alemanha e Oriente.[6] Nesse contexto, as premissas das atividades econômicas tornaram-se mais privadas aos governantes.

A centralização dos poderes régios é impreterível para assimilar esse sistema, pois, por meio de estratégias de controle, as monarquias lograram concentrar maior poder em detrimento da nobreza, que, por pouco, não excedeu a autoridade real. Entre as ferramentas empregadas para alcançar tal concentração de poder, destacam-se: o requerimento para que os nobres participassem de incursões de guerra, a imposição de tributos reais, a autorização para que os reis recorressem a exércitos mercenários e o aumento dos custos da mão de obra agrícola em virtude das mortes provocadas pela peste, entre outros fatores.[7]

---

da moeda - instrumento de medida de valor, de troca e de reserva de valor - que mesmo durante a queda de seus primeiros dois usos, foi mantida e salvaguardada. A moeda se tornou rara no modo de circulação, pois assim eram os bens disponíveis.

[4] CIPOLLA, 2013, p.119.

[5] Segundo Hilário, "No período crítico, o da chamada peste negra, em 1348-1350, as perdas humanas variaram, conforme a região, de dois terços a um oitavo da população." (2001, p.37)

[6] MISKIMIN, op. cit., p.15 et seq.

[7] Ibidem. loc. cit.

É relevante pontuar que a atividade agrícola ocupou, até meados do século XIX, a predominância de toda a produção econômica europeia, constituindo a espinha dorsal para a formação das condições econômicas que fomentaram avanços culturais e intelectuais. Entretanto, para que o desenvolvimento agrícola prosseguisse apesar dos desafios mencionados, foram necessárias respostas e adaptações específicas em cada país, refletindo a diversidade de estratégias empregadas para superar os obstáculos e impulsionar o progresso econômico.

No caso da península italiana também havia uma grande diversificação agrícola[8] devido ao conjunto climático e territorial favorável, tangenciado pelas cidades ávidas de crescimento. Havia, entretanto, diferenças significativas entre o Norte e o Sul. Este último, com seu foco no cultivo de cereais e técnicas agrícolas menos desenvolvidas, enfrentava maiores desafios e vulnerabilidades às adversidades. Por outro lado, o Norte transformou-se num polo de atração para uma ampla migração interna em busca de oportunidades e melhores condições de vida. As cidades do Norte italiano não só abrigavam grandes concentrações populacionais urbanas, mas também se destacavam como centros de prosperidade econômica e inovação.[9] Essa região, caracterizada por uma significativa urbanização e um mercado diversificado e próspero, avançou rapidamente em termos de indústrias e riquezas, o que foi essencial para os rendimentos e sobrevivência citadina por todo território europeu.

Esse desenvolvimento catalisou o florescimento urbano, a internacionalização e o refinamento dos apetrechamentos. O artesanato emergiu como uma atividade de crescente importância no meio urbano em associação com o progresso econômico. Uma das indústrias mais desenvolvidas no meio artesanal foi o têxtil, principalmente nos Flandres, com tecidos leves, e na Inglaterra e na Itália, com a lã. Com ênfase no território italiano, cidades como Florença, Milão, Siena e Lucca se firmaram como epicentros dessa vibrante produção têxtil.

Além disso, houve uma acentuação da busca por artigos manufaturados de maior requinte. A bibliografia produzida por Miskimin (1984) relaciona o ocorrido à Peste Negra, ao sentimento de brevidade da vida e à rápida sucessão de heranças, que aumentou a riqueza *per capita* no século XIV. Deve-se notar também que a valorização de mão de obra, em virtude da sua escassez, atribuiu salários mais elevados a seus ocupantes. Categorias como a moda, a

---

[8] As cidades italianas que apresentavam problemas de abastecimento agrícola devido à limitação territorial ou ao clima resolviam o impasse com a importação de produtos alimentares de outras cidades, até os portos do Mar Negro ou do Leste Bizantino. (MISKIMIN, 1984, p.28-29)

[9] MISKIMIN, Harry A. A Economia do Renascimento Europeu 1300-1600. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p.73 et seq.

arquitetura, as artes e os estudos acadêmicos passaram a ocupar local de importância e destaque na vida das pessoas.[10]

Outra face importante do tema foi o retorno da monetização da economia com a acentuação do poder monárquico, responsável por organizar a produção e a circulação das moedas, aumentando o uso e estoque metálico com o alargamento comercial, até o Oriente. Nesse contexto, as cidades italianas emergiram como centros nevrálgicos do comércio internacional, liderando também a inovação no setor bancário e na gestão de fluxos monetários.[11] A habilidade de facilitar transações comerciais por meio da conversão entre diferentes moedas estabeleceu essas cidades como pioneiras na implementação de sistemas financeiros avançados, reforçando seu papel central na economia emergente.[12]

Ademais, o abandono das terras que se tornaram improdutivas e o início da expansão na frente ultramarina figuraram como medidas de contraposição à crise, produzindo no século XV uma crescente recuperação econômica europeia. Este período também marcou a retomada do crescimento populacional e a estabilização tanto do setor manufatureiro quanto do agrícola.[13]

No âmbito comercial, desafios como a morosidade dos transportes, os perigos inerentes às longas viagens e as vastas distâncias a serem percorridas levaram à adoção do contrato de *commenda* pelos comerciantes. De forma simplificada, esse contrato pode ser descrito como:

> O caso da *commenda* era aquele em que o mercador contribui com dois terços do capital enquanto um segundo dá o outro terço e, além disso, conduzia o negócio no estrangeiro, justificando assim a partilha dos lucros em partes iguais. Numa variante desse contrato, um dos mercadores entrava com todo o dinheiro necessário e recebia três quartos dos lucros enquanto o outro corria os riscos do negócio para obter o outro quarto. Deste modo, um mercador Jovem e sem dinheiro podia fazer negócios como capital de outro comerciante mais abastado e por esse meio acumular fundos próprios.[14]

Por meio de vários contratos de *commenda*, o mercado diversificava os ricos e as possibilidades de lucro. A introdução da letra de câmbio, por sua vez, impulsionou os investimentos comerciais por toda a Europa. Diante dos obstáculos e desafios encontrados, os

---

[10] MISKIMIN, Harry A. A Economia do Renascimento Europeu 1300-1600. Lisboa: Editorial Estampa, 1984, p.93 et seq.

[11] Segundo Hilário, "Significativamente, as moedas de ouro reapareceram nas cidades mercantis italianas e só depois no resto do Ocidente cristão." (2001, p.56)

[12] FRANCO JÚNIOR, Hilário. A Idade média: nascimento do ocidente. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001, p.56 et seq.

[13] MISKIMIN, op. cit., p.97.

[14] Ibidem. p. 120-121.

comerciantes se mostraram notavelmente adaptáveis, ajustando-se rapidamente às novas condições, o que contribuiu para uma aceleração significativa na revitalização do comércio. Foi dentro desse cenário de florescimento comercial e urbano, especialmente nas cidades italianas, que o Renascimento teve origem. Conforme explica Garin:

> O senhor do Renascimento já não é um príncipe, no sentido feudal do termo, mas, de acordo com as concepções de Maquiavel e de outros pensadores políticos, que remetem para a tradição clássica, um soberano independente, que confia mais na sua inteligência e nos seus recursos do que nos seus superiores e na posição que lhe é proporcionada por Deus numa sociedade piramidal. Em terceiro lugar, e talvez mais positivamente, o príncipe do Renascimento parece enfrentar os assuntos do governo com um novo espírito: mostra-se relutante em conformar-se com os costumes tradicionais e disposto, entusiasticamente, à mudança. Assim exerceria uma maior influência na evolução do Estado.[15]

Não cabe a nós a determinação das conquistas e aprimoramentos, no âmbito técnico-racional, do período como um todo. Porém, é inegavelmente concebível que o período renascentista italiano foi o protagonista de um grande número de inovações que virão a ser utilizadas nos séculos posteriores. Dentre estas, de acordo com Tenenti, pode-se citar "o uso dos algarismos árabes, a contabilidade em partidas dobradas, os seguros, a letra de câmbio [...]".[16] . O tempo do mercador e da vida nas cidades se acelera,[17] transcendendo a mera marcação pelos sinos eclesiásticos, para associar-se diretamente ao potencial de lucro financeiro. O ritmo acelerado fomentou cada vez mais transformações e conexões entre as cidades e o comerciante emergiu como o epicentro dessa profunda revolução no estilo de vida, agora moderno.

Para além disso, as demonstrações de riqueza e disposições de poder se multiplicaram entre os mercadores enriquecidos que almejavam a legitimidade, visto que a hierarquia era edificada na descendência e títulos, entre as demais famílias que adquiriram poder.[18] A ausência de ascendência nobre colocava famílias, como os Medici, em uma posição de "tirania velada" perante os padrões da época. Contudo, as dinâmicas de interação com a nobreza eram fluidas e evoluíam ao longo do tempo: as mesmas casas nobres que inicialmente

---

[15] GARIN, 1991, p.19.
[16] GARIN (org.), 1991, p.147-148.
[17] Segundo Tenenti "O que há de mais vigoroso na visão mercantil ao nível da consciência do tempo é algo de diferente e tem um sentido mais profundo. Ainda durante os séculos XIV e XV, enquanto os eclesiásticos insistem na inconstância da duração humana e na radical fragilidade da sua dimensão temporal, os mercadores não só acreditam no valor de cada um dos seus instantes como é sobre essa trama que constroem as duas fortunas concretas e elaboram o modelo de vida." (in: GARIN (org.), 1991, p.151)
[18] GARIN, Eugenio. O homem renascentista. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p.25 et seq.

poderiam rejeitar essas famílias mercantis em ascensão[19] eventualmente se aliavam a elas por meio de casamentos, concediam honrarias e privilégios que eram fontes de ostentação. Essa interconexão evidencia a complexa teia de relações sociais que se formava, nas quais, apesar da ascensão dos mercadores, a soberania popular não representava uma ameaça direta ao poder concentrado nas mãos de uma elite restrita em diversas localidades.

Por conseguinte, é no cerne desse período que está compreendido o processo de ascensão político-econômica da família Medici, cuja influência e narrativa podem ser encontradas nas fontes produzidas por Nicolau Maquiavel, um dos teóricos políticos mais proeminentes de sua época.

Para alcançar os resultados e reflexões almejados por esta pesquisa, foi necessário construir um panorama detalhado dos elementos centrais de nossa investigação. Estes incluem a análise da cidade de Florença, com suas particularidades; a família Medici, enfocando, especialmente, Cosimo de Medici, uma peça chave em sua trajetória; o Banco Medici, peça chave na ascensão financeira da família; e o autor que capturou a essência de nossa análise, Maquiavel. Através deste arcabouço, dedicaremos especial atenção à obra *História de Florença*, buscando extrair as nuances que definem nosso objeto de estudo.

Nosso cenário, permeado por uma atmosfera de feitos e realizações, é a cidade de Florença. Devemos aqui explicar o interesse dessa localidade para os estudos históricos, muito pautado na sua extensa riqueza no período[20] em comparação com as demais cidades europeias. Essa prosperidade, em grande medida, foi fomentada pela influente família Medici.

Florença, berço de inovações, também viu o nascimento da letra de câmbio, uma revolucionária ferramenta financeira que permitia a transferência segura de fundos de uma localidade para outra, minimizando o risco de roubos.[21] Esse mecanismo foi fundamental para o ocultamento e a segurança da circulação monetária, posicionando Florença como um centro bancário pioneiro na Europa e precursor de práticas comerciais que seriam adotadas globalmente.

Ademais, Florença se destacou também pelo legado de seus cidadãos notáveis e pela riqueza de sua vida política, evidenciada por um vasto acervo documental. Esses registros iluminam as complexidades das teorias da política moderna e apresentam um campo fértil para estudos e análises contemporâneas em uma ampla gama de disciplinas científicas. Assim,

---

[19] Segundo Garin, "essas famílias italianas, na busca do direito e justificação, associavam também suas origens familiares a feitos, descendências nobres e heróicas." (1991, p. 27)

[20] Para elucidar, no final do século XIV, os florentinos tomaram o gosto pelo desenvolvimento intelectual, de modo que 10.000 de seus 90.000 de seus cidadãos foram letrados em torno do ano de 1330. (Gutkind, 1938, p.2)

[21] Houve a criação e construção de diversas estradas, extremamente importantes, para o comércio em toda a Europa. (Delumeau, 1984, p.151)

Florença se estabeleceu como um epicentro de estudo e reflexão, cuja influência se estende por diversas áreas do conhecimento.

Poderíamos começar a discussão diretamente nos anos que nossos protagonistas, Medici, viveram e desempenharam papeis impactantes. No entanto, optamos por mergulhar ainda mais fundo na história, explorando os mitos fundacionais e as origens de Florença para compreender os elementos que a tornaram uma cidade díspar.

As crônicas do século XIII, iniciadas por Giovanni Villani nos anos 1300, narram a fundação de Florença como herdeira do legado do Império Carolíngio e, por extensão, do esplendor do Império Romano durante o reinado de Carlos Magno do Sacro Império Romano Germânico. Segundo essas narrativas, Florença foi concebida na esteira das conquistas militares romanas,[22] herdando a "grandeza" e os "grandes feitos" que caracterizaram o maior império da época. A criação e perpetuação desse mito fundacional não são meros acasos históricos; elas buscam posicionar Florença em um patamar de destaque e magnificência, atribuindo-lhe um legado de poder e cultura que transcende o comum.

Até meados de 1375, esse discurso foi revisto, pois a cidade foi à guerra contra o papa Gregório XI e tomou para si a liderança de sua narrativa, rejeitando a antiga percepção de ser herdeira de Roma e redefinindo-se como uma entidade livre e autônoma. Segundo essa nova visão, a cidade teria suas raízes na modesta vila de *Fiesole*. O historiador Benedetto Varchi, do século XVI,[23] se apoiou no testemunho de Dante, afirmando que Florença emergiu graças a comerciantes que se estabeleceram na região para criar depósitos e desenvolver um mercado próspero.[24] Esta origem mercantil, segundo ele, não apenas marcou o início de Florença, mas também guiou seu crescimento e desenvolvimento nos séculos seguintes, mantendo-se sempre leal às suas raízes comerciais.

Houve, posteriormente, um cuidado de reconciliação com Roma por uma ótica cívica de preocupação com as relações exteriores. Todavia, temos conhecimento de que a relação de paz entre as cidades oscilou nos governos subsequentes. Os mitos se uniram, culminando na

---

[22] WEINSTEIN, Donald. The Myth of Florence. In: Rubinstein, Nicolai. (org.) Politics and Society in Renaissance Florence, 1968, p.15 et seq.

[23] Segundo Dubreton "Sigamos o guia historiador Benedetto Varchi, que, no século XVI, teve a feliz ideia de descrever a sua cidade: as ruas são "bastante largas" quase todas ladeadas e pavimentadas graças ao industrioso Rubaconte; de cada lado uma passagem e uma valeta a fim de fazer o escoamento das águas para o Arno, de maneira que as ruas ficam secas sem o lodo e a lama que se veem noutros sítios, no Inverno." (1979, p. 90)

[24] SZNURA, Franek. Civic Urbanism in Medieval Florence. In: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). City states in classical antiquity and medieval Italy. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991. p. 403-418 passim.

narrativa de um governo justo, poderoso e temporal sobre o território católico europeu, visão essa que atendeu a um modelo cívico e herdeiro de um "brilhante destino".[25]

Como destaca Charles T. Davis, observa-se, na ascensão das cidades italianas entre os séculos X e XIII, a presença de um patriotismo marcado pelo otimismo e uma forte valorização do progresso. Particularidade distante do contexto da Europa,[26] na qual Florença se declarou, junto às Ordenações de Justiça publicadas em 1293, uma República independente.[27]

Antes de adentrarmos na narrativa factual da cidade, é necessário abordar uma das questões fundamentais que moldaram sua composição: a lógica mercantilista. Seu sentido, essencial para o desenvolvimento e justificação das atividades comerciais, foi construído sob mecanismos específicos que permitiram a sua aceitação, mesmo diante da condenação prévia da Igreja em relação à prática da usura.

Essa condenação se dirigia ao enriquecimento da classe mercantil, que se dava através da obtenção de lucros via juros excedentes ao valor principal nas transações de câmbio. Houve, então, um esforço no sentido de justificar tal prática dentro do âmbito dos negócios comerciais. Com o tempo, a condenação perdeu força, sendo gradativamente relegada a um papel secundário dentro dessa lógica, até que foi praticamente abandonada.[28] Tal transformação na percepção e na prática econômica permitiu que Florença emergisse não apenas como o principal núcleo bancário da Europa, mas também como uma das mais influentes potências comerciais e um vibrante centro de cultura e inovação do período.[29]

Aspectos daquela dinâmica econômica remontavam às origens romanas e conservavam, em si, um fundo de superstição. Como pôde verificar Dubreton em suas fontes, conservaram-se ali os estudos astrológicos, comuns entre seus antepassados romanos, utilizados até mesmo para a determinação dos momentos mais favoráveis para empreendimentos ou conflitos de guerra.[30] As práticas cultivadas pela cidade coexistiam com

---

[25] WEINSTEIN, Donald. The Myth of Florence. In: Rubinstein, Nicolai. (org.) Politics and Society in Renaissance Florence, 1968, p.15 et seq.

[26] Na literatura, os livros *octo medieveis*, que eram destinados aos jovens, começaram nas escolas de mestres humanistas a ser substituídos por clássicos e contemporâneos que transmitiam a mensagem humanista. (1991, Garin, Eugenio. p.15)

[27] HIBBERT, Christopher. Ascensão e queda da casa dos Medici. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 22 et. seq.

[28] ROOVER, Raymond de. Labour Conditions in Florence around 1400: Theory, Policy and Reality. In: Rubinstein, Nicolai. (org.) Politics and Society in Renaissance Florence, 1968, p.288 et seq.

[29] DELUMEAU, Jean. A civilização do renascimento. Lisboa: Editorial Estampa, Ltda, 1984, p.202.

[30] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.42 et seq.

uma realidade de mundo por vezes distinta e carregavam certo grau de excentricidade, visto que se acreditava em astrólogos, tidos, por sua vez, como "hereges" pela Igreja.

Posto isso, o sentido do pecado, que culminava no tormento eterno, tendeu a diluir-se. Como resultado, o comércio floresceu em escala internacional, libertando-se de uma postura anteriormente marcada pela intolerância. Florença, em particular, destacou-se por sua capacidade de abrigar uma diversidade notável de características, crenças, pesquisas e estudos dentro de seus muros. Essa pluralidade, provavelmente, foi um fator crucial para o seu sucesso em adaptar-se e prosperar em diferentes contextos e regiões, estendendo seus negócios para além das suas fronteiras e alcançando até mesmo o Oriente.[31]

Há de se assinalar que suas visões particulares não eram postas além da condução de seus negócios. A fé religiosa permanecia inabalável e, externamente, manifestava-se com reverência, sempre em busca de harmonizar os princípios da vida cristã com uma abordagem comercial desprovida de intolerância. Portanto, não se deve interpretar Florença como uma cidade de ceticismo religioso, mas sim como participante de um movimento que procurava justificar suas práticas mercantis dentro de um contexto de fé.[32]

Com isso entendemos a diferença da aristocracia florentina, que reconhecia que a verdadeira nobreza se encontrava não somente na linhagem, mas igualmente no esforço e trabalho.[33] Desde o ano de 1293, com a publicação das Ordenações de Justiça, era mandatório que todos os cidadãos se filiassem a alguma das corporações conhecidas como guildas. Aqueles que não se associavam a essas entidades eram denominados *sciopero* e eram consequentemente excluídos do direito de participar no governo da cidade, evidenciando a importância dada ao trabalho e ao engajamento cívico como pilares da sociedade florentina.

As guildas ou corporações foram um recurso de organização social dos trabalhos que se replicou por toda a Itália, porém, com diferentes configurações entre elas. Ao sul, seu

---

[31] Ibidem. p.42 et seq.

[32] Segundo Tenenti, "Dever-se-á ter em consideração, e talvez ainda mais, a mercantilização da Igreja. Se os operadores económicos podiam com tanta facilidade, e cada vez mais amplamente, estabelecer acordos com ela, isso também era devido ao facto de ela se orientar em muitos sectores de forma consonante com a sua mentalidade e com os seus processos de enriquecer. O que era, por exemplo, a promoção da crença da expiação das culpas no Purgatório a não ser uma dupla especulação económica, um autêntico mercado? Por um lado, o cristão adquiria méritos gastando dinheiro para o alívio das almas do Purgatório, por outro, os cofres eclesiásticos iam-se enchendo, concedendo em recompensa um crédito mais ou menos imaginário junto da misericórdia divina. Não seria por isso muito paradoxal afirmar-se que, pelo menos a partir do século XIV, os comportamentos mercantis invadiram a Igreja com uma força que superava a sua capacidade de atrair os fiéis para a mera observância dos seus preceitos mais austeros em matéria de lucro." (In: Garin, Eugenio. (org.) 1991, p.151)

[33] Segundo Brown, "Como as cidades italianas medievais, ao contrário das cidades antigas, eram centros proeminentes de comércio, a classe mercantil desempenhou um papel mais dominantes nelas do que nas cidades antigas, sem ser capaz de monopolizar o poder, no entanto, devido a resistência contínua da nobreza." (1991, p.102)

desenvolvimento foi mais reduzido, mas ao norte e centro, elas contribuíram significativamente para o envolvimento dos mercadores na vida política.[34]

Portanto, essa aristocracia residia numa realidade na qual sua participação na vida citadina dependia do envolvimento na dinâmica econômica da cidade, sendo esta uma obrigação cívica de todos, e não apenas das classes menos afortunadas.[35] Criava-se, assim, uma nova atmosfera, que permitia algo até então quase inalcançável: a mobilidade social por meio do trabalho e do desenvolvimento de aptidões trabalhistas pessoais.

Embora alguns ofícios fossem vistos como mais nobres que outros, a valorização do trabalho desafiava a noção europeia tradicional que considerava indigno para os abastados envolver-se em atividades laborais.[36] "Eis o credo do verdadeiro cidadão: o trabalho é a lei, e a participação crescente das 'artes' na vida pública tem por consequência obrigar o nobre, mesmo se despreza o comércio, a dele receber a marca".[37]

Aqueles que antes não integravam a camada nobre passaram a demonstrar suas riquezas com artes e com mecenato, constituído após a reanimação e expansão das rotas comerciais. Este homem é político, estudado, culto nos saberes clássicos, na retórica e na aritmética.[38] Em Florença, particularmente, onde humanistas ascenderam ao poder, fundaram-se academias, patrocinaram-se as artes e estabeleceu-se um dos pilares dessa era: a ocupação frequente de cargos republicanos por intelectuais humanistas. Estes eram considerados detentores das qualidades mais admiráveis e elevadas da sociedade.

Este nivelamento, entretanto, não deve criar a ideia de que havia na cidade uma igualdade cívica entre todos os que ali residiam. As guildas não eram instrumentos de pacificação, uma vez que dividiam os cidadãos entre opiniões, tendências e aptidões diferentes entre si.[39] A *Arte del Cambio*, a guilda dos banqueiros, e a *Arte della Lana,*[40] a dos laneiros (produtores de lã), destacavam-se como as mais influentes e poderosas. Em contrapartida, as guildas dos canteiros e estalajadeiros eram menores e detinham menos

---

[34] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.196 et seq.

[35] Lorenzo de Medici, irmão de Cosimo, acreditava que não existia outra forma de nobreza além da decorrente do mérito pessoal. (Burckhardt, 1983, p.326)

[36] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.14 et seq.

[37] Ibidem., loc. cit.

[38] GARIN, Eugenio. O homem renascentista. Lisboa: Editorial Presença, 1991, p.10 et seq.

[39] Segundo Hibbert, "Florença parecia ser um governo estável e democrático, mas na prática não era o que ocorria e o autor explica "Comparada a esses Estados, Florença com certeza parecia afortunada por desfrutar de um governo tão estável e democrático. Na prática, porém, tal governo nada tinha de democrático. Não só os trabalhadores, comuns, o *popolo* minuto, eram excluídos do comando; não só os nobres, os *grandi*, não tinham representação nos Conselhos da República; mas todo o processo de eleição para os Conselhos era controlado por algumas (poucas) das mais ricas famílias de mercadores," (1993, p.24)

[40] HIBBERT, Christopher. Ascensão e queda da casa dos Medici. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.22.

influência. Estas podiam apoiar ou opor-se a certas guerras, dependendo de como viam a possibilidade de ganhos comerciais ou a abertura de novos mercados. Assim, longe de unificar a cidade, as guildas podiam ser o estopim de grandes conflitos internos, evidenciando a complexidade da vida cívica e econômica florentina.[41]

O sistema, ou a falta de sistematização de legislações do sistema comercial e bancário de Florença, foi um agente catalisador dos mais modestos que aderiram à busca de riquezas nesses meios. Isso se dava pois o sistema estrutural legislativo florentino não via necessidade de uma organização corporativa em negócios internacionais, visto que um domínio pleno em qualquer mercado seria improvável e apenas aqueles que mantinham um local físico bancário podiam pertencer à guilda *del Cambio.*[42] Nos locais em que se constituiu uma maior preponderância de empresas florentinas, foi constituída uma *nazioni*, espécies de grupos voltados a propósitos legais das autoridades locais e que permitiam que novos nomes estivessem sempre despontando.[43]

Todas essas especificidades mostram características marcantes de Florença. A capacidade de agir de forma independente no cenário internacional, por exemplo, a diferenciava significativamente de outras regiões.O senso de coesão e colaboração entre os florentinos era fomentado pela agrupação de negócios em setores similares e pela necessidade de competir com empresários de outras localidades.

A respeito das legislações comerciais, Florença voltava-se mais para questões de provisionamento alimentício e controle de serviços essenciais. Ou seja, interesses gerais, e não propriamente manipulados para condições de negócios. Nesse sentido, tendo em vista a importância do comércio em Florença, na maior parte das ocasiões os florentinos desprezavam empreendimentos militares que demandavam tropas, altos custos e riscos a seus negócios.[44] Entretanto, a península italiana ainda perdurava em sua cisão territorial, o que requeria disputas habituais pelo controle de rotas, acessos e entrepostos comerciais, territórios de interesse ou defesa de seus domínios.

À vista disso, os florentinos, grosso modo, não se destacavam na arte da guerra, porque consideravam que esta interpunha obstáculos àquilo que se caracterizava como sua

---

[41] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.16.

[42] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.17 et seq.

[43] Ibidem. p.19 et seq.

[44] Segundo Dubreton, "O Florentino, dotado de uma vocação certa para as artes da paz, não tem nenhuma para a arte da guerra, o que é normal: a guerra afasta-o das suas ocupações preferidas, impede-o de se entregar aos seus negócios, de ganhar dinheiro. É corrente este axioma: "Quem tem loja não pode ir combater, e entrega-se aos mercenários o cuidado de defender a pátria." (1979, p.20)

fonte de prosperidade: o fazer comércio. Por conseguinte, usavam de seu objeto de sucesso para se defender, ao contratar exércitos mercenários[45] italianos.[46] Seu poderio inteiro como cidade repousava nos seus meios financeiros.

Florença, no período focalizado até aqui, possuía como o centro de sua vida popular o *Mercado Vecchio,* com mercadores e pequenos comerciantes. Paralelamente, a praça da *Signoria* emergia como um espaço vibrante, repleto de interlocuções políticas e comerciais diversificadas.[47] Nesta, havia uma corrente ininterrupta entre a cidade, habitada pelo fluxo de ideias e participação política, e o campo, permeado por férteis plantações e vilas, de mercadores ou famílias abastadas, que transitavam de uma realidade a outra. O intercâmbio entre essas duas realidades desempenhava um papel fundamental no equilíbrio da vida do florentino.[48]

Soma-se a isso o fato de que Florença, durante sua fase de expansão econômica, ampliou seu território, impondo uma dominação financeira sobre as novas regiões. Esta relação distante e pragmática garantia lealdades que eram, em grande medida, condicionadas às circunstâncias e oportunidades do momento, sem estabelecer vínculos afetuosos.

Nesse cenário, sua organização era feita a partir de quatro *quartieri,*[49] que se subdividiam em quatro novamente, com seu centro no *Palazzo Vecchio*, casa da *Signoria,* responsável pela magistratura da cidade. A *Signoria*, por sua vez, era constituída por nove membros, selecionados por meio de sorteio a cada dois meses, sob a condição de que os candidatos atendessem a certos critérios pré-estabelecidos. Entre eles, que integrassem uma das guildas da cidade,[50] possuíssem mais de trinta anos[51] e, a partir de 1406, que fossem credores do governo, possuindo ações da dívida pública, para assim serem considerados

---

[45] A falta de unidade nacional da península italiana implicava a falta de um exército nacional. Apoiando-se apenas nos exércitos mercenários, as cidades-estados italianas ficavam à mercê de invasões estrangeiras. O contraponto é que esses homens, tal como via Maquiavel, eram fiéis apenas ao dinheiro e não tinham amor à pátria. (Benassi, 2007, p.23-24)

[46] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.19 et seq.

[47] Ibidem. p.94-97 passim.

[48] Ibidem. 1979, p.99.

[49] Segundo Hibbert "Cada *quartieri* tinha suas características próprias, distinguindo-se através das atividades ali exercidas e dos palácios das famílias ricas cujos filhos, criados, agregados e guardas brincavam e conversavam nas loggie, as galerias abertas em que também se tratava de negócios." (1993, p.17-18)

[50] Eram responsáveis pela divisão dos cidadãos a partir da atividade econômica que desempenhavam. Alguns exemplos são, dos advogados "*Arte dei Giudici* e *Notai*", de mercadores de lã "*Arte della Lana*" e dos banqueiros "*Arte del Cambio*". (Tenenti, 1973, p.48-52)

[51] As maiores guidas, como por exemplo, *Arte dei Giudici* e *Notai e Arte del Cambio* eram as guildas que detinham mais dinheiro e influência na cidade e as menores eram as guildas que desempenhavam atividade mais humildes, como por exemplo, açougueiros, ferreiros, cozinheiros e pedreiros. (Hibbert, 1993, p. 22)

elegíveis ao sorteio. Essa medida visava assegurar uma gestão conectada aos interesses econômicos e à solidez financeira de Florença.[52]

Com tais normas, o sorteio,[53] chamado de *imborsato,*[54] selecionava os nomes de seis homens pertencentes às maiores guildas e dois pertencentes às menores. Para além disso, a figura do nono homem selecionado, conhecido como *gonfaloniere*, desempenhava o papel crucial de guardião da harmonia e do bem-estar da República. Para ocupar tal posição, era necessário ter mais de quarenta e cinco anos. Os indivíduos selecionados, denominados *priori*, compunham a *Signoria*, o governo que regia Florença, encarregando-se da administração e do direcionamento político da cidade.[55]

Uma vez sorteados os nomes, a *Signoria* determinava se o candidato deveria ou não ser eleito. Caso fosse recusado por motivos como idade insuficiente ou recente ocupação de cargo, o nome poderia ser recolocado para futuros sorteios. Entretanto, caso o candidato fosse rejeitado por tributos não pagos, morte, exílio ou um inimigo do partido oposto, teria seu papel destruído (*Stracciato*). Havia, além disso, diversos conselhos para os tópicos como guerras, tributação, diplomacia, entre outros, que trataremos adiante.[56]

Em seu período de governança, esses senhores habitavam o *Palazzo*, com a disposição de luxos e insígnias da cidade, o que transformava a posição em um objeto de desejo cobiçado por muitos. Por seus zelos, luxos e possibilidades de poderio, brilhavam aos olhos dos cidadãos que acreditavam poder integrar o governo e as decisões de sua cidade.[57] Ora, para que um homem viesse a se tornar elegível, para que seu nome estivesse na *borsa* das eleições, seu pai ou avô precisavam ter desempenhado uma das magistraturas em Florença.[58]

Tentava-se, contudo, manter as aparências de imparcialidade da *Signoria*. Para tal, era auxiliada por três oficiais externos à comunidade florentina, ou seja, que não eram nativos da cidade. O primeiro, denominado *podestà,* era ocupado por indivíduo atrelado aos processos

---

[52] HERLIHY, David. The Rulers of Florence, 1282-1530. In: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). City states in classical antiquity and medieval Italy. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991, p.198-208 passim.

[53] Eram chamados de *accoppiatorie* aqueles responsáveis por selecionar e organizar as bolsas de sorteio com os nomes elegíveis para governar. (Fubini; Raillard, 2014, p. 9)

[54] O saco ou *borse*, contendo os nomes dos elegíveis para a obtenção de cargos públicos, ficava guardado na Igreja de Santa Croce e a cerimônia de retirada poderia ser assistida por qualquer cidadão. (Herlihy, 1991, p.198-199)

[55] Essa mudança de governo era chamada de *mutar el stato* e volta e vez, ocasionava o banimento ou expulsão de oponentes. (Gutkind, 1938, p.46)

[56] HERLIHY, David. op. cit., p.198-208 passim.

[57] Segundo Rubinstein "Na realidade a constituição florentina permitia que um grande número de cidadãos participasse dos altos cargos, em condições teoricamente iguais, mas permitia que pequenos grupos que cidadãos proeminentes obtivessem uma proporção muito maior que de uma repartição equitativa." (1969, apud Rubinstein, Nicolai, p. 29)

[58] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.22 et seq.

civis, tais como testamentos ou dotes; o segundo, o capitão do povo, tinha a responsabilidade de guardar a cidade e o último, o executor, encarregava-se de vigiar as ações dos governantes em relação aos cidadãos comuns.

Ademais, havia um leque amplo de instituições. O Conselho do povo, composto por dez membros por *quartieri,* deveria vigiar a conservação de suas leis. Em tempo de guerra, era formado os Dez de Balia e, para a guarda, os Oito de Guardas.[59] E assim, compunha-se uma organização estatal de ampla magnitude que despertava em todos a ideia de que tudo era devidamente organizado e instrumentado em si mesmo.

Devemos iluminar um pensamento para esclarecer o cenário que estamos traçando. Ainda que Florença exibisse uma estrutura institucional aparentemente bem-organizada, a constância de sua dinâmica política não seria viável se o governo mudasse a cada dois meses, período destinado à realização de novos sorteios. Contudo, observa-se a persistência de uma dinâmica de poder, marcada por uma interação contínua entre os membros de suas elites, como os Medici, evitando mudanças drásticas na administração em curtos intervalos de tempo.

Sua democracia, assim, restringia-se ao sentido de que era governada por seus próprios cidadãos, dos quais a uma seletiva minoria era permitido votar, evitando tiranias explícitas. Ademais, o trabalho dos *accopiatori,* os homens responsáveis pelos nomes nas bolsas de sorteio, foi um dos pilares para que os Medici mantivessem os nomes de seus apoiadores no governo, visto que, após 1434, passou a ser permitida a seleção manual de alguns nomes para as bolsas de sorteio, em detrimento do processo completamente aleatório.[60]

Assim sendo, ascendia às cadeiras de veludo apenas uma reduzida seleção de homens, dotados de meios ou conjunto de favoráveis que os propiciassem e permitissem essa ascensão.[61] "As condições para a inscrição são tais, que de uma população de aproximadamente cem mil habitantes, somente três mil e quinhentos são verdadeiros cidadãos, aptos a exercer funções: não se deve aviltar o poder."[62]

Antes de mergulharmos nos intricados eventos políticos e governamentais que marcaram o século XIV, é crucial delinear o foco de nossa análise. Priorizaremos, sobretudo,

---

[59] Ibidem., loc. cit.

[60] HERLIHY, David. The Rulers of Florence, 1282-1530. In: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). City states in classical antiquity and medieval Italy. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991, p.198-208 passim.

[61] Segundo Burckhardt, "A contradição mais profunda não é claramente realçada: Florença via se então em meio ao mais rico de desenvolvimento das individualidades, ao passo que os déspotas não reconheciam nem admitiram qualquer outra individualidade que não há de sua própria e de seus servidores mais próximos. Afinal, os mecanismos de controle sobre o indivíduo já haviam sido totalmente implantados, chegando ao nível de um sistema de passaportes." (1983, p.87)

[62] DUBRETON, 1979, p.30.

as dimensões políticas e os acontecimentos mais significativos do período em questão. Este enfoque se destina a elucidar os contornos essenciais da história florentina, preparando o terreno para discussões futuras em nossa pesquisa. Abordaremos a ascensão dos Medici, a notável prosperidade econômica e o comando governamental de Florença, elementos centrais para compreender o contexto abordado nos capítulos subsequentes.

Nesse sentido, no princípio do século XIV, apesar dos desafios impostos pelas ondas da peste negra,[63] guerras e fome, Florença[64] despontava como uma das mais sobressalentes nos ramos industriais e comerciais europeus, junto com as demais potências italianas e europeias como Veneza, Milão e Londres. Em grande medida, isso se deu graças aos progressos técnicos desenvolvidos por seus cidadãos,[65] que se expandiram por toda a península e posteriormente até ao Oriente.[66]

Até 1378, a família predominante e em certa medida governante eram os Albizzi, quando houve uma revolta plebeia intitulada *Revolta dos Ciompi.* A partir disso, ergueram-se pedidos de maior equidade social e abertura ao governo, pois havia, entre os cidadãos, uma ideia de liberdade no sentido político, fundamentada na crença da participação política e da mudança na governança.

> Todo florentino era convencido de que podia falar livremente em sua própria cidade; ele tinha a sensação de que tinha a perspectiva de algum dia governar a si mesmo, mesmo que apenas à sombra de líderes mais poderosos. E esse sentimento não pode ser insistido demais, por mais pouca realidade que houvesse por trás dele.[67]

A revolta citada acabou sendo aquietada pelo *popolo di Dio,* um conselho que abria a discussão às classes mais baixas. A existência desta organização contribuía com o fortalecimento da ideia de que as camadas economicamente inferiores tinham uma voz ativa nos debates, ainda que o poder de suas opiniões nas escolhas governamentais não se

---

[63] Segundo Larivaille, "A grande Peste Negra em Florença foi em 1348, porém, ocorreram outras sucessivamente entre 1360 e 1363, ou em 1399 a 1400, 1422, 1425, e assim por diante." (1988, p.201)

[64] Os anos de mais profunda crise em Florença foram entre 1339 e 1349. Quando as casas bancárias dos Bardi e dos Peruzzi faliram por empréstimos sem retorno à Inglaterra, houve a fome de 1349 e a peste em 1348. O resultado foi a falência de mais de 350 cidadãos e crise na economia local. (CIPOLLA, 2013, p.28-30)

[65] Segundo Burckhardt, "Entre 1320 e 1450 abateu-se sobre Europa uma conjunção de desgraças: privações, epidemias, guerras, aumento brutal da mortalidade, diminuição da produção de metais preciosos, avanço dos turcos; desafio esses que foram vencidos com coragem e com gênio. A história do Renascimento é história desses desafios e dessas respostas ponto a crítica do pensamento clerical da idade média, a recuperação demográfica, os progressos técnicos, aventura marítima, uma estratégia nova, um cristianismo é reelaborado e rejuvenescido: eis os principais elementos da resposta do acidente as tão variadas dificuldades que no seu caminho se haviam acumulado." (1983, p.32)

[66] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.2-7 passim.

[67] GUTKIND, 1938, p.48

efetivasse na prática. Entretanto, isso foi eficiente em silenciá-las e manter a estrutura dominante intacta.[68]

Deste momento em diante, até os dias de Savonarola, o governo perpetuou nas mãos dos mais abastados. No primeiro quarto do *Quattrocento*, a cidade, devido a novas conexões comerciais com a Inglaterra, demandou a independência dos portos de Gênova e Veneza pela aquisição de um porto próprio. Este fato a levou à conquista de Pisa em 1406 e de seu excelente ponto estratégico no Mar Mediterrâneo.[69] Tal fato permitiu aos florentinos acesso ao mar para o trânsito de suas mercadorias[70] e o desenvolvimento de diversas rotas terrestres e marítimas para o fácil translado dos produtos para a península italiana ou outros países.

A cidade expandiu seus horizontes econômicos ao adentrar no comércio de seda e tapeçaria, introduzidos pelos franceses, o que catalisou a fundação de novas instituições bancárias e a criação do florim.[71] Durante esse período, o florim[72] florentino emergiu como uma moeda de destaque no mercado europeu, caracterizando-se pela sua notável estabilidade. No mercado europeu do período, essa robustez monetária espelhava a influência decisiva dos comerciantes e banqueiros de Florença dentro do sistema financeiro europeu, consolidando a posição da cidade como uma das principais potências econômicas do continente.[73]

Seu governo, no começo do século XIV, era ocupado pela nobreza sob a liderança de Maso degli Albizzi. Este período foi caracterizado pelo monopólio dos cargos públicos e pela imposição de severas punições aos adversários, numa clara tentativa de conter o avanço do poder dos Medici, que se tornava cada vez mais ameaçador. Após a morte de Maso degli Albizzi em 1417, Rinaldo degli Albizzi, seu filho, assumiu o poder, dando início a uma gestão marcada por elevadas taxações, conflitos breves e uma guerra significativa contra a cidade de Lucca. Estas medidas acabaram por inflamar o descontentamento popular, canalizando o apoio das massas para os Medici, que se apresentavam como uma alternativa viável ao *status quo*.[74]

---

[68] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p. 47 et seq.
[69] Ibidem. loc. cit.
[70] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.22.
[71] Segundo Roover "No século XVI Florença tinha um padrão duplo: um baseado no ouro e outro na prata. O primeiro foi colocado no florim, uma moeda de ouro assim chamada porque tinha de um lado o emblema da flor-de-lis. A moeda de prata (*moneta di piccioli*) era composta por pequenos centavos (*piccioli*) e depois *quattrini*, pedaços de quatro *deniers di piccioli*." (1966, p.31)
[72] Os Florentinos começaram a cunhar os florins em 1252, em comemoração da extensão do seu poder na Toscana, depois da vitória sobre os Pisanos e os Sieneses. (Dubreton, 1979, p.31)
[73] CIPOLLA, Carlo M. Il fiorino e il quattrino: La politica monetaria a Firenze nel Trecento. Il Mulino, 2013, p.123.
[74] Há uma informação importante que cabe elucidação. O *Catasto*, tributo baseado nas propriedades e bens de cada cidadão, que veio a se tornar uma medida popular junto ao povo, foi proposto por Rinaldo e seus partidários

Quando em 1429 Giovanni de Medici faleceu, seu filho, Cosimo, tomou a frente da governança familiar, comercial e política Medici. No mesmo período em que Rinaldo e seus partidários incitaram a cidade à guerra contra a cidade de Lucca devido à sua localização e enorme riqueza nos negócios e produção de seda. Seu sucesso de aprovação se deu tendo em vista pontos favoráveis à vitória, como a preponderância florentina no território e o recente apoio milanês conquistado, sendo a vitória esperada sem grandes empecilhos.[75]

Tornou-se óbvia a separação organizacional em duas frentes, encabeçadas por Rinaldo degli Albizzi e Cosimo de Medici, que encontraram, em seu início, uma aprovação ambígua que era alimentada por ambas as partes, devido à ambição dos ganhos que decorreriam frente a uma possível vitória na conquista de Lucca. Entretanto, a tentativa de conquista não obteve sucesso e no ano de 1433 Florença se viu obrigada a estabelecer uma paz arranjada devido aos altos custos decorrentes da guerra.[76]

É bastante evidente que o sucesso da empreitada poderia resultar em ganhos substanciais para a cidade e tenha recebido o apoio inicial das frentes governantes. Todavia, com o transcorrer do tempo, o partido de Cosimo, que contava com muitos integrantes ativos nos negócios comerciais, tais como os cidadãos responsáveis pelo pagamento de duras taxas que financiavam a guerra, passaram a pressionar para uma culminância, fosse ela positiva ou indiferente, na conquista de Lucca. Sendo assim, o partido nobre passou a ser duramente criticado e na tomada de liderança da cidade, os Medici, que haviam cultivado o apoio popular por mais de meio século, surgiram como o apontamento óbvio de oposição à classe soberana vigente.[77]

Como há de se debater adiante, o cenário florentino tenderá a tornar-se cada vez mais tenso e conspiracionista por aqueles que buscavam a defesa de sua posição de poder em detrimento dos Medici, que cresciam progressiva e rapidamente junto a uma série de pilares bem estruturados e firmes no interior de Florença, assim como no exterior.

Florença tomou parte em diversas guerras no exterior, e seus conflitos internos eram intrinsecamente ligados aos conflitos externos. Ao mesmo tempo em que atacara Lucca,

---

oligárquicos. Tal modo de ação se baseou na crescente insatisfação popular de suas medidas tributárias e repressivas que se efetivaram previamente, demonstrando, assim, que estavam preparados para duros sacrifícios junto aos demais cidadãos. Giovanni de Medici chegou a negar apoio à nova medida, sendo convertido sob pressão de seus pares que se preocupavam com as aparências de seu líder com as bases de apoio popular. (Gutkind, 1938, p. 60-62)

[75] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.67 et seq.

[76] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.54-71 passim.

[77] KENT, Dale. The Rise of the Medici: Faction in Florence 1426-1434. Oxford: Oxford University Press, 1978, p.9-19 passim.

Niccolò Piccinino atacou Roma e expulsou o papa Eugênio IV, que fugiu para Florença para tomar abrigo junto a seus aliados Medici[78], que estavam sendo presos numa conspiração que resultou na sua breve expulsão da cidade. Consoante a isso, outra importante potência italiana, Veneza, permaneceu aliada a Florença, muito em virtude dos esforços de Cosimo, que em seu exílio chegou a ser chamado "*Veneto Uomo*".[79]

Havia, porém, um outro quesito que, cedo ou tarde, provocaria desavenças entre essas alianças. O aumento do comércio florentino no leste europeu colidia com os interesses comerciais de sua antiga aliada, Veneza. Por outro lado, Milão, que poderia representar um suporte militar substancial e não oferecia nenhum perigo do ponto de vista mercantil, seria uma nova aliança com histórico conflituoso, uma vez que as duas cidades já haviam se envolvido em diversas guerras entre si.

Com grande prudência, Cosimo observou a oportunidade de aproximação com Milão, quando o duque buscava um marido para sua filha Bianca Maria, colocando sob o *condottiere*[80] Francesco Sforza, um bem-sucedido general militar italiano e amigo próximo seu, o apoio necessário para o sucesso. Esse casamento garantiu a sucessão e tomada do ducado de Milão por Sforza, que assegurou à cidade um apoio perpétuo até a morte de ambos.[81]

Devido às tentativas florentinas de conquistar Lucca e à expansão comercial, a aliança com Veneza foi duramente afetada e mesmo os esforços de Cosimo não foram suficientes para mantê-la. Sua necessidade de empréstimos, concedidos pelo Banco Medici em virtude dos altos custos das guerras promovidas, a manteve em equilíbrio por um breve momento. O último golpe à aliança foi o sucesso de Cosimo em persuadir o papa Eugênio IV para transferência do Conselho de Ferrara para Florença,[82] pois significava uma conquista econômica - com os altos fluxos de dinheiro que corriam com o Concílio - e moral para a cidade.[83]

---

[78] KENT, Dale. The Rise of the Medici: Faction in Florence 1426-1434. Oxford: Oxford University Press, 1978, p.141-147 passim.
[79] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.141-147 passim.
[80] Segundo Amadeu Junior, "A palavra *Condottieri* (em português, Condotiero) se origina na palavra *Condotta* que significa o contrato de trabalho para o serviço militar. Era o nome dado, na Europa dos séculos XIV a XVI, aos líderes de unidades militares subordinadas aos governantes e as cidades. Tais líderes, normalmente, eram mercenários, ou seja, estrangeiros contratados pelos Estados sem exércitos nacionais." (2019, p.13)
[81] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.54-71 passim.
[82] AMES-LEWIS, Francis. Domenico Veneziano and the Medici. Jahrbuch der Berliner Museen, [s. l.], v. 21, p. 67-90, 1979, p.76.
[83] ROOVER, op. cit., p.147 et seq.

Sob esses períodos tensos de guerra, Cosimo intercedeu quando oportuno e propiciou a manutenção do equilíbrio. O papa Eugênio IV faleceu em 1447 e seu sucessor, Nicolás V, sempre foi conhecido por ser amigo próximo de Cosimo e Florença. Francesco Sforza foi declarado duque de Milão em 1450 e após um período de tensões devido a outras reivindicações ao ducado, causou a cisão com Veneza e uma aliança formal foi redigida em 1451 com Florença. Tamanha era a aliança que até negociações diplomáticas foram conduzidas por um representante de Cosimo, Agnolo Acciaiuoli, na corte francesa em favor de Sforza. Essa intervenção foi bem sucedida e em setembro de 1451 o representante de Cosimo conseguiu o reconhecimento de Charles VII da França sobre a tomada do ducado de Milão por Sforza. Tornando-o, assim, legítimo perante as demais potências europeias.[84]

Após anos de guerra e desentendimentos entre Veneza, Nápoles, Milão, Florença e França, a península italiana se encontrava exaurida, de modo que em 1455 foi firmado um acordo, válido por 25 anos, de medidas não-agressivas uns contra os outros, em grande parte devido aos esforços diplomáticos de Cosimo entre as cidades.[85]

Ver-se-á que nossos estudos demonstram a centralização da história florentina tangenciada pela história da família Medici, o que torna impossível que se fale de um sem que seja mencionado o outro. As famílias citadas demonstram um poderio abrangente na república e sua história. Pode-se indagar se a República Florentina era tão dependente dos Medici como parece sugerir a pesquisa até aqui. A grande variedade e complexidade das empresas bancárias da cidade, além das empresas Medici, impediu que esta família dominasse completamente o sistema e garantiu que não houvesse uma dependência absoluta. Na eventualidade da expulsão da família, a comunidade comercial não foi fatalmente prejudicada.

Por conseguinte, iremos analisar no primeiro capítulo a história e os pilares fundados pelas gerações da família, para que seu processo de ascensão ao poder político-econômico de Florença venha lançar luz sobre os nossos estudos. Em seguida, no segundo capítulo buscar-se-á o entendimento da estrutura organizacional e funcional do Banco Medici, tema tratado, por grande parte dos estudos, como um aspecto secundário da grandeza e esplendor Medici, mas que simbolizou, como se verá, seu grande eixo de sustentação.

No terceiro capítulo, dedicamos nossa atenção à análise das crenças metodológicas de Nicolau Maquiavel, valendo-nos do estudo da historiografia posterior e dos próprios autores-fonte. Neste momento, nosso foco está na contextualização de Florença durante a vida

---

[84] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p. 154 et seq.
[85] Ibidem. p.165 et seq.

de Maquiavel, compreendendo o ambiente intelectual e o panorama ideológico em que estava imerso. Além disso, exploraremos as bases teóricas subjacentes aos conceitos maquiavelianos, buscando entender suas influências e como elas moldaram sua abordagem metodológica. Essa investigação nos permite aprofundar nossa compreensão da visão de mundo e das motivações intelectuais por trás das obras de Maquiavel

Posteriormente, então, no quarto capítulo passamos a utilizar duas obras de suma importância na história política moderna. A primeira delas, *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, oferece uma análise profunda das teorias políticas usando a história romana como estudo de caso. Escrita entre 1513 e 1519, os *Discursos* consistem em uma série de ensaios nos quais Maquiavel examinou as causas do sucesso de Roma como uma república e, ao mesmo tempo, conduziu uma crítica sutil às condições políticas de sua própria época na península italiana renascentista.

A obra é uma reflexão sobre os princípios fundamentais da república e as condições necessárias para a manutenção da liberdade política. Ao analisar a estrutura organizacional e as instituições da República Romana, o autor julgou conceber a importância do equilíbrio entre as diferentes facções políticas, a distribuição do poder e a participação ativa dos cidadãos na vida política. Ao longo da obra, Maquiavel teceu uma crítica contundente à corrupção e à decadência que ele verificava na península italiana e, principalmente, em Florença. O autor lamenta a falta de *virtù* e de vontade política entre os governantes italianos, que se mostravam mais preocupados com seus próprios interesses do que com o bem-estar do Estado. Todavia, é nessa obra, composta durante seu exílio após o retorno Medici ao poder da cidade, que o autor estruturou a maior parte de sua teoria política e de seus conceitos fundamentais ao entendimento de seu pensamento.

A segunda obra, *História de Florença*, foi encomendada pela família Medici no início dos anos 1520 como um meio de reafirmar e justificar perante os cidadãos de Florença seu "direito" ao poder. Neste período, o autor, que se encontrava exilado devido ao seu papel como secretário da república no governo anterior, buscava reconquistar o favor dos governantes Medici. Portanto, ele oferece na obra uma visão abrangente e meticulosamente detalhada da história de Florença.

Nesta obra, o autor adotou uma metodologia baseada na observação e análise crítica dos eventos históricos, distanciando-se da narrativa providencialista típica da época. Essencialmente, a obra ganha destaque pela sua ênfase na política e na incessante busca pelo poder de uma maneira profundamente subjetiva. Ela explora os mecanismos do governo republicano e as complexas dinâmicas políticas que formaram o tecido social de Florença ao

longo dos séculos. O autor detalha as rivalidades entre famílias nobres, as lutas das diversas classes sociais florentinas, além dos conflitos internos e externos que definiram o destino da cidade. Portanto, a *História* reflete, no final da vida do autor e no auge do amadurecimento de suas ideias, suas concepções políticas marcadas por uma visão realista e pragmática do poder. Ele apresenta Florença como uma cidade intrinsecamente marcada por conflitos e corrupção desde sua fundação.

Ao longo da obra, desenvolve-se uma linha interpretativa que examina como a família Medici ascendeu às camadas mais altas do poder e, subliminarmente, utilizou seus recursos financeiros como uma vantagem decisiva frente às adversidades da política florentina. Nesse contexto, cooptaram uma rede intrincada de favores, dívidas e alianças em todos os núcleos sociais.[86] Além disso, exploramos as relações-chave para a manutenção do poder dos Medici fora de Florença, destacando principalmente as interações com o papado e o ducado de Milão. Essas relações foram essenciais para o sucesso e enriquecimento da família, mediadas em grande parte pelo seu empreendimento mais bem-sucedido, o Banco Medici.[87]

Nosso objetivo foi examinar, de forma aprofundada, a ascensão e consolidação do poder político-econômico da família Medici. Buscamos, especialmente, identificar como esse poder foi adquirido e mantido através do papel crucial desempenhado pelo Banco Medici. Desse modo, analisamos como os Medici utilizaram seu vasto capital financeiro para exercer influência e configurar a política de sua época segundo seus interesses.

Tais observações permitem-nos o desdobramento dos seguintes objetivos específicos:

1. Investigar como a estrutura financeira dos séculos XIV, XV e XVI foi determinante no aumento do poder político dos Medici em Florença, especialmente durante a administração e liderança de Cosimo de Medici nos negócios e na família;

2. Compreender de que forma o Banco Medici, consolidado sob a liderança de Cosimo e utilizado como fonte de aliança e ascensão ao poder político, atingiu grande ascensão uma vez que sob as duas gerações posteriores, a decadência

[86] HERLIHY, David. The Rulers of Florence, 1282-1530. In: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). City states in classical antiquity and medieval Italy. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991.

[87] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.42 et seq.

da estrutura bancária culminou na perda do poder da família Medici em Florença;

3. Analisar esses desdobramentos a partir da perspectiva de Maquiavel, utilizando a obra *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio* para entendimento de suas concepções metodológicas e *História de Florença* para o estudo da consolidação do poder político da família Medici por meio do poder econômico provido pelo Banco Medici.

Entendemos, portanto, que a atividade bancária foi a causa principal para a consolidação dos Medici no poder, contudo realizamos algumas perguntas, respondidas ao longo dos capítulos: como esse movimento ocorreu? Quais foram os fatores que contribuíram para a ascensão e, posteriormente, para a decadência, tanto no quesito do poder político-econômico quanto do prestígio social que detinham? Como Nicolau Maquiavel observou e julgou esse movimento da política de sua época? Partimos da premissa de que a família conseguiu, por meio do banco e do dinheiro que provinha dele, estabelecer-se politicamente em Florença e na Europa. Como observador e participante, Nicolau Maquiavel, mesmo sem citar o nome do Banco Medici, foi capaz de demonstrar esse processo de modo subliminar a partir dos eventos e das circunstâncias políticas enfrentadas pela família Medici.

1. Capítulo I - Uma Árvore Genealógica Centenária: o Fundador, Il Vecchio, o Gotoso e o Magnífico

1.1. A Família Medici

1.1.1. Giovanni de Bicci de Medici

Após explorarmos o panorama florentino, nosso olhar se voltará para a trajetória da dinastia Medici. Abordaremos desde seu progenitor, um pioneiro cuja atuação no empreendedorismo e na governança se mostrou notável, até o declínio da influência e a dissolução do império financeiro, que ocorreu pouco mais de um século depois.

Os mitos que remetem ao início dos Medici são incertos, porém, acredita-se que a família teria se mudado para Florença em torno dos anos 1200, originária do vale de *Mugello*, uma pequena *villa* ao norte da cidade. Proveniente de origens modestas de aldeões, possuíam algumas terras e uma casa de campo, chamada *Cafaggiolo.*[88]

A ascensão dos Medici na esfera política florentina começa a se desenhar de maneira mais evidente durante a Revolta dos *Ciompi* em 1378.[89] Nesse período, Giovanni de Bicci de Medici (1360-1429)[90] emerge como figura de destaque no mundo dos negócios, atuando como banqueiro e comerciante.[91] O autor Lucas-Dubreton nos concede uma hábil descrição:

> Afável, benfeitor, casa as moças honestas que, sem dote, não encontram noivo; a sua popularidade aumenta, faz empréstimos à república nos momentos críticos, torna-se o banqueiro do papa Martinho V... e encarregou o arquiteto Brunelleschi de construir a sacristia da igreja de São Lourenço. Um florentino de primeira escolha, prudente, fugindo a todos os sociais, evitando, o mais que pode, mostrar-se no palácio da Senhoria. Um pouco antes da sua morte, em 1429, dá aos filhos os seguintes conselhos: "Não tenhais nunca opinião contrária à vontade do povo, mesmo que o povo prefira uma coisa sem utilidade. Não faleis com a pretensão de aconselhar, mas concedei com doçura e benevolência. Não transformeis o palácio público em loja, mas pelo contrário esperai que o palácio vos chame... Procurai manter o povo em paz e o comércio florescente. Evitai o mais possível que vos apontem.".[92]

Com Giovanni, estabelece-se o alicerce inicial sobre o qual a influência e o poder dos Medici seriam construídos. Sob sua liderança, a família passou a ser percebida como um pilar

---

[88] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.52.
[89] Foi a revolta do povo contra a oligarquia governante, citada no ponto I.I.II.
[90] Seu pai, Averardo de Medici, deixou uma herança modesta para cinco filhos e não era um homem de negócios bem-sucedido. (Roover, 1966, p.35)
[91] *"From the little we know about the personality of Giovanni di Bicci, he was apparently a quiet man with a melancholic face, but this unassuming appearance concealed an astute and active mind."* (Roover, 1966, p.51)
[92] DUBRETON, 1979, p.52-53.

de confiança e estabilidade pela população de Florença. Giovanni reconhecia a importância de manter uma imagem de austeridade diante da comunidade.[93] Seu verdadeiro poder emanava não apenas de sua excepcional habilidade em gerar riqueza, mas também de sua capacidade de conquistar e manter o apoio popular, equilibrando habilmente os interesses econômicos com um forte senso de responsabilidade social. [94]

Por vezes, Giovanni chegou a ocupar cargos do governo, mas acreditava ser mais oportuno manter um perfil discreto, evitando chamar excessiva atenção para si.[95] Ele buscava demonstrar a seus filhos a importância dos negócios e o equilíbrio no poder, pois um não bastava sem o outro.[96] Giovanni demonstrou com maestria que, muitas vezes, a força da opinião pública era suficiente para influenciar os rumos da cidade, mesmo na ausência de um título oficial ou posição formal.

Após a Revolta dos *Ciompi* surgiram tensões entre Florença e o papado, que não viu com bons olhos a insurreição. Contudo, a necessidade de restaurar essa relação tornou-se inevitável, pois, como coloca George Holmes, a Igreja era a organização mais rica e proeminente da Europa, ao passo que os florentinos eram os maiores banqueiros da época, descritos pelo autor como "*The words bankers*".[97] Essa interdependência entre a influência eclesiástica e o poder financeiro florentino evidenciava a indispensabilidade mútua, selando um vínculo estratégico entre as duas partes.

---

[93] Segundo Schultz, "Giovanni de Medici conquistou o favor das classes mais baixas através de sua justiça e humanidade, o que lançou o nome Medici sob uma luz positiva. O favorecimento de Giovanni entre os cidadãos beneficiaria enormemente seu filho Cosimo, décadas mais tarde." (2023, p.2)

[94] Segundo Hibbert "Não nascera rico; o pouco dinheiro que seu pai deixara tivera de ser dividido entre a viúva e cinco filhos. E quando fez fortuna Giovanni decidiu não a colocar em risco. Sua simpatia, como a de Salvestro, devia estar com o *popolo minuto*, e em consequência disso ele desfrutava de muita popularidade entre o povo humilde. No entanto era discretíssimo, tinha profunda consciência do perigo que significava despertar famosa desconfiança dos florentinos por cidadãos abertamente ambiciosos e cuidava de manter-se o mais longe possível dos olhos do público, enquanto enriquecia com seus negócios bancários em rápida expansão." (1993, p.27)

[95] Segundo Roover "[...] ele não tinha ambições políticas e essas honras não significavam muito pra ele. O sucesso de seu banco, naturalmente, permitiu inveja do grupo dominante, o que incluía diversos rivais, mas Giovanni di Bicci de Medici conseguiu de alguma maneira evitar uma brecha aberta." [...]" (1966, p.51)

[96] Segundo Hibbert "Tinha fama de homem bom, honesto, compreensivo e humano; contudo era impossível não perceber a astúcia em seus olhos ou a determinação de seu queixo largo. Nunca era eloquente, mas em seu discurso havia às vezes rasgos de humor, ainda mais cativantes em função da expressão habitualmente lúgubre de seu rosto pálido. Não obstante sua riqueza ter se ampliado com o generoso dote de sua esposa, Piccarda Bueri, Giovanni morava com ela e os dois filhos, Cosimo e Lorenzo, numa casa modesta da Via Larga, tendo depois se mudado para outra casa um pouco maior, porém sempre despretensiosa, situada na Piazza del Duomo, a pequena distância da catedral inacabada de Santa Maria del Fiore. Como muitos comerciantes mais humildes, gostaria de evitar qualquer tipo de vida pública e de dividir seu tempo entre a casa em Florença e sua vila no campo, entre o escritório na Piazza del Duomo e seu banco na Via Porta Rossa, perto do atual Mercato Nuovo. Contudo, em Florença, como diria um de seus netos, os mercadores ricos só prosperavam se participassem do governo." (1993, p.27)

[97] HOLMES, Gorge. How The Medici Became the Pope`s Bankers. In: Rubinstein, Nicolai. (org.) Politics and Society in Renaissance Florence, 1968, p.356 et seq.

É no cerne desse processo que a família Medici começa a ganhar importância. Entretanto, a introdução da arte bancária não se deu através de Giovanni. A verdadeira iniciação da família nesse ramo foi liderada por Vieri de Cambio de Medici, um primo que estabeleceu a base para o que se tornaria um império financeiro. Com escritórios posicionados em cidades como Roma, Veneza, Nápoles e Gênova, o braço romano da operação se destacou como um ponto de inflexão crucial para Giovanni, que ali iniciou sua carreira como aprendiz nos intrincados meandros do negócio bancário, ascendendo posteriormente à posição de gerente.[98] Após seu regresso para Florença, tornou-se integrante da *Arte del Cambio,*[99] a guilda dos banqueiros florentinos.

Na última década do século XIV, os banqueiros mais proeminentes da cúria romana eram provenientes de quatro famílias: os Ricci, os Spini, os Alberti e os Medici. Gradativamente, entretanto, enfrentaram uma série de reveses que os levaram à decadência do monopólio dos negócios em função de falências, golpes e conspirações. Esses fatos fizeram com que fossem retirados e banidos de conduzir negócios com o papado.[100]

Dentro desse contexto tumultuado emergem os Medici, o foco central de nosso estudo. Sob a liderança astuta de Vieri de Cambio de Medici e, posteriormente, de Giovanni, esta família bifurcou seus interesses comerciais, mantendo uma coesão estratégica entre as diferentes linhagens. O ano de 1397[101] marca um ponto de inflexão, com Giovanni inaugurando seu próprio banco em Florença. O empreendimento foi consolidado através de uma parceria frutífera com Benedetto de Bardi[102] – estabelecida em termos de uma divisão de três quartos e um quarto –, o qual trabalhou na administração como gerente por toda sua vida.[103]

É importante salientar que, durante os anos de 1390 e 1410, os estabelecimentos de Giovanni não se destacaram entre os registros papais. Contudo, o panorama começou a se transformar significativamente na década seguinte, com um fenômeno diretamente relacionado à ascensão de João XXIII ao pontificado em 1410, anteriormente conhecido como

---

[98] SCHULTZ, Victoria L. The Renaissance Plutocracy of Cosimo de' Medici: How He Used Patronage to His Advantage in 15th Century Florence. The Exposition, Nova York, v. 7, 2023, p.2 et seq.

[99] Eram responsáveis pela divisão dos cidadãos a partir da atividade econômica que desempenhavam. Alguns exemplos são a dos advogados "*Arte dei Giudici* e *Notai*", de mercadores de lã "*Arte della Lana*" e dos banqueiros "*Arte del Cambio*". (Tenenti, 1973, p.48-52)

[100] HOLMES, Gorge. How The Medici Became the Pope's Bankers. In: Rubinstein, Nicolai. (org.) Politics and Society in Renaissance Florence, 1968, p. 359 et seq.

[101] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.2 et seq.

[102] Benedetto de Bardi foi um amigo e parceiro, até sua morte, de Giovanni de Bicci, que pertencia à família dos Bardi, uma importante família de banqueiros e comerciantes de Florença que havia falido em meados do século XIV. (Roover, 1966, p.38-40)

[103] ROOVER, op.cit., p.39.

Baldassare Cossa, amigo próximo de Giovanni de Bicci de Medici.[104] A conexão entre eles remonta ao período em que Cossa ingressou na Cúria durante o papado de Bonifácio IX, no qual sua carreira foi catapultada por meio de estratégias lucrativas de empréstimos e uma série de parcerias bem-sucedidas com o Banco Medici. Até o ano de sua eleição papal, Cossa exerceu influência como Cardeal de Bolonha, cidade de grande importância nas proximidades de Florença.[105] Durante esse tempo, manteve uma relação próxima com Giovanni, a quem frequentemente se referia como *amicus meus carissimus* (meu caríssimo amigo) em correspondências pessoais, uma demonstração de afeto que eventualmente o levaria a nomear Giovanni como banqueiro papal após sua eleição.

Nos primeiros anos de seu pontificado, o papa se encontrou imerso em conflitos contra o rei de Nápoles, Ladislas, o que o levou a refugiar-se em Florença em maio de 1413, antes de retornar a Bolonha em novembro do mesmo ano. Esses eventos demandaram uma série de empréstimos e depósitos que movimentaram altas somas pela Itália. O ponto culminante dessa fase ocorreu em junho de 1412, quando o papa alcançou um tratado de paz com o rei de Nápoles, comprometendo-se com o pagamento de noventa e cinco mil florins dentro do prazo de um ano. Para cumprir com tal compromisso, a família Medici foi incumbida de mobilizar uma operação financeira complexa e abrangente para arrecadar a quantia necessária, o que foi conseguido com sucesso.[106] Esse episódio reflete a capacidade de adaptação e resiliência dos Medici, uma dinâmica de altos e baixos que foi habilmente navegada por meio de decisões estratégicas acertadas. De acordo com Holmes,

> Os lucros do ramo vinham das inúmeras transações rotineiras envolvidas na transferência de dinheiro de e para a corte papal. É provável que, em grande parte do pontificado de João XXIII, os Medici tivessem uma participação maior nessas transações do que qualquer outra pessoa. Além disso, eles alcançaram sua posição no melhor momento possível, quando mais dinheiro estava fluindo para a Câmara do que em qualquer outro momento durante o

---

[104] Hibbert coloca que "Parecia uma amizade impossível, pois Baldassare Cossa, eleito papa em 1410, era o tipo de homem ao qual um banqueiro sério e previdente já mais se ligaria. Sensual, ousado, inescrupuloso e muito supersticioso, Baldassare Cossa pertencia a uma antiga família napolitana e havia sido pirata. Quando decidiu entrar para a Igreja os que o conheciam bem acharam que com isso procurava viver novas aventuras, e não servir a Deus. E aventuras por certo não lhe faltaram." (1993, p.29)

[105] Segundo Holmes "*The diatribes of Cossa's enemies are not reliable evidence but there is a hint of support for this particular accusation in the fact that he appears frequently in the records of the period 1399-1401 as an agent for payments into the Chamber in the same way as the banking houses. Another accusation made at Constance was that Cossa's cardinal's hat had been purchased in 1402 for 10,000 ducats which the 'Mercator's de Medici's' had paid for him.! Again, it is an unreliable accusation but it opens the possibility that Cossa had had close relations with the Medici bankers at Rome before he became cardinal and even that he made the acquaintance of Giovanni di Bicci de Medici before the latter's return to Florence from Rome in 1397.*" (1968, p.362-363)

[106] HOLMES, Gorge. How The Medici Became the Pope's Bankers. In: Rubinstein, Nicolai. (org.) Politics and Society in Renaissance Florence, 1968, p.371 et seq.

> Cisma. Tudo isso era vital para a fortuna da família porque a sucursal de Roma produzia mais da metade dos lucros totais dos bancos Medici.[107]

Sucessivamente, essa relação foi mantida e cultivada por Giovanni e pelos papas que ocuparam a posição. Após a morte de Cossa, Martinho V foi eleito em 1417, tendo um acordo redigido antes mesmo da eleição, em 1416, que mantinha a posição de privilégio dos Medici.[108] A dúvida permanecia: o que os Medici fizeram de tão genial que mesmo sob outros governos eram mantidos como banqueiros papais? A resposta prática é simples, mas precisará de elaborações posteriores. Giovanni foi astuto em uma ampla gama de fatores, tais como o uso de técnicas conhecidas, como a letra de câmbio, comprovadas e bem-sucedidas, além de seu aprimoramento e expansão.[109] Isso tornou possível que o Banco Medici fundasse seus primeiros e lucrativos escritórios em Veneza, Gênova e o mais importante de todos, Roma.

A aquisição do título de primeiro depositário exclusivo da Cúria romana provia aos Medici o *status* de o mais bem-sucedido banco europeu. É preciso explicar que sua colocação não se dava apenas como depósito para a Igreja, pois, na realidade, todos os pagamentos feitos e recebidos pela Cúria passavam pelos Medici.[110]

Um exemplo prático de demonstração da fortuna que os Medici obtiveram é a legislação do sistema tributário florentino, o *catasto.*[111] Segundo o autor Raymond de Roover, Giovanni de Medici figurou como o maior contribuinte deste tributo, ainda que o valor pudesse não representar efetivamente a dimensão de sua real fortuna, como Giovanni mesmo atestou frente aos registros estudados.[112] Ao falecer, Giovanni não apenas havia pago o maior tributo na cidade – uma quantia significativa de 78.400 florins –, mas também deixou para seu filho uma herança estimada em 180.000 florins.[113] Este legado financeiro considerável foi passado a Cosimo de Medici, o primogênito, após a morte de Giovanni em 1429. Cosimo

---

[107] HOLMES, 1968, p.375.
[108] HOLMES, Gorge. How The Medici Became the Pope's Bankers. In: Rubinstein, Nicolai. (org.) Politics and Society in Renaissance Florence, 1968, p.377.
[109] O método aqui citado é a Letra de Câmbio, semelhante a um título de crédito moderno de câmbio e a forma de organização das filiais do Banco de modo independente umas das outras. (Roover, 1966, p.289-297)
[110] Roover coloca que, "*However, there is no evidence that Giovanni di Bicci de Medici and his son Cosimo were so successful because they were "innovating entrepreneurs" who introduced new products or new ways of doing business. On the contrary, their success was mainly due to the efficient use of existing methods and proven techniques."* (1966, p.6)
[111] Segundo Roover "[...] *the catasto, similar to modern income taxes, was based on individual returns* [...]" (1966, p.23).
[112] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p. 48.
[113] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p. 24.

assumiu, então, a administração dos negócios e da família, herdando um verdadeiro império financeiro em ascensão.[114]

1.1.2. Cosimo de Medici

Avançando em nossa jornada, encontramos a figura do Pai da Pátria, o homem que, apesar de não ser frequentemente colocado em primeiro plano nas menções à família Medici, constitui-se como um dos seus mais proeminentes benfeitores e a razão pela qual a dinastia é centro de tantas análises e debates. A influência que deixou na história de Florença e da Europa transcende as fronteiras geográficas e temporais, alcançando-nos através de inovações em práticas comerciais, resgate de conhecimentos antigos e um inestimável legado cultural. Seu nome, guardado na história, é o objeto de conhecimento que trataremos nesta porção da pesquisa.

Nascido em 27 de setembro de 1389, Cosimo foi educado sob a égide de um pai que valorizava profundamente a educação, visando preparar um sucessor competente e astuto entre seus filhos. Para tal fim, Cosimo foi instruído por Roberto Rossi, um destacado humanista da época, no mosteiro de *Santa Maria degli Angeli*. Ali, imergiu no estudo de idiomas como francês, grego, alemão e árabe. Além de fundar uma escola gratuita seguindo os princípios platônicos, Rossi[115] , um erudito em latim e grego que também ocupou o posto de *gonfaloniere*, foi responsável pela formação dos Medici e dos filhos das famílias mais influentes da cidade.[116] Entre seus alunos, contam-se figuras de grande relevância histórica, como Domenico Buoninsegni, Bartolo Tedaldi, Luca degli Albizzi e Alessandro Alessandri. A dedicação de Rossi à cultura ecoou em seus discípulos, e Cosimo, por sua vez, dotou a cidade de um patrimônio cultural sem precedentes, incluindo monumentos, bibliotecas e a fundação da Academia de Estudos Platônicos,[117] fundada no ano de 1439.[118] Eis uma descrição de sua personalidade nas palavras de Roover:

---

[114] Segundo Roover "*Cosimo il Vecchio non era un uomo partito dal nulla, poiché egli aveva ereditato da suo padre, Giovanni di Bicci de Medici (1360-1429) un'azienda già fiorente e una fortuna privata che era fra le più considerevoli della città di Firenze.*" (1965, p.468)

[115] Segundo Brown, "Depois, o renascimento do corpus platônico ajudou a projetar os Medici como governantes filosóficos, que combinaram o poder sabedoria, utilizando todos os truques do comércio antigo: pão, circos, triunfos, exílio e tributação penal, juntamente com arte, cultura e uma academia filosófica." (1991, p.97)

[116] RUBINSTEIN; Nicolai (org.). FLORENTINE STUDIES Politics and Society in Renaissance Florence. Evanston: Northwestern University Press, 1968, p.33.

[117] Hibbert coloca que "Cosimo, que acompanhara com a maior atenção as preleções de *Plethon* sobre Platão, decidiu fundar em Florença uma academia de estudos platônicos e dedicar muito mais tempo a tais estudos." (1993, p.56)

[118] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.3 et seq.

> Cosimo tinha um espírito aguçado e sabia como apoiar uma discussão de teologia com teólogos e literatura com literatos, ele também era dotado de uma memória portentosa e de um senso comum robusto que lhe dava a faculdade de segurança, julgamento de homens e conselhos requisitos. Essas qualidades lhe foram muito úteis tanto na vida política quanto nos negócios e explicam seu sucesso em ambos os campos.[119]

Tentemos, agora, dimensionar algumas das contribuições de Cosimo a Florença. Primeiramente, cabe lembrar a fundação, em 1418, de uma biblioteca própria,[120] responsável por enviar exemplares ao Monastério de *San Giorgio* em Veneza, ao Monastério de *San* Marco em Florença e muitos outros.[121]

Além disso, Cosimo desempenhou um papel crucial na edificação de marcos arquitetônicos e religiosos, financiando a construção de igrejas notáveis como a de *San Lorenzo*,[122] com a soma de 40.000 florins, de *San Marco*, com 40.000 florins, de *San Francesco del Busco em Mugello*, com 15.000 florins, de *San Maria Servorum*, que hoje é chamada de Santissima *Annunziata,* em Florença, do Monastério de *Santa Verdiana* e de uma capela em *San Groce*, com 8.000 florins. Também foi responsável pela renovação do colégio para florentinos em Paris; pela construção da estrada de *San Maria degli Angeli* até o topo de Assis – onde adicionou um sistema de abastecimento de água e projetava erigir um monastério –, uma biblioteca em *San Bartolomeo*, um palácio na Via Larga e, embora esta lista não esgote a extensão de suas iniciativas,[123] a Academia Platônica em Florença.[124]

De acordo com Kelly Ann Gilbert, "Muitos dos projetos que Cosimo patrocinou funcionaram para atingir seus objetivos e foram vistos como um aprimoramento da cidade. Seu contemporâneo, Giovanni Rucellai, considerou todas as construções que Cosimo empreendeu como 'dignas de um rei coroado'."[125]

Sua iniciativa de contribuição nas artes incluiu o patrocínio da primeira biblioteca pública da península italiana, em *San Marco*. Essa iniciativa surgiu quando um grupo de

---

[119] ROOVER, 1965, p.469.

[120] Segundo Rubinstein "*Vespasiano, que le ayudó a formar su biblioteca, disse de él <que su conocimiento de las letras latinas superaba lo que se podia esperarse de un gran ciudadano ocupado en tantos negócios*." (1969, apud Rubinstein, Nicolai, p.33)

[121] GILBERT, Kelly Ann. Medici power and patronage under Cosimo the Elder and Lorenzo the Magnificent. 2005. 55 p. Dissertação (Licenciatura) - Eastern Michigan University, Michigan, 2005, p.23-24 passim.

[122] Segundo Dale Kent, "O programa de construção dos Medici na paróquia de San Lorenzo, a partir do final dos anos 20, pode ser visto como uma expressão tangível do seu crescente poder e influência, e da sua relação com a festa." (1978, p.29)

[123] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.306 et seq.

[124] BROWN, Alison. "City and citizen: Changing Perceptions in the Fifteenth and Sixteenth Centuries." p.96. In: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (org.). City states in classical antiquity and medieval Italy. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1991, p.97.

[125] GILBERT, 2005, p.21.

intelectuais florentinos procurou seu suporte, marcando um momento decisivo para a cultura e o acesso ao conhecimento na Itália. O local chegou a abrigar mais de 800 volumes, adquiridos com o patrocínio Medici e perpetuamente sob domínio público. Dale Kent coloca que

> Foi na biblioteca para onde convergiram mais eficazmente o talento do arquiteto e o estilo de mecenato de Cosimo. A biblioteca é a obra prima arquitetônica de San Marcos. O caráter austero de seu design refletia o caráter de seu patrono [...] A qualidade da biblioteca também expressava a qualidade das amizades literárias dos Medici. Cosimo foi o principal responsável por fazer da lendária biblioteca Clássica de Niccolo o núcleo de sua própria doação. A biblioteca tornou-se um presente para a cidade e também para a igreja, pois, por desejo de Piccolo, seus livros deveriam estar disponíveis gratuitamente a todos os leigos florentinos.[126]

Para além disso, Cosimo foi um dos mais importantes mecenas do período,[127] comissionando artistas e obras tais como Luca della Robbia, Antonio de Jacobo Benci, Benozzo Gozzoli, Alessandro de Mariano Filipepi (popularmente conhecido como Sandro Botticelli), Filippo Lippi, Giovanni da Fiesole e Donato de Niccoló de Betto Bardi (popularmente conhecido como Donatello).[128] Segundo Mark Jurdjevic,

> A imensa riqueza do Banco Medici tornou possíveis todos os atos de generosidade pelos quais Cosimo veio a ser conhecido, colocou Cosimo em contato favorável com príncipes e papas e, o mais importante, tornou possível o patrocínio político e artístico em grande escala.[129]

Os laços matrimoniais também ilustram a trajetória ascendente da família Medici. Aos vinte e seis anos, em 1415, Cosimo casou-se com Contessina de Bardi, a primogênita de Giovanni de Bardi,[130] oriunda de uma linhagem florentina distinta e abastada,[131] com quem teve três filhos. Seus descendentes ascenderam socialmente por meio de casamentos com a alta nobreza e até com as famílias soberanas da Europa. Segundo Roover, "Os Medici com certeza não eram felizes com uma vida modesta condizente com seu grau de alianças simples. A aspiração social deles cresceu com cada geração sucedente. – A ascensão da família é

---

[126] KENT, 2000, p.178.
[127] Segundo Rubinstein "*Cosimo de Medici, fue uno de los grandes mecenas florentinos; pero el mecenazo de Cosimo superó el de su iguales, del mismo modo que su poder político y económico le ortogó una posición predominante entre ellos.*" (1969, p.34)
[128] HIBBERT, Christopher. Ascensão e queda da casa dos Medici. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.90-95 passim.
[129] JURDJEVIC, 1999, p.1009.
[130] Era um dos sócios de seu pai na filial romana do Banco (Hibbert, 1993, p.33)
[131] Os Bardi haviam sido uma rica família de banqueiros que quebraram no fim do século XIV (Roover, 1966, p.3)

melhor ilustrada talvez por meio das alianças por casamentos: primeiro, as principais famílias de Florença, a alta nobreza depois, e finalmente as causas soberanas da Europa.”.[132]

A ascensão[133] do *status* dos Medici quase como príncipes soberanos é destacado por Roover a partir do modo como as pessoas, em especial os gerentes das filiais do Banco Medici, passaram a se dirigir a Cosimo e, posteriormente, ao seu filho e seu neto. Nas cartas que sobreviveram até os dias atuais, nota-se uma transição nas formas de endereçamento: de tu (*thuo*) passou a você (*voi*), até que Lorenzo era chamado de Sua Magnificência (*La Magnificenza Vostra*).[134]

Visto isso, buscar-se-á a reconstituição da ascensão de Cosimo ao poder. Os registros históricos preservados até os dias atuais oferecem poucas informações sobre a juventude de Cosimo, além das mencionadas anteriormente. No entanto, é de conhecimento que Cosimo iniciou seu treinamento integral nos negócios do Banco Medici em 1414, alternando entre as filiais italianas e, posteriormente, explorando oportunidades de expansão nos negócios pelo norte da Europa. Depois de dois anos no período de aprendizagem, foi nomeado gerente do Banco de Roma em 1416, período a partir do qual seu nome começa a aparecer com frequência nos documentos oficiais do banco, por volta de 1424.[135] Por fim, Cosimo retornou a Florença em 1419, assumindo a posição de sócio sênior no Banco Medici. Em 1420, ele ascendeu ao posto de gerente geral, momento em que seu pai começou a se afastar das

---

[132] PADGETT, John F; ANSELL, Christopher K. Christopher K. Robust Action and the Rise of the Medici, 1400-1434. American Journal of Sociology, [s. l.], v. 98, 1993, p. 1259-1434 passim.

[133] Segundo Rubinstein, “[...] esta imagem de Cosimo como patriota republicano, começou a ceder ao passo de Cosimo governante. Esta mudança se deveu sobretudo aos intelectuais e poetas protegidos pelos Medici, e com ela começou a enraizar-se em Florença a bajulação dos cortesãos, tão característico das cortes principescas.” (1969, p.35)

[134] ROSS, Janet. Lives of the early Medici as told in their Correspondence, Londres: Chatto and Windus, 1910, p.7.

[135] Segundo Gutkind *“Unfortunately there is practically no information on the imperceptible growth of Cosimo's influence. But a useful note is supplied by the testimony of the contemporary libro segreto of Gregorio Dati, a member of the silk guild and a descendant of an important Florentine family. He was the nephew of the Predicate general Leonardo Dati who died in Florence in 1426, and whose epitaph by Zenobio can still be read on his tombstone in Santa Maria Novella. In his business diary, which contains abundant information on Dati's chequered business career in Valencia (Spain), we find the following entry: 'In the year in question (1414) our Leonardo became the general of a religious order so that our trust in God has fortified and helped us. As shown on the previous page, I was in partnership with the heirs of Piero Lana in 1412, being in debt to the extent of almost 3,000 Gfl. and God came to my assistance by the appointment of Leonardo, who did what was necessary to help me and release me from my debts as far as it was in his power. This he did again and again as is shown in book B. chap. 94; for he paid me personally and on my behalf up to the year 1420, a total sum of 2,430 Gfl. which he intended to present to me... and in the year 1424 [so the account continues, shortly after, still with reference to the debt and the settlement of the balance unpaid] I received from the General in Cosimo's name, and he finally made me a gift of these and approximately 500 more Gfls. In the original, the sentence, somewhat faulty syntactically, and with an ellipsis not uncommon in the commercial style of the Florentine merchants, runs 'E l'anno 1424, ebi dal generale in nome di Cosimo, e poi alla fine mi fè donazione di quelli e delli altri fl.500 e circa'. The last sentence can only be understood to mean that not only the 500 Gfls. representing the outstand ing balance of the debt in 1420, but also at least the largest part of the whole sum was given via Leonardo Dati to Gregorio by Cosimo. Dati was gonfaloniere di giustizia in March and April of 1429, the year of Giovanni's death.”* (1938, p.55)

atividades cotidianas, caminhando para a aposentadoria e preparando o terreno para a sucessão empresarial.[136]

É importante destacar que, aos 40 anos, Cosimo já era um homem plenamente formado e maduro. Por algum tempo, ele vinha assumindo crescentemente o comando dos negócios da família. Casado, ele já acumulava uma sólida formação, uma reputação em ascensão e estava firmemente integrado às redes de poder, elementos que se tornaram ainda mais relevantes no momento do falecimento de seu pai.

Em um contexto marcado por intensas disputas e um frágil equilíbrio de poder, Cosimo ascendeu ao papel de líder da família Medici.[137] Uma das suas primeiras grandes manifestações de poder e riqueza foi o elaborado funeral de seu pai, para o qual despendeu a impressionante quantia de 3.000 florins.[138]

Ressalta-se que a personalidade prudente de seu pai, que havia protegido seus interesses frente aos opositores mais extremistas, foi perpetuada por Cosimo. Entretanto, após assumir a liderança, ele adotou uma postura mais ativa nas esferas públicas, sempre com cautela e precisão.[139] Sua capacidade de diálogo ficava clara em suas interações, nas quais tratava a todos, independentemente de sua classe social, com um aparente senso de igualdade, ao mesmo tempo em que evitava entrar em debates políticos abertos.[140] Era, primeiramente, um homem de negócios, mercador, sendo astuto o suficiente para coordenar seus passos até uma posição de segurança e poder, fato que discutiremos adiante em nosso capítulo sobre Maquiavel. Segundo Dale Kent,

> Cosimo de 'Medici alcançou poder em sua vida e fama além dela porque suas excelentes habilidades nos negócios e na política cívica, italiana e internacional fizeram - dele uma força importante na vida pública da Florença renascentista. Essas habilidades permitiram que Cosimo alargasse a sua esfera de influência até atingir não só toda a Itália, mas também toda a Europa. Mas foi através dos negócios bancários da sua família que ele conseguiu obter este reconhecimento de longo alcance como um homem de

---

[136] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.62 et seq.

[137] Relembremos o contexto. Florença via-se governada principalmente por *Rinaldo degli Albizzi* e envolveu-se numa série de conflitos armados, até o insucesso na tomada de *Lucca*, quando o descontentamento popular começou a se tornar mais latente e os Medici tornaram-se o apontamento do povo e do partido de oposição.

[138] GUTKIND, op.cit., loc. cit.

[139] Segundo Maquiavel "[...] Cosimo de` Medici, depois da morte de seu pai Giovanni, comportava-se com maior ânimo nas coisas públicas, com maior empenho e mais liberalidade com os amigos do que o próprio pai." (1998, p.262)

[140] Segundo Gutkind *"He was a man whose wisdom and quick understanding became evident in anything he said or did, a man who liked to give help when someone needed it and asked him for it, who liked to mix with the people, especially the peasants (like his father before him), who seemed to have no obvious ambitions and carefully avoided discussing politics or even passing an opinion on the government in public. It was obvious that he would appeal to the masses […]"* (1938, p.65)

> poder e influência. Cosimo permaneceu muito envolvido com os negócios bancários da família, mesmo depois de ganhar o poder político em Florença.[141]

Desde os primeiros momentos em que Cosimo assumiu a liderança dos Medici, enfrentou um cenário político conturbado, com o partido nobre promovendo contínuas guerras e despesas exorbitantes. Cosimo se mostrava particularmente preocupado com o fato, mantendo-se vigilante aos interesses comerciais. Existem evidências, incluindo três cartas escritas por ele e identificadas pela sua caligrafia, que revelam sua apreensão na fase final da guerra de *Lucca*. Nestas cartas, destinadas a seu primo, Averardo de Medici, Cosimo expressava seu descontentamento com a persistência do conflito.

Em uma dessas correspondências, dessa vez endereçada a associados em Verona, ele criticava abertamente a gestão da guerra e lamentava os excessivos gastos em recursos e materiais. A divulgação dessas críticas não passou despercebida e acabou por ofender Rinaldo. Segundo as cartas e testemunhos, Cosimo enfrentou censuras e comentários negativos, que desencadearam limitações de ofertas a cargos públicos. Este episódio se caracterizou como um claro momento de repúdio do povo ao ocorrido.[142]

Publicamente, o líder do partido ao qual Rinaldo pertencia era Uzzano, um nobre de idade avançada proveniente de uma tradicional família florentina. Nesse contexto, o panorama político de Florença estava altamente polarizado após a guerra de Milão (1422-1427) e a tentativa frustrada de tomar *Lucca*. Fatos estes que favoreceram o apoio a Cosimo como oposição ao partido nobre vigente.

Assim, após a morte de Uzzano, Rinaldo ascendeu à liderança de seu partido, passando a orquestrar um golpe direcionado contra Cosimo, o líder do partido oposto. Acusando-o de ser o insuflador da guerra de Lucca, Rinaldo também o acusou de uma tentativa de tomada da república.[143]

No início de setembro de 1433, a arena política de Florença testemunhou eleições decisivas que culminaram com a eleição de diversos representantes do partido oligárquico vigente. Após isso, Cosimo foi chamado ao *Palazzo Vecchio*, detido e preso em custódia.[144] O

---

[141] KENT, Dale. The Rise of the Medici: Faction in Florence 1426-1434. Oxford: Oxford University Press, 1978, p.9.

[142] GILBERT, Kelly Ann. Medici power and patronage under Cosimo the Elder and Lorenzo the Magnificent. 2005. 55 p. Dissertação (Licenciatura) - Eastern Michigan University, Michigan, 2005, p.10 et seq.

[143] SCHULTZ, Victoria L. The Renaissance Plutocracy of Cosimo de' Medici: How He Used Patronage to His Advantage in 15th Century Florence. The Exposition, Nova York, v. 7, 2023, p.3 et seq.

[144] Segundo o Gutkind *"Cosimo was held in strict detention. Only three citizens of Florence secured permission to speak with him for a few moments-Lippaccio dei Bardi, a relative of his wife, on 11 September, Agnolo della Stufa on the 15th, and Oddo degli Altoviti on the 23rd. On 15 September he obtained the privilege of receiving his food from his own house, which rather tends to support the rumor accepted by Machiavelli that Cosimo was*

parlamento foi convocado em 9 de setembro para que fosse decidida sua sentença, visto que as possibilidades incluíam morte, exílio ou libertação. Os aliados dos Medici, por sua vez, que haviam sido duramente reprimidos por Rinaldo, não podiam agir naquele momento.[145]

É fundamental recordar um aspecto crucial: as relações estabelecidas pelos Medici por meio de suas atividades bancárias e diplomáticas teciam uma rede de conexões extremamente poderosa e exclusiva, envolvendo algumas das figuras mais nobres da época, além de elementos significativos da Igreja Católica.

Tais vínculos tiveram um impacto imediato quando Cosimo de Medici encontrou-se em perigo. Personalidades influentes como o marquês de Ferrara, representantes do governo veneziano e do próprio papado mobilizaram-se rapidamente, enviando delegações a Florença na tentativa de assegurar a libertação de Cosimo. Contudo, enfrentaram resistência por parte dos conspiradores, que alegaram, como justificativa para a detenção de Cosimo, a confissão obtida sob tortura de Niccolò Tinucci, um partidário dos Medici. Tinucci teria revelado que Cosimo planejava incitar uma revolução em Florença para usurpar o poder para si.[146]

É evidente que, caso Cosimo tivesse sido pego desprevenido, os fundos e controles da sede do Banco que residia na cidade poderiam ser altamente prejudicados. No entanto, conforme revelam os registros examinados,[147] Cosimo e sua equipe anteciparam os ventos turbulentos da política florentina. Em resposta a essa ameaça iminente, eles agiram com premeditação e prudência. Ainda antes que o complô de Rinaldo atingisse seu ápice, uma parte substancial dos ativos e recursos críticos do Banco já havia sido transferida para locais seguros fora de Florença. Essa movimentação estratégica assegurou que, mesmo frente à sentença de exílio e à declaração de culpa, o patrimônio de Cosimo permanecesse protegido.

Recebido por todos com honras de realeza, e não como um exilado, Cosimo tomou residência em Veneza, ao lado de seu irmão.[148] Gutkind coloca que

> [...] Cosimo não chegou ao seu exílio como um exilado caçado, mas como um grande senhor em suas viagens. Veneza, sob cuja suserania Pádua agora estava, certamente se regozijou com esse embelezamento "mercantil" muito

---

suspicious of poisoning. However, an official of the 'Signoria' had to supervise the preparations, presumably since the 'Signoria' feared secret messages." (1938, p.82)

[145] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.53 et seq.

[146] GILBERT, Kelly Ann. Medici power and patronage under Cosimo the Elder and Lorenzo the Magnificent. 2005. 55 p. Dissertação (Licenciatura) - Eastern Michigan University, Michigan, 2005, p.10 et seq.

[147] Ibidem. loc. cit.

[148] Segundo Dubreton "Foi um exílio dourado, digno dum grande senhor. De Pádua, onde vive rodeado duma corte, passa a Veneza; aí tem uma sucursal do seu banco e reside no mosteiro de San Gregorio, cuja biblioteca manda decorar; por toda a parte, deferência e respeito: do seu lado nem uma só palavra de amargura para com os inimigos." (1979, apud. Dubreton; J. Lucas. p.55)

> cobiçado e recebeu o exílio com honras principescas. [...] Amigos de longe e de perto vieram visitá-lo.[149]

Após a expulsão de Cosimo, o poder dos Albizzi começou a enfraquecer por insatisfação popular aos duros tributos, guerras e a pressão externa das potências que apoiavam a família, principalmente pela Cúria e Veneza. Aqueles que conspiraram a favor do golpe de Cosimo eram, em sua maioria, as antigas famílias nobres que não tinham apoio total dos mercadores ou do povo. Este cenário deixava antever que o retorno de Cosimo ao cenário político de Florença seria apenas uma questão de tempo, uma vez que o equilíbrio de apoios começava claramente a pender a seu favor.

Desse modo, os Albizzi só conseguiram se manter por certo tempo, com uma perpétua vigilância armada. Ao final do ano de 1433, haviam perdido quase toda a sua base de apoio entre a nobreza e acumulado uma vasta impopularidade. No início de 1434, quando os novos *priori* tomaram posse, começaram a subornar os responsáveis por "sortear" os nomes a serem eleitos, visando afastar os partidários Albizzi. A *Signoria* iniciava a recusa da proposta do governo atual dos Albizzi e começava um movimento de restituição Medici.[150]

Durante o governo de Rinaldo, a balança comercial de Florença pendia para a importação em detrimento da exportação, levando a um desgaste das reservas financeiras da república e ao aumento de tributos para os cidadãos por conta dos esforços bélicos. A situação agravou-se ao ponto de figuras proeminentes do seu próprio partido desertarem, como Rodolfo Peruzzo e Niccolo Barladori.[151] Nesse cenário, tomou-se como prioridade a organização do retorno de Cosimo à cidade.

Em meados do ano de 1434 já se verificava forte tensão, e o número de partidários Medici só crescia na *Signoria*. As eleições foram conduzidas em setembro, com uma vitória majoritária dos Medici e com a indicação de Niccoló de Coco, aliado da família, para a função de *gonfaloniere.*[152] Nos últimos dias da “velha” *Signoria*, Rinaldo tentou persuadir o *gonfaloniere* Velluti a seu favor, o que falhou. Paralelamente, movimentava-se na *Signoria* uma proposta para convocar o parlamento, solicitar o retorno de Cosimo e depor os

---

[149] GUTKIND, 1938, p.88.
[150] MARTINES, Lauro. La Famiglia Martelli e Un Documento Sulla Vigilia Del Ritorno Dall’esilio Di Cosimo Dei Medici (1434). Archivio Storico Italiano, Itália, v. 117, n. 1, p. 29-43, 1959, p.29-30.
[151] Ibidem. loc. cit.
[152] Era o mais alto cargo do Estado florentino. Sendo assim, era o chefe da república por um breve período e responsável por guardar o estandarte da cidade. (Rubinstein, 1969, p.34-35)

conspiradores. Desafiando a iminente derrota, Rinaldo reuniu seus homens armados e marchou até o *Pazzino di Palla Novello* ao tomar conhecimento dos eventos.[153]

No momento em que pegou em armas para tentar evitar que a nova *Signoria* assumisse, o papa Eugênio IV, que se encontrava refugiado em *Santa Novena* após conflitos em Nápoles, foi chamado para auxiliar na situação e evitar o derramamento de sangue. Rinaldo procurou o papa para discutir a situação enquanto suas tropas aguardavam o desfecho da longa negociação. Após horas de conversa, tornou-se inevitável para Rinaldo reconhecer que o papa Eugênio IV demonstrava uma forte inclinação favorável aos Medici, insistindo no retorno de Cosimo a Florença.[154]

Com a derrota, Rinaldo empreendeu uma tentativa de fuga de Florença. No entanto, Velluti, que era um amigo próximo, foi capturado e acabou por revelar seus planos de fuga, resultando em sua captura e retorno forçado à cidade. Nesse ínterim, a *Signoria* enviou uma carta pedindo a Cosimo o seu retorno. Os Medici regressaram no dia 29 de setembro, e as ruas foram ocupadas por tropas e cidadãos, com os sinos tocados por uma hora.[155]

O Banco Medici proveu a mais forte aliança que se podia estimar: o papado. Tal feito concentrava um poder que transcendia as fronteiras de Florença e assegurava a Cosimo o retorno à sua cidade natal com Rinaldo, família e apoiadores presos e banidos. No dia seguinte de sua chegada, Cosimo agradeceu pessoalmente ao papa.[156] Como consequência, Rinaldo, seu filho Ormanno e demais conspiradores foram sentenciados à morte, seus bens confiscados e seus retratos e nomes apagados dos registros públicos.

Após superar a conspiração, a supremacia e influência dos Medici emergiram incontestáveis. Cosimo, que anteriormente seguia o exemplo de discrição de seu pai na vida pública, percebeu, com os recentes acontecimentos, a necessidade de um novo equilíbrio. Por vezes, ocupou cargos no governo, mesmo que todos soubessem que governava sem precisar de cargos no governo. Permaneceram as aparências de que Florença era uma república. A identidade do sistema constitucional, que já era corrupto no governo anterior, se adaptou aos novos líderes, e Cosimo era extremamente inteligente no manuseio de seu poder. Mantendo-se nos bastidores, governava da maneira que bem entendesse, sem os holofotes sobre si.

Havia, todavia, um mecanismo que auxiliou o mantimento dessa estabilidade do governo Medici. Os Oito de Guarda assumiram, após 1434, um papel central na política

---

[153] MARTINES, Lauro. La Famiglia Martelli e Un Documento Sulla Vigilia Del Ritorno Dall'esilio Di Cosimo Dei Medici (1434). Archivio Storico Italiano, Itália, v. 117, n. 1, p. 29-43, 1959, p.29-31 passim.
[154] Ibidem. loc. cit.
[155] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.96-103 passim.
[156] MARTINES, op. cit., loc. cit.

florentina. Inicialmente concebidos para atuar como uma comissão executiva focada em questões de segurança durante períodos de crise ou guerra, os Oito de Guarda evoluíram para um órgão de natureza judicial. Sua legitimação veio através do estatuto municipal, em uma trajetória que avançava em paralelo à ascensão dos Medici. Com membros cuidadosamente selecionados, este órgão adquiriu a competência para julgar crimes contra o Estado, detendo o poder de condenar indivíduos à privação de direitos ou ao exílio.[157] Segundo Ricciardelli,

> Ao atribuir o controle direto de dissidência política aos Oito em guarda, os Medici inseriram no sistema republicano florentino um extraordinário poder policial capaz de supervisionar com agilidade a segurança interna, poder que lhes permitiu punir [...] As fronteiras impostas pelos Oito em nome dos Medici dizimaram numerosas linhagens como a dos Strozzi, expulsas da vida política ativa da cidade durante longos períodos de tempo. [...] Por outro lado, o controle dos mecanismos políticos internos e a repressão cuidadosa da oposição permitiram aos Medici consolidar a sua supremacia política tanto sobre a cidade como sobre a Península Itálica.[158]

Entretanto, não devemos esquecer que Cosimo era um homem de negócios, dono de uma das maiores empresas da Europa no período, o que demandava muito de seu tempo, atenção e trabalho, mesmo com a delegação de poderes a seus gerentes do Banco. Por isso, Cosimo não exercia seu governo à maneira de um príncipe tradicional, mas sua influência política era robusta, sustentada pelos vastos recursos econômicos e pelas conexões diplomáticas proporcionadas pelo Banco. Ele era consultado não em cada detalhe administrativo, mas em assuntos de grande importância, especialmente aqueles relacionados à diplomacia e à política externa.

Algo muito interessante a citar, descoberto nas leituras, é que Cosimo permitiu que diversos *uomini bassi* (homens do povo, sem títulos ou riquezas) chegassem a cargos na república.[159] Esse movimento levanta uma questão importante: qual era a verdadeira relevância dessa inclusão? Sem alterar o sistema e apoiando a elevação de alguns representantes das guildas inferiores, presume-se que mantinha a oligarquia consciente e controlada, e, adjacente a isso, obtinha apoio popular em grande escala na cidade, com a aparência de "dar poder" àqueles que antes não possuíam nenhum, e que pouco contribuíam com as discussões citadinas.

---

[157] RICCIARDELLI, Fabrizio. La repressione del dissenso a Firenze nell'età di Cosimo de' Medici. Hispania, Ohio, 2015, p.397-398 passim.
[158] RICCIARDELLI, 2015, p.401-402.
[159] KENT, Dale. The Rise of the Medici: Faction in Florence 1426-1434. Oxford: Oxford University Press, 1978, p.9-19.

Ademais, um elemento crucial que solidificou a imagem de Cosimo junto às camadas populares foi sua abordagem ao exercício de sua vasta fortuna. Diferentemente de ostentar seu patrimônio de maneira extravagante para benefício próprio e de sua família, Cosimo optou por uma postura de modéstia e sobriedade. Ele investiu generosamente em iniciativas de interesse público, angariando a reputação de um patrono dedicado ao bem-estar de Florença. A cidade, anteriormente exaurida por conflitos internos, encontrou-se sob uma administração empenhada na manutenção do preceptor e guardião de uma era de tranquilidade prolongada, a qual Florença não experimentava há tempos.

Em meio à atmosfera política instável dos anos 1430, Cosimo de Medici emergiu com uma aura de autoridade, amparado por uma imagem pública largamente favorável. Seu caminho para o destaque foi pavimentado pela habilidade em manter-se discreto, apresentando-se como um cidadão comum, apesar de seu crescente poder. Retornando à Florença em 1434, Cosimo empregou sua perspicácia tanto de banqueiro quanto de homem de negócios para fomentar uma política de equilíbrio entre os estados italianos.

Sua abordagem diplomática, marcada pela busca constante de harmonia, refletia não apenas sua inclinação para a estabilidade, mas também seu interesse pelo desenvolvimento de sua fortuna, o florescimento do comércio e a expansão das rotas comerciais europeias. Notadamente cauteloso, Cosimo buscava preservar o equilíbrio que havia sido conquistado por Florença, estabilizando habilmente as forças entre as potências regionais. Sua influência tanto em assuntos internacionais quanto locais era amplamente nutrida pelas informações coletadas por seus agentes bancários espalhados pela Europa. Assim, era através de seu banco e da vasta riqueza que Cosimo se tornava uma peça-chave, oferecendo empréstimos essenciais tanto para sustentar o erário florentino quanto para atender aos pedidos de auxílio financeiro de governantes diversos.

Cosimo era meticuloso na identificação do momento certo para agir. Demonstrava segurança na tomada de decisões, não importando o descarte de alianças antigas ou que já não serviam a seus planos atuais. Nas questões de política estrangeira, por mais que tenha sido contestado por alguns oponentes nas políticas locais, jamais foi negado ou barrado. Uma de suas alianças mais fortes foi com Francesco Sforza, que se revelou não apenas um aliado de peso, mas também um elemento central em sua rede de influência. Essa parceria, crucial para a compreensão do poderio de Cosimo, evidencia a importância de alianças bem-calculadas e seu papel vital na arquitetura de sua política.

Inicialmente mercenário, depois *condettiere* das tropas florentinas e, por fim, duque de Milão, Francesco Sforza era considerado um amigo íntimo de Cosimo e o soldado mais capaz

da península italiana no período destacado. Segundo Roover, "No ato de 20 de agosto de 1455, Francesco Sforza presta um elogio a Cosimo por chamá-lo de homem 'de virtude singular' que sempre foi seu amigo dedicado e merece ser honrado e amado como seu próprio pai."[160] Sforza ascendeu ao ducado de Milão tendo Cosimo ao seu lado como base de apoio, intercessor e patrocinador. Tendo sido bem-sucedido, retribuiu a lealdade durante toda a governança dos Medici. Florença tornou-se uma aliada de um dos maiores poderes militares da época e foi capaz de apaziguar e vencer os conflitos a partir dessa aliança.[161] Segundo Gutkind,

> É extraordinariamente tocante, profundamente comovente, essa amizade constante. Entre as flutuações das políticas, os cálculos, a mutabilidade oportunista e a desumanidade da diplomacia renascentista em geral, o observador mais perspicaz notará nesta aliança política de Cosimo de' Medici e Francesco Sforza um toque de feliz simpatia, a relação humana de dois homens que eram amigos.[162]

Por conseguinte, Cosimo conseguiu equilibrar os negócios, alcançar a manutenção da soberania florentina no meio territorial e econômico e, mesmo em períodos conflituosos, como nos momentos de guerra, ter o apoio e tributos da população. Em contrapartida, soube assegurar a prosperidade comercial e financeira de Florença.[163]

Tende-se a esquecer, entretanto, que a Cosimo, por mais que tenha se colocado num local estratégico na política florentina, também foram requisitadas altas somas de empréstimos pelo Estado, concedidos pelos negócios das empresas Medici. Em razão de sua destreza para os negócios, Cosimo foi bem-sucedido em suas empreitadas, diferente de seus descendentes, responsáveis, em grande parte, pelo declínio do patrimônio familiar posterior. Segundo o historiador do século XVI Francesco Guicciardini, "Seu sucesso econômico lhe permitiu obter poder político. Até antes dessa época, apenas triunfos de guerra teriam permitido que um iniciante chegasse ao poder político."[164]

---

[160] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.262.
[161] RICCIARDELLI, Fabrizio. La repressione del dissenso a Firenze nell'età di Cosimo de' Medici. Hispania, Ohio, 2015, p.391-398 passim.
[162] GUTKIND, 1938, p.171.
[163] PADGETT, John F; ANSELL, Christopher K. Christopher K. Robust Action and the Rise of the Medici, 1400-1434. American Journal of Sociology, [s. l.], v. 98, 1993, p. 1259-1434 passim.
[164] GUICCIARDINI, 1990, p.8.

Sendo assim, Cosimo não mudou o sistema econômico e político florentino,[165] ele soube utilizar e manipular a política a seu favor.[166] Um mecanismo particularmente astuto foi o uso da política tributária como ferramenta de poder, uma vez que foi usada como um instrumento de controle na eventualidade de rebeldia do povo, que era formado, em grande parte, por mercadores. Caso fizessem algo que desagradasse o governo, este era incentivado a aplicar o cacete fiscal, tributos, e, assim, os mantinha sob controle.[167]

Vale lembrar que Cosimo dedicava atenção meticulosa à gestão de seus empreendimentos, e os tributos pagos por seus negócios à República não representavam quantias substanciais dos seus bens. Às vezes, inclusive, eram habilmente sonegados conforme a necessidade. Essa habilidade financeira, no entanto, não eclipsava o seu compromisso com o bem-estar social. A família Medici cultivava o apoio popular não apenas por sua prosperidade, mas também por seu compromisso em auxiliar os necessitados.[168] Cosimo, apesar de ser um negociante rigoroso e implacável com aqueles que ameaçavam seus interesses, mantinha-se acessível a todos que o procuravam. Sua liderança trouxe uma era de prosperidade econômica e florescimento cultural para Florença,[169] equilibrando astúcia nos negócios com responsabilidade social.

O patrocínio das artes também serviu ao propósito de criação e manutenção da imagem de Cosimo e sua família. Utilizando o seu patronato das artes, arquitetura e educação, criou para si uma imagem positiva a fim de legitimar seu domínio na Florença.[170] Segundo Schultz,

> O patrocínio de Cosimo também foi uma tática política para ganhar poder, prestígio e controle. Seu patrimônio não apenas criou uma imagem pública de generosidade e humanidade, mas também deixou muitos em dívida com

---

[165] Segundo Dubreton "Para manter Florença em paz, ou pelo menos na docilidade, Cosimo segue um programa simples: deixar intacta a estrutura da comuna, mas conseguir que os lugares de direção estejam todos nas mãos dos seus partidários. A «colocação na bolsa» dos cidadãos aptos a ocupar cargos, é confiada a *accoppiatori* ou oficiais encarregados de reunir esses nomes, os quais representam a sua vontade e só deixam sair da bolsa o nome de pessoas seguras." (1979, p.59)

[166] Segundo Guicciardini "Cosimo fortaleceu o governo atribuindo a um número máximo de cidadãos as autoridades máximas por um período de cinco anos e ordenou novas eleições para todos os magistrados, dentro e fora da cidade; no entanto, devido à sua autoridade, o governo estava de fato em suas mãos e, na época, quase sempre as principais autoridades não empataram, mas eram nomeadas pelos "escrutinadores" de acordo com indicações de Cosimo." (1990, p.76)

[167] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.60.

[168] Segundo Dubreton, "Cosimo, utilizou o povo miúdo, a plebe, para abater os seus rivais [...] Não perdeu nenhuma ocasião de agradar aos Florentinos: grandes espetáculos, assembleias de altas personagens, iniciativas isto lisonjeadores para a cidade [...]" (1979, p.57)

[169] Um exemplo é o ano de 1453, no qual, sob um período de dificuldades agrícolas, suscitadas por preços altos e guerras, de abastecimento da cidade, há muito já estabelecido no poder, Cosimo distribuiu milho para as massas aos seus custos pessoais. (Gutkind, 1938, p.35)

[170] GILBERT, 2005, p.4.

> ele [...] Uma vez que a maior parte da cidade devia dinheiro a Cosimo, era mais fácil reunir apoiantes.[171]

Passados os períodos de turbulências no início da governança de Cosimo, após a morte de seu pai e a organização conspiracionista que levou a sua expulsão, em 1433, e retorno, em 1434, os anos posteriores tenderam a uma centralização de poder. Segundo Rubinstein, "a família dos Medici consolidou, a partir de 1434, seu domínio efetivo na cidade, conservando brilhantemente sua forma de governo republicano."[172] Como observou Dale Kent,

> Cosimo tornou-se o principal representante da família no grupo governante, seu chefe simbólico e o principal arquiteto da política familiar e partidária. Sob a liderança de Cosimo, a família Medici uniu-se ainda mais para formar uma unidade mais coesa, que funcionou para estender o papel patriarcal que ele ocupava. Ele estendeu sua influência familiar para incluir não apenas parentes distantes, mas também seus amigos e apoiadores, até que a família que ele chefiava incluía nada menos que vinte e sete famílias. Isso deu a Cosimo influência sobre uma gama maior de famílias, pessoas com quem ele poderia confiar para trabalhar em benefício da família.[173]

Essa esfera de influência que Cosimo habilmente construiu proporcionou-lhe uma rede de influência que lhe conferiu um papel preponderante tanto no cenário social quanto no político. Esse feito foi possível graças à sua capacidade de aproveitar relações estratégicas para avançar seus interesses econômicos e políticos.[174] Entretanto, a manutenção do domínio Medici exigia vigilância contínua e a constante projeção de prosperidade. Dentro deste contexto, a diplomacia de Cosimo emergia como um pilar crucial, simbolizando a chave para o seu renome internacional e o êxito de seus empreendimentos comerciais. Esta faceta diplomática reforçava sua posição de poder, assegurando um papel de destaque nos tabuleiros político e econômico.

Soma-se a isso o fato de que a colocação dos Medici como banqueiros papais dava a eles privilégios, como a influência na Igreja. Assim, no ano de 1439, Cosimo foi capaz de persuadir o então papa Eugênio IV a transferir o Concílio Geral das Igrejas Ortodoxa Grega e Católica Romana para Florença.[175]

---

[171] SCHULTZ, 2023, p.9.
[172] RUBINSTEIN; Nicolai (org.). FLORENTINE STUDIES Politics and Society in Renaissance Florence. Evanston: Northwestern University Press, 1968, p.8.
[173] KENT, 1978, p.43.
[174] Segundo Gene Brucker: "Ele demonstrou um talento particular para trabalhar nos bastidores, alcançando seus objetivos ao manipular os outros. Seus instrumentos eram os laços de obrigação pelos quais ele ligava seus apoiadores a si mesmo." (1969, p.121)
[175] AMES-LEWIS, Francis. Domenico Veneziano and the Medici. Jahrbuch der Berliner Museen, [s. l.], v. 21, p. 67-90, 1979, p.76.

Este concílio havia tido como local inicial a cidade de Ferrara, mas a partir de 1437 o papa se encontrava com falta de dinheiro e um surto de peste começou a correr na região, tornando a cidade indesejável à permanência. Identificando a oportunidade estratégica que o concílio representaria para Florença, Cosimo agiu prontamente, acolhendo o papa e sua comitiva. Ele providenciou acomodações e empréstimos que possibilitaram a transferência do concílio de Ferrara para Florença.[176]

Tais feitos trariam à cidade um prestígio enorme, capaz de atrair uma série de gastos no comércio local, altos fluxos de dinheiro e destaque frente às demais cidades italianas, instituindo os Medici como provedores da glória e prosperidade florentina. Assim, a primeira sessão em Florença ocorreu no final de janeiro de 1439. Fubini e Raillard pontuam que "[...] os Medici usaram o retorno do papa Eugênio IV para consagrar formalmente seu regime recém-estabelecido. Na época, Florença e seu governo atribuíram grande importância política e simbólica a esse evento, ilustrando a grandeza e a soberania da cidade."[177]

Diante desse cenário, é de se pensar que poderiam permanecer nessa prosperidade por um longo período, uma expectativa que se concretizou em grande parte durante sua vida. Cosimo faleceu em 1464, aos setenta e seis anos, após sofrer com a doença de gota. Depois de seu falecimento, foi honrado pela cidade e recebeu o título de Pai da Pátria.[178] Segundo Padgett e Ansell,

> Ele fundou uma dinastia que dominou Florença durante três séculos. Consolidou uma rede bancária em toda a Europa que ajudou a induzir o comércio internacional e a criação de estados em outros lugares. Supervisionou e patrocinou a florescência intelectual e artística florentina que agora chamamos de Renascença.[179]

Em contrapartida, o governo dos seus herdeiros e as duas gerações subsequentes não perpetuaram o método governamental ou comercial estabelecido por Giovanni e consolidado por Cosimo.

1.1.3. Piero de Medici

No curto período em que Piero de Medici, com seus 48 anos, filho de Cosimo, esteve à frente dos negócios, empenhou-se em colocar em prática o que havia aprendido com seu pai.

---

[176] AMES-LEWIS, Francis. Domenico Veneziano and the Medici. Jahrbuch der Berliner Museen, [s. l.], v. 21, p. 67-90, 1979, p.76.
[177] FUBINI; RAILLARD, 2014, p.1.
[178] GUICCIARDINI, Francesco. Historia de Florencia: 1378 – 1509. México: Fondo de Cultura Económica, 1990, p.81.
[179] ANSELL; PADGETT, 1993, p.1262.

Entretanto, não tendia a ser um grande político ou habilidoso com os negócios bancários, e faleceria apenas cinco anos após seu pai.

Devido à sua condição debilitada por conta da doença, Piero encontrava-se frequentemente incapaz de participar ativamente nas decisões relativas ao banco, o que o levou a depositar sua confiança no julgamento de seus gerentes e funcionários. Essa necessidade de delegação culminou em uma série de decisões comerciais mal-sucedidas, resultando em perdas significativas para o banco e marcando o início de uma gradual perda de controle sobre as filiais. Esse declínio inicial sinalizava desafios futuros significativos para o patrimônio e a influência da família Medici.[180] De acordo com Dubreton,

> O seu filho Piero, com mais tendências para a gota e o reumático que o pai, está longe de ser um medíocre: bibliófilo, amigo das letras, sustenta a campanha de Alberti a favor da língua italiana e as «competições coronárias», concurso cujo vencedor recebia uma coroa em forma de folhas de loureiro. É junto dele que Botticelli, então pobre, encontra socorro e é ele que manda executar no palácio Medicis os admiráveis frescos de Gozzoli. Mas, em matéria de negócios, é menos dotado e obedecendo a maus conselhos, declara que se retira temporariamente do comércio «a fim de ver com quantos pés de água se encontra» e reclama a restituição das somas emprestadas pelo pai![181]

1.1.4. Lorenzo de Medici

Em decorrência de sua morte, seu filho Lorenzo de Medici,[182] então com apenas dezoito anos, foi incumbido de chefiar todos os âmbitos dos Medici. Lorenzo tendeu a doar sua atenção e tempo aos negócios da república e ao mecenato florentino, abstendo-se do Banco Medici,[183] o provedor dos meios que desfrutara por toda sua vida. Essa decisão marcou o início de um declínio gradual dos recursos financeiros da família, que a levaria, anos depois, à falência.[184] Segundo Gilbert, "[...] Lorenzo foi criado com a expectativa de governar

---

[180] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.72-79 passim.

[181] DUBRETON, 1979, p.61.

[182] Lorenzo havia casado com Clarice Orsini, uma nobre romana que causou mais olhares na via Medici, pois a mesma não era florentina, algo mal visto nos costumes locais. Uma forma de apaziguar tal situação foi a organização de festanças e espetáculos. Entre eles, torneios grandiosos de cavaleiros, como do dia 7 de setembro de 1669, ou as bodas do jovem casal, comemoradas em junho. (Dubreton, 1979, p.62-66)

[183] Segundo Gilbert, "Como Lorenzo não tinha a capacidade financeira do seu avô, ele cobriu os seus gastos excessivos com dinheiro das contas públicas. Como ele era o governante de fato de Florença, ninguém contestou estas ações, mas esta era uma situação em que Cosimo de Medici nunca se tinha encontrado devido à sua formação bancária e financeira." (2005, p.32)

[184] GILBERT, Kelly Ann. Medici power and patronage under Cosimo the Elder and Lorenzo the Magnificent. 2005. 55 p. Dissertação (Licenciatura) - Eastern Michigan University, Michigan, 2005, p.24-31 passim.

Florença, e a educação que recebeu refletia esta crença, em oposição à educação de Cosimo, que se centrava nos negócios e no comércio."[185] Sturm o descreveu da seguinte maneira:

> Um político natural, ele possuiria essa habilidade em um grau notável até o fim de sua vida, mantendo não apenas a posição de eminência de Florença, mas também a sua própria através de um período em que os assuntos de todos os estados italianos eram frequentemente precários.[186]

Em suma, Cosimo fez-se além de afortunado em bens, rico de benquerença e essencial à república no dia a dia, sendo um governante comedido, mas duro quando ameaçado. E assim como seu avô havia feito, Lorenzo foi um entusiasta mecena das artes e do conhecimento. Dispondo de suas riquezas no patrocínio dos projetos, criou para si a imagem positiva de um governante capaz, erudito e influente na cidade. Entretanto, ao assumir a liderança da família, dos negócios e do estado em tenra idade, se tornou mais propenso a imprudências na gestão do Banco e mais ostensivo em relação ao seu poder na república florentina. Sob sua direção, Florença se afirmou como epicentro da arte e da liberdade cultural, embora, politicamente, o governo se centralizasse progressivamente em torno de sua figura.

A decadência financeira da família após a morte de Cosimo se dá numa sucessão de decisões equivocadas e circunstâncias políticas desafiadoras. Tanto Piero, debilitado por enfermidades, quanto seu filho Lorenzo, um jovem entusiasta das artes, falharam na gestão desses desafios. Entre os eventos críticos estavam a desvalorização da moeda local, embates militares em Siena e Pisa, o ataque a Volterra e, com chave de ouro, a perda da posição de banqueiros papais. Esse último golpe foi exacerbado pela remoção do arcebispo Medici e nomeação de Francesco Salviati, cuja autoridade Lorenzo se recusou a reconhecer, resultando em um conflito aberto. Nesse cenário bélico, Nápoles e Siena se alinharam contra Florença, que contava com o apoio de Veneza e Milão.[187]

Soma-se o fato de que Girolamo Riario, o novo senhor de Imola, sentia-se ameaçado por Florença. Assim, apoiados por Francesco Pazzi, banqueiro florentino, o arcebispo Salviati e o papa iniciam um plano de conspiração aos Medici. O início dos planos se desenrola com a nomeação, pelo papa, de um cardeal chamado Rafael Riario, sobrinho de Girolamo, que foi enviado a Florença e recebido pelos florentinos com festanças. A ideia era que esse cardeal servisse como um cavalo de Tróia e, quando todos estivessem distraídos pelas festas, a tentativa de homicídio dos Medici aconteceria.

---

[185] GILBERT, 2005, p.24.
[186] STRUM, 1974, p.15.
[187] STRUM, Sara. Lorenzo de' Medici. Nova York: Twayne Publishers, 1974, p.16.

Intitulada conspiração Pazzi, o complô aconteceu no dia 26 de abril de 1478 e acarretou na morte de Giuliano de Medici,[188] irmão de Lorenzo. Após o insucesso da conjuração, os conspiradores foram perseguidos, atacados e mortos pelas multidões do povo. Os apoiadores e familiares dos Pazzi foram perseguidos no decorrer dos dias e a matança cessou somente quando Jacopo Pazzi, o líder da família, teve seu corpo atirado do alto da ponte *Rulcconte* e sua família fora apagada dos registros florentinos.[189]

Na sequência, os Medici passaram a prover demonstrações de poder cada vez mais preponderantes. A vitória de Lorenzo, já firmemente assentado no poder da cidade, resultou na destruição familiar Pazzi.[190] Como represália, o papa Sisto IV excomungou Lorenzo e os *priori*, líderes do governo florentino, e, por fim, lançou uma interdição contra a cidade. Em resposta, a população se insurgiu, clamando por um concílio geral contra o papa. Sempre dotado de habilidades na diplomacia, Lorenzo aliou-se ao rei Ferrante, em Nápoles. Passados cinco meses, Lorenzo foi acolhido como salvador da pátria e o papa, privado do apoio napolitano, retirou a excomunhão e a interdição.[191]

O golpe não se refletiu, todavia, apenas na excomunhão. O Banco de Roma foi confiscado e os débitos devidos pelo papado foram repudiados e deixaram de ser honrados. Tal fato demonstra o quanto a influência política, tangenciada pelos negócios, podia ajudar ou prejudicar. Segundo Richard A. Goldthwaite,

> Em outras palavras, se o banco foi capaz de obter algumas grandes contas por causa da influência política da família, também poderia se tornar um instrumento que a família poderia usar para aumentar essa influência - e isso geralmente não fazia sentido para os negócios.[192]

Se a paz era almejada pelo povo, não foi o resultado obtido. O poder da família se tornou tamanho na cidade que, ao menor sinal de infidelidade, castigos passaram a ser aplicados, e praticamente tornou-se um principado, tendo Lorenzo como seu líder. Segundo Cardini, "Lorenzo, embora não tenha conseguido dar ao seu governo o nome que realmente lhe pertencia, conseguiu dar o tom de tal forma que todos conhecessem a natureza de seu

---

[188] Giuliano não se casou antes do assassinato, porém, descobriu-se posteriormente um bastardo que teve de uma florentina pertencente à família Gorini. Criado junto aos filhos de Lorenzo, esse menino virá a ocupar o mais alto calão da igreja católica: a posição de papa (Papa Clemente VII). (Dubreton, 1979, p.79)
[189] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.72-79 passim.
[190] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.29.
[191] DUBRETON, op. cit., p.81 et seq.
[192] GOLDTHWAITE, op.cit., loc. cit.

governo."[193] Todavia, os problemas financeiros eram crescentes e não havia recursos para o pagamento de interessados e credores, além de grandes perdas sucursais, filiais do banco.[194]

Lorenzo, governando a cidade, passou a valorizar o entretenimento do povo, sendo reconhecido como mecenas adorado.[195] Pouco a pouco, sua saúde começou a se deteriorar devido à gota, e brevemente, antes de sua morte, conseguiu a colocação de seu filho, João de Medici,[196] como cardeal. Suas pompas fúnebres o honraram e glorificaram como "O Magnífico".[197]

Refletindo sobre a elevada posição que Lorenzo alcançou, nota-se que ele teve a fortuna de nascer e ser criado em uma das famílias mais prósperas da época, seguindo a trilha diplomática e herdando a astúcia de seus ancestrais. Contudo, ao herdar um império empresarial já consolidado por Cosimo, Lorenzo desviou sua atenção dos empreendimentos que fundamentaram o crescimento familiar ao longo de quatro gerações, dilapidando os recursos acumulados. Nessa conformidade, findamos o ciclo da geração Medici.

Tangenciado pela falência do Banco Medici, eles perderam sua posição de domínio sobre a cidade, com a expulsão da família em 1494, ano da morte de Lorenzo e da falência do banco. Era o fim da expansão colossal que Cosimo arquitetara em vida na posse de imensuráveis redes de poder, estruturadas pelos meios financeiros. Foi, portanto, a verdadeira aurora para ascensão longínqua e duradoura.

Falta-nos, entretanto, a compreensão do modelo organizacional do Banco Medici e sua estruturação de negócios. Assim, poderemos compreender os mecanismos que levaram ao sucesso empreendedor Medici, capaz de estruturar a família financeira e politicamente em Florença.

---

[193] CARDINI, 1991, p.506.
[194] DUBRETON, op.cit., loc. cit.
[195] Segundo Cardini, "Uma das principais funções da brigada era criar consenso entre as classes populares, grandes amantes dos espetáculos ricos e coloridos e da demonstração de poder, glória e riqueza das famílias envolvidas nos jogos." (1991, p.510)
[196] Segundo Dubreton: "Vós sois, escreve-lhe o pai, o mais jovem não somente dos cardeais que existem, mas de todos os que jamais existiram". E Maquiavel comenta: "Este negócio foi uma escada para fazer subir ao céu os Medicis." (1979, p.86.)
[197] DUBRETON, J. Lucas. A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979, p.81 et.

2. Capítulo II - O Banco Medici como Eixo Estruturador da Família

2.1. Contexto Econômico

O antigo debate sobre a presença da noção plena do capitalismo na península italiana Renascentista, encontrado na perspectiva de alguns historiadores econômicos, é por vezes refutado pela historiografia mais recente. Um exemplo é Goldthwaite, que defende a tese de que a noção do capitalismo moderno será registrada somente a partir do décimo sexto século ou posterior, prevalecendo, antes disso, a articulação de apenas alguns aspectos preliminares do que viria a ser o capitalismo.[198]

Estamos de acordo com o pressuposto de que alguns aspectos pré-capitalistas estavam ali presentes, não tanto no que tange ao modo de pensar, mas sobretudo às técnicas e processos econômicos. Entre estes, pode-se citar o desenvolvimento de firmas competitivas, articuladas e integradas às preocupações e interferências no poder. Esfera, portanto, de abrangência do Banco Medici, um dos negócios internacionais mais expressivos dos estágios iniciais do capitalismo.

Antes de seguirmos adiante nos pormenores do Banco Medici, devemos nos ater a algumas informações. No século XV, as exportações florentinas se expandiram até alcançar mercados em Roma, Turquia e Constantinopla, impulsionadas pela produção de mais de duzentas oficinas de lã e setenta de seda. Seus tecidos, luxuosos e vistosos, captavam o olhar dos mercados e dos nobres de toda a Europa, e, mesmo após a queda da produção de lã durante os séculos XV e XVI, a seda tomou o posto que perpetuou essa indústria adiante.[199]

Com isso, os grandes banqueiros da Toscana, como os Bardi e os Peruzzi, estabeleceram coligações com a realeza britânica no transcorrer do século XIV, sobretudo pela necessidade que a realeza possuía de matéria-prima para suas produções, como a lã. Em contrapartida, os banqueiros concediam vias de transferências de fundos e crédito[200] e efetuavam as operações cambiais e bancárias que eram responsáveis pela circulação do dinheiro. Em sua concepção, os bancos nasceram para facilitar essas transações comerciais, mas adquiriram gradativamente uma autonomia pelo lucro de empréstimos e especulação do câmbio.

Acima de tudo, esses mecanismos foram responsáveis no século XIV, por prover um enorme poder econômico e rede de crédito, dos quais os dois bancos citados acima se

---

[198] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.1-31 passim.
[199] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p. 111 et seq.
[200] GOLDTHWAITE, op.cit., p.15 et seq.

alimentaram. A crise de 1340 com o rei britânico foi um fator decisivo de crise para os mesmos. No entanto, a economia florentina já havia, por outro lado, diversificado sua base industrial e começado a importar seda de outros locais. Essa diversificação tornou o mercado mais complexo e resiliente a flutuações, assegurando proteção contra eventuais crises. Assim, diante de novos desafios econômicos, Florença se mostrou mais resistente, evitando a falência e impedindo a dominância absoluta de qualquer empresa bancária ou comercial.[201]

2.2. Sede Bancária e Administração

O Banco Medici por si só não foi inovador e particularmente original como um negócio bancário. O que distingue significativamente essa instituição é sua associação íntima com os Medici, uma das dinastias mais influentes do Renascimento italiano. Em termos de contribuições originais à mecânica bancária, o legado do Banco Medici talvez não ofereça território inexplorado para pesquisa. Isso se deve, em grande parte, à meticulosa análise histórica realizada por Raymond de Roover. O historiador não se restringiu ao interesse de seu objeto - dada a fama de sonegação e tramas em que a família foi protagonista -, recapitulando o que conhecemos das práticas de negócios na busca por apresentar-nos uma ampla pesquisa sobre o contexto internacional comercial e bancário no qual a firma operava.

Roover apossou-se de uma extensa quantidade de correspondências privadas e comerciais, não encontradas em outras empresas. A partir delas, foi capaz de obter uma perspectiva mais ampla da organização e gerenciamento encontradas nos livros de contabilidade, estendendo sua pesquisa para além de uma visão técnica e abrangendo questões políticas e pessoais que cercavam seu objeto. Há, entretanto, um quesito negligenciado em sua discussão: o poder obtido pela família por meio do Banco. Uma vez combinados os dois elementos, o banco e o poder proveniente dele, postulamos um de nossos objetivos da pesquisa.

Messer[202] Averardo, o primeiro Medici encontrado no ramo bancário, não estendia seus negócios fora da península italiana e seu *status* ainda era modesto.[203] Não há registros de negócios notáveis da família até a última parcela do século XIV, com Vieri de Cambio de Medici e a abertura de um banco em Roma com a intenção de conduzir negócios com a Cúria. Em 1395, quando faleceu, era reconhecido como um dos homens mais ricos de Florença.[204]

---

[201] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.17 et seq.
[202] MESSER - Título honorífico outrora atribuído a juristas, juízes e outras personalidades. (Borges Neto, 2016, p.5)
[203] GOLDTHWAITE, op. cit., p.6.
[204] Ibidem. loc. cit.

Já Giovanni de Bicci de Medici era neto de Averardo e tornou-se aprendiz de Vieri, transferindo seus negócios para Florença em 1397, após a morte de seu mentor, e fundando o Banco Medici. Contudo, Giovanni não estava se aventurando em território desconhecido; ele já era um agente ativo no setor bancário e integrava o círculo dos banqueiros papais. Após a eleição de seu amigo Baldassare Cossa como papa João XXIII, em 1410, os Medici ascenderam a uma superioridade indiscutível em relação a outros bancos, tornando-se banqueiros papais com controle absoluto dos negócios e depósitos da Igreja.

Fundado em 1397 por Giovanni de Bicci, o Banco Medici teve sua sede constituída na cidade Florença[205] em virtude das melhores oportunidades de investimento. Na sua forma física era composto, na cidade, pela sede do banco, um *scrittoio* localizado dentro do *Palazzo* Medici, local onde a administração era feita, e pela *Tavolla* de Florença,[206] uma filial que se encontrava na via *Porta Rossa,* próxima ao *Mercato Nuovo,* o centro do mercado florentino. Este, a principal fonte do dinheiro da família, promovia a combinação da atividade bancária com oportunidades de lucro e comércio.[207]

No que se refere à sua concepção, um dos pilares fundamentais para o êxito do Banco Medici residia em sua inovadora abordagem gerencial, a qual era ancorada na formação de sociedades estratégicas entre os Medici e os administradores das suas filiais, cuidadosamente selecionados pela família. Compunha-se, deste modo, uma estrutura na qual os ramos eram autônomos uns dos outros, assim como os negócios neles conduzidos. O controle desses ramos era feito a partir da propriedade da maior parte do capital investido para a fundação da filial. [208] Ou seja, a companhia do Banco Medici possuía em si um funcionamento ambíguo, que o permitia ser ao mesmo tempo rigoroso em sua administração e flexível em sua dimensão de sócios, territórios e negócios.

Entretanto, a seleção de gestores para os empreendimentos Medici era um processo meticuloso, não deixado ao acaso. A família priorizava a escolha de indivíduos em quem

---

[205] Os registros do Banco Medici são fragmentários, pois uma multidão, em 1494, invadiu o *Palazzo* Medici, em Florença, e queimou uma extensa quantidade de arquivos. (Roover, 1948, p.3)

[206] É importante ressaltar que os bancos eram compostos em pequenos escritórios e, normalmente, no máximo meia dúzia de funcionários. (Roover, 1966, p.43)

[207] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.108

[208] Ibidem. p.107 et seq.

depositava sua confiança, pessoas ligadas a eles por laços de lealdade[209] e competência comprovada para as funções que desempenhariam.[210] Segundo Goldthwaite,

> Notavelmente, a seleção de seus parceiros e gerentes não foi restrita a relacionamentos familiares e se verificado, a seleção dos funcionários não eram repetidos de uma filial para outra, demonstrando a cautela na contratação de cada funcionário. [211]

Além disso, havia reuniões públicas e privadas na sede em Florença[212], realizadas a cada dois anos, com Cosimo e seus gerentes[213]. Essas reuniões constituíam uma pedra angular da estratégia de colaboração que impulsionou a expansão da rede.

Para fins de controle e registro, mantinha-se em todas as filiais o que era chamado de *libro segreto*, um registro meticuloso mantido pelos gerentes gerais. Esse livro abarcava um leque vasto de dados, incluindo investimentos de capital, distribuição de lucros, salários e depósitos.[214] Segundo Roover, "Como um resultado, nós temos completa estrutura financeira e os resultados operacionais de 1397 a 1451 da sede e suas subsidiárias."[215]

Já no princípio de sua fundação, Giovanni de Bicci de Medici e seus sócios optaram pelo não pagamento de salários aos diretores das filiais. Essa parceria com seus gerentes foi um dos mais bem sucedidos mecanismos dos Medici, que também eram sócios pois investiam para o capital do banco e participavam dos lucros.[216] Roover diz: "As relações entre a administração central e as agências tiveram sua base legal nos acordos de parceria celebrados com os gestores locais."[217]

A grande excentricidade deste Banco, como Roover nos demonstrou, é a organização descentralizada, com companhias independentes, mas geridas por uma matriz. Cada uma

---

[209] Segundo Roover, um exemplo "Os Medici também foram atraídos pela fabricação de seda, a segunda indústria de Florença. Em 1438, eles adquiriram uma serigrafia da Tumo Manetti [...] Como sempre, a administração foi confiada a um especialista, Francesco di Francesco, do qual Berlinghieri forneceu 800 florins e os Medici os 4.200 restantes. Devido aos talentos administrativos de Berlinghieri, a silkshop acabou sendo um empreendimento lucrativo." (1966, p.60)

[210] Mesmo que houvesse o recrutamento de membros familiares, o sucesso da agência e seu lucro era posto para julgá-lo estritamente pelo requisito da qualidade de seu trabalho, sem complacência caso este não estivesse de acordo com a tarefa. (Larivalle, 1979, p.120)

[211] GOLDTHWAITE, 1987, p.11.

[212] A sede do Banco em Florença tinha em torno de 9 e 10 funcionários, com um total de cinquenta e sete funcionários listados em 1470. (Roover, 1966, p.90-94)

[213] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.41-55 passim.

[214] Existem três *libro segreto* hoje. (Roover, 1966, p.46)

[215] ROOVER, 1946, p.46.

[216] Apenas para questões de terminologia – *Compgno* era parceiro. *Fattore* era um funcionário do banco mais antigo. *Giovane* eram jovens e tinham seus deveres estritamente designados. Tinham salário e não participavam dos lucros. Tanto os *Fattori ou Compagni* podiam ser gerentes de bancos. (Roover, 1966, p.78-80)

[217] ROOVER, 1936, p.86.

adaptável, portanto, à realidade jurídica e econômica de sua localização e responsável por seus próprios ganhos e contas, cuja eventual queda ou falência não significava a ruína do conjunto todo, apenas um déficit pontual.

Em convergência com essa lógica, os contratos com os sócios seguiam o mesmo padrão.[218] Estabelecia-se os limites do poder dos gerentes,[219] os investimentos de capital, as penas decorrentes de violação dos termos, suas participações nos lucros e como ocorreriam as divisões de possíveis perdas.[220] Além disso, não eram autorizados a proceder negócios grandes sem a autorização da sede. Em casos autorizados, os lucros resultantes eram distribuídos, mas, na eventualidade de perdas,[221] estas recaiam exclusivamente sobre o responsável pela operação.[222] Contudo, na prática, a estrutura incentivava a um engajamento ativo nos negócios, com a perspectiva de participação nos lucros frequentemente excedendo o retorno convencional do capital investido. [223]

Em alguns momentos, demandava-se precauções de segurança. Tal exemplo se dá em 1417, com a contratação de Giovanni de Manetto Portinari para gerência da filial do banco em Veneza. Inicialmente, ele não foi incluído como parceiro, ou seja, não tinha participação nos lucros. Ao invés disso, recebia apenas um salário. Somente dois anos depois é que Portinari foi incluído nos lucros que a filial do banco gerava.

Essa manobra era recorrente em contratações que não eram fundamentadas em relações próximas com o contratado, de modo que não o conheciam com profundidade e, assim, postulava-se a participação nos lucros até que se pudesse avaliar a fidelidade, participação e eficiência.[224] Entretanto, na administração diária era dada autonomia quase completa aos gerentes, uma vez que as reuniões aconteciam apenas uma vez a cada dois anos, e era árduo manter um controle recorrente de todas as decisões de cada ramo.

Importante salientar, ainda, que os gerentes não faziam contratações. Os funcionários eram selecionados e escolhidos diretamente pela sede do Banco e, depois, enviados para as

---

[218] Normalmente eram contratos de cinco anos, mas todos continham uma cláusula que a parceria poderia ser terminada a partir de um aviso prévio de seis meses. (Roover, 1966, p.86)

[219] Os parceiros eram chamados de *Compagno*. Essa terminologia era usada para parceiros de negócios, que não tinham um salário, mas podiam receber subsídios de auxílio para viver, e participavam dos lucros. (Roover, 1966, p.78)

[220] A maioria dos gerentes investia no capital da filial e não recebia um salário, mas sim uma participação nos lucros. (Roover, 1966, p.80-81)

[221] Segundo Roover, "[...] os Medici preocupavam-se muito com a concessão pouco criteriosa de crédito e temiam, acima de tudo, o acúmulo de perdas por meio de dívidas incobráveis. [...] Cosimo e seu porta-voz, Giovanni Benci, temiam tanto o efeito cumulativo de pequenos erros quanto os perigos decorrentes de riscos." (1966, p.92)

[222] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.88.

[223] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.118 et seq.

[224] ROOVER, op. cit., p.240.

filiais.[225] Os gerentes escolhidos recebiam instruções chamadas *ricordi* quando iam assumir seus cargos, as quais continham o que deveriam fazer nas viagens, paradas a cumprir, informações que precisavam ser coletadas e enviadas a Florença, maneiras de agir e lidar nas situações, como conceder crédito e até como deveriam se portar com os funcionários da filial.[226]

Na troca de informações e correspondências com as filiais do banco e a sede, podemos destacar dois tipos de correspondência por cartas. A primeira era a *lettere di compagnia* (cartas comerciais) e a segunda era a *lettere private* (cartas privadas confidenciais). As *lettere di compagnia* continham assuntos de rotina com informações como avisos de remessas, contas pagas e avisos de crédito e débito. Já as *lettere private* eram redigidas pelos gerentes e endereçadas ao gerente geral, contendo informações de políticas de crédito, condições financeiras e o rumo de determinados eventos políticos.[227]

Entendidos os instrumentos base do Banco, iremos nos ater a uma reconstituição de sua linha temporal. Durante a administração de Giovanni de Medici, seus gerentes gerais foram Benedetto de Lippaccio de Bardi, entre 1402 e 1420, e, após a morte de Lippaccio, Ilarione de Lippaccio de Bardi, entre 1420 e 1433.[228] Entretanto, no ano de 1435, após o retorno de Cosimo a Florença, houve uma reorganização do banco e a parceria com a família Bardi foi encerrada.[229] Nessa fase, consolidaram-se duas parcerias significativas, e a equipe de gestão foi reforçada com a incorporação de Giovanni de Amerigo Benci[230] e Antonio de Francesco Salutati[231] como gerentes gerais, marcando uma era de notável prosperidade e expansão para o Banco.

Roover pontua que "Durante o período de quinze anos, os lucros foram maiores do que aqueles registrados no primeiro *livro segreto* que se estendeu ao longo dos vinte e dois anos anteriores"[232]. Após a morte de Giovanni de Amerigo Benci, Cosimo colocou seu filho,

---

[225] Cada filial continha entre 3 e 8 funcionários no máximo. (Roover, 1966, p.92)
[226] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.90 et seq.
[227] ROSS, Janet. Lives of the early Medici as told in their Correspondence, Londres: Chatto and Windus, 1910, p.7.
[228] ROOVER, op. cit., p.377.
[229] Segundo Roover, "A reorganização de 1435 [...] foi o fim da conexão próxima entre os Medici e os Bardi, que haviam sido conectados pelo fato de, em 1433, duas sucessões de gerentes em andamento pertenciam à última família. Por que esses laços foram rompidos? Talvez por razões políticas." (1966, p.56.)
[230] Giovanni de Amerigo Benci já estava a serviço dos Medici desde 1420. (Roover, 1966, p.57.)
[231] Faleceu em 1443 e Giovanni passou a assumir o cargo sozinho até o ano de sua morte em 1455. (Roover, 1966, p.85.)
[232] ROOVER, 1966, p.55.

Giovanni de Medici, no posto. Contudo, o arranjo não foi bem sucedido e Francesco de Tommaso Sassetti assumiu em 1458.[233]

Como assinalado anteriormente, o período de grande expansão e auge do Banco Medici ocorreu sob a administração de Cosimo, auxiliado por seu gerente geral, Giovanni de Amerigo Benci.[234] Dotado de grande capacidade de liderança, foi capaz de escolher bons gerentes, exigindo total e completa fidelidade, numa perpétua troca. Segundo Janet Ross,

> [...] mesmo quando estava mais profundamente envolvido em questões políticas, Cosimo sempre encontrava tempo para cuidar de seus negócios, e ele mesmo conduziu a correspondência com os chefes dos bancos conhecidos em toda a Europa e na Ásia.[235]

Estas informações fornecem uma visão geral sobre a estrutura e funcionamento do Banco Medici, sobretudo em relação aos modos de geri-lo. A seguir, mergulharemos nos detalhes a respeito das subsidiárias ou filiais.

2.3. Subsidiárias ou Filiais

Adentramos, neste ponto, o funcionamento das filiais. Como havíamos mencionado, os Medici possuíam seu controle fundamentado na maior parcela de investimento inicial de seu estabelecimento, mantendo-se, também, como uma *ragione* independente das demais. Os registros contábeis do banco exibiam uma precisão e eficácia notáveis, detalhando meticulosamente os dados dos clientes, mercadorias, vendas, contas, depósitos e retiradas. Para a manutenção dessa organização, anualmente, cada agência enviava um relatório consolidado, apresentando o balanço e os resultados alcançados durante o ano.[236]

A expansão do negócio foi nítida no comando de Giovanni de Medici, quando o Banco estabeleceu filiais em Roma (1400), Veneza (1402) e Gênova (1426).[237] Após sua morte, com Cosimo e seu gerente Giovanni de Amerigo Benci,[238] foram abertas mais cinco agências, em

---

[233] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.71 et seq.

[234] É interessante observar que muitos homens, como Giovanni de Amerigo Benci ou os irmãos Giovanni e Francesco Inghirami, começaram suas carreiras como assalariados do Banco e uma vez reconhecida sua capacidade intelectual, foram promovidos baseados em seus méritos. (Benci chegou a ser gerente geral e os irmãos sócios da Távola de Florença) (WITZEL, 2003, p.187)

[235] ROSS, 1910, p.7.

[236] ROOVER, op.cit., p.84 et seq.

[237] HIBBERT, Christopher. Ascensão e queda da casa dos Medici. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p.29

[238] É citado como gerente geral favorito de Cosimo e seu braço direito na tomada de decisões. (Roover, 1966, p.71)

Bruxelas (1439), Pisa (1442), Londres (1446), Avignon (1446) e Milão (1452), cidades que eram importantes centros comerciais e bancários.[239]

Todavia, antes de firmar-se em uma nova cidade, o Banco Medici enviava agentes que passavam um período coletando informações da cidade e dos negócios para, posteriormente, a abertura da filial ser concretizada. Um exemplo foi Antonio de Lazzaro Bertini, funcionário que trabalhou no Banco de Roma e, mais tarde, em Veneza. Bertini dedicou os anos de 1420 a 1422 a viajar, investigar, trabalhar e realizar negócios em nome do banco, o que resultou nas bases para um novo ramo se estabelecer em Gênova.[240]

A respeito dos lucros, observemos a filial romana. Estes atingiram, por vezes, mais de trinta por cento do capital que havia sido investido nas operações requisitadas.[241] Isso se devia ao fato de que a Cúria frequentemente depositava mais recursos em empréstimos do que realizava saques, criando uma fonte significativa de rendimento para os Medici, especialmente em transações de câmbio. Entretanto, esses lucros não eram completamente reinvestidos no negócio, sendo uma parte utilizada na compra de bens e construções que aumentavam o patrimônio da família.[242]

No sentido metafórico, a filial de Roma era o coração do Banco Medici e a filial de Florença, seu cérebro. A partir dos interesses e apoio da Cúria, que postulavam altos retornos na maioria dos negócios, a expansão do Banco foi exponencial.

Ademais, havia diferenças nos principais tipos de negócios feitos por ramo, por exemplo, a agência de Lyon era próspera devido às famosas feiras e os incentivos do rei Carlos VII da França. O cenário favorável também contemplava pouquíssimas restrições aos juros que poderiam ser cobrados, pois grande parte de seu capital provinha de depósitos que rendiam juros.[243]

Por sua vez, a filial de Milão tinha a maior parte de seus negócios proveniente de apenas um cliente, o Duque de Milão. Fundada em 1453, foi firmada em um palácio doado pelo duque e reformado pelos Medici, com esplendorosos adornos de autoria de Michelozzo, aprendiz de Donatello. O prédio foi descrito como mais adequado a uma residência diplomática do que a um negócio bancário. Porém, os empreendimentos conduzidos ali estavam longe de serem prósperos ou rentáveis, servindo mais como fundos para o ducado,

---

[239] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.377-379 passim.
[240] ROOVER, op.cit., p.280-288 passim.
[241] Segundo Larivaille "[...] o lucro anual da filial se eleva a mais de dezoito mil florins, um recorde para uma companhia que, há vários anos, funciona sem capital depositado!" (1988, p.120)
[242] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.120 et seq.
[243] ROOVER, op. cit., p.289-297 passim.

com pagamentos altamente problemáticos. Em 1460, metade de todos os empréstimos emitidos por toda a rede do Banco Medici foi destinada ao duque, forçando, eventualmente, o banco a declarar a falência do ramo em 1478, após a morte do duque Sforza.[244]

Enquanto isso, a filial do Banco que mais levou em conta o comércio foi a situada em Veneza. Adotava-se uma política de cautela na escolha dos comerciantes parceiros, priorizando aqueles de reconhecida reputação. Essa abordagem era crucial na época, considerando que muitas transações comerciais careciam de seguros adequados e a resolução de disputas nos tribunais era frequentemente lenta e ineficaz.[245]

2.4. Serviços Bancários

No século XV, os serviços bancários eram primordialmente baseados na negociação e utilização da letra de câmbio, funcionando como um precursor dos títulos de crédito modernos.[246] Esse instrumento era essencial para os comerciantes na conversão entre diferentes moedas, aproveitando-se das variáveis taxas de câmbio.[247] Isso se fazia necessário devido à ausência de uma moeda unificada, com cada região operando com sua própria unidade monetária.

Desse modo, para evitar o deslocamento de uma cidade a outra – considerando que as viagens eram longas, demandavam tempo e havia insegurança no percurso –, criou-se uma sistemática na qual o banqueiro de uma filial recebia em depósito as moedas em circulação naquela cidade e escrevia uma carta ao responsável de outra filial, detalhando o valor do montante que fora depositado. Essa abordagem inovadora não apenas facilitou o movimento de dinheiro entre cidades com intensa atividade comercial, mas também simplificou o processo de empréstimos, tornando as transações mais seguras e ágeis.[248]

---

[244] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.29 et seq.

[245] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.243 et seq.

[246] Ibidem. p.108.

[247] As taxas cambiais se davam por algumas razões. Entre elas, a oscilação dos mercados, a competitividade, a especulação, a disponibilidade de recursos e o cunho das moedas. Primeiro, cada localidade possuía suas próprias moedas, o sistema de peso da quantidade de cada material que iria na sua medida e a quantidade moedas que seriam emitidas de acordo com os interesses particulares. Segundo, a produção de moedas era feita em diversos materiais, como ouro e prata, e dependiam da extração e do mercado desses produtos. O florim, por exemplo, era a moeda florentina cunhada em ouro. Entretanto, havia moedas de menor valor, cunhadas em prata, para pagamentos menores e cotidianos das classes mais baixas. Assim, o acúmulo do ouro se dava nas classes mais altas e esta tendia a ser a moeda mais aceita no mercado internacional, enquanto as moedas de prata tendiam a ter usos mais locais, mas ainda integravam o sistema econômico. (CIPOLLA, 2013, p.47-61)

[248] Segundo Roover, "Uma letra de câmbio medieval não era simplesmente um mandato a pagar, mas, como o nome sugere, sempre repousava em uma transação de troca. Para ser mais preciso, a letra de câmbio era o instrumento comumente usados para implementar um câmbio. Esse contrato envolvia um adiantamento de fundos em um local e seu reembolso em outro local e, geralmente, em outro tipo de moeda." (1966, p.109)

Sendo assim, aquele que investisse o dinheiro em uma moeda estrangeira teria seu lucro pelas taxas de câmbio desde que não convertesse novamente para sua própria moeda (*fare i suoi ritorni*). Importante destacar que, embora originalmente concebidas para facilitar o deslocamento de fundos, conforme mencionado anteriormente, as letras de câmbio foram adaptadas pelo Banco Medici como uma forma de investimento oferecida a comerciantes e nobres. Isso transformou a letra de câmbio em um instrumento semelhante a uma carta de crédito, que, além de facilitar as transações comerciais, servia como um meio sofisticado para mascarar os lucros oriundos de operações de crédito.[249]

Além disso, as letras de câmbio contavam o tempo de deslocamento de uma filial a outra para que o pagamento final fosse feito.[250] A ideia inicial era que o pagador, aquele que fez o depósito, não fosse o beneficiário, pois receberia os juros provenientes da cotação das moedas. Todavia, era isso que era feito na maioria das vezes.[251] O Banco Medici também chegou a vender cartas de créditos que funcionavam como cheques de viagem para, por exemplo, viajantes, religiosos e estudantes.[252] Segundo Roover,

> Os serviços bancários no século XV estavam, em grande parte, se não exclusivamente, vinculados à troca, e a *fare il banco* (administrar um banco) e a *fare il cambio* (negociar em troca) eram expressões sinônimas. Banqueiros como os Medici eram principalmente negociantes de câmbio. Negociar em troca, é claro, não se refere à troca manual, que era a província dos cambistas, mas à negociação de letras de câmbio.[253]

Para validar as letras de câmbio, não se recorria a assinaturas. Ao invés disso, a autenticação era realizada pelo reconhecimento da caligrafia de indivíduos autorizados a redigi-las. Essa prerrogativa era reservada exclusivamente a membros da alta gerência, como os gerentes das filiais ou seus assistentes diretos.[254]

Dentro disso, havia dois tipos de conta que permitiam operar com letras de câmbio em moedas estrangeiras. A primeira, conta *Nostro*, era regulada pela moeda estrangeira, mas mantida tanto no país de origem quanto no estrangeiro, ajustada conforme as taxas cambiais

---

[249] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.108 et seq.

[250] Por exemplo, entre Florença e Londres eram noventa dias, entre Florença e Veneza, a viagem era de cinco dias, porém, contavam ida e volta e às vezes entendiam a utilização de dez dias em duas vezes. (Roover, 1966, p.108-109)

[251] ROOVER, op.cit., loc. cit.

[252] O endosso, como conhecemos nos dias atuais, não era uma prática usual e amplamente aceita até o século XVI, mas o autor cita de algumas exceções nas quais o endosso foi permitido e terceiros, quartos ou quintos sacaram o dinheiro, entretanto a aceitação do endosso demorou um pouco e ocorreu após muita pressão dos costumes mercantis. (Roover, 1966, p.136-141)

[253] ROOVER, 1966, p.108.

[254] ROOVER, op. cit., p.127.

vigentes. Por outro lado, as contas *Vostro (ou Loro)* eram mantidas na moeda local e seriam apenas uma conta contábil comum. O uso das duas dependia das taxas de câmbio e do interesse dos bancários, servindo, portanto, como um instrumento de contabilidade para lidar com contas de câmbio dentro e fora do país.[255]

Existiam outras forças que influenciavam o mercado além dos juros,[256] e estas eram as maiores responsáveis por influenciar as taxas para cima ou para baixo.[257] Os banqueiros observavam como o jogo de forças se movia e faziam suas políticas de acordo com o que a situação demandava.[258] Algumas vezes, as taxas de câmbio podiam resultar em perdas, as quais, juntamente com as incertezas, eram uma forte razão para os teólogos aceitarem e justificarem o câmbio. Todavia, na maior parte das vezes, resultavam em lucros.[259]

Outra característica importante é que empréstimos feitos a governantes ou príncipes não seguiam as regras determinadas para o mercado em geral, pois só podiam ser feitos com a permissão de Cosimo ou de seu gerente geral. Ademais, os contratos variavam de acordo com as circunstâncias e garantias[260] oferecidas.[261]

2.5. Comércio e Produção Têxtil

No âmbito do comércio, os Medici adotaram uma estratégia de diversificação, ajustando a gama de mercadorias ofertadas de acordo com as solicitações de seus clientes,[262] focando-se principalmente em itens de luxo como lã, tecidos finos, joias, tapeçarias personalizadas, azeite de oliva e alume. Por conseguinte, ao receber pedidos[263], os Medici traziam as mercadorias operando majoritariamente sob um modelo de comissão parcial, no

---

[255] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.130 et seq.

[256] Segundo Roover, "Essas forças foram: (1) mudanças no par devido a manipulações monetárias; (2) mudanças na posição da balança comercial; (3) especulação devido às previsões, certas ou erradas, dos banqueiros; (4) manobras realizadas por líderes que às vezes tentavam equipar o mercado; e (5) distúrbios resultantes de tentativas desajeitadas feitas pelos governos para interferir na liberdade do mercado monetário." (1966, p.115)

[257] Nas cartas comerciais, que eram regularmente enviadas para a sede do banco, sempre continham as mais recentes taxas de câmbio. (Roover, 1966, p.122)

[258] Havia um serviço de correios organizado, chamado *scarsella,* e por meio dele os bancos podiam mais facilmente se corresponder e trocar informações. (Roover, 1966, p.125)

[259] ROOVER, op.cit., p.115.

[260] Algumas delas eram joias e a coleta de tribustos. (Roover, 1966, p.140)

[261] Vale ressaltar que esses empréstimos eram de alto risco, já que as somas eram altas e às vezes utilizavam quase todos os recursos disponíveis, recursos esses que por vezes demoravam mais tempo que os prazos estipulados inicialmente. (Roover, 1966, p.140-141)

[262] Gutkind nos mostra que, "*Among the customers of the house were cardinals and bishops, the dukes of Calabria and Burgundy, the king of Navarre, the marquis of Mantua. Philip of Burgundy pawned a gem of considerable value called the flos alisi.*" (1938, p.176)

[263] Quanto mais rápido ágil o volume dos negócios feitos, maior eram os lucros do dinheiro investido. (Roover, 1966, p.142)

qual o comprador efetuava o pagamento do produto antecipadamente.[264] Tal método minimizava significativamente os riscos associados a perdas, alinhando a operação comercial aos interesses tanto dos Medici quanto de seus clientes.

A família também era detentora de estabelecimentos no ramo da tecelagem de seda e lã,[265] e seus gerentes do setor "industrial"[266] tinham a autonomia de fazer as contratações de funcionários. E tal qual no setor bancário, seu sucesso era fundamentado na eficiência do gerente escolhido. Por fim, o escoamento de seus produtos era feito pelo próprio Banco Medici.[267]

Ademais, o sistema bancário e seu desenvolvimento nos primeiros estágios do capitalismo comercial não idealizavam empréstimos recorrentes e sistemáticos na indústria e desenvolvimento do Estado, tornando seu investimento em outros setores limitado. Os Medici investiram uma parcela de fundos na produção têxtil, que na extensão de seu capital torna-se quase irrelevante. E por mais que o Banco Medici importasse e distribuísse essa produção, ela não exercia um controle expressivo.

2.6. O Banco e o Papado

Após a reconstituição da história e apresentação do modelo de organização do Banco, há de se citar pontualmente a maior chave de obtenção de sucesso do Banco: seu estabelecimento como banqueiros papais.

A filial de Roma, como foi citado anteriormente, era a que mais gerava fundos. Contudo, a sede dessa filial não era fixa em Roma, ajustando-se às particularidades do contexto papal. Dado que os papas frequentemente não residiam na cidade por extensos períodos – como no caso do papa Eugênio IV, que passou até nove anos fora de Roma – a corte papal tinha o costume de se deslocar entre diferentes localidades. Para acompanhar essa mobilidade, o Banco Medici adaptava-se operando de maneira itinerante, seguindo os movimentos da corte papal e mantendo, assim, sua influência e as operações financeiras.[268]

---

[264] Nesse contexto do século XV, o protecionismo ainda não existia. Portanto, as taxas para importação não eram altas. (Roover, 1966, p.144)

[265] A diferença na produção da lã e da seda era que a produção de seda demandava mais etapas, além disso, a produção da seda usava uma quantidade maior de materiais preciosos, portanto era vendida principalmente para as altas classes, dependia mais do mercado externo e precisava de um capital maior. (Roover, 1966, p.182-184)

[266] Industrial não é usado no sentido moderno da palavra de indústrias modernas, já que a produção era distribuída pelo sistema doméstico, ou seja, a produção era, em grande medida, artesanal. Feita na própria casa dos artesãos, com vigilância e controle do gerente em, por exemplo, verificação do comprimento do cronograma, abastecimento dos materiais e controle de qualidade. (Roover, 1966, p.17.)

[267] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, p.182-190 passim.

[268] Ibidem. p.182-190 passim.

Uma das grandes razões do uso dos serviços bancários, aliás, era justamente a constante mudança e traslado, que acopla riscos nas transferências de fundos. Essa questão foi habilmente solucionada pelo banco. Além disso, o papado atribuía grande valor à contribuição dos banqueiros, especialmente considerando o uso intenso de serviços bancários, como empréstimos e depósitos, seguidos de transferências que asseguravam a restituição dos valores solicitados em suas campanhas militares.[269]

Antes da exclusividade Medici como os banqueiros papais, porém, os serviços eram distribuídos principalmente entre os banqueiros florentinos. No entanto, com a estratégica ascensão dos Medici sob a liderança de Giovani, os registros históricos revelam que rapidamente eles se estabeleceram como os principais detentores da maior fatia dos negócios bancários do papado.[270]

Como o pecado da usura era ainda vigente, não era possível que se cobrassem juros da Igreja. Por esse motivo, grande parte dos lucros bancários se davam nos artigos de luxo que eram vendidos a preços inflacionados. Além disso, o capital depositado era tão alto que abastecia diversas filiais do banco e, apesar da agência de Roma não ter investimentos feitos pela matriz desde 1426, foi a que mais prosperou entre 1429 e 1464.[271]

Para permitir o funcionamento dos bancos, contornar o pecado da usura e autorizar a cobrança de juros, a Igreja usou uma justificativa a partir da lógica jurídica.[272] Essa abordagem argumentava que, para serem consideradas legítimas, as transações bancárias não deveriam envolver empréstimos diretos. Assim, visto que as operações de câmbio envolviam um intervalo temporal até o pagamento final e estavam sujeitas ao risco de perdas, elas não eram classificadas como empréstimos diretos e, consequentemente, não se enquadravam como usura. Sob essa interpretação, a Igreja concluía que não havia pecado no ganho de juros

---

[269] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.369.

[270] ROOVER, Raymond de. The rise and decline of the Medici Bank. Nova York: Norton & Company, INC, 1966, 270-287 passim.

[271] Ibidem. p.210-217 passim.

[272] Segundo Gutkind *"The question of money interest (usury) a vital one for the development of businesses in the late Middle Ages. It is a real crux for canonical jurisdiction, for the Church had forbidden the use of money interest-[...] This ecclesiastical veto had taken deep root in moral thought. But since it obviously went against the very principles and development of economics, it led to grievous spiritual conflicts in the life of the individual and to the attempt to free one's conscience by formal evasion, to escape the just punishment in the hereafter and still make one's profits in this world. Not infrequently testamentary dispositions in favour of ecclesiastic or philanthropic institutions were made in order to smooth out any violations of the veto; indeed, tractarians even recommended similar measures. Some guilds even had the express duty of assuring the spiritual welfare of their members by means of agreements with the Church authorities. Many business companies devoted a certain percentage of their profits in advance to ecclesiastical purposes, again in order to make good any defections from the veto on usury."* (1938, p.42.)

obtidos por meio das letras de câmbio, que funcionavam como verdadeiros instrumentos de crédito, permitindo assim a continuidade das atividades bancárias sob tais premissas.

Roover pontua: "Em outras palavras, a transação de câmbio foi usada para justificar o lucro de uma transação de crédito."[273]. Todavia, "O efeito prático da doutrina da usura foi o oposto do que se pretendia: o uso de subterfúgios, lícitos ou ilícitos, aumentou o risco e as despesas mantendo a taxa de juros alta em vez de baixa."[274]

De forma a elucidar a magnitude das somas que passavam pelo Banco no transcorrer das gerações, observemos a colocação de Gutkind:

> Em 1413, Giovanni de Medici fez um empréstimo de 15.750 florins contra o qual o papa penhorou uma mitra que Martinho V conseguiu recuperar depois de alguma ameaça. O papa criou Giovanni Conde de Monteverde, um título que foi transmitido aos seus descendentes. Em 1439 Eugene IV obteve um adiantamento de 25.000 florins para o qual ele deixou promessas valiosas em Florença. Sob Nicolau V, outras grandes transações foram realizadas: 100.000 florins - as ofertas dos peregrinos - foram depositadas, e o banco manteve os depósitos de todo o dinheiro destinado à cruzada contra os Hussitas. Os negócios papais eram importantes para os Medici, não apenas pelos lucros garantidos, mas principalmente porque eram uma ligação conhecida em todo o mundo e uma grande recomendação para a casa.[275]

Considerando esses eventos, os Medici serviram como banqueiros do papado continuamente de 1414 a 1476. A dinâmica mudou quando Sisto IV retirou os negócios das mãos de Lorenzo, O Magnífico, e passou-os para os Pazzi. Entre 1484 e 1492, os Medici voltaram a desempenhar o papel de banqueiros papais, mas após a morte de Inocêncio VIII (1484-1492), não reassumiram mais essa função.[276]

2.7. Depósitos de Alume

O alume, desde a Idade Média, desempenhou um papel crucial como componente essencial na fixação de corantes, na preservação de curtumes e até em aplicações médicas, estabelecendo-se como uma matéria-prima vital na indústria têxtil europeia da época. Neste comércio, os italianos se tornaram seus maiores exploradores, chegando a exportar até produtos ainda semiacabados que eram revendidos para acabamento, devido a sua tintura considerada única.[277]

---

[273] ROOVER, 1966, p.109.
[274] ROOVER, 1966, p.121.
[275] GUTKIND, 1938, p. 176.
[276] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.176 et seq.
[277] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.125 et seq.

Durante os séculos XIII e XIV, o comércio do alume era controlado pelo monopólio genovês com a exploração das jazidas da Ásia Menor. Contudo, a expansão turca interrompeu esse fluxo, desencadeando uma crise de abastecimento que instigou os italianos a uma busca incansável por novas jazidas que pudessem substituir as que haviam sido perdidas. Essa busca culminou em 1461 com a descoberta de jazidas nas montanhas de Tolfa, uma região dentro do território pontifical.[278]

Responsável pela sua extração, o Banco Medici se torna o maior acionista da companhia responsável pela jazida, a Societas Aluminum. Realizavam a extração, o transporte até os depósitos pontificais de *Civita vecchia* e a redistribuição de venda por todo o território europeu.[279]

A proibição de monopólios, formalmente endossada por teólogos e pela doutrina da Igreja, encontrou um astuto contorno quando os lucros advindos desses monopólios foram vinculados ao financiamento de futuras cruzadas contra os infiéis. Em uma manobra estratégica, a Cúria promulgou decretos que estigmatizavam o alume turco como contrabando, estabelecendo-o como objeto passível de confisco. Esta medida se baseava na premissa de que a compra do alume turco equivalia ao financiamento dos adversários da cristandade, minando, assim, os recursos destinados à preparação de uma cruzada.[280]

Dessa forma, em 1466, a Cúria estabeleceu um acordo significativo com o Banco Medici, delegando às suas agências a responsabilidade pela venda e distribuição do alume. Esse arranjo não apenas libertou a Cúria da dependência anterior do monopólio turco sobre esse recurso essencial, mas também forneceu uma base para justificar seu próprio monopólio. Embora, sob uma ótica doutrinária, tal monopólio pudesse ser condenável, foi recontextualizado como uma medida estratégica na luta contra os infiéis [281]. Porém, de acordo com Roover,

> À medida que as relações entre Sisto IV e Lorenzo, o Magnífico, se tornavam cada vez mais tensas, a Câmara Apostólica retirou gradualmente sua conta do Banco Medici. Em julho de 1474, este último deixou de funcionar como Depositário Geral da Santa Sé e foi substituído por um comerciante genovês, Meliedouce Cigala. Em junho de 1476, o contrato de alume foi concedido aos Pazzi, a quem Sixtus IV regou favores. Consequentemente, as remessas de alume enviadas para Bruges deixaram de ser expedidas para os Medici, mas Guglielmo e Giovanni de1 Pazzi. [...] Depois que a conspiração dos Pazzi (1478) provocou uma guerra entre o

---

[278] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.126.
[279] Ibidem. p.125 et seq.
[280] Ibidem. p.124-128 passim.
[281] Ibidem. p.153 et seq.

> papa e a república florentina, os estoques de alume ainda em posse dos Medici foram apreendidos. Mesmo depois que a guerra terminou, os Medici não recuperaram o controle do comércio de alume [...][282]

Observa-se, portanto, que o alume não era apenas um recurso material, mas também desempenhava um papel central nas dinâmicas políticas e econômicas da época. Assim, sua importância estendia-se para além das fronteiras comerciais, infiltrando-se nas estratégias geopolíticas.

2.8. Decadência do Banco

Pode-se supor que, dada a proeminência da família Medici em Florença e sua íntima relação com o papado, seu domínio sobre o comércio bancário internacional fosse incontestável. Contudo, a realidade organizacional desse sistema apresentava barreiras significativas a um monopólio absoluto. Primeiramente, a estrutura intrínseca do sistema bancário era altamente fragmentada, o que impedia que uma única entidade controlasse completamente o fluxo de capital, limitando assim sua capacidade de mobilizar grandes somas de dinheiro rapidamente. Além disso, o panorama econômico global da época era caracterizado por uma diversidade de atividades comerciais, distribuídas por múltiplas regiões e setores. Essa diversidade e dispersão econômica faziam com que fosse impraticável para uma única firma estabelecer um domínio total sobre todas as facetas do comércio internacional.

No entanto, apesar de sua expansão sem precedentes durante os séculos XIV e XV, não se identifica outra companhia que tenha alcançado uma expansão internacional tão ampla quanto os Medici, que estabeleceram filiais nas principais cidades comerciais europeias, atingindo um total de nove no pico de sua operação. Apesar dessa presença global, os Medici não detinham supremacia em todas essas localidades. Em Lyon, não eram maiores que os Capponi. Na filial de Nápoles, não sobrepunham os Strozzi. Além disso, havia uma miríade de outros comerciantes florentinos que desenvolviam suas atividades tanto no âmbito nacional quanto no internacional.[283]

A compreensão de que o sistema bancário comercial de Florença não era baseado em estruturas familiares pode inicialmente parecer contraintuitiva, mas uma análise mais detalhada revela a lógica por trás dessa afirmação. Esse sistema era caracterizado pela presença de uma diversidade de empresas de porte moderado, cuja configuração era

---

[282] ROOVER, 1966, p.164.
[283] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.12-16.

fortemente influenciada pela escassez de recursos consolidados em núcleos familiares. Uma prática comum da época era a divisão da herança do patriarca entre seus filhos após seu falecimento, o que resultava na fragmentação dos recursos familiares. Contrariamente à noção de que irmãos poderiam se unir para preservar e ampliar o patrimônio familiar, essa cultura de colaboração entre irmãos para fins financeiros não era prevalente no século XIV. Foi somente no século XVI que as famílias abastadas começaram a adotar estratégias deliberadas para evitar a diluição de seus patrimônios, considerando seriamente a implementação da primogenitura. Quando não era possível assegurar a conservação do patrimônio através de dispositivos legais, persuadia-se os filhos mais jovens a abdicar de direitos patrimoniais, frequentemente através da renúncia ao casamento, para garantir a integridade e a continuidade da fortuna familiar.[284]

Isto se torna relevante à medida que circundamos as histórias das corporações familiares no transcorrer das gerações e sua descontinuidade. Grandes empresas do século XIV, como Peruzzi, Alberti e Bardi, sobreviveram apenas enquanto irmãos e primos se mantiveram parceiros nos negócios. Outros, como os Della Casa, Salviati, Martelli e os Medici, demonstraram uma continuidade de pai-filho, ou seja, uma tradição familiar de certo modo, mas não perpetuada por gerações de primos e parceiros. Em resumo, talvez seria melhor nomear como um negócio parental e fraternal do que familiar propriamente.[285]

No exemplo dos Medici, no final da vida de Vieri de Cambio, seus aprendizes e parceiros, incluindo Giovanni de Bicci de Medici e o irmão Francesco, o sobrinho, Antonio de Messer Giovanni e dois primos distantes, dissolveram sua parceria. Eles buscaram seus próprios negócios. Giovanni emergiu desse processo como o mais bem-sucedido, o que despertou nosso interesse de estudo. Enquanto isso, os demais enfrentaram o infortúnio de falir em um curto período de tempo. Dessa forma, uma única empresa fragmentou-se em quatro distintas, que não apenas deixaram de manter vínculos familiares como também começaram a competir diretamente entre si nas cidades de Roma e Florença.[286]

O Banco Medici foi a exceção, não a regra. Sua continuidade por quatro gerações – Giovanni de Bicci de Medici, Cosimo, seu filho Piero e seu neto Lorenzo – é uma longevidade atípica na história das empresas florentinas. Contribuiu de maneira significativa para essa continuidade o poder político que a família Medici conseguiu consolidar,

---

[284] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.7 et seq.
[285] CIPOLLA, Carlo M. Il fiorino e il quattrino: La politica monetaria a Firenze nel Trecento. Il Mulino, 2013, P.28-31.
[286] GOLDTHWAITE, op. cit., p.7 et seq.

desempenhando um papel crucial na preservação do legado e na garantia de sua prosperidade ao longo das gerações. Ademais, a ascensão e a manutenção da riqueza da família Medici ao longo dessas gerações foram possibilitadas por um enriquecimento extraordinariamente rápido nos primeiros anos, estabelecendo uma base sólida para o seu domínio.

Após o falecimento de Giovanni, seus filhos mantiveram a unidade familiar em seus empreendimentos. Cosimo, por sua vez, teve dois filhos, mas a trágica perda de um deles antes de sua própria morte resultou na concentração da herança nas mãos de Piero, seu outro filho. Piero também teve dois filhos, mas a conjuração dos Pazzi, culminando no assassinato de seu filho mais novo que era solteiro, atuou mais uma vez como um mecanismo involuntário para evitar a fragmentação do patrimônio familiar. Este encadeamento de eventos, marcado tanto por escolhas familiares quanto por circunstâncias trágicas, contribuiu para a preservação e a consolidação da riqueza e do poder dos Medici ao longo das gerações.

A outra linha familiar, criada pelo irmão de Cosimo, foi mantida próxima à família após a morte prematura de Lorenzo em 1440. Seu filho, acolhido por Cosimo, foi integrado aos negócios da família e tornou-se formalmente parceiro ao atingir a maturidade. Embora tenha havido certas tensões entre Lorenzo e seu primo após a morte do avô, a prematura morte do primo em 1476, mais uma vez por um golpe do destino, preveniu uma possível divisão do patrimônio. Em suma, eventualidades do destino desempenharam, no caso da família Medici, um significativo papel no mantimento da fortuna e negócio familiar. [287]

Essa estrutura, ou a falta dessa estrutura familiar nas demais empresas florentinas, assegurou os Medici como uma excepcionalidade. A interrupção na continuidade familiar frequentemente levava a restrições de recursos, algo que, em grande medida, os Medici conseguiram evitar ao longo de sua história.

Porém, o início do declínio tornou-se aparente após o falecimento de Cosimo. Esse fenômeno foi, por vezes, atribuído às adversidades econômicas globais. No entanto, é simplista restringir a explicação a esses fatores, uma vez que crises e surtos de peste bubônica não foram eventos isolados, mas sim recorrentes ao longo do século. Assim, essa justificativa se mostra superficial, considerando que o contexto econômico da época foi marcado por várias intercorrências.

Após o falecimento de Cosimo, a liderança passou para seu filho Piero, cuja saúde debilitada limitava sua capacidade de governança. A situação agravou-se sob a gestão de seu neto, Lorenzo, cuja liderança facilitou uma maior autonomia operacional. Essa liberdade

---

[287] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.10 et seq.

resultou em especulações financeiras arriscadas por parte dos gerentes, que, na ausência de supervisão adequada, conduziram a sequências de prejuízos.[288]

Por uma infeliz escolha, Lorenzo, que nunca foi um hábil empreendedor, confiou na gerência de Francesco Sassetti, um homem extremamente inconsequente na sua gestão. Falhando em manter a harmonia da organização do Banco, permitiu que os gerentes dos ramos obtivessem muita independência e pouco controle, falhando em apontar atividades fraudulentas.

A filial Londrina encerrou suas atividades em 1473, em decorrência da redução na importação de lã inglesa, e suas operações foram transferidas para a filial de Bruges. Esta herdou as dívidas da filial londrina e enfrentou sérias adversidades em sequência. Inicialmente, sofreu o roubo de cargas valiosas. Posteriormente, o diretor da matriz tomou decisões egoístas que envolveram empréstimos excessivos a Carlos, o Temerário. Os montantes emprestados excederam em muito os autorizados e foram irrecuperáveis após a morte do duque, em 1477, além de envolver empréstimos a seus herdeiros e um arriscado investimento em uma expedição à Guiné, todos sem o consentimento de Lorenzo. Irremediavelmente, a filial encontrou seu fim em 1480.[289]

As coisas não foram muito melhores nas demais, pois a filial de Milão foi fechada em 1478, enquanto a de Veneza encerrou suas atividades em 1480. Em Lyon, o gerente era *Lionetto dei Rossi*, cunhado de Lorenzo, cuja administração resultou em perdas significativas. Foi descoberto que Rossi enviava relatórios financeiros divergentes para Lorenzo e para o diretor geral, prática que contrastava com a administração rigorosa de Cosimo.

A situação escalou ao ponto de Rossi emitir letras de câmbio para outras filiais, especialmente para Roma, em uma tentativa de ocultar os déficits financeiros. Obrigado a retornar a Florença para esclarecimentos, é preso e a filial fechada pouco tempo depois. Numa evidente decadência e crise financeira, os Medici passam a liquidar o que restava das agências e tornam-se sócios minoritários de muitas delas, que foram reestruturadas sem carregar o nome Medici.[290]

Retornemos a um ponto importante. Uma vez demonstrada a grandiosidade do alume no item anterior, é nítido que a retirada do cargo do Banco Medici como depositário da Cúria desfere um golpe considerável aos lucros e estruturação dos negócios. A conjunção do monopólio sobre o alume com a posição da filial de Roma como a mais lucrativa,

---

[288] GUTKIND, Curt S. Cosimo de Medici – Pater Patriae 1389-1464. Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938, p.195.
[289] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.126 et seq.
[290] Ibidem. p.127 et seq.

frequentemente encarregada de equilibrar os déficits de outras filiais, destaca a gravidade desse golpe. A perda dessa posição não apenas diminuiu significativamente uma fonte de receita crítica, mas também abalou a estabilidade financeira do banco, precipitando assim um declínio em sua fortuna e influência.

Nesse contexto, Lorenzo foi acusado, em diversas ocasiões, de recorrer aos cofres públicos do Estado por socorro a negócios infrutíferos e danosos ao Banco Medici, diferindo significativamente de seu avô Cosimo em termos de gestão financeira, tanto pessoal quanto pública. Enquanto Cosimo era conhecido por sua prudência e pela utilização de seus próprios recursos para auxiliar tanto o banco quanto seus concidadãos, sempre mantendo a imagem de um simples cidadão a serviço da República, Lorenzo adotou uma abordagem mais temerária.[291] Larivaille nos elucida:

> Após a morte de Benci, em 1455, e sobretudo depois da de Cosimo, em 1464, esboça-se lentamente um declínio que a incompetência e a negligência dos sucessores de ambos tornarão irremediável. Piero e Lourenço, o Magnífico, filho e neto de Cosimo, não receberam, nem o primeiro nem o segundo, uma formação comercial; e Francesco Sassetti, convocado para a direção geral a partir de 1458, e que será o homem de confiança de Piero e depois de Lourenço, não terá nem a lucidez minuciosa de seu predecessor nem a autoridade necessária para impor seus conselhos aos Medici e conservar o respeito dos diretores de filiais, cada vez menos disciplinados.[292]

Não se pode minimizar o fato que Lorenzo teve uma série de infortúnios durante sua gestão, mas é evidente que sua falta de interesse em administrar os negócios o encaminharam para seu fim. Quando se deteve a gerir os negócios com mais atenção, em 1478-1479, os problemas já eram tamanhos que era tarde para correção, restando apenas a liquidação para que pudesse salvar o maior número de capitais possíveis.

Portanto, findou-se o banco que faliu após as más decisões de negócios, como a concessão de empréstimos arriscados que não foram recuperados, a perda dos lucrativos depósitos papais e a autonomia excessiva permitida às filiais. Aliadas a uma conjuntura econômica adversa, pavimentaram o caminho para o declínio inevitável do banco, com fechamentos e redução dos ramos. Ao final, somente as filiais de Florença e Roma permaneciam em 1492, ano da morte de Lorenzo de Medici, e a declaração formal de falência ocorreu em 1494.

Mesmo que os Medici tenham falido com uma longevidade de noventa e sete anos desde sua criação, o Banco Medici não foi o último nem o primeiro desse processo. Os

[291] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.123 et seq.
[292] LARIVALLE, 1988, p.122.

italianos continuaram a ser, nos séculos seguintes, as grandes casas bancárias de toda a Europa. A sofisticação dos mecanismos criados na península garantiram seu predomínio. Os Medici, mais especificamente, exploraram a fortuna da Cúria e, após sua perda, seu posto foi preenchido pelos genoveses, que retomaram o passo como depositários papais e arrendatários das minas de alume.[293]

Desta forma, os Medici usaram o poder político como mecanismo de obter mais influência no setor bancário? Aparentemente, não o fizeram. A premissa se dá no inverso, na utilização dos meios financeiros para ganho de poder político.[294] E nossa discussão não os põe em nível de igualdade com os demais bancos da época, de modo algum. Visto a proeminência política da família, era uma companhia excepcional. Por mais que não tenha dominado o mercado bancário, foi a empresa mais extensa que se tem registros no período, de maior longevidade e que respaldou uma das famílias mais poderosas daquele momento.

Segundo o autor Goldthwaite, há uma questão de interesse. Banqueiros emprestavam, a juros altíssimos, fundos para a república, majoritariamente, em tempos de guerra. Essa estratégia, adotada por banqueiros de várias gestões, buscava lucros imediatos, com juros que podiam variar entre 20% e 30%, um ônus que a república compensava através do aumento de tributos.

Contudo, é notório que, mesmo liderando a frente desses empréstimos, o Banco Medici, sob a administração de Cosimo em seu período de maior influência, não obtinha retornos tão exorbitantes quanto os citados acima. Possivelmente porque não visava essencialmente os altos retornos financeiros sugeridos por essas taxas. Em vez disso, Cosimo tinha como foco principal a expansão de sua influência política entre a elite,[295] optando por uma abordagem que evitava a percepção de exploração nos empréstimos concedidos. Tal postura não somente alinhava-se com uma estratégia de consolidação do poder, mas também contribuía para a manutenção de boas relações dentro da elite e entre a população, evitando o desgaste que altas taxas de juro poderiam provocar.

Além disso, a política internacional foi um tema que se tornou intrinsecamente ligado ao poder local de Florença. Os Medici, assim como os demais banqueiros, conduziram

---

[293] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.130-136 passim.

[294]Segundo Dubreton "Discutiu-se muito a ditadura dos Medicis, que veio modificar profundamente a vida quotidiana florentina; uns votam esta família à exceção, outros exaltam-na. Reconheçamos objetivamente que ela só podia manter a sua riqueza dispondo do Estado. Lorenzo, filho de Piero, di-lo declaradamente. Assim, para os Medicis, a Senhoria não seria o resultado dum movimento de orgulho, mas duma obrigação, uma necessidade vital [...]" (1979, p.57)

[295] GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. Past & Present, Nº.114, 1987, p.25 et seq.

negócios bancários extremamente lucrativos no câmbio e linhas de créditos aos príncipes e nobres europeus, mas não de modo exorbitante. Em decorrência da aliança papal, o banco serviu com êxito e era intitulado como cobrador de juros e líder nas operações bancárias.

O segredo de seu sucesso residia, principalmente, nas habilidades de gestão financeira e de navegação pelas complexidades do comércio internacional. Essas competências permitiram que expandissem sua influência de maneira significativa, acumulando tanto riqueza quanto prestígio. Dessa forma, eles não apenas se diferenciaram, mas estabeleceram um padrão de atuação que exigia um jogo mais sofisticado e completo do que o praticado pelos seus contemporâneos banqueiros e mercadores.

Os depósitos de Alume em Tolfa são um exemplo claro disso. Logo após sua abertura, em 1460, foram capazes de se tornar parceiros exclusivos da Cúria, sendo o alume um recurso altamente valorizado na época. Utilizaram-se da própria influência espiritual que a Igreja detinha junto a si, objetivando o ganho de mercados em detrimento dos mulçumanos.

3. Capítulo III - O Método no Contexto Físico e Intelectual de Maquiavel

Os sinônimos que remetem a Maquiavel são prolíferos e normalmente associados ao exercício de má-fé. Existe uma percepção disseminada, tanto no senso comum quanto entre intelectuais, de que o maquiavelismo é intrinsicamente prejudicial aos princípios éticos da política. Skinner nos conta uma passagem interessante:

> [...] quando Henry Kissinger expôs sua filosofia numa famosa entrevista publicada no Tlz e New Republic, após tê-lo ouvido discutir seu papel como assessor presidencial, seu entrevistador observou que, "ao escutá-lo, às vezes a gente se pergunta não o quanto o senhor influenciou o presidente dos Estados Unidos, mas o quanto foi influenciado por Maquiavel". Kissinger se mostrou extremamente preocupado em negar tal sugestão. Era ele um maquiavélico? "Não, absolutamente." Não fora ele de alguma forma influenciado por Maquiavel? "Não, de forma alguma." [...][296]

Este exemplo destaca como a propagação de concepções baseadas em interpretações equivocadas ou incompletas das intenções de Maquiavel continua a reverberar. É notório que, mesmo na contemporaneidade, o termo "maquiavélico" é frequentemente mal interpretado e empregado de maneira a justificar condutas reprováveis ou eticamente questionáveis, atribuindo uma conotação negativa ao adjetivo.[297] Segundo José Alves de Freitas Neto, o modo sucinto e incisivo de Maquiavel[298] gerou-lhe problemas de interpretação.

A intitulada "imoralidade" de Maquiavel é, de fato, um dos maiores debates da historiografia posterior, estando muito ligada aos regimes de historicidade do período. Este conceito, formulado por François Hartog, é compreendido aqui como a maneira pela qual os estudos sobre Maquiavel representam uma interação entre passado e presente, reconfigurando, assim, suas interpretações e aplicações.

Portanto, é crucial destacar que seguimos os critérios delineados pela nossa escolha metodológica, o contextualismo linguístico de Skinner, para guiar nossa leitura. Este enfoque nos demanda o esforço de reconstruir o contexto físico da cidade e o contexto intelectual, abrangendo algumas décadas florentinas para além do que foi explorado nos capítulos anteriores. Ao fazê-lo, conforme observa Skinner, ao "restituir Maquiavel ao mundo em que

---

[296] SKINNER, 1988, p.12.

[297] Precisamos nos atentar a distinção de nomenclatura que virá a ser utilizada para se referir a Maquiavel. Maquiavélico é um termo que recaiu no uso coloquial da língua. Debruçando- se sobre tal, encontraremos que se adequa como um adjetivo de alguém indiferente às leis morais. Utilizaremos, portanto, o uso do termo maquiaveliano no que diz respeito às suas teorias.

[298] FREITAS NETO, J.A. A Escrita da Memória: interpretações e análises documentais. São Paulo: ICBS, 2004, p.154 et seq.

suas ideias foram inicialmente formadas", podemos iniciar uma apreciação mais profunda da extraordinária originalidade de seu desafio às concepções morais vigentes em sua época.[299]

No entanto, é importante ressaltar que esse método, desenvolvido na década de 1960 na Escola de Cambridge, foi objeto de amplo debate e crítica por parte da historiografia do pensamento político. Entre os principais expoentes do contextualismo linguístico, destacam-se John Pocock, John Dunn e, de maneira mais proeminente, Quentin Skinner,[300] este último sendo o principal artífice na formulação do método contextualista. É ele quem recebeu o maior volume de críticas, que por extensão afetaram também os outros representantes, devido ao papel central que desempenhou na elaboração do método. No entanto, para uma compreensão abrangente e crítica do contextualismo linguístico, é fundamental que nossos estudos não se limitem apenas aos seus primeiros representantes. Devemos também explorar as críticas levantadas contra o método, o que permitirá uma visão mais completa e matizada dessa abordagem historiográfica.

Na primeira metade do século XX, a história política não ocupava o centro das discussões historiográficas,[301] sendo relegada em grande parte à história econômica e social.[302] No entanto, um movimento na historiografia, conhecido como Nova História Política, surgiu para renovar o interesse nessa área de estudo.[303] Este movimento, que contou com contribuições significativas de importantes historiadores como René Rémond e Jacques Le

---

[299] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.12.

[300] Segundo Amadeu Júnior, "Skinner enfatiza a necessidade da recuperação das "intenções autorais" para a compreensão devida do significado da "ação linguística". Pocock, por outro lado, se preocupa mais com a reconstrução de "paradigmas", "linguagens" e "discursos" políticos que informam o significado de um texto, ao tempo que as intenções autorais possuem caráter derivado, dado que as linguagens funcionam de modo paradigmático, prescrevendo o que o autor deve dizer e como dizer." (2019, p.16)

[301] Segundo Almeida "de 1920 a 1945, o movimento, liderado por Lucien Febvre e Marc Bloch, era mais radical, conduzindo uma guerra contra a historiografia tradicional e a história política. Na segunda fase (1945-1968), iniciada logo após a segunda guerra mundial e dominada pela presença de Fernand Braudel, o movimento viveu seu auge e se aproximou verdadeiramente de uma Escola, com conceitos e métodos diferentes [...] mantendo-se duras críticas a história política. Somente na terceira fase da Escola dos Annales, a partir de 1968, notamos uma fragmentação e nos últimos anos da década de 1970, alguns membros do grupo transferiram-se da história socioeconômica para a sociocultural, enquanto outros redescobriram a história política, como Jacques Le Goff, René Rémond, Jacques Julliard, Roger Chartier, Antoine Prost, Serge Berstein, Jean-Pierre Rioux, entre outros." (2015, p. 356)

[302] ALMEIDA, Dinorah Lopes Rubim. A Narrativa da Nova História Política: Representações dos Subterrâneos da Historiografia.. Anais do V Encontro Internacional, Paris, 2015, p.355.

[303] Segundo Almeida "[...] esse retorno trouxe à tona uma história política renovada, com uma nova roupagem que contrasta com as características que possuía no século XIX, considerada como a história política tradicional: superficial, elitista (minorias) e efêmera (curta duração). A nova história política apresenta-se renovada com novos métodos de análises, novos conceitos e técnicas de pesquisas; ampla (voltada para uma sociedade global, abordando todos os atores e aspectos da vida coletiva); quantitativa (apoderando-se de dados numéricos); e com uma pluralidade de ritmos, abordando acontecimentos de rápida, média, longa e longuíssima duração. Segundo Rémond (2003) após essa renovação, a história política passa a preencher todos os requisitos necessários para ser reabilitada e viver um renascimento." (2015, p. 357)

Goff, propôs uma nova abordagem para analisar os eventos políticos, passando a observar os fatos como

> [...] construções realizadas a partir das disputas de poder entre os diversos agentes políticos, em uma relação que ultrapassa na maior parte das vezes a relação entre dominantes e dominados, contribuição evidente do marxismo oitocentista, e assumem formas mais complexas que envolvem todo o arcabouço cultural das sociedades.[304]

Portanto,

> [...] a noção do político transbordou a dimensão institucional do Estado e passou a incluir o comportamento das massas, as associações civis, a participação e a cidadania, os meios de comunicação, os padrões culturais, as mentalidades, o imaginário, enfim, o poder definido principalmente em suas bases sociais e culturais [...][305]

É nesse cenário, no ano de 1962, que John Pocock começa a formulação do método contextualista, na defesa de que o pensamento político deveria sair do tratamento unicamente filosófico. Sendo assim,

> [...] não se tratava de ignorar as abstrações filosóficas das tradições intelectuais, mas conectar estas a questões menos abstratas, relacionadas mais imediatamente ao comportamento dos agentes. O historiador, ao se familiarizar com as linguagens de discussão em uso em dado contexto e as abstrações que implicavam será capaz de concluir em que linguagem e em que nível de abstração uma controvérsia foi exposta e um pensador desenvolveu suas ideias. Assim, toda uma conexão contextual é estabelecida.[306]

Consecutivo a ele, John Dunn, em 1968, enuncia um conceito de suma importância, e que seria caro a Skinner posteriormente: o de intenção. Dunn argumenta contra a prática de analisar a história das ideias de maneira descontextualizada, distante do pensamento e da intencionalidade do indivíduo. Para ele, o contexto linguístico e intelectual no qual um autor está inserido é fundamental para entender verdadeiramente suas intenções, sejam elas manifestadas através de ações ou de escritos.[307]

Skinner, na sequência, em sua obra clássica *As fundações do pensamento político moderno*, critica o "textualismo", o qual se baseia na releitura de clássicos com o pressuposto

---

[304] GRZYBOWSKI, 2007. p.90
[305] NÉSPOLI, 2015, p.365
[306] AMADEU JÚNIOR, 2019, p.18.
[307] DUNN, John. The Identity of the History of Ideas. Philosophy, Cambridge, v. 43, ed. 134, 1968, p.79-110 passim.

de que esses textos são autônomos em relação ao seu tempo, e, portanto, possuem uma aplicabilidade universal. Ademais, critica as noções transcontexuais, que propõem que os autores podem ser explicados a partir de "grandes ideias" que seriam partilhadas ao longo da história, independentemente do contexto específico de cada autor.[308]

De modo mais claro, tal método, na visão de Skinner, seria responsável pela concepção "ideal" do pensamento de um autor. Contudo, um sistema fechado ou completamente coerente é falho ao negligenciar as evoluções e variações nas concepções desse autor ao longo do tempo. Sem a busca do contexto de escrita e a tentativa de atribuir significâncias ao ler o passado, o historiador estaria atribuindo significâncias a partir do presente, e sendo, assim, anacrônico. Para Skinner, é imperativo resgatar o contexto de criação das obras para acessar de forma mais autêntica e precisa o pensamento do autor, evitando assim leituras que desvirtuem seu trabalho.

A contrapartida que propõe é, então, a história do pensamento. Recompondo o pensamento do agente causador daquilo que buscamos estudar como objeto de estudo histórico, poderíamos de fato compreendê-lo. Skinner defende que, para entender um autor, seria preciso assimilar seu contexto, tanto material quanto intelectual, uma vez que, assim, seríamos capazes de deduzir corretamente a sua intenção ao escrever. [309]

É importante destacar que o método proposto por Skinner não pretende penetrar de forma radical na mente do autor. Em vez disso, ao contextualizar o autor em seu ambiente histórico, cultural e linguístico, busca-se entender as convenções e os discursos sociais que moldam os temas abordados por ele. Assim, é por meio de tal imersão no contexto específico do autor que podemos aproximar-nos do significado e da intenção original de suas obras, utilizando as normas linguísticas e os códigos sociais da época como ferramentas para decifrar o que ele pretendia comunicar.

O método proposto por Skinner, desde sua concepção, na década de 1960, tem sido alvo de uma variedade de críticas. Estas abrangem desde questões epistemológicas até metodológicas, incluindo o emprego de atos linguísticos na análise histórica.

As perspectivas epistemológicas críticas apontam para uma suposta orientação positivista no método de Skinner e ponderam a recomendação do autor para que os historiadores se dediquem aos seus objetos de estudo em seus próprios termos. Essa corrente argumenta contra a premissa de que seria possível abordar o objeto de estudo sem impor a ele

---

[308] SKINNER, Quentin As Fundações do Pensamento Político Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.10 et seq.
[309] Ibidem. loc. cit.

nossas próprias crenças e interpretações. Skinner, por sua vez, ressalta que ao tentarmos analisar nosso objeto de estudo com uma visão objetiva, corremos o risco de negligenciar diversas categorias ou eventos, limitados pela nossa capacidade de compreender e assimilar completamente o objeto.[310]

A crítica intencionalista questiona a possibilidade de reconstruir com precisão a intenção do autor a partir de seu texto, argumentando que a expressão escrita do autor transmite apenas parcialmente suas intenções, deixando de fora aspectos perlocutórios, como elementos não-verbais e gestuais, que são cruciais para a compreensão completa da mensagem. Em suma, "[...] a crítica ao modo intencionalista sugere que este deveria se ater muito mais às crenças substantivas dos autores do que seus desejos e atitudes propostas em atos ilocucionários."[311]

Como defesa, Skinner afirmou que ao ressaltar a necessidade de busca pela intenção do autor, não postulou que este seria o único guia para compreendê-lo. Ele enfatiza a importância de interpretar corretamente os códigos retóricos utilizados nos textos, incluindo o uso da ironia, que é notavelmente presente nos trabalhos de Maquiavel. Assim, Skinner sugere que uma leitura atenta às técnicas empregadas pelo autor pode revelar camadas adicionais de significado e intenção que não são imediatamente evidentes.

3.1. Maquiavel e sua vida cívica em Florença

Em meados de 1469, o atual território da península italiana se subdividia em um mosaico. Neste, existiam cinco grandes Estados: a República de Florença, sob comando Medici, os Estados Pontifícios, o Reino de Nápoles, o Ducado de Milão e a República de Veneza. Os demais poderiam até se intitular "independentes", mas se subjugaram a estes citados.[312]

Como esclarecemos anteriormente, o breve equilíbrio elaborado e mantido por Lorenzo, O Magnífico, se desfez logo após sua morte em 1492. Seu irmão Piero assumiu, entre os anos de 1492 e 1512, a liderança da família. No entanto, Piero enfrentou dificuldades significativas, marcadas principalmente pelo colapso financeiro do banco Medici em 1494. Além disso, sem a habilidade política que caracterizava Lorenzo, Piero recorreu a táticas autoritárias na tentativa de manter o controle, o que acabou por minar o apoio popular à sua

---

[310] AMADEU JUNIOR, Celso Antônio. Revisitando Maquiavel: as interpretações da teoria política do secretário florentino (Séc. XVII a XX). 2019. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2019, p.22 et seq.
[311] AMADEU JÚNIOR, 2019, p.25.
[312] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.9.

liderança.[313] Este período tumultuado culminou com a invasão de Florença por Carlos VIII da França, evento que forçou a expulsão da família Medici da cidade, marcando um capítulo significativo de declínio para a dinastia outrora dominante.[314]

A ascensão de Alexandre VI Borgia ao papado, marcado por sua origem espanhola e ambições notáveis, juntamente com a reacendida rivalidade entre Milão e Nápoles, contribuiu para a desestabilização da península, tornando-a alvo de interesses expansionistas das potências vizinhas, França e Espanha.[315] Essa fragilidade foi rapidamente explorada por Carlos VIII da França, que, em 1494, avançou sobre Nápoles e outras regiões italianas, dando início a um prolongado período de conflitos. Esta série de guerras se estendeu até o Tratado de *Cateau-Cambrésis* em 1559,[316] evidenciando a ausência de uma coesão política nacional que poderia ter servido como fundamento para uma defesa organizada e unificada da península italiana contra as ambições estrangeiras.

Paul Laravaille destaca um contraponto notável à ausência de uma unidade política nacional: havia um profundo sentimento de unidade cultural entre os italianos. Os Alpes, por exemplo, eram reconhecidos como o limite natural do território, denominado unanimemente como Itália. A língua italiana, embora objeto de debates sobre sua exata definição, era percebida como um patrimônio linguístico comum. E mais fundamental, talvez, fosse a percepção partilhada de serem herdeiros do legado do Império Romano.[317] Esses elementos convergiam para uma coesão baseada em um sentimento compartilhado de pertencimento e resistência diante das invasões estrangeiras que marcaram a época. Este era, pois, o pano de fundo no qual Maquiavel desenvolveu suas ideias e observações sobre o poder e a política.

> Maquiavel se encontra nesse conflituoso e complicado cenário, escrevendo em "Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio" culpabilizando a Igreja pela fraqueza italiana. "Jamais país algum viveu unido e próspero se não foi submetido inteiramente, como a França e a Espanha, a um só governo: república ou monarquia. E se a península italiana não chegou a isso e não se encontra igualmente unida sob a autoridade de uma só república ou de um só príncipe, a única responsável é a Igreja."[318]

---

[313] Há uma diferença significativa nesse período. Cosimo se apoiava no povo por apoio popular e dali advinha uma de suas bases de governança, mas no tempo de Piero, o povo passou a se apoiar no monge Girolamo Savonarola, que cresceu em popularidade pregando exatamente contra a tirania dos Medici, a corrupção da cidade e o paganismo.
[314] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.28 et seq.
[315] Ibidem. p.9-14 passim.
[316] Ibidem. loc. cit.
[317] Ibidem. loc. cit.
[318] LARIVALLE, 1979, p.10-11.

Em sua vida privada, seu pai, Bernardo Maquiavel,[319] era um advogado que incentivava muito os estudos humanistas,[320] mantendo vínculos com, por exemplo, Bartolomeo Scala.[321] Essa adoração foi passada a seu filho, que, durante toda sua formação, teve contato com os estudos dos textos clássicos,[322] como Cícero ou a História de Tito Lívio, que mais tarde Maquiavel usou como fonte em sua obra *Discursos*.[323]

À medida que essa crença se difundia na cidade, cada vez mais acreditava-se que estes homens deveriam estar à frente da política.[324] Portanto, a explicação para a conquista da nomeação de Maquiavel, ainda na juventude de seus vinte e nove anos, dá-se pela compreensão dos círculos que sua família mantinha. Mesmo que não fossem ricos ou aristocratas,[325] sempre estavam presentes nos grupos humanistas mais influentes da cidade. [326]

A convicção de que o conhecimento e a erudição capacitavam o indivíduo para servir ao bem público em vez de perseguir apenas interesses privados estava em harmonia com o crescimento de um sentimento cívico e de patriotismo local em Florença. Tal mentalidade estava, em grande medida, ancorada nos mitos fundacionais da cidade, que se via como a legítima herdeira da grandeza de Roma, conforme discutido no primeiro capítulo.[327]

---

[319] Segundo Skinner, "O diário de Bernardo também evidencia que, apesar da enorme despesa que isto envolvia- e que anotava ansiosamente -, ele cuidava de dar a seu filho uma excelente formação nos *studia humanitatis*. A primeira notícia que temos da educação de Maquiavel é de uma data pouco posterior ao seu sétimo aniversário, quando seu pai registra que "meu filhinho Nicolau começou a frequentar mestre Matteo" para o primeiro estágio de sua educação formal, o estudo do latim. Aos doze anos Maquiavel já havia sido promovido para o segundo estágio e passará aos cuidados de um famoso professor, *Paolo da Ronciglione*, que ensinou muitos dos mais ilustres humanistas da geração de Maquiavel. Este novo passo é anotado por Bernardo em seu Diário em 15 de novembro de 1481, quando orgulhosamente anuncia que "Nicolau está agora escrevendo suas próprias composições em latim" - seguindo o método humanista tradicional de imitar os melhores modelos do estilo clássico." (1988, p.17)

[320] Segundo Skinner, "Os humanistas se distinguiam, antes de mais nada, por sua adesão a uma teoria particular sobre o conteúdo adequado de uma educação "verdadeiramente humana". Esperavam que seus discípulos começassem pelo domínio do latim, passando à prática da retórica e à imitação dos melhores estilistas clássicos, para completarem seus estudos com uma cuidadosa leitura de história antiga e de filosofia moral. Também popularizaram a crença já antiga de que esse tipo de formação oferece a melhor preparação para a vida política." (1988, p.15.)

[321] Durante a juventude de nosso autor, Bartolomeo Scala estava na primeira chancelaria, também professor universitário, era escritor humanista e uma de suas obras foi *História dos Florentinos*. Seu sucessor foi Marcello Adriani, que trabalhou junto a Maquiavel. (Skinner, 1988, p.16)

[322] Segundo Brown "A maior familiaridade com os textos clássicos à medida que eram redescobertos e traduzidos incentivou comparações mais detalhadas com a estrutura e as constituições das cidades antigas." (1991, p.96)

[323] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.16 et seq.

[324] Convém nos recordarmos de algo. O Estado que Maquiavel contemplou e participou tinha como cidadãos, que eram permitidos integrar o governo em si, o montante de três mil e duzentas pessoas em 1494. Essa classe social significava pouco mais de três por cento de uma população com mais de noventa mil almas. Portanto, a parcela excluída de participação política é enorme e não configura propriamente algo de domínio popular. Essa realidade não situava apenas Florença. Assim como ela, as demais cidades da península italiana se encontravam numa disparidade de participação política e sua quantidade de residentes.

[325] Sua família tinha poucas posses. (García, 1990, p.17 (prólogo))

[326] SKINNER, op. cit., p.16 et seq.

[327] ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. Como ler Maquiavel. 1ª. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2021, p.5-20 passim.

Em seus estudos universitários, frequentou a Universidade de Florença sob a tutela de Marcello Adriani. Esse detalhe é fundamental para entender a nomeação de Maquiavel como Segundo Secretário da Chancelaria em 1498, pois Adriani ocupava o posto de Primeiro Chanceler na época.[328] Maquiavel assumiu o cargo de segundo secretário da chancelaria da república em 1502, posição essa que seguia um processo seletivo tradicional, exigindo de seus candidatos não apenas competências diplomáticas, mas também um conhecimento profundo das disciplinas humanísticas.[329] Nesse momento, Piero Soderini, um aristocrata que cultivou popularidade nesses momentos turbulentos, foi eleito *gonfaloniere* vitalício, e, em grande medida, estabilizou a república por uma década.[330]

A função ocupada por Maquiavel, estabelecida em 1437, destinava-se a gerenciar a comunicação e correspondência entre Florença e seus territórios. Contudo, devido à natureza proativa de Maquiavel em envolver-se nas questões estatais, ele em pouco tempo expandiu seu escopo de trabalho para incluir atividades junto ao Comitê dos Dez da Guerra, incumbido das relações diplomáticas com as demais cidades e reinos. [331]

A primeira missão diplomática de Maquiavel, em 1500, levou-o à corte de Luís XII na França, abordando a questão da cidade de Pisa, que se rebelara contra o domínio florentino em 1496. A França havia inicialmente concordado em auxiliar Florença a recuperar o controle sobre Pisa. No entanto, dificuldades como a perda de mercenários e o aumento de desertores culminaram no abandono dos planos de ataque, refletindo as complexidades e imprevistos inerentes às negociações e estratégias militares da época.[332]

Essa viagem, que durou seis meses, ensinou-lhe muito sobre a política francesa e os erros das cidades italianas. Em primeiro lugar, observou como o modelo governamental de sua cidade era visto como instável e incapaz. Segundo Skinner,

> Maquiavel levou profundamente a seno a primeira dessas lições. Seus escritos políticos da maturidade estão cheios de advertências sobre a loucura de se entregar à protelação, o perigo de parecer irresoluto, a necessidade de agir de modo rápido e destemido, tanto na guerra, quanto na política. Mas pareceu-lhe claramente impossível aceitar a outra implicação, de que poderia não haver um futuro para as cidades-estados italianas. Continuou a teorizar sobre sua organização militar e política, partindo do pressuposto de que elas ainda eram genuinamente capazes de recuperar e manter sua independência, embora o período em que viveu assistisse à sua subordinação final e

---

[328] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.14-18.
[329] Ibidem. loc. cit.
[330] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.31 et seq.
[331] SKINNER, op.cit., p.14-19 passim.
[332] SKINNER, op.cit., loc. cit.

> inexorável às forças imensamente superiores da França, Alemanha e Espanha.[333]

Quando retornou a Florença em 1500, assuntos familiares demandavam sua atenção, como a morte recente de sua irmã e o novo interesse amoroso de Maquiavel, Marietta Corsini. Este período marcou uma fase mais tranquila e pessoal em sua vida. Ele se casou com Marietta e juntos tiveram seis filhos, mergulhando na vida familiar. Em sua vida privada, é descrito como um bom homem e de fácil relacionamento cotidianamente, independente da classe social,[334] característica essencial a seu posto diplomático.

Em meio a tantas missões diplomáticas, destaca-se a missão do ano de 1502. O recém nomeado duque da Romanha, César Bórgia, era ninguém menos que o filho do então papa Alexandre VI. Ele havia começado uma campanha de conquista e expansão de territórios, na qual apoderou-se de Faenza e ainda visava o ducado de Urbino.[335] É neste momento que incursa em busca de uma aliança com Florença, representada por seu mensageiro, Nicolau Maquiavel. Essa missão estendeu-se por um período de quatro meses, durante o qual Maquiavel desenvolveu uma profunda admiração pela liderança de Bórgia, chegando a afirmar que este representava uma figura de poder emergente. Entre suas características distintivas estava seu modo corajoso, expressivo e inteligente, o que auxiliava a alcançar seus objetivos, teorizando com discrição e de modo eficiente. Mas, embora admirasse as qualidades citadas acima, Maquiavel incomodou-se com a autoconfiança completa do duque, que se baseava cegamente na sua Fortuna, razão de sua posterior queda.[336]

É de suma importância que nos atentemos ao fato de que, com essas missões diplomáticas, Maquiavel pôde inserir-se em seu ponto de maior interesse: a arte de proceder os negócios do Estado. Esses ensinamentos, posteriormente, quando se veria forçado a afastar-se da vida do Estado, ocupariam as páginas de sua teoria política.

Com a morte de Alexandre VI e a eleição de Júlio II, Maquiavel foi despachado para Roma para averiguar a luta que se iniciava entre o novo papa e César Bórgia. As inimizades partiam de uma tensa relação que o novo papa tinha com o pai de Bórgia, o qual o forçou a viver em exílio por uma década. Pelo fato de Maquiavel observar que o duque continuava confiando cegamente em sua Fortuna, viu-o perder as rédeas de seu exército, de seu poderio e avisou a Florença, em novembro de 1503, que não precisavam mais temê-lo.[337]

---

[333] SKINNER, 1988, p.21.
[334] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.21-28 passim.
[335] Ibidem. loc. cit.
[336] Ibidem. loc. cit.
[337] Ibidem. loc. cit.

Em missões à corte papal entre 1506 e 1510, o secretário se deleitou na observação da governança do papa. Seu modo hostil e agressivo de reconquista dos territórios perdidos foi seguido pelo novo objetivo de expulsar os franceses dos territórios italianos. Esse objetivo colocava os florentinos em uma delicada posição, e o diplomata seguia tentando preservar a neutralidade da cidade em eventuais conflitos. O amedrontamento de Maquiavel em relação aos planos audaciosos e decididos do papa não passou despercebido em seus relatos[338], pois, mesmo que fossem planos impetuosos, Júlio havia tido a recorrente Fortuna que poderia prejudicar Florença. Em seus relatos, considerou desfavorável seu modo de governança política.

Nas missões diplomáticas à corte de Maximiliano, imperador do Sacro Império Romano, Maquiavel teve a oportunidade de avaliar o líder sob uma ótica crítica. Percebeu que Maximiliano apresentava uma governança marcada por inaptidão, destacando-se seu descaso constante e uma suscetibilidade à influência externa notável. A falta de autoconfiança do imperador contribuía para um governo repleto de instabilidades e permeado por uma atmosfera de desconfiança.[339]

Quando veio a refletir sobre seu tempo de aprendizado junto aos governantes, Skinner nos demonstra que Maquiavel conclui um diagnóstico que poderia justificar o insucesso de todos eles: a incapacidade de flexibilização de acordo com as mudanças das circunstâncias. Em suma, "[...] O que todos se recusavam a reconhecer era que teriam tido muito maior êxito se tivessem procurado acomodar suas personalidades às exigências dos tempos, ao invés de tentarem remodelar os tempos segundo o molde de suas personalidades."[340]

É importante esclarecer que, ao analisar diversas formas de governo, Maquiavel não via todas as lideranças como inequivocamente falhas ou desacertadas. Em vários momentos de seus escritos, é perceptível que ele nutria admiração pela habilidade com que certos governantes solucionavam problemas.[341] Esses exemplos de eficácia administrativa não

---

[338] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.26 et seq.
[339] Ibidem. p.29 et seq.
[340] SKINNER, 1988, 31-32.
[341] Segundo Skinner, "Um desses momentos ocorreu em 1503, durante o prolongado duelo de astúcias travado entre César Bórgia e o papa. Fascinado, Maquiavel esperou para ver como Júlio enfrentaria o dilema criado pela presença do duque na corte papal. Como lembrava aos Dez da Guerra, "o ódio que sua santidade sempre sentiu" por Bórgia "é bem conhecido', mas isto pouco altera o fato de que Bórgia lhe foi mais útil do que qualquer outra pessoa" para garantir sua eleição, em virtude do que "ele fez ao duque uma série de grandes promessas" (L 599). O problema parecia insolúvel: como poderia Júlio esperar conseguir qualquer liberdade de ação sem, ao mesmo tempo, violar o solene penhor de sua palavra? [...] Como Maquiavel rapidamente descobriu, a resposta veio em duas etapas, de desarmante simplicidade. Antes da sua coroação, Júlio teve o cuidado de salientar que " sendo um homem de considerável boa-fé", deveria necessariamente continuar em contato" com Bórgia "para manter sua palavra com ele empenhada" (L 613, 621). Mas tão logo se sentiu seguro, imediatamente renegou todas as suas promessas. Não só negou ao duque seu título e suas tropas como, além do mais, o prendeu encarcerando-o no palácio papal. Maquiavel mal pode esconder seu espanto, bem como sua admiração, diante do golpe. "Vejam

apenas capturavam sua atenção, mas também desempenhavam um papel significativo no desenvolvimento de suas teorias sobre liderança.

Essas observações detalhadas sobre a governança foram fundamentais para Maquiavel para que desenvolvesse suas teorias acerca das condutas dos governantes, teorias estas meticulosamente organizadas em suas obras *O Príncipe* e *Discursos*. Nestes textos, ele deduz que os líderes poderiam alcançar maior sucesso em seus empreendimentos se possuíssem a capacidade de identificar o momento apropriado para agir e se mantivessem capazes de moderar suas inclinações pessoais.

Quando Júlio formalizou a Santa Aliança com a Espanha, em 1511, ele assegurou o suporte militar espanhol que chegou à península italiana em 1512. Essas forças conseguiram deter o avanço francês e, subsequentemente, direcionaram suas atenções para Florença. Devido à não declaração de apoio ao papa por conta de sua aliança com a França, o governo de Soderini foi deposto, e os Medici foram reinstalados no poder. Maquiavel, cuja posição estava diretamente ligada ao regime anterior, perdeu seu posto e foi submetido à tortura sob acusação de conspiração.[342]

Enquanto os Medici retomavam o controle de Florença, Giovanni, membro da família, ascendeu ao papado como Leão X, marcando a primeira vez que um florentino alcançava tal posição. Prudentemente, Lorenzo, neto do Magnífico, conduziu uma política mais cautelosa e observadora do funcionamento do Estado. Ele fez escolhas estratégicas ao selecionar nobres e aliados para apoiar a família Medici, ao mesmo tempo em que se empenhava em manter sua popularidade entre o povo. Apesar de sua crescente ambição, que o levou a autoproclamar-se capitão-geral da República, Lorenzo faleceu prematuramente em 1519.[343]

O governo Medici continuou com o cardeal Giulio de Medici, mas enfrentou um revés significativo com o saque de Roma em 1527. Este evento marcou o início de um período de instabilidade, culminando na queda do governo Medici em 1532, um padrão que se repetiria nos anos seguintes. O que nos interessa, neste ponto, é que Maquiavel viveria até 1528, testemunhando sua adorada Florença mergulhar repetidas vezes em conflitos e turbulências políticas.

---

agora", exclama, "quão honradamente este papa começa a pagar suas dívidas: simplesmente as riscas, cancelando-as desse modo". Nem por isso alguém considera, acrescenta ele de maneira significativa, que o papado caiu em desonra; ao contrário, "todos continuam com o mesmo entusiasmo a abençoar as mãos do papa”.” (1988, p.33-34)

[342] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.35 et seq.

[343] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.31-34 passim.

Relembremos um fato importante. Em seu livro *O Príncipe*, Maquiavel expressa sua clara preocupação com o conjunto italiano, destacando sua falta de um exército próprio e a vulnerabilidade às influências e ataques das potências europeias em ascensão. Ele argumenta que, dadas essas circunstâncias, seria crucial para a península italiana ter um príncipe unificador, e dedica suas recomendações a Lorenzo, neto do Magnífico. Entre essas recomendações, está a necessidade de formar um exército próprio, recrutando soldados entre seus próprios súditos.[344] Maquiavel tentou implementar essa estratégia em Florença em 1506, durante seu período na segunda chancelaria, mas enfrentou dificuldades e não obteve grande sucesso.

É evidente que, no centro desse processo de reconquista de poder, Maquiavel não estava do lado vitorioso. Porém, em um golpe da fortuna, devido às comemorações ao novo papado, Maquiavel encontrou-se beneficiado por uma anistia concedida pela república, permitindo-lhe exilar-se em sua vila.[345] Foi em *San Casciano*, uma modesta vila nas redondezas de Florença, que habitou após a queda da República. Somente anos mais tarde, com a intercessão do papa Leão X e o encargo conferido pelo Cardeal Giulio de Medici de redigir a História de Florença, Maquiavel conseguiu a anistia para retornar à sua cidade natal. Este episódio ilustra os vínculos estreitos e complexos entre Maquiavel e os Medici.[346]

As tentativas de retorno a Florença após sua expulsão com o retorno Medici não foram poucas. No decorrer dos anos em exílio, escreveu inúmeras cartas de conselhos políticos ao papa Leão X, compondo sua defesa aos ocorridos. Dedicou trabalhos a Giulio de Medici e, após sua doença e morte, ao sobrinho ambicioso do papa, Lorenzo de Medici.[347] Este último, um jovem líder da família Medici, seria o destinatário de *O príncipe*, uma obra na qual Maquiavel depositava a esperança de ser chamado para consultoria sobre assuntos de Estado ou, até mesmo, ser reconduzido a um cargo governamental.[348]

Para efeito imediato, estes esforços não resultaram em retornos frutíferos para o estudioso, mas passou a integrar as esferas de discussões políticas que rodeavam os círculos Medici. Sua fidelidade a seus princípios e ideias não conferiram a ele os cargos políticos que aspirava, mas o rendeu a encomenda da sua grandiosíssima obra final, *História de Florença*.

---

[344] É evidente que sua teoria teve certas falhas ao defender que a infantaria deveria ser composta pelos camponeses e pelo povo, enquanto os líderes, generais e cavaleiros, seriam os mais abastados entre os burgueses e nobres. Além de que o recrutamento era forçado em vez de voluntário, esses homens, já excluídos de participação política, eram estranhos a um bem comum que não os incluíam.
[345] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.39 et seq.
[346] ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. Como ler Maquiavel. 1ª. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2021, p.6-25 passim.
[347] LARIVALLE, Paul. A Itália no Tempo de Maquiavel. São Paulo: Companhia das Letras, 1979, p.154 et seq.
[348] Ibidem. p.154 et seq.

Situado nesse contexto de fragmentação territorial italiana, Maquiavel argumentava que tal cenário era responsável pelo embargo do desenvolvimento pleno da Itália, defendendo a unificação do território, assim como ocorrera em outros países europeus, como Inglaterra, França e Portugal. Interiormente, aspirava tomar parte no processo político de unificação da Itália.[349] Todavia, contemplou-nos com sua extensa contribuição principalmente no campo intelectual durante seu exílio.[350]

Quando Maquiavel finalmente obteve a encomenda de *História de Florença* e acreditava ser possível o retorno à cidade, Francisco I da Espanha entrou no território italiano tentando recuperar as terras perdidas. Carlos V da França, então, enviou tropas de resposta. No entanto, as tropas francesas, carentes de treinamento adequado, avançaram sobre Roma. A queda da cidade e a fuga do papa resultaram na perda de apoio papal para os Medici em Florença, levando à sua queda em maio de 1527. Uma nova república foi então restaurada, e os Medici foram exilados mais uma vez.

Entretanto, por mais que Maquiavel simpatizasse com um governo republicano, as ligações com os Medici o condenaram novamente à perda de posição. Ele faleceu em meados de junho daquele ano, testemunhando o contínuo fluxo de turbulências políticas que caracterizaram a história de Florença e da península italiana na época.[351]

3.2. Contexto Intelectual e Concepções Maquiavelianas

Devemos lembrar que a bibliografia sobre o tema é muito extensa e seria uma tarefa árdua vislumbrá-la completamente. Portanto, torna-se necessário que, antes de propor tal contribuição, vejamos quais as principais linhas interpretativas. Lembremos, ainda, que o objetivo de nossa pesquisa se pauta na proposta de um novo uso interpretativo do processo Medici a partir da ótica de Maquiavel.

Este estudo foi composto com a pesquisa dos autores mais citados no tema e as teorias mais retomadas a cada leitura. Entretanto, iremos nos restringir às interpretações que são caras ao nosso tema: a ascensão Medici, o poder e as políticas florentinas e europeias.

Primeiramente, Skinner, ao escrever sobre o florentino, buscou formular sua interpretação histórica a partir da identificação do contexto intelectual para a compreensão de suas teses. Além disso, apropriou-se do debate já existente sobre o autor.

---

[349] Segundo Amadeu Júnior, "Maquiavel está inserido em um momento muito específico da história, um novo tempo, o tempo do Humanismo Cívico, o qual está envolto por uma visão que valoriza a estabilidade republicana na história e tem como sua grande questão saber se a vita civilis" (2019, p.14)

[350] ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. Como ler Maquiavel. 1ª. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2021, p.6-25 passim.

[351] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.130 et seq.

Dito isso, já abordamos o contexto de Maquiavel em sua vida cívica em Florença. Adiante, iremos ao campo intelectual, o Humanismo. Abordaremos suas percepções políticas e conceitos desenvolvidos, assim como as interpretações atribuídas a ele.

3.2.1. O Humanismo e sua Contribuição na Visão de Maquiavel

Entende-se que, no período renascentista, seus integrantes criaram uma consciência sobre si como pertencentes a um movimento de "recuperação" da história e dos ensinamentos clássicos. Essa percepção, inspirada pelos ensinamentos de pensadores como Cícero e Aristóteles, fundamentava-se na ideia de um ciclo contínuo da trajetória humana, onde os conhecimentos e experiências do passado ofereciam lições valiosas para o presente. O estudo das consideradas disciplinas clássicas aparece, então, como um caminho de ensinamento à vida pública.[352]

Assim sendo, a tradição clássica aqui entendida é, primeiramente, referente à retórica e sua pertinência à esfera política da vida republicana. Nessa conjuntura, esses homens retornaram a nomes como Cícero para contemplar a noção de *vita activa*, responsável por recuperar a tão exaltada República Romana. Adjacente a esses valores, elevam-se as preocupações com a manutenção da liberdade.[353]

É nos séculos XIV e XV que toma forma em Florença a valoração dessa "*vita activa*" face à "*vita* contemplativa".[354] Tal transformação foi significativa e moldou a forma como os indivíduos encaravam sua participação na esfera cívica,[355] instigando uma nova ética que se espalhou por toda a península italiana. Esta ética era impregnada de um fervor patriótico vinculado ao amor pela terra natal, divergindo da noção posterior de Estado-nação, que se

---

[352] SKINNER, Quentin As Fundações do Pensamento Político Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.129 et seq.

[353] AMADEU JUNIOR, Celso Antônio. Revisitando Maquiavel: as interpretações da teoria política do secretário florentino (Séc. XVII a XX). 2019. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2019, p.32.

[354] De acordo com Amadeu Júnior, "A *Vita civilis* pode ser entendida como uma nova abordagem ética que se vulgariza na passagem entre os séculos XIV e XV, primeiramente em Florença, posteriormente em toda a península Itálica, cuja mudança se dá pela valorização da *Vita activa* frente à *Vita* contemplativa. *Vita activa*, por sua vez, é um termo cunhado pelos pensadores clássicos, presente em documentos ciceronianos, que caracteriza o comportamento humano que seria esperado nas repúblicas, ou seja, com ativa participação nas decisões políticas da cidade, na defesa da sua liberdade contra as investidas imperiais e na manutenção de seu autogoverno. *Vita* contemplativa seria o oposto, ou seja, recolher-se aos estudos e a si mesmo, mantendo-se distante das questões políticas, muitas vezes vistas inclusive como indignas para um sábio [...]" (2019, p.14)

[355] A filosofia humanista acreditava que os homens eram os mesmos independente do tempo, ou melhor explicando, suas características e desejos. Assim, se estudássemos os feitos do passado, saberíamos como aplicar o conhecimento no tempo presente a partir da semelhança de eventos. (SKINNER, 1988, p.83)

consolidaria apenas no século XVIII.[356] Os dois eixos, de caráter humanista e patriota, são assíduos e basilares quando retornamos a Maquiavel.

No contexto do *quattrocento,* Atticus de G. Pontano (1429-1503), segundo Bignotto, desempenhou um papel crucial ao evidenciar para a historiografia de sua época a relevância educativa da história. Ele argumentava que a história não servia apenas como uma narrativa de eventos passados, mas, crucialmente, como uma ferramenta interpretativa para compreender a realidade política e filosofia moral.[357] Assim, os relatos históricos que produzia deveriam conter ensinamentos da vida moral, indo além da simples descrição de acontecimentos. Este enfoque ecoa nas práticas de figuras emblemáticas da antiguidade, como Cícero e Tito Lívio,[358] ao mesmo tempo que incorpora e reflete as transformações na historiografia que estavam em curso em sua época. [359]

A cultura historiográfica da Idade Média fundamentava-se no uso das crônicas e se tornou bastante difundida, com um senso de organização da perspectiva temporal. Dotado de uma postura crítica, o novo modelo historiográfico passou a distinguir-se das crônicas medievais e adquiriu um elemento mais útil de aprendizagem e informação.[360] Essa mudança foi o primeiro motor para uma maior sensibilidade ao anacronismo, em uma crescente preocupação com o modo funcional do passado em si.[361]

Em meados do século XV, já havia três modelos estabelecidos. Para a escrita de uma história contemporânea, Júlio César. Para a história das instituições, Tito Lívio. Por fim, para a história de campanhas, Salústio. Assim, baseado em autores clássicos, como Cícero, o estilo dos historiadores deveria moldar-se, auxiliado por recursos literários, promovendo um resultado educativo sobre seu leitor. Desse modo, despertaria a atenção para a importância que o passado possuía sobre o presente. [362]

---

[356] ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. Como ler Maquiavel. 1ª. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2021, p.32 et seq.
[357] BIGNOTTO, Newton. Maquiavel Historiador. Florestan Fernandes, São Paulo, n. 29, 1996, p.184.
[358] Segundo Borges Neto, "Eram figuras importantes como representantes da historiografia humanista, Cícero e Tito Lívio eram modelos na forma e maneira narrativa de contar os fatos, como tudo o que se poderia apreender com eles, daí a justificativa da colocação inicial que Maquiavel, recorre aos historiadores do passado para desenvolver seu trabalho." (2016, p.6)
[359] BIGNOTTO, op. cit, loc. cit.
[360] A narrativa que os cronistas produziam não distinguia entre fatos ou lendas, sendo sua finalidade de moral ou entretenimento, não se atentando às relações causais. O modelo historiográfico que tomou forma no renascimento retomou em conteúdo e forma os padrões da antiguidade. (ARANOVICH, 2007, p.144-148)
[361] HALE. John R. Dicionário do Renascimento Italiano. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1988, p.183-190 passim.
[362] Ibidem. p.183-190 passim.

Nessa linha de trabalho, Leonardo Bruni (1370-1444)[363] é citado por Bignotto como um dos precursores específicos no contexto florentino. Ele foi responsável por escrever uma história de Florença que ultrapassa uma narrativa meramente educativa, à medida que procurou conectá-la a suas reflexões teóricas. Ele introduz o conceito de liberdade como elemento central, argumentando que a compreensão da formação e desenvolvimento de Florença requer uma análise cuidadosa de eventos passados em relação à liberdade e às instituições da cidade. Esta perspectiva o levou, em alguns casos, a adaptar dados ou formular interpretações sobre as origens de Florença que foram posteriormente questionadas por Maquiavel por sua precisão. No entanto, a conexão estabelecida por Bruni entre filosofia política e história abriu caminhos que se mostraram fundamentais para o próprio Maquiavel, enriquecendo a reflexão sobre o papel da liberdade e das instituições na configuração da vida política da cidade.[364]

Essa herança clássica demonstrava a figuração do historiador a partir da proposição de um sujeito capaz de discernir sobre a escrita e a verdade dos fatos. O historiador deveria ser excepcional e superior aos acontecimentos, o que o tornaria qualificado a escrever.[365] A filosofia humanista acreditava que os homens eram os mesmos independente do tempo, ou melhor explicando, suas características e desejos. Assim, se estudássemos os feitos do passado, saberíamos como aplicar conhecimentos no tempo presente a partir da semelhança de eventos.[366]

Há, entretanto, uma distinção na visão maquiaveliana, já que este acreditava que havia um encantamento no olhar sobre o passado, o que criaria uma tendência a ilusões. Esses feitos, para Maquiavel, eram polidos até atingirem um brilho de perfeição, selecionando e enaltecendo somente fragmentos dos feitos passados, o que acabava por distorcer a realidade e sobrevalorizar os heróis da antiguidade. Essa tendência de heroicização confundia, em sua

---

[363] De acordo com Borges Neto, "Leonardo Bruni (1370 – 1444), natural de Arezzo e, por isso era frequentemente chamado de Arentino. Foi à figura central do humanismo florentino durante a primeira metade do século XV. Em louvor do republicanismo e da cultura literária florentinos: teve um papel importante na teoria recente de Hans Baron acerca do desenvolvimento do humanismo político florentino em relação à opressão dos depositares de Milão. A partir de 1427 foi chanceler, como Salutati antes dele, ocupando uma posição central sem paralelo na vida política e literária; e, apesar de sua origem humilde tornou-se muito rico e influente. Desde 1415 estava compondo intermitentemente, em latim, uma história do povo florentino, a qual constituiu a primeira obra importante de literatura histórica renascentista. Bruni compôs em 1421 um tratado de militar, que argumentava a favor da organização de *condottieri* inconfiáveis. Bruni foi um dos mais destacados estudiosos di grego e um dos primeiros contribuintes para o programa renascentista de tradição grega para o latim." (2016, p.12)

[364] BIGNOTTO, Newton. Maquiavel Historiador. Florestan Fernandes, São Paulo, n. 29, 1996, p.184 et seq.

[365] PIRES, Francisco Murari. Maquiavel e Tucídides: O(s) olhare(s) da história e as figurações de historiador. Revista de História, São Paulo, 2010, p.60 et seq.

[366] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.83.

opinião, a verdadeira essência dos eventos, afastando-se da realidade crua e complexa dos feitos humanos.

Maquiavel enfatiza que, apesar de serem relatos dos antigos, foram mãos humanas de homens tais como os contemporâneos que as escreveram. Portanto, propunha uma mudança na percepção da história, não como uma teleologia ou sequência determinada de eventos rumo a um fim específico, mas como um recurso valioso para a promoção do bem comum. Sugeriu que a história deveria servir como um instrumento para os governantes, incentivando-os a inspirar suas ações em prol de um objetivo mais elevado, combatendo vícios e orientando-se por um ideal de governança superior.[367]

Contudo, sabemos que as obras de Maquiavel circulavam enquanto ele ainda vivia. Lembremos que *Orti Oricellari* era um grupo de intelectuais que Maquiavel frequentou, entre 1516 e 1522, no qual havia encontros regulares com debates voltados à discussão das ideias de seus membros.[368] Esses círculos, principalmente florentinos, tanto o influenciaram quanto foram influenciados por ele.[369] Bignotto recuperou algumas dessas trocas e alguns de seus primeiros leitores, o que nos permite pormenorizar esse contexto.

Lodovico Alamanni foi um jovem aristocrata com relações com os Medici, pois seu pai era um de seus partidários e frequentava círculos humanistas congruentes a Maquiavel. Como afirma Bignotto, provavelmente foi um dos primeiros discípulos deste. Há reflexos disso na publicação dos discursos "*Sopra il fermare lo stato di Firenze nella devozione de' Medici*" e "*Ilmo domino Alberto Pio*", imbuídos de visões semelhantes às do autor. Certa característica que denuncia tal influência é a preocupação com o modo de conservação dos principados que haviam sido recentemente conquistados.[370]

A respeito das influências maquiavelianas aos jovens que conviviam com ele e liam seus escritos, é possível observar seu impacto por meio da análise dos temas. Estes - é o caso, por exemplo, de Brucioli, como demonstrado por Bignotto - tinham profunda similaridade aos assuntos que haviam sido abordados nos *Discursos*. Porém, essa informação não é uma

---

[367] PIRES, Francisco Murari. Maquiavel e Tucídides: O(s) olhare(s) da história e as figurações de historiador. Revista de História, São Paulo, 2010, p.55 et seq.

[368] BIGNOTTO, Newton. Maquiavel e seus primeiros leitores. In: BENEVENUTO, Flávia; MAGALHÃES PINTO, Fabrina. Filosofia, política e cosmologia: ensaios sobre o renascimento. São Paulo: UFABC, 2017, p.104.

[369] Segundo Bignotto, "O recurso à tradição era um ponto importante de contato entre as duas gerações, mas a maneira de apreciar esse recurso era bem diferente. Para os jovens sedentos de novas maneiras de compreender a política, Maquiavel abria um caminho inovador, mas que deveria ser percorrido ao lado das muitas certezas oferecidas pela tradição. Para Maquiavel, dialogar com o passado era essencial, mas como dizia n'O Príncipe, era preciso também incorporar o estudo e a experiência das "coisas modernas". Os jovens como Brucioli tinham plena consciência da importância do contexto em que viviam e dos desafios que os esperavam, mas não se mostravam capazes de mergulhar no universo revolucionário proposto por Maquiavel." (2017, p.109-110)

[370] BIGNOTTO, op. cit., p.94 et seq.

afirmação de semelhança com as soluções ou os problemas encontrados nos estudos.[371] No caso de Brucionli afirma-se, por exemplo, que a imitação do passado seria a forma de implementação de um regime misto. E, por mais que levasse em consideração a ideia da *Fortuna*, acreditava que esta poderia ser impedida pela força da livre escolha dos homens.[372] Dessa forma,

> Não se trata de afirmar que o jovem florentino tratava de imitar Maquiavel de forma direta. A referência ao problema da conservação, no entanto, é uma indicação segura de que o pensamento do Secretário florentino era conhecido pelos jovens aristocratas e os influenciava de forma consistente.[373]

Assim sendo, é necessário que compreendamos alguns conceitos, fundamentados na relação com a conjuntura filosófica, para a leitura correta dos escritos do autor. Conforme Skinner, a definição de *fortuna* seria a deusa responsável pelo perpétuo movimento da roda da vida, sem piedade e contraposta pela *virtù*. Era entendida por Maquiavel como uma deusa que deveriam temer, pois poderia mudar seus favores a qualquer instante. Portanto, não poderíamos confiar inteiramente nela e, se assim o fizéssemos, o final seria fadado ao fracasso.[374] Os humanistas retomaram essa tradição da retórica clássica e da república romana, da qual tomaram conhecimento por meio de suas leituras.

A ideia da *fortuna* é caracterizada como uma deusa, mas além disso, uma mulher. Assim sendo, para que seus olhos se voltassem para os homens, estes deveriam cultivar as qualidades de um homem viril, honrado, destemido e detentor da *virtú*. Essa última característica seria responsável por trazer a *fortuna*, pois, segundo a teoria, ela seguiria a *virtú,* já que a admirava.[375]

Após o triunfo do cristianismo na Europa, negou-se a ideia de que a *fortuna* poderia ser persuadida a algo, pois era volátil a quem favorecia. Assim, passou a ser considerada impiedosa. Essa visão também favoreceu o enfraquecimento da ideia de mérito como recompensador, pois os bens que ela traria eram indignos, mundanos, nos aprisionava no mundo terreno e nos afastava do caminho de Deus. Mas, apesar disso, era um agente de Deus que nos mostrava que a felicidade não poderia residir nos bens materiais da vida mortal. [376]

---

[371] Segundo Bignotto, "Os jovens florentinos ficaram fascinados pela filosofia maquiaveliana, mas procuravam resumi-la a umas poucas fórmulas, sem levar em conta seu aspecto revolucionário." (2017, p.101)
[372] BIGNOTTO, Newton. Maquiavel e seus primeiros leitores. In: BENEVENUTO, Flávia; MAGALHÃES PINTO, Fabrina. Filosofia, política e cosmologia: ensaios sobre o renascimento. São Paulo: UFABC, 2017, p.107 et seq.
[373] Ibidem. p.96
[374] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.41-48 passim.
[375] Ibidem. loc. cit.
[376] Ibidem. loc. cit.

No renascimento, essa ideia evoluiu a partir da distinção de *fortuna* e destino. Isso porque, se ela fosse uma força inexorável, a concepção de livre arbítrio do homem seria ameaçada. Dessa forma, pela relação com a liberdade, os humanistas retomaram a ideia aos moldes clássicos da *fortuna* em relação aos negócios humanos.[377]

Em Maquiavel, essa deusa é muito poderosa, mas se todo nosso destino estivesse a seu critério, não teríamos liberdade de escolha. Para atraí-la, também retorna à inspiração dos clássicos, em que a *fortuna* seria uma mulher que se atrai pelas qualidades da *virtù*. Aquele que conseguisse fazê-la aliada e soubesse agir com sabedoria, não sendo conduzido por seus ímpetos mutáveis, seria vitorioso e obteria êxito em seus negócios. Ademais, caracterizá-la também como detentora de uma certa perversidade e força seria um mecanismo de subjugá-la.[378]

O princípio base para um governante deveria ser, uma vez compreendido o papel da *fortuna* e da *virtù*, o de *mantenere lo stato.* Isso significa, essencialmente, a manutenção do controle e do governo para, em seguida, alcançar as glórias, as riquezas mundanas. No viés inverso à concepção cristã, Maquiavel não moraliza as riquezas como essencialmente desprovidas de importância, mas não as coloca na base dos objetivos que um governante deveria possuir. Esses homens, por meio da *virtù* e de um governo que lhe trouxesse honra, conquistaria a glória.[379] A ideia de *prudenzia*, além disso, adquire novas formas a partir do distanciamento da virtude unicamente religiosa, que se atrela à justiça e à moral.[380] Em Maquiavel, a redefinição desse conceito se concebe por meio de sua vinculação ao critério da instância, da necessidade de momento. [381]

Portanto, o renascimento não é aqui entendido como uma ruptura, mas sim como um movimento retórico e valorativo. Há de se encontrar aspectos tidos como "modernos" no início do século XIII e aspectos "medievalistas" no século XVII, demonstrando como a especificidade citada como Renascimento é correspondente a essa mudança de consciência a partir de preceitos principalmente fisiológicos, como a racionalidade e a liberdade.

---

[377] SKINNER, Quentin. Maquiavel. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988, p.47-52 passim.
[378] Ibidem. loc. cit.
[379] Ibidem. loc. cit.
[380] Durante o Humanismo, entre os séculos XIII e XV, a *prudenzia* se configurava como guia, instrumento da razão, da ação dos homens, alinhados aos valores honestos e bons. Assim, os homens deveriam compreender o momento de ação, e segundo esses critérios buscar a verdade das coisas. Esta, a verdade, seria obtida por meio da razão. Há, de fato, variações entre os autores do período, num ou noutro aspecto, mas são coincidentes os pontos de semelhança citados acima. Por vezes, a mudança percorre as qualidades que acreditavam compor os requisitos necessários para a *prudenzia*. (TEIXEIRA, 2010, p.119-121)
[381] TEIXEIRA, Felipe Charbel. Timoneiros: A retórica prudencial de Maquiavel e Guicciardini. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p.114.

3.2.2. Perspectivas e Tendências da Historiografia Maquiaveliana ao Longo dos Séculos

A recepção de Maquiavel logo após a publicação de *O príncipe* foi de desaprovação pelos ideais republicanos e permaneceu assim por dois séculos até os nacionalismos modernos. Apenas posteriormente os estudiosos começaram a conceber seus escritos como prescrições e orientações para a península italiana frente às corrupções de sua época. Já no século XX, muitos o olhavam com admiração, de acordo com Garrett Mattingly.[382] A identificação de Maquiavel como um defensor da república ganhou clareza e força especialmente após a Revolução Francesa. Após meados do século XVIII,[383] consolidou-se uma interpretação de Maquiavel como um defensor da liberdade, com ênfase também em seu patriotismo, exemplificado por figuras como Hegel.[384]

No livro intitulado *Niccolo Maquiavel. Il pensiero politico*, Gennaro Sasso explora profundamente o pensamento político de Maquiavel, destacando alguns aspectos cruciais de sua filosofia. Maquiavel desconsidera a tradicional distinção entre o que é "bom" ou "moral" de maneira absoluta, sugerindo que tais conceitos não são essenciais à prática política. Para ele, a política constitui um dos fundamentos da existência humana. No entanto, Sasso enfatiza que, na visão de Maquiavel, a separação entre política e ética não é possível, indicando uma complexa interrelação entre esses campos. Contextualizado em seu tempo, Maquiavel almejava promover uma transformação significativa na realidade sociopolítica da península italiana.[385]

A compreensão da autonomia política em Maquiavel é fundamentada na concepção de que a ética se curva a essa realidade, liberando-o para abordar temas éticos e religiosos com uma liberdade que poucos de seus contemporâneos ousavam.[386] Essa perspectiva permite a Maquiavel unir seus profundos sentimentos patrióticos e humanistas em uma teoria política que ambiciona a reforma da Itália, alavancada por esses mesmos ideais.

Leslie J. Walker, em sua tradução de *Discursos* de Maquiavel, destaca uma dimensão crucial do pensamento do florentino: o papel da religião em sua filosofia política. Walker aponta que, para Maquiavel, a religião constitui uma ferramenta indispensável para a estabilidade do Estado. As críticas de Maquiavel são direcionadas não à fé em si, mas à gestão eclesiástica do papado e aos líderes religiosos italianos. Para Maquiavel, a doutrina cristã

---

[382] MATTINGLY, Garrett. "Machiavelli‘s "Prince": Political Science or Political Satire?. The American Scholar, Oxford, n. 4, ed. 1, 1958, p.480-493 passim.
[383] FUBINI, Riccardo. Machiavelli, i Medici, e la storia di Firenze nel Quattrocento. Archivio Storico Italiano, Itália, v. 55, n. 1, 1997, p.51-58 passim.
[384] HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. Hegel 's political writings. Oxford: Clarendon: Sandipiper, 1998, p.218-225 passim.
[385] SASSO, Gennaro. Niccolo Machiavelli. Bologna: Società editrice Il Mulino, 1993, p.465-475 passim.
[386] Ibidem., loc. cit.

defenderia a contemplação,[387] e, por outro lado, o humanismo defenderia a concepção de *vita activa* voltada à ação.

Essas questões de Maquiavel são importantes ao abordarmos sua visão sobre moralidade, frequentemente mal interpretada como imoralidade. Essa concepção errônea é refutada pelas análises aqui apresentadas.[388] A rica historiografia sobre o filósofo revela um vasto campo de estudos ao longo dos séculos, que, apesar de suas diversidades, evidencia pontos de convergência e características comuns, mesmo que separados no tempo ou espaço. Há similaridades interpretativas dos aspectos citados acima que são essenciais para nossa discussão seguinte.

Em meio a tantos artífices da política, há um de suma importância para nosso contexto, a retórica. Esses laços são indissociáveis da identidade cívica da república, pois é através da execução de suas funções correlatas - como a oratória e a aplicação da filosofia moral, marcada por virtudes e honestidade - que se forjam os pilares para a prática política conforme entendida em Florença. Aqueles que dominavam esses saberes se tornavam cidadãos valorosos. Nesse cenário, a retórica se entrelaça inextricavelmente às dinâmicas políticas e diplomáticas, desempenhando um papel crucial na atuação de Maquiavel como secretário florentino.

Empregando a chave do discurso deliberativo em Maquiavel, passamos a entender em larga escala suas interpretações. Diversos autores argumentam que ele buscava dar conselhos ao povo, pelo uso da sátira, ou aos governantes. Portanto, aqui, também fazemos a opção por esse mecanismo de análise.[389]

É importante esclarecer que a sátira a que nos referimos insere-se no contexto dos gêneros de comunicação humana. Trata-se de um gênero caracterizado pelo emprego da ironia e do sarcasmo, com o intuito de satirizar indivíduos, seus comportamentos ou mesmo organizações. A sátira, diferente da comédia, reserva a preocupação com o desvio humano, potencialmente prejudicial às normas sociais. Revela-se, assim, como um instrumento com

---

[387] O peso dessa tese reverberou por toda a Europa cristã até os dias atuais, como temos ciência. Quanto à objeção da lógica cristã ao modo de ação por ele defendido, não argumentou nada. Sobre essa posição, apenas seu silêncio se fez presente.

[388] De acordo com Amadeu Júnior, "Eventualmente, Maquiavel ainda seria um moralista que experimentava náusea moral, ao contemplar um mundo em que os fins políticos necessitam de meios imorais, sendo a motivação para a separação entre ética e política que estaria então estabelecida. [...] O motivo desta é seu reconhecimento de que a política demandava uma autonomia das noções morais básicas de bom ou mau, pois teria suas próprias regras. Essa falsa concepção de que Maquiavel seria inimigo da religião é equivocada à medida que se entende que ele a via como essencial, não como orientação política, mas para manter a ordem." (2019, p.79-80)

[389] ARANOVICH, Patrícia Fontoura. Maquiavel, retórica e política. Cadernos de Ética e Filosofia Política, USP, v. 2, p.60-66 passim.

propósitos definidos, que, no contexto de nossa discussão, voltam-se para aspectos políticos. Sua meta não é dirigida para o humor, mas para a capacidade de produzir reflexões críticas.

Dentre as diversas interpretações de Maquiavel e o que seus discursos buscavam transmitir, destaca-se a perspectiva dos discursos deliberativos, nos quais os conselhos desempenham um papel fundamental. Skinner nos propõe que esse gênero literário já podia ser observado, em maior medida, destinado aos governantes no século XIV.[390] Entretanto, o verdadeiro auge foi apenas no século seguinte, intitulado por ele como a "Era dos Príncipes". Neste, os humanistas, já em uma Renascença mais tardia, naturalizaram a composição de governos principescos, mesmo que possuíssem ideais republicanos, tal como Maquiavel. Sua finalidade era a "prescrição" de governanças que fossem equilibradas.[391]

A grande distinção maquiaveliana reside no fato de que o autor, mesmo que tenha escrito em um gênero popular e semelhante a outros de seu período, teorizou uma convicção inovadora. Essa visão está ancorada na originalidade da teoria política de Maquiavel, que concebe o governo e o Estado de maneira independente das leis morais tradicionalmente ditadas pela religião. Seu enfoque prático centra-se exclusivamente nas necessidades e nas ações requeridas pelo governante para a conservação de seu poder,[392] estabelecendo uma moral política adaptável às circunstâncias vigentes. Maquiavel defende que a prosperidade de um governo está intrinsecamente ligada à sua estabilidade. Além disso, ele propõe um novo modelo de governança discutindo a ideia de Razão de Estado, composta pela união da *virtù* e da *fortuna*.[393]

A associação das qualidades que o autor considera *virtù* é, portanto, um alinhamento da *fortuna* e obtenção das honras e glórias, distanciando-se da interpretação tradicional que associava a virtude a qualidades morais e religiosas. Um príncipe dotado de *virtù* seria aquele, de acordo com a visão maquiaveliana, que agiria da forma que a necessidade se apresentasse,

---

[390] Segundo Skinner, "Maquiavel não foi exclusivo na ideia de prescrição aos governantes, havia já uma vasta produção, difundida principalmente pela criação da imprensa, de um gênero que aconselhava os príncipes e governantes. E, uma ideia era cara a todos como chave de sucesso, a *virtù*." (1988, p.58)

[391] SKINNER, Quentin As Fundações do Pensamento Político Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.135-139 passim.

[392] As quatro virtudes clássicas eram, sabedoria, temperança, coragem e justiça. Sempre associando a moral à moral cristã, os escritores uniam as duas e caso o governante faltasse a elas, pagaria na vida celeste. Nosso autor se difere destes pois argumenta que existiriam virtudes particulares aos príncipes, como a piedade, a veracidade e a liberalidade, que também deveriam ser cultivadas. Essa particularidade que se refere a estes homens rejeita a premissa do conjunto completo de valores que precisava obter, pois o objetivo que deveriam buscar seria relativo ao mantimento de seu estado e a conquista de sua glória. Maquiavel considera praticamente impossível que um governante conseguisse manter seu objetivo base citado acima e possuir todas as qualidades "boas", já que, na sua visão, a maioria dos homens não são bons ou agem apenas em boa fé. (SKINNER, 1996, p.60-63)

[393] AMADEU JUNIOR, Celso Antônio. Revisitando Maquiavel: as interpretações da teoria política do secretário florentino (Séc. XVII a XX). 2019. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2019, p.117-118.

desde que seu objetivo final fosse a manutenção do Estado e, subsequente a isso, sua glória.[394] A *virtù* é constantemente reforçada, em todas as obras, como a qualidade mais essencial para uma liderança política. Uma das características que a compõem é o sentimento de patriotismo.[395]

Para Maquiavel, o fato de uma cidade se estabelecer a partir da *virtù* de um único homem, um rei ou um príncipe, não significava necessariamente que por isso estaria fadada ao fracasso.[396] Se este homem possuísse *virtù* e tivesse boa *fortuna*, o início poderia ser bem-sucedido. Porém, essa *virtù* não seria a característica de um governo como um todo, mas intrínseca apenas a um indivíduo. Com a morte desse líder, a *virtù* morreria com ele, e o sucessor, desprovido dessa qualidade, poderia não apenas falhar em sustentar os êxitos alcançados, mas também comprometer a liberdade e a grandeza potenciais daquela sociedade.[397]

Com base na ideia de governo republicano teorizada por Maquiavel, acreditava-se ser viável esperar que surgisse entre os cidadãos bons governantes dotados de *virtù*, mas esse seria um acaso inteiramente da *fortuna*. Seria então coerente pensar, idealmente, que a cada geração poderiam surgir homens com as qualidades necessárias para liderar e preservar a república,[398] não permitindo que esta se corrompesse até a ruína.[399]

Adicionalmente, Maquiavel identifica dois principais riscos para a continuidade de uma república. O primeiro risco é o domínio por parte de um único partido político. Para contrapor essa ameaça, Maquiavel defende a necessidade do confronto contínuo entre as diferentes classes sociais, pois acredita que esse embate geraria um equilíbrio benéfico para a república.

O segundo risco provém do poder dos indivíduos extremamente ricos, capazes de cooptar o apoio político mediante sua fortuna. Como medida preventiva a essa situação,

---

[394] SKINNER, Quentin As Fundações do Pensamento Político Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.64 et seq.

[395] BROWN, Alison. Changing Perceptions in the Fifteenth and Sixteenth Centuries. In: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). City states in classical antiquity and medieval Italy. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991, p.93-112 passim.

[396] A concepção cíclica de Maquiavel se funda no fato de que ao observar os governos, conclui que estes sempre se degeneram a modos ditatoriais, tirânicos ou oligárquicos porque o homem é composto por uma série de vícios e desejo de poder, que seriam responsáveis pela sua degeneração.

[397] SKINNER, op.cit., p.88 et seq.

[398] Essa qualidade poderia ser impressa a seus seguidores, mesmo que estes não a possuíssem. De acordo com sua ideia, o modo mais eficaz de se fazer com que o povo continuasse a ser virtuoso seria pelo temor de não o ser. Um dos mecanismos imprescindíveis para isso seria a religião. Maquiavel viu na religião o poder de inspirar o povo para o bem ou fazê-lo temer a agir mal. Os líderes deveriam usar disso para manter sua população virtuosa. Outra forma seria por meio do poder das leis. Uma boa cidade deveria possuir leis que manteriam a ordem e a *virtù* de seu povo. Estas só poderiam se manter virtuosas e não corruptas a partir de uma vigilância contínua. (SKINNER, 1988, p.93-105)

[399] SKINNER, op.cit., p.92 et seq.

Maquiavel sugere que a república em si deveria assegurar sua prosperidade econômica, ao passo que seus cidadãos não deveriam acumular riquezas excessivas, mantendo assim um equilíbrio que favorecesse a estabilidade política e a justiça social.[400]

A lógica maquiaveliana, diante do entendimento de que a república seria um regime vulnerável, constatou que ainda era o melhor modelo de governo. Isso se deve à sua orientação para o bem comum e à capacidade de maximizar o potencial do Estado.

É distintamente notável que, para entender Maquiavel essencialmente, tal como os preceitos de Skinner, precisamos remontar ao seu contexto e às inovações que ele propôs. A interpretação de Maquiavel como republicano tem ganhado coesão entre os estudiosos contemporâneos, que, em alguns momentos, esbarram no seu uso da sátira como estratégia para evitar a perseguição dos poderosos, como os Medici e a Igreja, e para oferecer seus conselhos ao povo.

Ao tentar formular um mecanismo de análise que se tornou um dos métodos mais relevantes para ler Maquiavel, Skinner o inseriu no seu contexto Humanista. Mas, além disso, verificou e formulou, com base nos estudos do autor, sua significância das noções de *fortuna* e *virtú*, apontando sua inovação mesmo que associado a ideias da herança clássica que o humanismo retomou. Skinner evidencia a inovação de Maquiavel no que se refere à moral política, que, segundo ele, deve ser autônoma e restrita a si.

3.2.3. *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio / História de Florença* e suas Circunstâncias de Escrita

Nos anos em que esteve exilado em San Casciano, Maquiavel escreveu os *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio* por volta de 1517, mas sua publicação foi póstuma em 1531. Nessa obra, o autor deu lugar de destaque à sua indagação de como a república romana se tornou tão dominante na Europa e o que fez para seu sucesso. Ele intenta prover um aconselhamento de como atingir tal grandeza. Segundo Francisco Murari Pires,

> Pelo circuito dos livros de seu escritório frequenta a Corte dos antigos, com eles dialogando sobre as questões do Estado. Os ecos dessas conversas, todavia silentes, ressoam pelas reflexões que compõem os *Discursos*, em que Maquiavel faz dialogar com o presente florentino com o(s) olhar(es) que os antigos, com foco especialmente centrado em Tito Lívio, lançaram sobre a história. Refletindo sobre esse diálogo com os antigos, Maquiavel pondera o alcance do olhar que a história presente volta para o passado, a fim de que se

[400] SKINNER, Quentin As Fundações do Pensamento Político Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.107-110 passim.

> mobilize recíproca interpelação de conhecimentos modernos e antigos sobre os modos porque nela agem os homens.[401]

Em sua obra antecessora, *O príncipe*, Maquiavel compôs uma reflexão sobre as instituições florentinas a partir dos exemplos obtidos dos demais governos. Seu uso de um príncipe, defendido como uma autoridade capaz de restituir o que havia sido corrompido, não encontra seu fim. Este seria uma etapa intermediária do verdadeiro fim que visava e acreditava,[402] um Estado republicano.[403]

Após a morte de Lorenzo II de Medici, em 1519, a oportunidade tão esperada por Maquiavel foi concebida. O então cardeal Giulio de Medici, que mais tarde tornar-se-ia o papa Clemente VII, voltou à sua cidade para resguardar as questões político-econômicas da família. O ex-secretário já havia sido recomendado por amigos, como Lorenzo Strozzi, com quem o cardeal mantinha contato. Por isso, conseguiu a apresentação à corte Medici em meados de 1520, que lhe renderia o emprego de historiador.[404] De acordo com Skinner, "É o seu trabalho mais longo e escrito com mais vagar, além de ser aquele em que seguiu com mais cuidado as prescrições de suas autoridades clássicas favoritas." [405]. [406]

Talvez o leitor possa indagar sobre a denominação de Maquiavel como um historiador, visto que não é amplamente rememorado por esta contribuição à historiografia. Entretanto, Bignotto afirma que o autor foi um dos propulsores dos laços entre a história e a filosofia política, tornando clara sua contribuição à historiografia italiana do período.[407] Havia também um cuidado, por parte de Maquiavel, para tornar seu trabalho uma contribuição que viria a somar ao presente.

A comissão do trabalho foi feita em 8 de novembro de 1520, com o intermédio do "*Studio Fiorentino e Pisano*", inicialmente com o prazo de dois anos, mas com a possibilidade

---

[401] PIRES, 2010, p.54

[402] Bignotto, em *Maquiavel Republicano,* demonstra sua tese de que a dedicação da obra para os Medici tinha por objetivo aconselhar a esfera política de Florença e não se opor a república. Em suas obras, o uso do exemplo romano como máximo modelo de Estado é feito em seu período republicano, e não durante o monárquico. A vida pública deveria ser feita com a participação dos cidadãos.

[403] Entretanto, não argumentamos afirmando que esta era a única forma de governo que o autor se interessava. Há momentos em que desprende atenção aos principados e dependendo do alvoroço popular, chega até a considerar que o controle poderia prover de um governo monárquico, mas é evidente sua preferência pelo republicanismo. (SKINNER, 1988, p.82-84)

[404] CARDOSO, Sérgio. Maquiavel: lições das Histórias Florentinas. Discurso, São Paulo, v. 48, ed. 1, 2018, p.122.

[405] SKINNER, Quentin As Fundações do Pensamento Político Moderno. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p.121.

[406] Haja vista que Maquiavel acreditava que os homens de outrora são permeados por erros e equívocos assim como os atuais. E não deveriam ser glorificados se assim não merecessem, pois, na sua visão, normalmente heroicizávamos os homens de outrora como se fossem imputáveis aos erros. (SKINNER, 1988, p.124-125)

[407] BIGNOTTO, Newton. Maquiavel Historiador. Florestan Fernandes, São Paulo, n. 29, 1996, p.186.

de renovação para mais três, seguindo a regra do pagamento anual de cem florins. E assim foi entregue ao papa Clemente VII, em maio de 1525, agraciado na ocasião com o extra de cento e vinte ducados da bolsa privada do papa.[408]

Não obstante, a tarefa de escrita da história da cidade de Florença era realizada, até ter sido encomendada a Maquiavel, pelos secretários da república, cargo que o autor já havia ocupado. Ao aceitar essa missão, Maquiavel procurou conectar seus afazeres políticos com sua cultura humanista renascentista e, assim, buscou transcender as responsabilidades imediatas de sua função cotidiana.[409]

A contradição de seu papel não se dá apenas na delicadeza com que teria de redigir o trabalho, mas pelo fato de que este havia sido encomendado também como um revigoramento do arsenal de argumentação cívica em favor dos Medici,[410] visto o contexto de instabilidade que caracterizava a troca de poder nas últimas décadas de Florença. A volta dos Medici ao comando, após dezoito anos de uma administração mais popular sob Piero Soderini, reacendeu o descontentamento popular, transicionando de um regime com inclinações mais republicanas para um retorno ao governo quase principesco, que remontava às raízes quase centenárias dos Medici.

Destaca-se um ponto de vista essencial: embora Maquiavel fosse um homem de sua época, imerso em um contexto intelectual específico, sua contribuição à filosofia política é reconhecida por sua originalidade, uma percepção amplamente compartilhada por leitores e estudiosos. Utilizando-se da estrutura clássica de escrita histórica, a qual não se afasta radicalmente das convenções de seu tempo, Maquiavel conseguiu produzir uma narrativa histórica notavelmente distinta.[411] A partir da sua estratégia de escrita, é possível observar uma transição fluida entre os papéis de filósofo e historiador, mantendo sempre a integridade e coerência de seu pensamento. De maneira sutil, ele conseguiu infundir suas perspectivas políticas e sua visão historiográfica na obra. Conforme exprimiu Bignotto,

---

[408] CARDOSO, Sérgio. Maquiavel: lições das Histórias Florentinas. Discurso, São Paulo, v. 48, ed. 1, 2018, p.122.

[409] BIGNOTTO, op. cit., p.184.

[410] De acordo com Borges Neto, "Fica clara apreensão que o autor Maquiavel tinha ao iniciar a encomenda, uma vez que a encomenda fora dirigida pelos próprios personagens, a família Medici estava no poder, e falar da *Istorie Fiorentine*, pressupunha em detalhar e colocar em evidência os feitos desta família. Ao narrar os tumultos, deserção, tramas, exílio e resistência ao poder, implicaram diretamente num ataque direto aos mesmos, ou seja, como escrever sem denegrir a imagem e fazer jus ao trabalho que lhe foi confiado? Para muitos comentadores, a forma foi estabelecer uma história universal, contrariando a tradição pessoal e geral de escrita, porém sem negar o que é imprescindível na história, criar um plano de fundo por meio dos fatos e acontecimentos verídicos, que levará o autor a uma compreensão detalhada da história" (2016, p.9)

[411] BIGNOTTO, Newton. Maquiavel Historiador. Florestan Fernandes, São Paulo, n. 29, 1996, p.185-188

> Maquiavel foi um mestre na combinação de um extraordinário esforço teórico com uma escrita que em tudo seduz o leitor pela proximidade que parece ter com as formas mais tradicionais de se contar o passado. E essa é certamente uma das grandes originalidades do texto, que soube trazer para o ofício do historiador a revolução que se operava nos terrenos da filosofia política e da ética. A História de Florença é, portanto, um texto privilegiado para os que querem ao mesmo tempo conhecer algo dos extraordinários acontecimentos que forjaram o rosto de uma das cidades mais interessantes da época e algumas das conquistas teóricas mais importantes no terreno da política e que jogaram por terra os velhos esquemas de compreensão do mundo.[412]

[412] BIGNOTTO, 1996, p.188

4. Capítulo IV - Intrínseco Vínculo: a visão Maquiaveliana

Prosseguiremos com a tarefa de desvendar e atribuir novas camadas de significado a uma das obras mais emblemáticas de Maquiavel, atribuindo-lhe uma nova significância de uso. Após uma análise profunda do ciclo dos Medici e dos diversos estratagemas que empregaram para consolidar seu poder, propomo-nos a investigar, talvez pela primeira vez sob uma perspectiva maquiaveliana – e por intermédio de sua obra mais desconsiderada, *História de Florença* –, um aspecto pouco discutido nos estudos sobre os Medici: o Banco Medici.

A fim de aprofundarmos a compreensão, é preciso que clarifiquemos que, com objetivo de compor nossa linha interpretativa, iremos também fazer o uso de *Discursos*. Isso porque uma parcela dos dizeres e arguições feitas pelo autor em *História* lastreiam sua argumentação em *Discursos*.

Como citado, na sua juventude, Maquiavel teve uma grande amizade com Giuliano de Medici, irmão de Lorenzo de Medici. Contudo, esse relacionamento foi seguido pelo golpe da família e pelas tentativas de Maquiavel de se integrar aos governos subsequentes, sucedidas por sua prisão e tortura, em 1513, pela suspeita de participação na conspiração contra os Medici. No exílio, esforçou-se por obter alguma posição junto ao governo florentino. Como parte de seu empenho, dedicou sua obra *O príncipe* primeiro a Giuliano e, posteriormente, a Lorenzo. Finalmente, recebeu a encomenda para escrever a *História de Florença*, pelo Cardeal Giulio de Medici, que viria a se tornar papa Clemente VII, a quem o trabalho foi dedicado.

É evidente que a natureza de seus relacionamentos imbuía seu trabalho de um dilema claro nas percepções e interpretações. Simultaneamente, eram seus amigos, colegas de juventude e inimigos o motivo de sua ruína e também de seu resgate, seu obstáculo para participação na vida política de Florença e sua possível esperança de reforma política.

Entretanto, após a volta dos Medici, em 1512, Maquiavel enfrentou a dolorosa experiência de ver seu serviço de quatorze anos à República Florentina ser descartado pela reinstalação da família no poder. Essa mudança significativa o levou a reavaliar os impactos e os desafios que os Medici impunham à estabilidade da república. Fato este que demonstra o conflito interno de Maquiavel entre a sua própria relação e as expectativas junto aos Medici. Para compreender essa simbiose, ele ampliou seu campo de visão com a história florentina. Nos próximos segmentos, exploraremos em detalhe essas observações e conclusões.

De modo mais claro, os primeiros trabalhos de Maquiavel não haviam incorporado plenamente esse elemento essencial adicionado posteriormente: a história. A fim de desvendar

a complexa relação entre a república florentina e a dinastia Medici, ele empreendeu um estudo profundo das raízes políticas de Florença, desde sua fundação até sua época. Vale destacar que suas crenças aos preceitos humanistas se limitaram às normas moralizantes que a escrita da história deveria possuir e, ao contrário dos demais autores ao olharem para o passado, não as colocava no altar da moral. Em vez disso, optou por uma abordagem baseada na veracidade dos fatos, propondo um diálogo entre passado e presente que permitisse avaliar tanto as virtudes quanto os erros cometidos ao longo da história. Essa perspectiva ofereceu uma nova maneira de entender os eventos históricos, centrada na análise crítica e na relevância contemporânea dos ensinamentos do passado.

Desde *O Príncipe* (1513) até a *História de Florença* (1520-1524) revela-se um progressivo interesse pela história de sua cidade. *O Príncipe* contém alguns vagos comentários sobre esse passado. Em contrapartida, nos *Discursos,* começa a fazer uso da história florentina em maior medida. Maquiavel focou no exílio de Cosimo de 1433-1434, na conspiração Pazzi contra Lorenzo em 1478 e nas consequências que Florença enfrentou por ter sido subjugada ao Império Romano.

Não é demasiado teórico deduzir que uma parte substancial do realismo político de Maquiavel tenha advindo de suas vivências e observações das políticas junto a seu cargo na chancelaria. Intitulado como um pensador da ação política, Maquiavel tende, em todas as suas obras a demonstrar os acontecimentos históricos por meio da ação dos homens.

A grande questão que difere *O Príncipe*, *Discursos* e *História* revela a evolução do pensamento de Maquiavel sobre política e governança nas três obras. Na primeira, a avaliação maquiaveliana se restringiu mais aos valores morais vigentes e sua necessidade de desagregação da ação política. A ação principesca entra para exemplificar a ótica intencional dos governantes.[413] Já na segunda obra, Maquiavel se utiliza da história romana para avaliação de outros tópicos referentes à composição do governo, como suas instituições, leis, liberdade e corrupção. Portanto, a ação[414] que motivará os conflitos se põe em evidência na sua narrativa. Por fim, na terceira obra, *História de Florença,* o autor se atém à tentativa de compreensão da história cívica-institucional de sua cidade para examinar a dinâmica do poder em Florença. Este trabalho se alinha ao humanismo ao sugerir que o estudo da história local pode oferecer lições vitais sobre os perigos e vícios inerentes à política, servindo como um guia prático para os cidadãos e governantes na fortificação da república.

---

[413] Na obra, a primeira tentativa do autor é a de descobrir o ímpeto de ação dos homens, o que os leva a agir de certo modo em certa circunstância. Já a segunda seria como conferir autonomia à política, fundamentado na noção de verdade efetiva das coisas, de modo que pudesse distinguir o que é próprio da política e o que não é.
[414] A ação aqui citada que Maquiavel busca é a ação estratégica, passível de ensinamentos.

Também cabe uma ressalva em relação à perspectiva de cada livro. *O Príncipe* é essencialmente um manual de aconselhamento para governantes, particularmente direcionado a Lorenzo. Em contrapartida, nos *Discursos* não há uma figura central, mas se dirige aos leitores que buscam refletir sobre a república e sua teorização. É evidente que Maquiavel busca, neste último, não apenas oferecer uma análise teórica, mas também motivar seus leitores à ação prática. Essa abordagem está em conformidade com os princípios humanistas da historiografia, que enfatizam a importância da aplicação prática do conhecimento adquirido, uma ideia resgatada dos autores clássicos. Essa distinção entre os dois livros e suas perspectivas reflete a amplitude do pensamento Maquiaveliano, acrescido da sua tentativa de versar sobre a teoria e a prática política, ambas influenciadoras do desenvolvimento da ciência política posterior e suas diligências sobre governança e poder.

Propriamente na obra *Discursos*, vislumbramos a divisão em três partes. Na primeira, trata-se do funcionamento das repúblicas. Na segunda, do militarismo referente a estas. Por fim, na terceira, segue-se uma análise da ascensão e queda desses governos, intencionando compreender sua dinâmica e seus motivos. Assim, o autor tenta conceber o nascimento das cidades, e Florença situa-se no segundo caso proposto. Este caso seria daquelas formadas intencionalmente, seja por homens livres ou dependentes, para defesa e/ou povoamento de um local.

Na análise específica de Florença, Maquiavel argumenta que a origem das instituições florentinas e a subsequente perda de autonomia estão intrinsecamente ligadas, uma vez que estas instituições surgiram paradoxalmente em um contexto de ausência de liberdade. Ele enfatiza a importância crucial de revisitar a história florentina para compreender adequadamente suas instituições políticas e a complexa relação com a família Medici.

Tecendo paralelos com a política florentina, examinou a história romana. Ele argumenta que a dependência excessiva de um líder ou de uma família poderosa pode ser prejudicial a longo prazo, visto que há risco do poder ser facilmente perdido em caso de enfraquecimento da liderança central. Roma seria o exemplo de cidade e de república, porque suas boas leis, virtuosas e prudentes, asseguraram maior prosperidade por mais tempo do que qualquer outra. Essa longínqua estabilidade romana se manteve por cerca de 300 anos, mesmo no decorrer de épocas conflituosas, seja internamente ou externamente. Ela ainda expandiu sua área de influência, sem sucumbir por um longo tempo. Dessa forma, o autor se vale da história no artífice de produção da sua teoria política.

A fundação de uma cidade se faz importante pois, na sua visão, é neste momento que se constitui o aparato institucional que irá reger e direcionar seu desenvolvimento. Esse é o

momento em que uma comunidade decide se unir e é compelida a criar um sistema organizacional, abrangendo tanto as relações internas entre seus membros quanto o conjunto de leis que os governará. É na união de grupos, independentemente de seus motivos, para formar uma cidade, que nasce efetivamente o Estado.

Com isso, podemos conceber a virtude que lhe ordenou em seu princípio. Dois são os requisitos para tanto: seu local de fundação e sua ordenação das leis. Em meio a isso, germinam a contribuição da *fortuna*, a quem estarão sujeitos, e a *virtù*, para seu sucesso e anulação dos eventuais golpes da deusa.

No prelúdio do livro, argumenta que lugares estéreis, onde os homens seriam forçados a retirar-se do ócio para produção, edificar-se-iam em união e não na busca por governar uns aos outros. Entretanto, seria muito mais recomendado que escolhessem locais férteis para seu desenvolvimento e proteção daqueles que poderiam prejudicá-los. Quanto ao ócio, boas leis seriam o pré-requisito para seu direcionamento à excelência.[415] As leis agiriam como um freio a esses ímpetos da natureza humana, enquanto a educação seria impreterível para que se desenvolvessem as aptidões da *virtù* nos cidadãos.

Há um destaque nesse raciocínio: Maquiavel vê na organização um dos antídotos contra potenciais falhas naturais. Esta perspectiva é reforçada em sua análise sobre os problemas gerados pela abundância de recursos, os quais podem levar ao ócio ou à ganância, especialmente se concentrados nas mãos de poucos. Para ele, o ócio é a principal fonte de vícios, destacando a importância de manter-se ativo mesmo em períodos de paz e prosperidade. Propõe, portanto, o engajamento em atividades intelectuais e militares como meios eficazes para combater os perigos da ociosidade.

Maquiavel explora a ideia de que existem três tipos fundamentais de governo: o primeiro seria o monárquico, seguido pelo aristocrático e, posteriormente, o popular. Ele propõe que cada uma dessas formas pode, eventualmente, degenerar em sua contraparte negativa, seguindo uma sequência cíclica. Um déspota para a primeira. Uma oligarquia para a segunda. E um governo permissivo, sem ordem, na terceira. Maquiavel, com isso, argumenta que a degeneração dos tipos de governo ocorre quando estes se desviam dos princípios e valores que lhes deram origem, perdendo sua legitimidade inicial. Nesse contexto, ele defende que todas as formas de governo estão sujeitas à degeneração. No entanto, uma constituição mista poderia oferecer resistência a esse processo, na medida em que o conflito inerente a essa

[415] A vida militar seria louvável e importante para a manutenção de virtudes louváveis, direcionando-se pelos ensinamentos dos louvores da antiguidade.

forma de organização geraria leis capazes de preservar a liberdade.[416] Importante ressaltar que, segundo Maquiavel, essas leis deveriam garantir um equilíbrio, permitindo o uso da força para manter a ordem, mas sem permitir que tal uso se tornasse desmedido ou ilimitado.

O momento de ruína do Estado, segundo Maquiavel, é quando ele perde sua capacidade de organização, de institucionalização desses conflitos. Se o corpo estatal fosse estruturado, uma crise política não significaria uma crise da instituição, pois o papel desta seria absorver positivamente esses conflitos e canalizá-los para seu aprimoramento. Ademais, a preparação dos Estados para a guerra é, na ótica do autor, imprescindível para sua manutenção. Os governos precisariam manter um exército em perpétua vigilância e treino para quaisquer eventualidades que demandem sua defesa, uma vez que um exército mercenário teria sua fidelidade respaldada no dinheiro e não no patriotismo.

O povo desempenha um papel crucial neste mecanismo, atuando como vigilante da liberdade ao denunciar aqueles que a infringem. Para que esse sistema funcione, é essencial que existam leis robustas e claras, bem como mecanismos seguros para a apresentação de denúncias quando necessário. Assim, com boas leis e punições para sua infração, manter-se-iam os bons costumes.[417] Além disso, a efetiva aplicação dessas leis garante que ninguém, seja cidadão comum ou governante, esteja acima do sistema legal, assegurando assim a manutenção da paz e da estabilidade na sociedade.

No contexto específico de Florença, Maquiavel critica a fragilidade institucional da cidade, percebendo-a como um exemplo de declínio por não conseguir consolidar um quadro institucional forte ou preservar a *virtù* de seus cidadãos. Como podemos vislumbrar nesta passagem:

> [...] é quase impossível que por qualquer acidente regenerem-se e aquelas que, se não têm uma boa constituição, mantêm, embora, os bons princípios e buscam melhorar podem, com a ocorrência de bons acidentes, tornar-se perfeitas. [...] é provável que a república arruíne-se antes de atingir a ordem perfeita. Comprova isto o exemplo da república de Florença, que foi reordenada por causa da rebelião de Arezzo em 1502 e desordenada pelo saque dos espanhóis a Prato em 1512.[418]

---

[416] Segundo Amadeu Júnior "Para um florentino do século XVI a ideia de liberdade exprime-se em não cair no jugo de outros, mais precisamente, "liberdades", no plural, ou seja, liberdades de foros, conquistadas previamente. Assim, liberdade, diferente do que seria entendido mais à frente, a partir de noções atomísticas liberais, não significa no contexto citado uma liberdade frente ao Estado, mas traz em si essa noção plural, que tanto abarca a liberdade no sentido de estar livre da interferência externa quanto à ideia de tomar parte ativa no governo da república." (2019, p.15)

[417] Maquiavel no Livro I diz que "[...] não há nada que torne uma república tão estável e firme quanto ordená-la de modo tal que a alteração dos humores que a agitam encontre uma via, ordenada por leis, para desafogar-se" (2017, p.37)

[418] MAQUIAVEL, 2017, p.13.

Compreendemos aqui que os clamores populares e embates de classes, em Florença, não dirigiam suas ações para um fim de resolução e instituição da ordem, mas sim para uma troca de ocupação no poder, frequentemente através da hostilidade contra seus adversários, como se deu nos inúmeros exemplos de conflitos citados no decorrer da pesquisa. O problema não reside, na visão maquiaveliana, nos meios que foram empregados, mas sim nos fins, ou seja, nos propósitos desses embates.

Consequentemente, a corrupção em Florença não apenas se aprofundou como também se difundiu, exacerbada pela sucessão de conflitos que, ao invés de conduzir a uma transformação significativa, perpetuou a fragmentação e a desunião da sociedade. Essa atmosfera de divisão foi marcada por hostilidades que frequentemente culminavam em violência, evidenciando a falta de uma visão unificadora ou de esforços para alcançar um bem comum que transcendesse os interesses individuais ou de grupo.

Uma vez concebida a forma, vamos abordar a especificidade da contribuição Medici. No livro I, capítulo 33 de *Discursos*, deparamo-nos com a primeira análise de como Cosimo chegou ao poder, por meio da discussão sobre a importância de lidar com o que ele chama de "inconveniências" em uma república. Sua conclusão foi que a prudência era essencial quando uma inconveniência atingia um nível alarmante, pois decisões precipitadas poderiam causar ainda mais danos. A ascensão de Cosimo é comparada a uma dessas "inconveniências" em uma república, pois ele adquiriu um poder que excedia o que era razoável. Ademais, este seria um fenômeno de difícil diagnóstico inicial, pois:

> [...] se em uma república aparecer algum jovem respeitado, que possua em si *virtu* extraordinária, os olhos de todos os cidadãos começarão a se voltar para ele e o honrarão sem reservas; de modo que, se tal pessoa tiver alguma ambição, a combinação de seus dons naturais com sua popularidade crescente o colocará em uma posição tal que, quando os cidadãos perceberem seu erro, pouco poderão fazer a respeito e, caso tentem o que pouco podem, apenas aumentarão mais rapidamente seu poder.[419]

Há, ainda, mais um exemplo de sua concepção do regime Medici. Na introdução do Livro II, que é dedicado especialmente ao estudo dos ciclos nas repúblicas, da renovação e da periodização do retorno das instituições aos seus princípios originais, propõe a relembrança do regime florentino entre 1434 a 1494. Ali, recorda-se que os líderes desse período consideravam necessário *"ripigliare lo stato"* ou "retomar o Estado" a cada, mais ou menos,

[419] MAQUIAVEL, 2017, p.217.

cinco anos. Para “retomar” o regime era feita, segundo ele, uma política de “medo e terror”, exercida de modo duro e impiedoso com aqueles que conspiraram contra ele.

Ironicamente, o recorte que se vale para exemplificação de sua perspectiva é o governo de Cosimo, seu filho, até a morte de seu neto, O Magnífico. Esse recorte revela sua perspectiva sobre o regime e a maneira como os métodos de governança foram aplicados. No entanto, mesmo imerso em ambiguidades e ironias, ele evita mencionar explicitamente o nome dos Medici ao apresentar suas conclusões. A relutância em emitir um julgamento negativo sobre os Medici é evidente ao longo de toda a obra, apesar de suas críticas serem claras quando analisadas no conjunto.

Adiante, há uma referência direta a Cosimo:

> Há muitos exemplos assim, mas quero dar apenas um, passado em nossa cidade. Cosimo de Medici que deu princípio à grandeza da casa Medici em nossa cidade, obteve tanta reputação com os favores obtidos graças à sua prudência e à ignorância dos demais cidadãos, que o Estado começou a temê-lo, de modo que os outros cidadãos julgavam perigoso ofendê-lo e perigosíssimo deixá-lo assim.[420]

Utilizando Cosimo como exemplo, Maquiavel descreve aqueles que diligenciaram contra seu avanço ao poder, alegando que seria mais sábio e eficaz impedi-lo de utilizar-se de seus meios de favorecimento do povo. Pois quais meios seriam esses? Eles são exatamente o foco de nossa investigação, detalhadamente explorados, e vinculam-se aos recursos fornecidos pelo Banco Medici.

Logo antes de citar sua referência a Cosimo, o autor retoma seu pensamento de que este seria um bom conselho para qualquer cidadão que se excedesse em ambição, especialmente nas repúblicas corruptas, levando-nos à conclusão óbvia que sugere que Florença seria um exemplo corrupto na era de Cosimo, mas, como costume, sem pontuar claramente.

No transcorrer de sua obra, Maquiavel deparou-se com a conclusão de que os Medici não eram os únicos responsáveis pelas falhas nas instituições, pois elas traspassaram a alçada de apenas uma única família, por mais proeminente ou influente que pudesse ser. Assim, mesmo que seu regime possa ter tendido mais para um principado desde a época de Cosimo, demandava um aparato para amparar-se. De um modo mais claro, Maquiavel menciona dois pilares: primeiro, o apoio popular que a família arrecadou, seguido pela sabedoria e prudência de seus líderes, no caso, Cosimo e seu neto, Lorenzo.

---

[420] MAQUIAVEL, 2017, p.118.

Suas decisões precisavam ser, na essência, acordadas por um número significativo de pessoas. Neste ponto, é provável que Maquiavel tenha pensado nos conselhos legislativos que, por vezes, obstruíram ou retardaram a implementação de políticas Medici. Igualmente, considerava o papel das famílias nobres ou mercantis mais influentes, cujas exigências por constante manutenção de seu poder tinham o potencial de redirecionar os desdobramentos dos acontecimentos.

Tal como recordamos, os Medici fizeram grande uso do método de banimento, com a manipulação das massas a seu favor e de seus oponentes de Florença. Todavia, esse método de governança era fadado ao fracasso, na ótica maquiaveliana, pois intentava progressivamente a conciliação de decisões centralizadas com o consenso dessas classes. Conclui, todavia, que este povo não caminhava como um, visando o bem comum, mas como facções com interesses diversos. Por isso, quando um conflito tomava forma, não acabava na criação de leis frutíferas para o avanço da república, mas em violência e no exílio dos oponentes.

Roma apresenta um contraste notável nesse aspecto, ao ter conseguido mitigar tais disputas através da criação do *Tribunato*. Este órgão foi eficaz em tranquilizar, principalmente, as demandas da plebe por um canal de expressão. Tal mediação canalizou os conflitos e assegurou a "liberdade" republicana, em marcante distinção com o desenrolar dos conflitos em Florença, onde as tensões apenas se intensificaram com o passar do tempo.

Nessa ótica de expansão de *Discursos*, observa-se uma ampliação do campo de visão de Maquiavel, que oferece uma análise mais abrangente das estruturas políticas da cidade, das interações entre diferentes classes e grupos sociais, bem como das limitações ao poder de um indivíduo, mesmo alguém tão influente e munido de recursos como Cosimo. Esse aprofundamento no entendimento das dinâmicas políticas e sociais serviu como prelúdio para sua posterior atenção e revisitação ao passado de Florença na obra *História de Florença*.

Assim, ao ser designado historiador de Florença em 1520, devido às circunstâncias e a um emaranhado de expectativas, Maquiavel assumiu a responsabilidade de, segundo sua própria convicção, perpetuar o cultivo das regras clássicas de uma *vera historia.*[421] No entanto, ele também enfrentava a tarefa de atender aos anseios por um sentido de identidade

[421] É evidente que na sua face historiadora Maquiavel ainda tinha concepções tradicionalistas junto à visão humanista. Mesmo que desta tivesse contrapontos, era por ela embasada e com ela colaborava, o que foi demonstrado primeiro em *Discursos* e depois em *História de Florença.*

de uma cidade já marcada pela desorientação e temor. Mais crucial ainda era satisfazer os Medici, que ansiavam por uma legitimação de sua hegemonia política na cidade.[422]

No momento da escrita de *História de Florença*, Maquiavel havia formado uma opinião negativa do regime Medici na história de sua cidade. Ao iniciar a leitura da obra, o leitor poderá pensar, à primeira vista, que Maquiavel segue extremamente narrativo e fornece, por vezes, poucas evidências diretas de ensinamentos morais como seu eixo de narração. Discorrendo de modo conciso e linear sobre os acontecimentos de Florença, não proveu aos leitores mais desatentos sua opinião de modo claro e posto. Contudo, a compreensão plena de sua obra exige mais do que uma leitura superficial; demanda um entendimento profundo de seu estilo literário. É através da constante referência a eventos históricos e do uso sutil de ironias que Maquiavel nos fornece sua interpretação.

Devemos recordar que o erro no uso da história até então, na visão de Maquiavel, era tratar o passado como uma fonte de conselhos baseada em figuras idealizadas. Tal perspectiva ignora o fato de que, assim como as pessoas e instituições apresentam imperfeições no presente, igualmente o faziam no passado. A contemplação as torna inalcançáveis. Portanto, a história não deveria ser usada dessa forma, mas sim como um conhecimento edificante e produtivo. Ao contrário, deveria servir como um instrumento de educação e produtividade, iluminando as raízes dos antagonismos e revelando a essência dos conflitos sociais. A verdadeira valia da história reside na reflexão política que propicia: os *insights* e aprendizados extraídos das experiências passadas são fundamentais para esclarecer causas e motivos. Estes princípios, portanto, permitiriam que a história nos provesse a partir das experiências, lições e prescrições de modos de ação. No proêmio da obra, elucida esse objetivo:

> [...] se alguma lição há que seja útil aos cidadãos que governam as repúblicas, é aquela que demonstra os motivos dos ódios e das divisões das cidades, para que, diante do perigo em que incorrem outros, eles possam ganhar sabedoria e manter-se unidos.[423]

Além disso, acrescenta: "Evito, em todos os lugares, as palavras odiosas, pouco necessárias à dignidade e à verdade da história."[424]. Assim, foi a partir da ênfase no contexto histórico que o autor se libertou de culpabilizar o impacto da política Medici em Florença

---

[422] A diferença da incumbência da tarefa a Maquiavel é o fato que este, ao ser chamado como historiador oficial da cidade, fica encarregado de um ofício específico e remunerado para tanto. Antes, essa tarefa recaía sobre os secretários como uma de suas "funções", e o autor não ocupava mais essa posição.
[423] MAQUIAVEL, 2007, p.8.
[424] MAQUIAVEL, 2007, p.5.

como resultado unicamente da ação ou até mesmo do caráter de um homem.[425] E, uma vez condenando o processo, ainda era capaz de apreciar qualidades individuais das figuras Medici.

Essa distinção, usada por Maquiavel, é de suma importância para uma leitura correta da obra. Isso porque ele emprega uma forma de conduzir que lhe permite, eventualmente, manifestar aprovação ou até elogios a certas ações ou políticas dos Medici. Paralelamente, Maquiavel se vale de comentários irônicos e elogios velados para expressar suas observações. Ao narrar deste modo, foi capaz de reconhecer certos aspectos positivos - como a inteligência de Cosimo, a manutenção de relativa paz interna na cidade ou o incentivo à atmosfera cultural - e, ainda assim tecer críticas à tendência nepótica e corrupta da família, como a nomeação dos seus aos cargos públicos. Nas próprias palavras de Maquiavel,

> E, visto que V.B. Santíssima me impôs particularmente e mandou que escrevesse com justeza sobre as coisas feitas pelos Seus antepassados, para que todos vissem que fujo à adulação (porque, assim como Lhe agrada ouvir louvores verazes, também lhe desagrada ouvir os falsos, com o fito de obter favores), receio que, ao descrever a bondade de Giovanni, a sabedoria de Cosimo, a humanidade de Piero e a magnificência e prudência de Lorenzo, possa parecer a V.B. que desobedeci às suas determinações. E já me escuso, se quaisquer dessas descrições lhe desagradarem, por pouco fiéis, porque, tendo eu encontrado cheias de louvores as memórias daqueles que em vários tempos as descreveram, era-me mister descrevê-las tais quais as encontrei ou então calar, qual um invejoso. E se, detrás de tais obras egrégias, estava oculta alguma ambição contrária à utilidade comum, como dizem alguns, eu, que não a conheço, não sou obrigado a descrevê-la; porque em todas as minhas narrações nunca quis encobrir obra desonesta com honestas razões, nem obscurecer obra louvável, dizendo-a feita para um fim contrário.[426]

Portanto, em uma posição laboriosa, o autor precisava redigir delicadamente sua narração, como o mandatário havia ordenado já em sua encomenda. Não poderia resignar-se à adulação, mas, ao mesmo tempo, deveria imbuir o louvor.

Por meio da ambiguidade com que a retórica do texto é escrita, a verdade de sua opinião é mascarada, livrando-o de eventuais comprometimentos. Utilizando-se de sutileza e de seu notável engenho, ele consegue atender à expectativa de honorabilidade requerida pela obra, empregando lisonjas, mas se volta ao leitor para apresentar o comprometimento de seus (des)apreços. Diz ao papa:

---

[425] Os elementos do passado eram, como citado anteriormente, essenciais na ótica maquiaveliana na composição de um elemento útil ao presente das cidades. Isso implicava que a escrita dessa história fosse composta de lições passíveis de aprendizado para as experiências contemporâneas.
[426] MAQUIAVEL, 2007, p.4-5.

> Mas pode-se ver que fujo de adulações em todas as partes de minha história, sobretudo nos discursos e nas considerações privadas, descritos de modo direto ou indireto, que mantêm sem restrições, nas frases e na ordem, o decoro do humor da pessoa que fala.[427]

E,

> Assim, Santíssimo e Beatíssimo Padre, empenhei-me nestas minhas descrições em, não maculando a verdade, satisfazer a todos; mas talvez não venha a satisfazer a ninguém e, se assim for, não me admirarei, pois considero impossível deixar de ofender a muitos quando descrevemos as coisas dos seus tempos.[428]

Assim, ele ilustra, já nesta dedicatória da obra, as nuances dirigentes da ótica de trabalho comissionado e os feitos Medici, senhores de Florença e patronos de sua incumbência. Evidentemente, Maquiavel não poderia fazer o relato a seu modo. Sendo assim, ao invés de ser diretamente franco, conduz advertências e, mais que isso, lições que permeiam seus exemplos.

Aqueles que ansiavam pela história florentina como uma arma argumentativa de um passado verdadeiramente republicano, contudo, tiveram uma desilusão, já que uma das lições narradas é que Florença jamais se viu em um governo que fosse verdadeiramente popular e republicano. A nostalgia por um passado republicano idealizado, portanto, carregava um gravame de idealização não verídico.

Maquiavel dedicou metade da obra – quatro dos oito livros ali contidos – à história antecessora dos Medici no poder, o que o permitia discorrer sobre as origens dos problemas políticos e de suas instituições sem que os relacionasse diretamente. Essa escolha de retorno aos primórdios da cidade é um modo astucioso de preservar-se para analisar a história de Florença ainda sem os Medici e, ao mesmo tempo, ater-se até 1492, ano da morte de Lorenzo.

A decisão de interromper o relato nesse momento específico merece uma pausa para reflexão. Esta escolha, talvez evidente aos olhos de alguns, está intrinsecamente ligada ao contexto histórico marcado pela queda dos Medici em 1494, período em que o próprio autor assumiu o papel de secretário em um governo que buscava distanciar-se das conexões anteriores. Essa posição foi vista por Maquiavel como uma oportunidade para reconquistar o favor dos governantes da época. Diante disso, surgia um dilema: como mencionar este episódio sem entrar em conflito com suas próprias opiniões e participações? Criticar abertamente os Medici, com os quais procurava reconciliar-se, poderia ter consequências

[427] MAQUIAVEL, 2007, p.5.
[428] MAQUIAVEL, 2007, p.5.

irreversíveis. Por outro lado, renegar suas próprias convicções, especialmente em relação a um governo do qual participou ativamente e pelo qual demonstrou grande dedicação e zelo, não era uma opção viável. Assim, a escolha por interromper a narrativa nesse ponto específico reflete uma maneira cuidadosa de navegar por estas águas turbulentas, sem negar sua integridade ou comprometer seu futuro político.

No início da narrativa sobre Florença no Livro II, o autor adota uma perspectiva distinta. Ele volta sua atenção primordialmente para as políticas externas da cidade, enfatizando as guerras em que se envolveu. Paralelamente, no cenário interno, detalha as instituições florentinas e a instabilidade gerada por conspirações contra o Estado, não hesitando em expor e criticar aqueles que fomentaram tentativas de golpe. No que concerne à dominação sofrida por forças externas em 1298, diz

> [...] a cidade tinha condições para já não temer o Império nem os seus exilados, e com suas forças podia responder a todos os estados da Itália. No entanto, o mal que as forças externas não lhe podiam fazer foi-lhe feito pelas internas.[429]

Sobre as instituições, podemos ver, por volta dos 1340, que "[...] todos os dias algum popular era ultrajado, não bastando as leis e os magistrados para vingá-lo, porque qualquer nobre se defendia com parentes e amigos das forças dos priores e do capitão [do povo]".[430] E,

> [...] como o acusador precisava de testemunha quando recebesse alguma ofensa, nunca se encontrava ninguém que quisesse testemunhar contra os nobres; desse modo, não demorou muito para que Florença voltasse às mesmas desordens, e o povo continuou recebendo dos Grandes as mesmas injúrias, porque os julgamentos eram lentos, e as sentenças não eram executadas.[431]

Ao elaborar sobre as instituições, que em sua teoria política anteriormente desenvolvida eram apontadas como cruciais para preservar a integridade de uma República e evitar sua decadência, o autor observa que, desde o início, esses mecanismos já mostravam sinais de falha. As leis, fundamentais para fomentar a *virtù* do povo, não se mostraram eficazes. Aqueles que animavam-se pela ganância obtinham cada vez mais ânimo e "[...] a Senhoria e as leis eram sobrepujadas pela fúria dos poderosos; os cidadãos mais sábios e melhores viviam cheios de temor."[432]

---

[429] MAQUIAVEL, 2007, p.100.
[430] MAQUIAVEL, 2007, p.95.
[431] MAQUIAVEL, 2007, p.95-96.
[432] MAQUIAVEL, 2007, p.104,

Ao narrar sobre os conflitos e as conspirações pelo poder, o autor revisita a noção de que, mesmo nos momentos propícios ao avanço institucional — quando as tentativas de resolver esses embates surgiam —, tais esforços falhavam. Em vez de resultarem em um fortalecimento das instituições, caíam de volta nos mesmos vícios de divisões e disputas internas, impedindo um progresso consolidado e duradouro das estruturas políticas. Demonstrando como,

> [..] sói acontecer em todas as repúblicas - de se anularem leis velhas e renovarem outras depois de um acontecimento -, também em Florença, em vez de a Senhoria ser eleita a cada curto intervalo de tempo», os Senhores e os Colégios que passaram a existir, como tinham muito poder, outorgaram-se a autoridade de eleger os Senhores que deveriam ficar no cargo [...] e, como não soubessem corrigir de outro modo tais inconvenientes, usaram esse meio, sem perceberem os defeitos que se escondiam por trás dessa pequena acomodação."[433]

À medida que Florença prosperava com o comércio, elevando seu enriquecimento a patamares que rivalizavam ou até superavam os da nobreza tradicional, seus cidadãos mais poderosos e influentes buscavam assegurar e solidificar suas posições de destaque. Essas práticas, visando perpetuar seu *status* e influência, mantiveram-se ao longo do tempo, encontrando eco nas ações dos Medici, as quais Maquiavel examina discretamente. De acordo com Maquiavel, os poderosos

> [...] contavam com duas maneiras de aumentar e manter seu poder: uma era restringir os nomes de magistrados em escrutínio, de tal modo que a escolha sempre recaísse sobre eles mesmos ou sobre seus amigos; a outra era dirigir a eleição dos reitores, para depois contar com seus favores em seus julgamentos.[434]

Florença trilhava um caminho marcado não pela união em busca do aperfeiçoamento de suas leis e instituições, mas por um percurso de autodestruição, impulsionado pela ganância individualista de usurpar o poder. Em contraste com os romanos, que se engajavam em disputas políticas visando ao progresso coletivo, os florentinos recorriam às armas em conflitos fratricidas. Enquanto Roma emergia de suas contendas com legislações fortalecidas, Florença mergulhava em ciclos de exílios, mortes e tentativas falhas de reconstrução governamental, distanciando-se cada vez mais do bem comum e da coesão social. No início do Livro III, pontua que a razão disto seria os

---

[433] MAQUIAVEL, 2007, p.122.
[434] MAQUIAVEL, 2007, p.128.

> [...] diferentes fins que os dois povos tinham em mira: porque o povo de Roma desejava gozar as supremas honras ao lado dos nobres, enquanto o de Florença combatia para ficar sozinho no governo, sem a participação dos nobres. [...] Por outro lado, o desejo do povo florentino era injurioso e injusto, de tal modo que a nobreza preparava sua defesa com maiores forças, [...] Por isso, com as vitórias do povo, a cidade de Roma se tornava mais virtuosa, porque o povo, podendo ocupar a administração das magistraturas, dos exércitos e dos impérios com os nobres, enchia-se da mesma virtù que havia nesses, e a cidade, ganhando virtù, ganhava poder; mas em Florença, quando o povo vencia, os nobres ficavam privados das magistraturas [...][435]

Usando-se do discurso de um cidadão não nomeado, Maquiavel repete as falas de um homem movido pelo amor à pátria, lamentando as profundas mazelas que assolam a política florentina. Embora ainda não mergulhe diretamente nas nuances da governança Medici, ele tece comentários sobre os prelúdios e as fundações que permitiram à família valer-se de sua *fortuna* e *virtù* para assegurar um controle mais duradouro sobre um sistema político já marcado por séculos de corrupção. Em uma dessas passagens fala que

> [...] as ordenações e as leis não são criadas para a utilidade pública, mas para a utilidade própria; por isso, as guerras, as pazes e as alianças não são deliberadas para a glória comum, mas para a satisfação de poucos. E, se as outras cidades estão cheias dessas desordens, a nossa está manchada mais do que qualquer outra; porque nela as leis, os estatutos, as ordenações civis não são ordenados de acordo com a vida livre, mas de acordo com a ambição do partido que se tornou superior. [...] segundo o costume dos ambiciosos, procuram obter o primeiro posto na república [...] em todas as repúblicas há famílias fatais que nascem para a sua ruína. Em tais famílias a nossa república abundou mais que qualquer outra, porque não foi perturbada e afligida por uma, mas por muitas [...] Porque naquelas famílias antigas era tão grande o poder, eram tão grandes os favores que recebiam dos príncipes que não bastavam ordenações e modos civis para freá-las [...] E, embora a corrupção nela seja grande, debelai agora essa doença que nos aflige, essa raiva que nos consome, esse veneno que nos mata; e não imputeis as antigas desordens à natureza dos homens, mas aos tempos; e, como estes mudaram, podeis esperar melhor fortuna para a vossa cidade, por meio de melhores ordenações. A maldade da fortuna pode ser vencida com a prudência, pondo-se freio à ambição desses homens, anulando-se as ordenações que alimentam as facções e prendendo aqueles que não estão em conformidade com a verdadeira vida livre e civil. E estai certos de que é preferível fazê-lo agora, com leis benignas, do que diferi-lo e precisar fazê-lo com a ajuda das armas.[436]

No Livro III, a narrativa se concentra predominantemente nas diversas revoluções e insurreições que ocorreram de maneira sucessiva dentro da cidade, destacando-se, pela sua

---

[435] MAQUIAVEL, 2007, p.158.
[436] MAQUIAVEL, 2007, p.166-169.

magnitude e duração, a revolta dos *Ciompi,* de 1378. Este levante significativo, protagonizado pelas camadas mais inferiores da sociedade, marcou um período de três anos em que estas conseguiram subjugar aqueles que antes as menosprezavam. Maquiavel dedica uma considerável parte desta seção do livro para detalhar os eventos e implicações desse conflito.

Em diversos momentos da narrativa, o nome dos Medici emerge, com destaque para um de seus primeiros e mais notórios membros, Salvestro de Medici. Este iniciou sua trajetória política alcançando cargos no governo, celebrado por vitórias pontuais, até ser expulso da cidade. Contudo, é Benedetto Alberti quem sobressai nas narrativas, frequentemente invocado por Maquiavel para traçar um paralelo revelador com eventos futuros. Com o efêmero governo da plebe, seus apoiadores "se tornaram quase príncipes da cidade",[437] criando um cenário "cheio de exílios e mortes, porque, havendo muitos descontentes dentro e fora da cidade, os que governavam viviam em meio a grandes suspeitas"[438].

Benedetto Alberti, participante desse governo, é retratado por Maquiavel como um homem "riquíssimo, humano, severo, amante da liberdade de sua pátria, que muito se desagradava de medidas tirânicas: por isso, foi fácil aquietá-lo e fazê-lo conceder com a ruína de Giorgio.", e que "as mesmas razões que o haviam levado a aliar-se à plebe agora o faziam deixá-la."[439]

Entretanto, com as conquistas florentinas travadas sob guerras, alegraram-se as demonstrações de riqueza e "a família que sobrepujou as outras em pompa e magnificência foi a dos Alberti, pois as paradas e os torneios que promoveu foram dignos de um príncipe, e não de pessoas privadas"[440]; "[...] aqueles que governavam não conseguiam tolerá-lo, por lhes parecer que a todo momento, com a ajuda de seus partidários, ele podia recobrar a reputação e expulsá-los da cidade."[441] Fora preso e, na sequência, exilado. Contudo, antes de partir, disse a seus parentes:

> Dói-me saber que tinha pátria fica nas mãos de poucos, submetida à sua soberba e à sua ganância; dão-me por vós, porque desconfio que os males que hoje terminam em mim e começam em vós com maiores danos do que me perseguiram os perseguirão.[442]

---

[437] MAQUIAVEL, 2007, p.197.
[438] MAQUIAVEL, 2007, p.198.
[439] MAQUIAVEL, 2007, p.202.
[440] MAQUIAVEL, 2007, p.206.
[441] MAQUIAVEL, 2007, p.207.
[442] MAQUIAVEL, 2007, p.208.

O encerramento dessa terceira parte, logo antes de começar no período Medici, diz muito aos que se atentam ao conteúdo.

> E, assim, a morte sempre foi mais aliada dos florentinos que qualquer outro aliado e sempre teve mais poder para salvá-los do que a *virtù* deles. [...] durante oito anos, ao cabo dos quais, a par das guerras travadas contra Filippo duque de Milão, renovaram-se os partidos; e esses só terminaram com a ruína do estado que reinara de 1381 a 1434 e travara muitas guerras com tanta glória, conquistando para seu império Arezzo, Pisa, Cortona, Livorno e Monte Pulciano. E maiores coisas teria feito se a cidade se mantivesse unida e nela não se reacendessem os antigos humores; sobre isso falaremos no próximo livro com particularidades.[443]

No Livro IV, quando Maquiavel passa a verificar a ascensão dos Medici, ele havia acabado de concluir, como acabamos de verificar, que Florença era, no final do século XIV, uma república permeada por uma sociedade corrupta. Esta estava desprovida de *ordini*, era volátil, sem alicerces de fundação de suas instituições e presa num ciclo de autodestruição, de violência, terror e exílios. Ainda assim, esse relato já começa com mais uma passagem de suma importância:

> As cidades, sobretudo as que não são bem-ordenadas e são administradas com o nome de república, mudam frequentemente de governo e estado, não variando entre liberdade e servidão, como pensam muitos, mas sim entre servidão e licença. Porque apenas o nome liberdade é celebrado pelos arautos da licença, que são os populares, e pelos da servidão, que são os nobres, pois nenhum deles deseja submeter-se às leis nem aos homens. A verdade é que só quando ocorre (o que é raro), para boa fortuna da cidade, o surgimento de algum cidadão sábio, bom e poderoso, que ordene leis capazes de aquietar os humores dos nobres e do povo ou de impedi-los de agir mal, é possível considerar livre tal cidade e estável e firme o seu estado; porque, depois de fundado em boas leis e boas ordenações, não necessitará, para manter-se, dá *virtù* de um só homem, como os outros. Semelhantes leis e ordenações dotaram muitas repúblicas antigas, cujos estados tiveram vida longa; semelhantes ordenações e leis faltaram e faltam a todas as repúblicas, cujos governos variaram e variam frequentemente do estado tirânico ao licencioso, e deste àquele. Porque neles, em razão dos poderosos inimigos que têm, não há nem pode haver estabilidade alguma; pois um não agrada aos homens bons, e o outro desagrada aos sábios; um pode facilmente fazer o mal, o outro dificilmente pode fazer o bem; num é demasiada a autoridade dos homens insolentes; no outro, a dos néscios; ambos precisam ser mantidos pela *virtù* e pela fortuna de um homem, que em razão da morte pode vir a faltar, ou em razão de dificuldades pode tornar-se inútil.[444]

---

[443] MAQUIAVEL, 2007, p.219.
[444] MAQUIAVEL, 2007, p.221-222.

O primeiro a ser descrito é Giovanni de Medici, caracterizado como *"ricchissimo", "benigno" e "umano"*, louvado por suas "qualidades" pessoais e, ainda, chama a atenção que havia sido "[...] conduzido à magistratura suprema por concessão dos governantes."[445]. Logo na sequência, retoma o que finalizou o Livro III alertando:

> [...] toda a cidade demonstrou tanta alegria, por parecer à multidão que ganhará um defensor, que nos mais sábios nasceu a suspeita, pois começavam de novo a fazer-se sentir todos os antigos humores. E Niccolò da Uzanno não deixou de prevenir os outros cidadãos, mostrando o grande perigo que havia em favorecer alguém que tinha tanta reputação junto ao povo (*universale*); mostrava também que é fácil opor-se às desordens no princípio, mas, depois que crescem, é difícil remediá-las; [...] Niccolò não foi ouvido por seus pares, que invejavam sua reputação e desejavam ter aliados para derrubá-lo.[446]

Desde o início, os Medici são associados às *desordini*, uma ambiguidade que permeia toda a obra. A visão maquiaveliana é claramente intrincada quando se atém aos Medici. Embora reconheça suas habilidades políticas, contribuições à prosperidade cultural e certa estabilidade, Maquiavel critica o seu caráter despótico e a tendência ao acúmulo excessivo de poder. Em seu ponto de vista, essa abordagem pragmática dos Medici comprometia o equilíbrio de poder e a possibilidade de se manter uma estabilidade política duradoura.

Mas, ao ganhar poder e popularidade, Giovanni se tornou uma figura decisiva no equilíbrio de forças de Florença. Com a ascendência do partido opositor, a nobreza existente viu seu domínio ameaçado. O apoio de Giovanni havia se tornado tão crucial que, sem ele, a nobreza teria que recorrer às armas, enquanto sua aliança poderia pacificar a população e acalmar os ânimos. Nesse momento, Uzanno recordou-lhes "[...] que não haviam desejado remediar aquelas dificuldades quando ainda era fácil fazê-lo, mas agora não era possível fazê-lo sem maiores danos.".[447]

Seja pelo não interesse de um confronto ou outra razão, Giovanni acatou o apoio ao partido oposto em meados de 1381 e respondeu "[...] que acreditava ser dever de um sábio e bom cidadão não alterar as ordenações estabelecidas da sua cidade.". Mas, logo na sequência dessa fala, Maquiavel adiciona sobre os males perniciosos da República que deveria eleger seus representantes:

---

[445] MAQUIAVEL, 2007, p.224.
[446] MAQUIAVEL, 2007, p.224.
[447] MAQUIAVEL, 2007, p.234.

> [...] uma era dar os cargos honrosos àqueles que, como nunca os tiveram, não os estimavam tanto e tinham menos razões de queixar-se de não os ter, e a segunda era tirar tais cargos daqueles que, acostumados a tê-los, não sossegaram enquanto não os recuperassem.[448]

Sendo Giovanni um tanto mais comedido na participação política que seus descendentes, Maquiavel não se prolonga em sua narrativa. Ele finaliza esse período com o discurso de Giovanni para com seus filhos e, ainda, alguns comentários sobre a personalidade. De sua fala, é importante que o analisemos na seguinte passagem:

> [...] Morro contente, pois vos deixo ricos, sadios e em tal situação que podereis, desde que sigais minhas pegadas, viver em Florença honrados e benquistos por todos. [...] retirai o que vos é dado pelas leis e pelos homens, e isso não vos granjeara inveja nem perigo, porque o que torna o homem odiado é aquilo que ele arrebata, e não aquilo que lhe é dado, e sempre tereis muito mais do que aqueles que, querendo a parte dos outros, perdem a sua e, antes de a perderem, vivem em constante aflição. Com tal arte, entre tantos inimigos, entre tantas desavenças, não só mantive minha reputação nesta cidade, como também a aumentei.[449]

Na narrativa, surge uma aparente contradição: enquanto geralmente se cultiva inveja contra aqueles que tomam o que não lhes pertence, Giovanni, mesmo enfrentando numerosos inimigos e desavenças, conseguiu aumentar sua reputação e ser benquisto por muitos. Essa dualidade – ser simultaneamente admirado e alvo de inveja – levanta a questão de como Giovanni conseguiu tal feito. Por quais meios aumentou sua benquerença junto a muitos e ainda despertou tantos ódios? Maquiavel trata de demonstrar nas próximas linhas.

> Amava a todos; louvava os bons e tinha compaixão dos maus. Nunca pediu honras e teve-as todas; nunca foi ao Palácio, a não ser chamado. Amava a paz, fugia à guerra. Acudia os homens na adversidade, promovia a prosperidade. Era alheio ao roubo dos bens públicos e aumentava o bem comum. Era cordial em sua magistratura; não era grande a sua eloquência, mas imensa a sua prudência. [...] Morreu riquíssimo de dinheiro, porém mais rico de boa fama e benquerença.[450]

Longe de se esquivar dos conflitos bélicos, foi um apoiador de várias guerras, conforme Maquiavel menciona. Ademais, por que haveria de ter compaixão dos maus se não era seu papel julgá-los? Não haveria. Mas "era cordial em sua magistratura", ou seja, essa disposição para o embate, contudo, não diminuía sua capacidade de governar com clemência e

---

[448] MAQUIAVEL, 2007, p.235.
[449] MAQUIAVEL, 2007, p.244-245.
[450] MAQUIAVEL, 2007, p.244-245.

prudência, características essenciais para liderar uma República de maneira eficaz. Para concluir, Maquiavel destaca que Giovanni não apenas faleceu rico, mas extraordinariamente rico, e podemos inferir que essa riqueza não se limitava apenas ao aspecto financeiro, mas também à grande reputação e à benquerença que ele conquistou, em grande parte devido aos recursos que ele empregou através do Banco Medici.

Logo após dar início ao Livro IV, Maquiavel se dedica à questão da participação nas guerras que se sucediam, uma após a outra, para a conquista de novos territórios, principalmente Lucca. Afirma que "[...] não se via razão para nova guerra, se a ambição dos homens não a provocasse"[451] e com isso "[...] a multidão está mais pronta a ocupar o que é dos outros do que a guardar o que é seu [...]"[452].

Como já estudamos no primeiro capítulo, o principal nome e incentivador da guerra foi Rinaldo degli Albizzi, a quem incomodava nitidamente a crescente riqueza e poder Medici. Sob a advertência de Niccolò da Uzanno "[...] não sabia como alguém podia considerar útil aquela empresa em que os prejuízos eram certos e a utilidade, duvidosa."[453]. Quando a lástima da derrota chegou aos ouvidos florentinos e os gastos empilhavam-se "[...] contristou toda a nossa cidade [...] e assim ressuscitaram as acusações feitas a messer Rinaldo."[454]

As acusações e a sutileza maquiaveliana se fazem presentes mais uma vez, perceptíveis a uma leitura mais atenta. Primeiro, logo após tratar da derrota, dissera sobre um dos nomes que estavam sendo criticados, Giovanni Guicciardini, família partidária Medici, que

> [...] era o mais criticado, pois diziam que, depois da partida do conde Francesco, ele poderia ter concluído a guerra, mas fora subornado e havia mandado certa soma para casa, e até diziam quem a havia levado e quem recebido. E tornaram-se tão audíveis tais rumores e acusações que o capitão do povo, levado por essas vozes públicas e incitado por aquelas do partido contrário, citou Guicciardini. Este compareceu indignado; seus parentes, em nome de sua honra, tanto fizeram que o capitão desistiu da questão.[455]

Adjacente a isso, no princípio da introdução Maquiavel pontua duas passagens que servem como prelúdio ao seu raciocínio e como meio sutil de formalizar sua opinião:

---

[451] MAQUIAVEL, 2007, p.247.
[452] MAQUIAVEL, 2007, p.248.
[453] MAQUIAVEL, 2007, p.251.
[454] MAQUIAVEL, 2007, p.261.
[455] MAQUIAVEL, 2007, p.261.

> [...] depois da morte de seu pai Giovanni, comportava-se com maior ânimo nas coisas públicas, com maior empenho e mais liberalidade com os amigos do que o próprio pai; [...] Cosimo era homem de grande prudência, de aparência austera e agradável, liberal e humano; nunca tentou coisa alguma contra o Partido nem contra o estado, mas dedicava-se a beneficiar a todos e, com sua liberalidade, a fazer de muitos cidadãos seus partidários. De modo que o seu exemplo era um fardo para governantes, e ele achava que, daquele modo, poderia viver em Florença com poder e em segurança, assim como qualquer outro, ou, caso a ambição dos adversários o levassem a adotar meios extraordinários, acreditava ser capaz de sobrepujar em armas e apoios. [456]

E,

> [...] embora o partido de Cosimo tivesse defendido a guerra, para o comando desta foram designados muitos homens do partido contrário,[...] Averardo de' Medici e os outros dedicavam-se com arte e engenho a caluniá-los; [...] causaram a indignação de messer Rinaldo degli Albizzi, que abandonou sua missão sem pedir licença, e levaram o capitão do povo a citar messer Giovanni Guicciardini; tais coisas originaram todas as outras acusações feitas contra os magistrados e os comissários [...][457]

Para não haver dúvidas de seu posicionamento quanto às manipulações, inicia o capítulo seguinte já retomando o que Niccolò avisará sobre a crescente influência Medici no governo:

> Tais coisas e modos extraordinários de proceder eram sobejamente conhecidos por Niccolò da Uzanno e pelos outros chefes do Partido, que muitas vezes haviam discutido sobre os remédios para isso; e não os encontravam, porque achavam perigoso deixar que tais coisas crescessem e que era difícil combatê-las.[458]

Maquiavel, sem mencionar explicitamente nas referidas passagens, sugere a habilidade extraordinária de Cosimo em utilizar de maneira sutil suas capacidades de manipular instituições. Ele formaliza a ideia da destreza com que Cosimo empregava sua fortuna para cooptar alianças estratégicas e exercer uma influência decisiva sobre a política florentina, moldando os rumos da cidade antes mesmo de sua ascensão ao poder em 1434. Maquiavel destaca que este se comportava com "maior ânimo nas coisas públicas" e com liberalidade, adjetivo recorrente para caracterizá-lo. Entretanto, se sentisse sua posição ameaçada, Cosimo não hesitaria em empregar seus recursos, apoios e até mesmo armas para se proteger, uma

---

[456] MAQUIAVEL, 2007, p.262.
[457] MAQUIAVEL, 2007, p.262.
[458] MAQUIAVEL, 2007, p.263.

atitude que contradiz sua reputação de liberalidade. Por meio dessa análise, Maquiavel lança uma crítica sutil, sugerindo uma visão predominantemente crítica da conduta de Cosimo.

Todavia, recordemos que, nos *Discursos*, Maquiavel deteve-se ao fato que as lutas internas de Florença não resultaram em boas leis devido à corrupção de suas instituições e à separação perpétua de suas classes, que buscavam apenas seus próprios interesses, principalmente a dominante. Portanto, Maquiavel não culpabiliza Cosimo por corromper o governo florentino, pois ele já o era anteriormente à sua chegada. Tal lógica é retomada no Proêmio da obra, pois

> [...] houve repúblicas cujas divisões foram notáveis, as de Florença as excedem em tudo, porque a maioria das outras repúblicas das quais se tem alguma notícia contentou-se com uma divisão, em razão da qual, segundo os acontecimentos, ora cresceram, ora declinaram, mas Florença, não contente com uma, criou muitas.[459]

E,

> Não obstante, a nossa parecia crescer cada vez mais: tamanha era a virtù daqueles cidadãos e a força do engenho e do ânimo deles, para o engrandecimento de si mesmos e de sua pátria, que todos quantos ficavam livres de tantos males podiam com sua virtù exaltá-la mais do que pudera ofendê-la a malignidade dos acontecimentos que a haviam diminuído.[460]

Aproveitando-se da falta de coesão entre os líderes, aliada a um governo em declínio, somados à evidente predileção popular e ao imenso patrimônio acumulado pelo Banco, os Medici encontraram um cenário histórico propício para sua ascensão. O Banco Medici desempenhou um papel crucial ao fornecer "favores" àqueles que de alguma forma poderiam retribuir os benefícios, ou ao oferecer gestos de "caridade" para com a república durante momentos de adversidade, em que intervenções financeiras pudessem trazer soluções.

A narrativa maquiaveliana sobre a ascensão de Cosimo ao poder, abrangendo o período entre a conspiração de 1434 e sua morte em 1464, engloba os temas mencionados no discurso de Niccolò da Uzzano. Este ocorre quando Rinaldo degli Albizzi busca o seu apoio contra Cosimo, que intentava, ao seu ver, tornar-se o príncipe de Florença após os acontecimentos citados acima. Uzzano, em sua fala, aborda:

> [...] Parece-me que quem pensa em expulsar Cosimo de Florença precisa, antes de mais nada, comparar suas forças com as de Cosimo. Batizastes nosso partido de Partido dos Nobres, e ao partido contrário destes o nome de

[459] MAQUIAVEL, 2007, p.8.
[460] MAQUIAVEL, 2007, p.9.

> Partido da Plebe: se a verdade correspondesse ao nome, a vitória seria em tudo duvidosa, [...] Mas temos muito mais o que temer [...] De modo que, se considerarmos bem quem são eles e quem somos nós, não sei por que nosso partido merece mais ser chamado nobre do que o deles. [...] E se dissesses que a justa razão está conosco, e não com eles, o que aumentaria o nosso crédito e diminuiria o deles, respondo que tal justiça precisa ser entendida e acreditada pelos outros assim como o é por nós; mas o que ocorre é o contrário; porque a razão que nos move está toda fundada na suspeita de que Cosimo se torne príncipe desta cidade: se nós temos essa suspeita, os outros não a têm; aliás, o que é pior: os outros nos acusam daquilo de que o acusamos. As obras de Cosimo que o tornam suspeito são: pôr seu dinheiro à disposição de todos, não somente dos cidadãos privados, mas também do público, e não só dos florentinos, mas também dos *condottieri*; ajudar este ou aquele cidadão que precisa dos magistrados; com a benquerença que tem todos, alça este ou aquele amigo a postos mais honrosos. Portanto, seria preciso dizer quais as razões de expulsá-lo, porque ele é piedoso, solícito, liberal e amado por todos. [...] E, embora tais modos sejam aptos a levar voando ao principado, ninguém os vê assim, nem somos nós capazes de assim os mostrar, porque nossos modos nos tiraram o crédito, e a cidade, que naturalmente é partidária e (por ter sempre vivido com partidos) corrupta, não pode dar ouvidos a semelhantes a acusações. Mas suponhamos que conseguíssemos expulsá-lo - o que, com uma Senhoria favorável, seria possível: como poderíeis, entre tantos amigos dele, que ficariam e arderiam de desejos pela sua volta, evitar que ele voltasse? Isso seria impossível, [...] de tal modo que depois de pouco tempo ele voltaria; e o que ganharíeis é que teríeis expulsando amigos do um homem bom, e ele voltaria mau; porque sua natureza seria corrompida por aqueles que o tivessem chamado de volta, aos quais ele não poderia opor-se, por lhes dever obrigações. [...] suponhamos que ele morra ou que, sendo expulso, não volte: não vejo que proveito terá a nossa república; porque, se ela se livra de Cosimo, torna-se escrava de messer Rinaldo; [...] Só te digo uma coisa: que Deus nos livre de algum de nossos cidadãos se tornar príncipe desta cidade, mas se os nossos pecados nos fizerem merecê-lo, que Ele nos livre de ter de obedecer-lhe. [...] todos esses cidadãos, em parte por ignorância, em parte por malícia, estão dispostos a vender esta república e a fortuna é tão amiga deles que encontraram o comprador.[461]

Como podemos observar, o discurso assinala, com complexidade analítica, a dinâmica política que Cosimo estabeleceu em Florença. Para entender as nuances dessa análise, é fundamental desmembrar suas considerações. Inicialmente, o discurso estabelece um paralelo entre o partido liderado por Cosimo e o partido tradicionalmente considerado nobre, questionando a sua verdadeira natureza. A comparação revela que, embora o grupo de Cosimo incluísse membros das classes mais baixas, a sua essência se distanciava significativamente da realidade dessas camadas. Levanta, com isso, dúvidas sobre a legitimidade do rótulo "nobre".

Segundo, esmiúça as preocupações das ações que tornavam Cosimo suspeito aos olhos de seus pares. Pois, embora essas atitudes pudessem ser “bem-intencionadas”, foram vistas com desconfiança e interpretadas como um possível caminho para um principado. Este

[461] MAQUIAVEL, 2007, p.264-267.

aspecto realça o poder e a influência sem precedentes que Cosimo exercia na cidade, alimentados pela sua imensa riqueza. Essa fortuna não apenas ampliava seu leque de possibilidades de ação, mas também o posicionava como um elemento agregador entre diferentes grupos e interesses, garantindo-lhe apoio em várias camadas da sociedade.

Em síntese, aponta a fragilidade do sistema circunscrito na República, evidenciada pelo impasse gerado pela possível expulsão de Cosimo. Além disso, destaca-se a ameaça latente de que outros líderes, como *messer* Rinaldo, pudessem ascender ao poder e instituir regimes tirânicos, precipitando uma nova onda de opressão política. A conclusão enfatiza a necessidade de uma reflexão coletiva sobre as responsabilidades dos cidadãos, destacando a importância de evitar a venda do poder em troca de interesses particulares.

No calor dos ânimos após a morte de Niccolò e sem obstáculos em seu partido, Rinaldo avivava as acusações a seus adversários e em um meio já indecoroso à moral, na ótica de Maquiavel, "[...] o bem e o mal eram indiferentemente favorecidos e desfavorecidos; os bons e os maus eram igualmente criticados; nenhum magistrado cumpria seu dever"[462]. Estando essa desordem, aproveitou-se para culpabilizar Cosimo pela desunião na cidade, porque "[...] somente ele, com os favores decorrentes de sua descomunal riqueza, os mantinha enfermos"[463], mas essa riqueza não seria uma aflição, já que uma vez que "[...] ele estivesse em poder dos Senhores, ela seria deles também"[464].

Preso por seus inimigos, Cosimo ficou detido na torre do Palácio e, durante essa passagem, seu carcereiro e apoiador levou consigo um conhecido do então *gonfaloneiro*, chamado Farganaccio. A este, Cosimo tomou a seguinte atitude:

> [...] deu-lhe um bilhete e encarregou-o de ir ao hospital de Santa Maria Nuova buscar mil e cem ducados: cem ficariam para ele, e os mil deveriam ser levados ao gonfaloneiro, pedindo-lhe que tomasse uma ocasião honesta para falar com ele. Farganaccio aceitou o encargo: o dinheiro foi pago, e Bernardo tornou-se mais humano; assim, Cosimo foi confinado em Pádua, contra a vontade de *messer* Rinaldo, que queria matá-lo.[465]

Ao ser agraciado com essa sentença, respondeu que ele

> [...] aceitou o confinamento com aparência alegre, afirmando que onde quer que a Senhoria o mandasse ele ficaria de bom grado. E, visto que lhe haviam poupado a vida, pedia-lhes que a defendessem, porque sentia que na Praça

[462] MAQUIAVEL, 2007, p.268.
[463] MAQUIAVEL, 2007, p.268.
[464] MAQUIAVEL, 2007, p.269.
[465] MAQUIAVEL, 2007, p.271.

> havia muitos que desejavam seu sangue. Disse depois que, em qualquer lugar em que estivesse, ele e seus bens estariam à disposição da cidade e da Senhoria. Foi confortado pelo *gonfaloneiro*, sendo mantido no Palácio até que caísse a noite. Depois disso, o *gonfaloneiro* o conduziu à sua casa e convidou-o a jantar, mandando, em seguida, que ele fosse acompanhado por muitos homens armados até o local do exílio. Por todos os lugares onde passou, Cosimo foi recebido com honras e visitado publicamente pelos venezianos, não como banido, mas com o respeito devido a alguém que ocupe um posto supremo.[466]

A meticulosa escolha de Maquiavel dos acontecimentos que iria narrar não ocorre por causalidade. Deliberadamente descreve que tamanhas eram as demonstrações de lados, que o próprio *gonfaloneiro*, que deveria governar e manter-se imparcial, convidou Cosimo para jantar. E, sob a ameaça de seus perseguidores, garantiu sua escolta em segurança para fora da cidade.

Há, de fato, como demonstrado, uma clara e intencional referência à vasta riqueza que a família Medici possuía. Sem jamais citar o Banco Medici, apenas elucidando suas interposições, demonstra como este, nos momentos mais decisivos e determinantes, era o ponto chave de envergadura do resultado. Aqui, atribuindo seu exilio como alternativa à pena de morte, o coloca justamente como efeito de sua sagaz astúcia ao recorrer ao dinheiro como forma de adulteração do desfecho. Na fala de Rinaldo sobre essa resolução:

> [...] disse-lhes estar certo de que a ruína deles estava sendo preparada, por terem deixado vencer por súplicas, por lágrimas e pelo dinheiro de seus inimigos. [...] e do dinheiro emprestado teriam de restituir o principal e pagar os juros com tortura, morte e exílio.[467]

Porventura do que era esperado de acontecer, visto que ainda havia muitos apoiadores dos Medici, sem contar a plebe, logo que o ano de 1434 começou, mudaram-se os ventos. Devido a essas propriedades e a tantos junto a sua causa,

> Já havia transcorrido quase um ano da expulsão de Cosimo, e, no fim de agosto de 1434, foi designado para gonfaloneiro nos dois meses seguintes Niccolò di Cocco e, com ele, foram eleitos oito Senhores, todos partidários de Cosimo; a constituição dessa Senhoria assustou *messer* Rinaldo e todo o seu partido.[468]

---

[466] MAQUIAVEL, 2007, p.272.
[467] MAQUIAVEL, 2007, p.272-273.
[468] MAQUIAVEL, 2007, p.274.

A cidade havia se privado "[...] não somente de homens de bem, como também de riquezas e indústria."[469]. Como era de se esperar, Cosimo logo menos foi chamado novamente a Florença. E Rinaldo, coagido pelo papa, depôs suas armas para amargurar-se de sua escolha e a ele disse:

> [...] sempre me parecerá pouco estimável viver numa cidade onde as leis têm menos poder que os homens; porque devemos desejar uma pátria na qual possamos desfrutar em segurança o patrimônio e os amigos, e não a pátria onde o patrimônio pode ser perdido facilmente, e os amigos, por medo, nos abandonem na hora de maior necessidade. E aos homens sábios e bons foi sempre menos pesaroso ouvir falar dos males de sua pátria do que vê-los; e tais homens consideram mais glorioso ser um rebelde honrado do que um cidadão escravizado.[470]

Na síntese do capítulo, Maquiavel sutilmente ressalta aspectos cruciais, dizendo que

> [...] raras foram as vezes em que um cidadão, ao voltar triunfante de uma vitória, tivesse sido recebido por sua pátria com tanta afluência do povo e com tanta demonstração de benquerença, como ele foi recebido ao voltar do exílio. E foi saudado voluntariamente por todos como benfeitor do povo e pai da pátria.[471]

A menção de que o povo agiu "voluntariamente" ao saudar Cosimo como um herói após sua absolvição é uma observação perspicaz sobre o papel da influência e manipulação populares na política. Essa escolha de palavras não só sublinha a participação ativa, embora potencialmente manipulada, da população na celebração de Cosimo, mas também reflete sobre a complexidade das dinâmicas políticas e seu impacto na opinião pública. Ao retratar o retorno de Cosimo não como um mero retorno, mas como uma celebração triunfal, destaca-se a força da narrativa e da percepção pública na construção de imagens políticas poderosas. A ideia de que Cosimo foi recebido como um conquistador, sem efetivamente participar de um combate físico, ilustra a potência da retórica e da imagem na formação do conceito do "pai da pátria", enfatizando a influência da narrativa na engenharia do consentimento político.

Podemos chegar a essas conclusões pois Maquiavel não tarda a demonstrar como os elementos que atribuiu a Cosimo não condiziam com a realidade. Tão adiante nas primeiras páginas do Livro V, narra os acontecimentos em Florença após seu retorno. Neste

---

[469] MAQUIAVEL, 2007, p.279.
[470] MAQUIAVEL, 2007, p.280.
[471] MAQUIAVEL, 2007, p.280.

> se essa proscrição tivesse sido acompanhada por derramamento de sangue, teria sido semelhante à de Otaviano e Sila; se bem que alguns lugares se tivessem manchado de sangue, porque Antonio di Bernardo Guadagni foi decapitado, e quatro outros cidadãos, entre os quais Zanobi Belfrategli e Cosimo Barbadoro, saindo dos confins que lhes haviam sido impostos e indo para Veneza, foram presos pelos venezianos, que deram mais valor à amizade de Cosimo do que à sua honra, e os mandaram matar covardemente. Tal coisa deu grande reputação ao partido e infundiu grande terror nos inimigos [...] Quando a cidade se viu livre de inimigos ou suspeitos ao estado, puseram-se a beneficiar novas pessoas, para fortalecer o seu partido [...][472]

Esse trecho destaca que a nova liderança não apenas continuou, mas ampliou a repressão política, confinando e oprimindo muitos cidadãos. O foco da perseguição é pautado nas afinidades políticas, relações familiares e rivalidades pessoais dos indivíduos. Tece também uma comparação com proscrições históricas, como as de Otaviano e Sila, ambos líderes violentos de Roma, para ilustrar a gravidade das ações. A narrativa destaca a influência política, a manipulação de alianças e a importância da manutenção da unidade na cidade por meio do uso da força, criticando a brutalidade que foi empregada para atingir tais fins. A menção do envolvimento de Veneza e a sua decisão de sacrificar indivíduos para agradar não a Florença, mas a Cosimo, são evidências indubitáveis de sua tomada da república florentina.

Não se detendo a uma narrativa factual, Maquiavel continua a proferir seus juízos e, durante esse momento, não cita o nome Medici uma única vez, apenas dos amigos e partidários do novo governo. Os novos governantes

> [...] fortaleceram-se com leis e com novas ordenações, procedendo a novos escrutínios, em que tiraram das bolsas os nomes dos inimigos e nelas puseram os dos amigos. E, advertidos pela ruína dos adversários, considerando que não bastavam votos escolhidos para fortalecer seu estado, decidiram que os magistrados que tinham autoridade para derramar sangue deveriam ser sempre homens importantes de sua facção; [...] E, se em Florença algum suspeito deixou de ser atingido por tais ofensas, foi afligido pelos gravames; e, em pouco tempo, expulsando e empobrecendo todo o partido inimigo, garantiram o seu estado. E, para não carecerem de ajuda externa e privarem de ajuda aqueles que porventura os quisessem atacar, fizeram uma aliança de defesa dos estados com o papa, os venezianos e o duque de Milão.[473]

---

[472] MAQUIAVEL, 2007, p.288-289.
[473] MAQUIAVEL, 2007, p.289.

É crucial ter em mente que a exibição das alianças externas de Florença tem uma justificativa intrínseca: essas alianças foram forjadas e sustentadas, como previamente estudado, devido à influência decisiva de Cosimo de Medici. Este habilmente estabeleceu relações influentes, como foi demonstrado no nosso primeiro capítulo. O apoio do papado se deu em virtude de terem se tornado os depositários exclusivos através do Banco Medici. Veneza foi mantida como uma aliança exclusivamente pela interferência de Cosimo, que chegou a ser chamado de *Veneto Uomo*. A última foi possível graças à ajuda e estima de Cosimo por Sforza, um relacionamento que perdurou até a morte de Sforza. Tais conexões externas foram um reflexo do talento político de Cosimo e ilustram sua técnica em estabelecer convenções estratégicas para fortalecer sua posição e o resguardo de Florença. Observação esta que não escapou à percepção aguçada de Maquiavel.

No decurso do quinto livro, o autor se aprofunda de maneira acurada, por mais de cinquenta páginas, em um exame detalhado dos acontecimentos externos que envolviam Florença na época. Detém-se por um instante a quando Rinaldo, exilado e sem êxito, tentou buscar uma aliança com o duque de Milão, algo, podemos dizer, praticamente irrelevante na perspectiva internacional, mas que seguramente deu oportunidade para que o autor exprimisse outra vez sua convicção:

> E que ninguém condene aquele que move armas contra sua pátria, [...] Que doença pode ser pior ao corpo de uma república do que a servidão? Que remédio pode ser mais necessário do que aquele que a livre dessa enfermidade? Só são justas as guerras que são necessárias, e as armas são piedosas quando não há esperança alguma além delas. Não conheço necessidade maior que a nossa, [...] pois que poderio terá uma cidade que há tão pouco tempo alijou de si a maior parte das suas riquezas e da sua indústria? Que obstinação queres que haja num povo desunido por tantas e novas inimizades? Tal desunião também é razão de não poderem ser aproveitadas, como antes podiam, nem mesmo as riquezas que ali ficaram, porque os homens gastam de bom grado seu patrimônio em favor de sua glória, de honrarias e de seu próprio estado [...] E os povos sofrem muito mais com a ganância de seus cidadãos do que com a rapacidade dos inimigos, porque desta esperam algum dia ver o fim, e da outra jamais. Nas guerras passadas lutavas contra toda uma cidade, agora lutarás contra uma mínima parte dela; vinhas então para tirar o estado de muitos cidadãos e bons, agora vens para tirá-lo de poucos e maus; vinhas para tirar a liberdade de uma cidade, agora vens para devolvê-la.[474]

Na continuidade de sua narrativa no Livro V e VI, destacam-se as batalhas travadas na península italiana e suas consequências, além das complexas formações e desmanches das

[474] MAQUIAVEL, 2007, p.295-296

alianças políticas. Ao dedicar-se a esse panorama, oferece uma visão das dinâmicas políticas e militares da Itália, apresentando um retrato das estratégias e dos desafios enfrentados por Florença no cenário internacional. Esse enfoque ampliado ressalta a compreensão de Maquiavel sobre a interligação entre os assuntos internos e externos e sua habilidade de contextualizar os eventos em uma perspectiva mais ampla, fornecendo tanto uma análise dos nexos causais quanto demorando-se propositalmente para retornar ao governo Medici internamente. Ademais, é nítido que, uma vez que passa a discorrer sobre os anos de governança Medici, torna-se muito mais resignado ao tom narrativo dos acontecimentos. Quando em uma pequena passagem fala sobre o governo da cidade, diz:

> Os florentinos, por outro lado, não se amedrontaram e, antes de mais nada, cuidaram da estabilidade do governo, da qual pouco tinham que temer, visto que Cosimo era benquisto pelo povo e as principais magistraturas tinham sido limitadas a poucos cidadãos poderosos, que, com severidade, mantinham o governo estável, ainda que houvesse alguns descontentes ou desejosos de coisas novas.[475]

Demonstra, de modo posto, o que acabamos de reiterar. O governo se mantinha estável pois, na sua visão, era salvaguardado sob o domínio de uma quantidade ínfima de poderosos. Trata de citar apenas um nome, Cosimo. Aquele que era benquisto pela magistratura que retornava a suas mãos por meio de suas riquezas provenientes do Banco Medici e, mesmo que houvesse alguns insatisfeitos, não significava nenhuma inquietude.

Quando inicia o Livro VI, sua abertura se volta para uma arguição sobre os objetivos com os quais um governo incursiona em uma guerra e suas deliberações com seus espólios. Neste trecho, entretanto, vale-se do tema para relacionar ao governo florentino, uma vez que havia acabado de minuciosamente relatar todas as guerras que este havia tomado parte:

> As repúblicas antigas e bem ordenadas, quando vitoriosas, costumavam encher o erário de ouro e prata, distribuir presentes ao povo, remir os súditos dos tributos e festejar a vitória com jogos e festas solenes; mas as repúblicas dos tempos que descrevemos primeiro esgotavam o erário, depois empobreciam o povo e não se garantiam contra os inimigos. [...] para os povos, a única coisa que a vitória gerava era a maior presteza e o menor respeito do príncipe em impor-lhes gravames. [...][476]

---

[475] MAQUIAVEL, 2007, p.338-339.
[476] MAQUIAVEL, 2007, p.352.

Valendo-se do contexto internacional como pano de fundo, o Livro VI também se desenrola para ilustrar o jogo político que compunha a Itália. Porém, em uma curta passagem, ilustra o enredo que se sucedeu internamente. Cita dois homens dotados de *virtù,* Neri de Gino Capponi e Baldaccio de Anghiari.

Sobre o primeiro "Cosimo de Medici temia mais que qualquer outro, pois ele gozava de grande crédito não só na cidade, como também junto aos soldados [...]"[477]. Não obstante, "[...] a memória das suas vitórias [...] tornava-o amado por muitos e temido por aqueles que não desejavam ter companhia no governo."[478]

O segundo homem, Baldaccio, como é contado por Maquiavel, era amigo de Neri. Também era tido em alta estima por suas vitórias como comandante. Todavia, visto que sua reputação e influência perturbavam os governantes, foi decidido que deveria ser morto. O *gonfaloneiro* Bartolomeo Orlandini, segundo o texto, tinha o desejo de matá-lo por acreditar que havia sido covarde na batalha de Maradi e seu poder já havia começado a incomodá-lo. Por isso,

> Esse desejo de messer Bartolomeo era conhecido pelos outros cidadãos, de tal modo que não lhes custou convencê-lo a matá-lo e, de uma só vez, vingar-se da injúria e livrar o estado de um homem que só poderia ser mantido com perigo ou dispensado com prejuízo.[479]

Assim, o autor demonstra como as nuances da política florentina eram permeadas pela manipulação e violência, pois o próprio indivíduo que deveria ser criterioso das leis agia conforme indicava-se o caminho. Como resultado dessas intenções,

> [...] o gonfaloneiro mandou chamá-lo, e ele, sem nenhuma suspeita, atendeu. [...] quando lhe pareceu conveniente, ao chegar perto do gabinete onde estavam escondidos os homens armados, fez-lhes um sinal. Estes apareceram de súbito e, encontrando Baldaccio sozinho e desarmado, mataram-no e jogaram seu corpo pela janela do Palácio que dá para a aduana; de lá, levado para a Praça, cortaram-lhe a cabeça e, durante todo o dia, aquilo serviu de espetáculo para todo o povo.[480]

Após o assassinato de Baldaccio, o governo voltou-se para Neri, que em parte havia perdido seu poder pela privação de sua reputação e seus amigos. Mas ainda não era suficiente para acalmar os ânimos, porque "[...] já passados dez anos do início de seu estado [...] seria

---

[477] MAQUIAVEL, 2007, p.360.
[478] MAQUIAVEL, 2007, p.361.
[479] MAQUIAVEL, 2007, p.362.
[480] MAQUIAVEL, 2007, p.362.

necessário assegurá-lo, dando nova autoridade aos amigos, abatendo os inimigos."[481]. Como sabemos, o governo que teve início efetivo após 1434, citado e demonstrado pela própria fonte, foi o de Cosimo de Medici. Portanto, cita-o sem mesmo dizer seu nome. A desenvoltura que sucedeu-se, que também clarifica a escolha dos eventos, foi:

> [...] em 1444, criaram para os Conselhos nova bailia, que reformou os cargos, deu autoridade a uns poucos para designar a Senhoria; renovou a chancelaria das reformas, destituindo ser Filippo Peruzzi e pondo em seu lugar alguém que se conduzisse de acordo com a opinião dos poderosos; prolongou o tempo de confinamento aos já confinados, [...] E, desse modo, recobraram autoridade e reputação, tolhendo o orgulho de inimigos e suspeitos.[482]

Em meio a tantas guerras entre os estados italianos, o papa Nicolau diligenciou encontros tentando "promover a paz entre os príncipes italianos [...] para tratar de uma trégua duradoura ou de uma paz definitiva. Reuniram-se, portanto, naquela cidade, o legado do papa, os embaixadores venezianos, ducais e florentinos [...]"[483]. Sutilmente, assim, caracteriza o estado florentino não como uma república, mas como um dos principados italianos.

Mediante a isso, durante a conquista do *condottieri* Sforza ao ducado de Milão, Maquiavel demonstra as articulações políticas que Cosimo fomentava mediante seus recursos financeiros, como podemos ver em:

> [...] Quando o conde Francesco ficou sozinho, não tendo a quem recorrer, necessitou pedir imediato auxílio aos florentinos, publicamente ao estado e privadamente aos amigos, sobretudo a Cosimo de Medici, com o qual sempre tivera amizade e por quem sempre fora, em todas as empresas, aconselhado com lealdade e largamente provido. Tampouco nesse momento de tanta necessidade Cosimo o abandonou, mas, privadamente, deu-lhe copiosa subvenção, animando-o a prosseguir na empresa [...] Cosimo também argumentava que ajudar o conde seria de grande utilidade para a república e para a Itália; [...] e ninguém seria tão tolo a ponto de não saber o que era melhor: ter por perto um amigo poderoso ou um inimigo poderosíssimo. [...] o conde se tornará senhor de Milão.[484]

É posto que essa aliança não regozijou o povo veneziano, que, ao receber a notícia do reconhecimento de Sforza em Milão, enviou embaixadores a Florença para encenar motivos para que sua aliança fosse desfeita, visto que, segundo Maquiavel, já pretendiam por uma

---

[481] MAQUIAVEL, 2007, p.363.
[482] MAQUIAVEL, 2007, p.363.
[483] MAQUIAVEL, 2007, p.372.
[484] MAQUIAVEL, 2007, p.389-391.

nova guerra. Nesse acontecimento, Cosimo foi incumbido de dirigir-se aos homens para efeitos diplomáticos, e

> [...] com longo e sábio discurso, rememorou todos os benefícios feitos por aquela cidade à república veneziana; mostrou-lhes o império que essa havia conquistado com o dinheiro, os exércitos e os conselhos dos florentinos; lembrou que, assim como os florentinos haviam dado motivo para amizade, jamais haveriam de dar motivo para inimizade; e, como sempre haviam sido amantes da paz, louvavam o acordo feito entre eles, desde que o fosse para a paz, e não para a guerra. Dizia que aquelas queixas muito o admiravam, por ver que coisas tão leves e vãs recebiam tamanha importância de tão insigne república; [...] eles deixariam bem claro a todos que a amizade dos florentinos era útil, tanto quanto era danosa a sua inimizade.[485]

Mesmo que a guerra tenha sido inevitável, "Com o duque, a aliança foi fortalecida por meio de novos compromissos, e, por seu intermédio, fez-se aliança com os genoveses [...]"[486] e, após quase um ano de batalha, "foi então que os florentinos receberam a ajuda do senhor Alessandro Sforza, irmão do duque, com dois mil cavaleiros;"[487]. Na sequência, o ato que desencadeou o fim da guerra:

> Os florentinos, [...] haviam enviado *messer* Agnolo Acciaiuoli como embaixador ao rei da França, para acertar um modo de facilitar a vinda do rei Renato de Anjou à Itália, a fim de lutar em favor deles e do duque; depois de defender os amigos, estando já na Itália, Renato poderia pensar na conquista do reino [de Nápoles]; para tal efeito, prometiam ajuda em homens e dinheiro.[488]

A formação dessa aliança, como já estudamos, perdurou por toda a vida de Cosimo, provendo a ele uma seguridade e conjunção estratégica de forças que proporcionou inúmeras vantagens e mecanismos políticos ao longo de muitos anos. Esta colaboração estabeleceu uma base robusta para a sua influência e poder políticos. A aliança entre ambos possibilitou a manutenção da estabilidade interna e a defesa contra ameaças externas, fortalecendo assim as posições políticas e econômicas de ambas as partes.

Nas primícias do sétimo livro, o autor reconhece que se demorou ao narrar os acontecimentos externos a Florença, mas justifica que assim poderia conceber as dinâmicas das relações entre os florentinos e os demais governantes. O rei de Nápoles cresceu em desavenças com a família Medici, queixando-se de sua intervenção e, segundo Maquiavel,

---

[485] MAQUIAVEL, 2007, p.396.
[486] MAQUIAVEL, 2007, p.398.
[487] MAQUIAVEL, 2007, p.404.
[488] MAQUIAVEL, 2007, p.407.

"[...] indignação essa que foi causa de enormes males, conforme se mostrará em nossa narração."[489]

Há um outro ponto egrégio na narrativa de Maquiavel. Na demonstração dos males que minam as repúblicas, as divisões são pontos prejudiciais decisivos, e, em suas palavras, "[...] são as que vêm acompanhadas por facções e partidários [...]"[490]. Para explicar essa afirmação, demonstra os meios para que um cidadão crescesse em reputação e, consequentemente, em poder, infiltrando a esfera política com divisões nocivas.

> [...] há dois modos de conquistar reputação nas cidades: por meios públicos ou por meios privados. Por meios públicos, ela é conquistada por quem vence uma batalha, ocupa uma cidade, cumpre uma missão com presteza e prudência, dá conselhos sábios e vantajosos à república; por meios privados, é conquistada por quem beneficia este ou aquele cidadão, defendendo-o perante os magistrados, ajudando-o com dinheiro, alçando-o a cargos não merecidos e agradando à plebe com jogos e doações públicas. Desse modo de proceder nascem as facções e os partidários, tornando-se portanto prejudicial à reputação granjeada dessa maneira; [...] As inimizades de Florença foram sempre acompanhadas por facções e, por isso, sempre foram danosas;[491]

Em um raciocínio deliberado, caracteriza que o partido de Cosimo sobrepujou os demais a partir de 1434. Portanto, não um cidadão integrante de um partido, mas com seus partidários. E,

> [...] todas as vezes que aquele estado precisou de povo para assegurar sua autoridade, sempre o encontrou disposto a conceder a seus governantes toda a *bailia* e o poder que desejavam. E, assim, de 1434 a 1455, ou durante vinte e um anos, foi-lhes concedida autoridade da *bailia*, por meio de Conselhos ordinários.[492]

No parágrafo seguinte, podemos dizer que, de modo muito explícito e evidente, atesta os meios que Cosimo usou para desenvolver-se em sua governança, comparando-o com Neri Capponi, que havia conquistado notoriedade por meios públicos e, por isso, tinha muitos amigos em vez de partidários. No caso de Cosimo, segundo o autor, o prestígio foi obtido e mantido por meios privados, na aquisição de reputação e autoridade, e também por meios públicos. Em decorrência disso, tinha amigos e muitos partidários, distinção essencial para a

---

[489] MAQUIAVEL, 2007, p.422.
[490] MAQUIAVEL, 2007, p.422.
[491] MAQUIAVEL, 2007, p.422-423.
[492] MAQUIAVEL, 2007, p.423.

concepção de Maquiavel. Dessa forma, na manutenção de seu poder contra eventuais ameaças do partido oposto,

> Cosimo, para arrefecer esse humor, podia recorrer a um dos seguintes remédios: ou retomar o estado pela força, com os partidários que lhe restavam, e destituir todos os outros, ou deixar que as coisas corressem e, com o tempo, seus amigos entendessem que não a ele, mas a si próprios, tiravam o estado e a reputação. Dos dois remédios, escolheu o último, pois sabia muito bem que em tal modo de governo, como as bolsas estavam cheias dos nomes de seus amigos, ele não corria perigo algum e podia recobrar o seu estado quando quisesse.[493]

Tão logo perceberam "[...] terem eles, e não Cosimo, perdido o estado. Esse dissimulava tais coisas e, sempre que surgia alguma deliberação que agradasse ao povo, era o primeiro a favorecê-la."[494]. Essa descrição o retrata como um manipulador astuto, capaz de controlar as engrenagens políticas e encobrir suas próprias motivações quando necessário. O apoio popular seria um de seus eixos basilares, sempre favorecido quando era conveniente.

Durante o texto, deixa perfeitamente clarificado que as rédeas do poder eram firmemente contidas nas suas mãos, mas, em certa medida, comedido quanto a atitudes violentas. Optava por abordagens privadas para corrigir eventuais distúrbios, evitando demonstrações excessivas de força. Isso se reflete na observação de que

> [...] quando Luca Pitti, homem corajoso e audaz, se tornou gonfaloneiro da justiça, Cosimo achou que chegara o momento de deixá-lo conduzir as coisas, para que, se elas merecessem alguma censura, esta pudesse ser feita a Luca, e não a ele.[495]

Não o isenta, de forma alguma, de sua participação nos erros de manutenção do bem-comum e aprimoramento do aparato das instituições florentinas. Quando se sentiu ameaçado, como demonstrou anteriormente, usou dos mecanismos habituais do governo, como execuções, prisões e exílios.

Avançando até a década final de governo de Cosimo, entre 1455 e 1464, a visão maquiaveliana é pessimista e caracteriza o governo como "insuportável e violento", principalmente pela má disposição de seu corpo, que não o permitia numerosa participação nas atividades públicas. Os conflitos internos da cidade, sendo severamente intensificados pela classe nobre, cresciam com a desunião em seu seio.

---

[493] MAQUIAVEL, 2007, p.424.
[494] MAQUIAVEL, 2007, p.425.
[495] MAQUIAVEL, 2007, p.426.

> A desunião no partido de Cosimo começou em 1455, pelas razões referidas; graças à sua prudência, conforme dissemos, tais desuniões não causaram tumultos então. Mas, em 1464, a doença de Cosimo se agravou, de tal modo que ele faleceu.[496]

Embora Maquiavel descreva o regime de Cosimo como quase monocrático, ele reconhece que, por meio de astúcia política, do emprego generoso dos recursos financeiros oriundos do Banco Medici, de uma cautela relativa e de uma notável perspicácia, Cosimo foi capaz de manter Florença num estado de prosperidade e estabilidade circunstancial por mais de duas décadas. Sua liderança, crucial para conciliar uma cidade permeada por diferentes facções e interesses, garantiu uma administração um tanto coesa.

No entanto, à medida que sua saúde se deteriorava, a carência de estruturas legislativas consolidadas na república — um risco que Maquiavel havia sinalizado ao discutir os perigos de uma política excessivamente dependente de uma única figura — culminou em divisões partidárias intensificadas. A falta de um corpo institucional e uma liderança permitiu que as desuniões se multiplicassem, abalando a estabilidade conquistada ao longo de sua governança.

Uma característica da historiografia clássica que Maquiavel não abdicou foram os elogios fúnebres a duas personalidades, Cosimo e Lorenzo. Nestes, não retrata as carreiras de formação, optando por um foco mais restrito em períodos específicos de seus governos. No caso de Lorenzo, como veremos adiante, atem-se apenas aos cinco anos finais.

Os cânones de apreciação retratam suas qualidades como indivíduo, alinhados aos ideais humanistas, e destacam suas realizações pessoais, resignando seus comportamentos como políticos. Sua opinião toma forma de maneira sutil, mascarada sob sua escrita. Certamente, o autor não menciona quaisquer benefícios ou benfeitorias de Cosimo à pátria, mas, no Livro VII, recorda que foi declarado Pai da Pátria. Em sua descrição final, diz

> Sua morte foi lamentada por amigos e inimigos, pois aqueles que, por questões de estado, não gostavam dele, ao verem a rapacidade com que certos cidadãos governavam enquanto ele ainda estava vivo (e sabendo que o respeito a ele votado os tornava menos insuportáveis), temiam que, na sua falta, tudo se arruinasse e destruísse; [...] de tal modo que estes, sem rédeas, poderiam ser mais descomedidos em sua rapacidade. Cosimo, portanto, deixou em todos grande saudade. Foi ele o cidadão civil mais respeitado e famoso de que já se teve memória, não só em Florença, como em qualquer outra cidade, porque não somente sobrepujou todos os outros do seu tempo em autoridade e riqueza, mas também em liberalidade e prudência; porque, entre todas as outras qualidades que o tornaram príncipe em sua pátria, foi

[496] MAQUIAVEL, 2007, p.428-429.

> ser, acima de todos os outros homens, liberal e magnifico. Liberalidade que se mostrou muito mais depois de sua morte, quando Piero, seu filho, quis fazer um inventário de seu patrimônio, pois não havia na cidade cidadão de algum valor a quem Cosimo não tivesse emprestado grande soma em dinheiro, [...] Sua magnificência mostrou-se na grande quantidade de edifícios que construiu, [...] A tais edifícios sagrados somam-se às suas residências: uma na cidade, à altura de tão insigne cidadão, e quatro fora da cidade, [...] todos palácios dignos de reis, e não de cidadãos privados. E, como se a magnificência dos edifícios não lhe bastasse para ser conhecido na Itália, construiu em Jerusalém um albergue para peregrinos pobres e enfermos; em tais edificações despendeu imensa quantidade de dinheiro. E mesmo que tais habitações e todas as suas outras obras fossem régias e que em Florença ele fosse príncipe único, foi sempre tão temperante em razão de sua prudência que nunca transpôs os limites da modéstia civil: porque na conversação, no número de servidores, nas viagens, em todo o modo de vida e nos laços de parentesco que criou, sempre foi semelhante a qualquer cidadão modesto; pois sabia que as coisas extraordinárias que a todo momento são vistas e mostradas granjeiam muito mais inveja para os homens do que aquelas que existem de fato e se cobrem de decoro. [...] Dos estados dos príncipes e governos civis de seu tempo, nenhum se lhe equiparou em inteligência, e foi por essa razão que ele, em meio a tanta variedade de fortuna, em cidade tão instável e com cidadãos tão volúveis, conseguiu manter o estado durante trinta e um anos; pois, por ser muito prudente, percebia os males de longe e, assim, tinha tempo de não os deixar crescer ou, caso crescessem, de preparar-se para que eles não o prejudicassem; por isso, venceu com muita felicidade e prudência não só a ambição doméstica e civil, como também a de muitos outros príncipes, de tal modo que quem se unia a ele e à sua pátria ombreava ou sobrepujava o inimigo, e quem se lhes opunha perdia tempo e dinheiro, ou então o estado. [...] Desse modo, com sua *virtù* e *fortuna* eliminou todos os seus inimigos e exaltou os amigos.[497]

Ainda que Maquiavel mencione os atributos de mecenato, as realizações e a inteligência de Cosimo, ele o descreve com uma ironia sutil, novamente destacando-o como liberal e, crucialmente, apontando para o verdadeiro motor de sua ascensão ao poder em Florença: o dinheiro. Maquiavel reconheceu, em um ato contínuo, o elemento essencial de manutenção do poder dos Medici sem dirigir-se a ele propriamente e sem jamais citar o Banco Medici, reiterando inúmeras vezes suas consequências.

Maquiavel realça como a fortuna de Cosimo não apenas ampliou sua base de apoiadores em Florença e além, mas também moldou a percepção de seu governo como um principado disfarçado. Portanto, "[...] sua prudência, sua riqueza, seu modo de viver e sua fortuna fizeram-no amado e temido em Florença, bem como considerado e admirado pelos príncipes não só da Itália, mas de toda a Europa."[498]

E,

---

[497] MAQUIAVEL, 2007, p.429-431.
[498] MAQUIAVEL, 2007, p.434.

> [...] morreu cheio de glória e com grande nomeada dentro e fora da cidade. Todos os cidadãos e todos os príncipes cristãos manifestaram suas condolências a seu filho Piero, por ocasião de sua morte, e seu corpo foi levado à sepultura com grande pompa, acompanhado por todos os cidadãos, sendo sepultado na igreja de San Lorenzo; acima de sua sepultura, em obediência a decreto público, foi posta a inscrição PAI DA PÁTRIA. Se, escrevendo os feitos de Cosimo, imitei aqueles que escrevem sobre a vida de príncipes, e não os que escrevem as histórias universais", que isso não cause admiração, porque, visto ter sido ele; um homem raro em nossa cidade, foi-me necessário louvá-lo de modo extraordinário. [*con modo estraordinario*].[499]

Ao destacar a honraria de Cosimo como "Pai da Pátria", Maquiavel sublinha a extensa "beneficência" de Cosimo, que impulsionou sua ascensão ao mais elevado patamar de poder. Essa correlação sutil com o título de príncipe, embora não expressa diretamente, é enfatizada através do elogio póstumo que celebra feitos considerados dignos das honrarias reservadas a tal estirpe de governantes.

Na época de Piero, conhecido como "o Gotoso", as atenções se voltavam para a severa limitação imposta por sua condição doente. A gota, enfermidade que o afligia, delineava suas atividades e participações, tornando-se uma parte marcante de sua trajetória. Porém, esse momento crucial coincidiu com o falecimento do papa Pio e de Francesco Sforza, eventos que desencadearam um reacender das tensões em Florença. Esses acontecimentos, somados à fragilidade política e social da época, contribuíram para um ambiente de instabilidades que se sucedeu.

Por ingenuidade e confiando plenamente naqueles que seu pai também confiara, Piero seguiu os conselhos de Dietisalvi Neroni, sem suspeitar de suas verdadeiras intenções. Dietisalvi, percebendo uma desordem nas contas bancárias Medici, movido pela ambição, aconselhou Piero a recuperar todo o dinheiro que seu pai havia emprestado. Essa ação impensada acabou por agravar a situação financeira e política da família.

Como era de se esperar, os homens cobrados a devolver tudo o que havia sido emprestado sentiram ressentimento pela atitude de Piero e começaram a difamá-lo. Esse momento crítico foi aproveitado por seus inimigos, que viram nessa situação uma oportunidade para sua ruína. O cenário se tornava cada vez mais adverso e, em uma tentativa de apaziguar os ânimos, Piero acertou a união de Lorenzo, seu filho, com Clarice Orsini. Novamente, o efeito foi contrário, pois passaram a censurar sua naturalidade romana. E apontavam a eles afirmando que:

---

[499] MAQUIAVEL, 2007, p.435.

> [...] estava claro que, recusando laços de parentesco com uma família florentina, ele não se considerava cidadão de Florença e, por isso, preparava-se para ocupar o principado, pois quem não quer os seus cidadãos como parentes os quer como servos; por isso, seria razoável que não os tivesse como amigos. Os chefes da sedição achavam que já tinham a vitória nas mãos, porque a maior parte dos cidadãos os seguia, enganados todos pela palavra liberdade, que eles, para coonestarem suas intenções, haviam tomado por insígnia!?.[500]

Ao examinar essas declarações, torna-se evidente que há duas afirmações distintas. Primeiramente, fica clara a indicação de que Piero não era apenas um cidadão comum que havia perdido seu pai, mas sim o herdeiro de um principado. Em segundo lugar, nota-se a maneira particular como o termo "liberdade" é empregado e associado aos Medici, destacando-se a sua recorrência e importância.

As conspirações que tomaram a cena entre 1466 e 1478 contra os Medici revelam que Maquiavel não as considera produto de revoltas contra tirania ou defesa de liberdades, mas sim resultados rivais e invejosos, semelhantes aos Medici. Intentavam reduzir seu poder para possuí-lo para si, mas caso o fizessem por vias ordinárias "Piero não correria risco algum, enquanto eles correriam muitos, pois os magistrados que eram inimigos dele o deixariam no gozo do poder da cidade, enquanto os amigos o fariam príncipe."[501]

No momento em que se sentiu ameaçado pelos complôs, Piero pegou em armas e essa ação reverberou sobretudo nos cidadãos. Segundo Maquiavel,

> [...] ao verem Piero armado e os adversários desarmados, deixaram de pensar no modo de agir contra Piero e passaram a pensar no modo de tornar-se amigos dele. Por isso, os principais cidadãos, chefes das facções, foram para o Palácio apresentar-se à Senhoria, conversando sobre muitas questões do estado da cidade e sobre os modos de reconciliação de seus cidadãos. E, como Piero não podia intervir, em razão da fraqueza de seu corpo, todos concordaram em ir à sua casa falar com ele, [...] lá estavam para ouvir a sua vontade, e, se ela atendesse ao bem da cidade, estariam dispostos a acatá-la. [...] repreendendo-os, com palavras austeras e indignadas, pela grande ingratidão que demonstravam pelos benefícios recebidos de Cosimo e pela fé que neles depositara.[502]

Ressaltamos a expressão de Piero nos discursos subsequentes aos acontecimentos, nos quais demonstra decepção com a ingratidão aos favores feitos, em um claro lembrete da imensidão de "favores" financeiros concedidos pela família.

---

[500] MAQUIAVEL, 2007, p.443.
[501] MAQUIAVEL, 2007, p.446.
[502] MAQUIAVEL, 2007, p.451.

No modo operante que já vislumbramos ser a demonstração da política cíclica de Florença, o desfecho foi o esperado: "Depois disso, falou-se de muitas coisas, mas no momento nada se deliberou, a não ser, de modo geral, que era necessário reformar a cidade e dar nova ordenação ao estado."[503] Não obstante,

> [...] ordenou-se uma procissão para dar graças a Deus pela conservação do estado e pela união da cidade; durante tal solenidade, alguns cidadãos foram presos e torturados, e, depois, alguns deles foram executados e outros exilados.[504]

Em uma convergência de problemas, a enfermidade de Piero o mantinha acamado, limitando sua capacidade de ação e decisão. Enquanto isso, aqueles que governavam em seu nome, na tentativa de consolidar sua própria posição de poder e estabilizar a situação florentina, recorreram a medidas de irremediável violência:

> Tais medidas aumentaram seu poder e o medo dos outros; poder que exerciam sem nenhum escrúpulo, comportando-se de tal modo que parecia que Deus e a fortuna lhes tinham dado a cidade como presa. Poucas dessas coisas chegavam ao conhecimento de Piero, e nem a essas poucas coisas ele podia remediar, em razão da enfermidade que o afligia, pois estava de tal forma engelhado que só podia valer-se da língua e de nada mais. Não tinha outros remédios senão adverti-los e pedir-lhes que vivessem civilmente [...][505]

Sua enfermidade não demorou a culminar em sua morte aos cinquenta e três anos de idade. Devido ao curto período de seu governo e à fragilidade física que o acometeu, Maquiavel salienta que há pouco a ser dito sobre sua personalidade. Isso se deve ao fato de que ele passou grande parte de sua vida sob a influente sombra de seu pai, e nos breves anos em que governou de forma independente, já estava confinado ao leito, cercado por conflitos e desavenças.

Tão logo Lorenzo e Giuliano ascenderam para liderança da família, *Messer* Tomaso Soderini crescia em popularidade, a qual replicava que deveria ser direcionada aos Medici, pois, "[...] se quisessem viver em Florença com união e paz, livres das divisões internas e das guerras externas, era necessário reverenciar aqueles jovens e conservar a reputação daquela casa [...]"[506]. Assim sendo, diante do reconhecimento do poderio basilar que a família representava para a cidade, que não conseguiu ordenar-se em nenhuma das oportunidades que

[503] MAQUIAVEL, 2007, p.452.
[504] MAQUIAVEL, 2007, p.453.
[505] MAQUIAVEL, 2007, p.460.
[506] MAQUIAVEL, 2007, p.465.

teve, “Lorenzo e Giuliano passaram a ser honrados como príncipes do estado e nunca deixaram de ouvir os conselhos de *messer* Tommaso.”[507]

Maquiavel também destaca que a ascensão e a manutenção da hegemonia dos Medici não se devem apenas à astúcia de seus líderes. Eles também souberam se aproveitar de um sistema político que permitia tal expansão de poder, além do compartilhamento de modo de viver com a classe dominante. Esse modo opulento de viver e a natureza festiva da classe abastada, longe de serem apenas apoiados por Lorenzo, foram ativamente promovidos, financiados e levados a novos patamares sob sua égide.

> [...] os jovens, mais desenfreados do que o habitual, gastavam demais em roupas, banquetes e em outras lascívias semelhantes e, como viviam ociosos, consumiam tempo e patrimônio em jogo e mulheres, empenhando-se em parecer esplêndidos no modo de vestir e sagazes e astutos no modo de falar; e quem fosse mais hábil na mordacidade era considerado mais sábio e tido em maior apreço.[508]

Maquiavel ainda vale-se do assassinato ao duque de Milão em 1476, caracterizando-o como "cruel", "odiado" e "libidinoso", para em sua finalização exprimir a seguinte arguição:

> Que os príncipes, portanto, aprendam a viver de tal maneira e a ser amados e respeitados a tal ponto que ninguém espere salvar-se matando-os; e os outros saibam como é vá a esperança que leva a acreditar demais que uma multidão, ainda que descontente, possa segui-los ou acompanhá-los nos perigos.[509]

Crescidas as desavenças entre Lorenzo e o papa, como demonstrado no capítulo 2, o autor habitua-se a falar mais abertamente sobre um quase principado na cidade. Seus subterfúgios progressivamente minguam. Anteriormente à Conjuração Pazzi, já podemos ver os aspectos citados nessa passagem:

> [...] depois da vitória de 1466, todo o estado ficou tão concentrado nas mãos dos Medici e estes ganharam tamanha autoridade que os descontentes precisavam suportar com paciência aquele modo de vida, ou, se quisessem eliminá-lo, só podiam fazê-lo por meio de conjurações secretas: [...] Por isso, quase sempre um príncipe de uma cidade que é alvo de semelhantes conjurações, se não é morto como o duque de Milão (o que raramente ocorre), ganha maior poder [...][510]

---

[507] MAQUIAVEL, 2007, p.465.
[508] MAQUIAVEL, 2007, p.471.
[509] MAQUIAVEL, 2007, p.484-485.
[510] MAQUIAVEL, 2007, p.488.

Os exemplos de suas caracterizações do regime de Florença como um principado apenas multiplicam-se, uma vez que a herança dos Medici ao governo do estado era pública e cotidiana aos cidadãos de Florença.

> Giuliano e Lorenzo conheciam a acerbidade dos sentimentos dos Pazzi para consigo e sabiam que eles desejavam tirar-lhes a autoridade do estado, mas não temiam pela própria vida, por acreditarem que, mesmo que os Pazzi quisessem tentar alguma coisa, fariam tudo pelas vias civis, e não com tanta violência.[511]

Uma vez tomada forma e efetivada a Conjuração, Giuliano foi assassinado, mas Lorenzo conseguiu escapar com vida. Assim, quando seus inimigos – sendo perseguidos e extirpados da cidade – tentaram pegar em armas, *Messer* Iacopo, um dos nobres florentinos conspiradores,

> [...] montou a cavalo, com cerca de cem homens armados, antes preparados para tanto, e dirigiu-se para a praça do Palácio, chamando em seu auxílio o povo e a liberdade. Mas, como um fora ensurdecido pela fortuna e pela liberalidade dos Medici, e a outra não era conhecida em Florença, ninguém lhe respondeu. Somente os Senhores, que dominavam a parte superior do Palácio, o saudaram com pedradas e o assustaram como puderam com ameaças.[512]

É possível conceber, a partir desta passagem, que Maquiavel ilustra a complexidade da dificuldade de instigar ações em prol da ideia de liberdade quando a população não estava predisposta a participar de revoltas devido à relativa estabilidade sob o domínio dos Medici. A reticência do povo em apoiar *Messer* Iacopo, apesar de seus esforços, reflete a preponderância do governo dos Medici sobre a cidade e as limitações de ações políticas baseadas em ideais de liberdade. Novamente, os adjetivos e a escolha de eventos para narração repetem-se intencionalmente:

> Nesse ínterim, toda a cidade se armara, e Lorenzo de Medici, acompanhado por muitos homens armados, fora para casa: o Palácio havia sido recuperado pelo povo que matara ou aprisionara os que o haviam ocupado Por toda a cidade já se gritava o nome dos Medici [...] Não houve cidadão, armado ou desarmado, que deixasse de ir à casa de Lorenzo oferecer ajuda, pondo à sua disposição seus serviços pessoais ou seus bens, tão grande era a fortuna e a popularidade que aquela casa granjeara, por sua prudência e liberalidade. [...]

---

[511] MAQUIAVEL, 2007, p.497.
[512] MAQUIAVEL, 2007, p.500.

> entre as mortes que naqueles dias houvera, tantas que as ruas se encheram de corpos esquartejados, [...][513]

Todavia, o pontífice, que desejava a mudança de governo de Florença, excomungou a cidade e singularizou Lorenzo como o único adversário da Igreja. O discurso de Lorenzo perante seus conterrâneos, registrado na íntegra, revela a extensão de sua habilidade retórica e capacidade de manipulação. Neste, expõe:

> Pois que injúria fizemos nós a alguém para merecermos tanto desejo de vingança? E, de fato, nunca ofendemos privadamente aqueles que se mostraram tão hostis para conosco; [...] Se eles atribuem a nós as injúrias públicas - se é que alguma lhes foi feita, que eu não saiba -, ofendem-vos mais do que a nós, ofendem mais este Palácio e a majestade deste governo do que a nossa casa, ao darem a entender que por nossa causa injúrias imerecidamente os cidadãos. [...] pois quem buscar a verdade verá que nossa casa sempre foi exaltada por vós com tanto consenso pela única razão de ter-se esforçado por vencer com humanidade, liberalidade e benefícios outorgados a todos. [...] e eu, depois da morte de meu pai, sendo ainda, pode-se dizer, um menino, não teria mantido a posição ocupada pela minha casa, não fossem vossos conselhos e vossa ajuda; minha casa não poderia ter governado esta república, se vós, com ela, não a tivésseis governado e ainda não a governáveis. [...] Por que aliar-se ao papa e ao rei [de Nápoles] contra a liberdade desta república? Por que romper a longa paz da Itália? Para isso eles não têm desculpa nenhuma, pois deveriam ter ofendido quem os ofendia, e não confundir as inimizades pessoais com as injúrias públicas;[...] afirmam que travam essa guerra contra mim e a minha a [...] eles encobrem desse modo essa desonestidade.[514]

Como arremate, o autor, em uma fala sucinta, demonstra o grande apelo que o poder Medici exercia e como este respaldou-se no zelo do apoio popular para sua própria manutenção no governo e proteção no modo privado.

> [...] com a mesma piedade com que haviam escutado, um deles respondeu, dizendo-lhe que aquela cidade reconhecia tantos méritos nele e nos seus que ele deveria ganhar coragem, pois com a mesma presteza com que haviam vingado a morte de seu irmão e salvo a sua vida, conservariam sua reputação e o seu estado; que ele não perderia o estado antes que eles perdessem a pátria. E, para que os feitos correspondessem às palavras, por meios públicos destinaram para a sua defesa pessoal certo número de homens armados, a fim de protegê-lo das insídias internas.[515]

Isso reflete a ideia de que o apoio e a aliança entre a elite política dos Medici e a população eram estratégias primordiais de que a família lançou mão para consolidar o poder.

---

[513] MAQUIAVEL, 2007, p.501.
[514] MAQUIAVEL, 2007, p.505-507.
[515] MAQUIAVEL, 2007, p.507.

As transgressões que mencionamos, ocorrendo na esfera privada da família, são reconhecidas pelo autor. Contudo, nessa passagem, ele opta por destacar a habilidade dos Medici em reverter situações a seu favor, utilizando sua influência e retórica para transformar potenciais ameaças em benefícios próprios.

A intensificação do conflito até levar os cidadãos ao limite encontrou seu ponto crítico no inverno. Quando o corpo esfriou e o breve repouso tornou-os conscientes das aflições suportadas, as reuniões, públicas e privadas, passaram a ser permeadas pelo tom audaz de críticas dirigindo-se aos Medici. No embaraço das acusações, decidiram-se por tentar ganhar o apoio do rei de Nápoles, com Lorenzo como seu embaixador, "[..] pois acreditavam que, quanto maior a liberalidade que usassem com aquele rei, mais fácil seria remediar as inimizades passadas."[516]

Representando a liderança da cidade, o rei o recebeu com as honras de tal posição principesca, conta-nos Maquiavel. As expectativas, elevadas já que tantas guerras haviam sido travadas com o intuito de sua derrubada, foram atendidas. E o rei, "[...] depois de ouvi-lo, admirou-se mais de sua magnanimidade, de sua agudeza de engenho e da austeridade de seus juízos [...]"[517] Por isso "[...] duplicou as honras e começou a achar que mais valia tê-lo como amigo que como inimigo."[518]

Como uma forma de verificação da vastidão de sua influência, o rei o deteve por alguns meses na tentativa de ver se Florença teria tumultos na sua ausência, como diziam seus inimigos. Porém, vendo que em março tudo ainda permanecia calmo, enviou-o, seguro de seu poder, de volta à cidade. Chegou "grandiosíssimo", termo proveniente de *Grandi,* poderoso como pode-se obter na leitura, mas propositalmente acrescido do adjetivo aumentativo. Colheu, com isso, a gratidão de sua beneficência do povo florentino.

Pelo uso da vantajosa aliança que fora formada, o papa cedeu à paz com os estados italianos, em uma tentativa de reorganização da dinâmica de poder. Com a crescente invasão turca, afirmou na leitura do acordo:

> [...] a ela o papa acrescentou que, além dos entendimentos feitos e firmados, se os florentinos quisessem gozar os frutos da bênção, deveriam manter armadas, com seu dinheiro, quinze galés durante todo o tempo em que o Turco estivesse atacando o Reino [de Nápoles].[519]

---

[516] MAQUIAVEL, 2007, p.520.
[517] MAQUIAVEL, 2007, p.522.
[518] MAQUIAVEL, 2007, p.523.
[519] MAQUIAVEL, 2007, p.527.

Não apenas a reputação de Lorenzo fora recuperada, mas

> [...] recuperadas as cidades, firmado honroso acordo com o rei e resgatada a antiga reputação da cidade, Florença - cidade ávida de falar, que julga as coisas pelos resultados, e não pelos conselhos - mudou de opinião, e Lorenzo passou a ser posto nas alturas; [...] que mais poder houvera. em sua inteligência e em seus julgamentos do que nas armas e nas forças do inimigo.[520]

Sobre as ordenações ou sua falta, no estado e na manutenção das leis, exprime novamente sua opinião ao tratar adiante sobre o governo de *San Giorgio*:

> [...] a única missão de *San Giorgio* é obrigar aquele que tomou o estado a observar as suas leis; e estas, até agora, não foram alteradas, porque, como ele tem armas, dinheiro e governo, não é possível alterá-las sem correr o risco certo de provocar uma rebelião perigosa. É exemplo realmente raro e nunca antes encontrado pelos filósofos nas tantas repúblicas que imaginaram e viram, entre as mesmas muralhas e entre os mesmos cidadãos, ver a liberdade e a tirania, a vida civil e a corrupta, a justiça e a licença: porque somente tal ordenação mantém a cidade fiel aos antigos e veneráveis costumes;[521]

A parte final da obra é a homenagem fúnebre a Lorenzo, que o autor arquiteta minuciosamente para executar a síntese de sua narrativa. Este segmento, que se estende por exímias quatro páginas, será examinado a seguir, servindo como base para conclusões posteriores.

> Mas os florentinos [...] viveram muito felizes até 1492, quando Lorenzo de Medici morreu: porque Lorenzo, depois que as armas foram depostas na península italiana - armas que se calaram graças ao tino e à sua autoridade -, dedicou-se a engrandecer a si e a sua cidade; [...] depois alçou Giovanni, seu segundo filho, à dignidade do cardinalato. Tal fato foi mais notável por não haver exemplo igual no passado, pois não tinha ele ainda quatorze anos quando foi conduzido a tal condição, o que serviu de escada para que sua família subisse aos céus, conforme ocorreu a seguir. [...] Nas outras questões privadas, quanto ao comércio, foi infelicíssimo, porque, devido à desordem de seus administradores (que não administravam suas coisas como cidadãos privados, mas como príncipes), seu patrimônio se dissipou em muitos lugares; desse modo, a pátria precisou socorrê-lo com grande soma de dinheiro. Ele, então, para não tentar mais a fortuna nesse campo, deixou de lado os negócios mercantis e passou a dedicar-se aos bens de raiz, por serem riquezas mais estáveis e firmes; assim, comprou propriedades [...] e ali construiu edifícios que, em termos de utilidade, qualidade e magnificência, não pareciam pertencer a um cidadão privado, mas a um rei. Depois disso,

[520] MAQUIAVEL, 2007, p.528-529.
[521] MAQUIAVEL, 2007, p.542.

> dedicou-se a embelezar e engrandecer sua cidade; [...] determinou a construção de novas ruas e de novos edifícios, o que tornou a cidade ainda mais bonita e maior. [...] com a conquista de Pietrasanta e de Serezana, fechou caminhos aos inimigos. [...] e todas essas coisas serviam de inexpugnáveis baluartes para sua cidade. Além disso, naqueles tempos de paz, sempre manteve sua pátria em festa, com apresentação frequente de justas e representações de feitos e triunfos antigos; e seu propósito era manter a cidade na abundância, o povo unido e a nobreza honrada. Amava e admirava quem fosse excelente em alguma arte"; protegia os literatos, de que são testemunhos messer Agnolo di Montepulciano" [...] Lorenzo deleitava-se com arquitetura, música e poesia, e muitas foram as publicações das composições poéticas que criou e comentou. E, para que a juventude florentina pudesse exercitar-se no estudo das letras, abriu uma universidade na cidade de Pisa, para onde levou os mais excelentes estudiosos que então havia na Itália. Para frei Mariano da Ghinazzano, da Ordem de Santo Agostinho, que era excelente pregador, construiu um mosteiro perto de Florença. Foi amado pela fortuna e por Deus, porque tudo o que empreendeu teve fim feliz, e todos os seus inimigos tiveram um mau fim: pois, além dos Pazzi, outros desejaram sua morte [...] sofreram justíssimas punições pelas suas más intenções. Seu modo de viver, sua prudência e sua fortuna tornaram-se conhecidos, admirados e prezados não só pelos príncipes da Itália, como também de outras plagas distantes, [...] E essa reputação crescia mais a cada dia, graças à sua prudência; porque era eloquente e arguto para discorrer sobre as coisas, sábio para resolvê-las e pronto e corajoso para executá-las. E não é possível aduzir vícios que lhe maculassem tantas virtù, apesar de monta afeito às coisas de vênus, mais do que pareceria conveniente a homem tão insigne, pois muitas vezes foi visto a participar dos folguedos de filhos e filhas. De tal maneira que quem considerar em sua vida os aspectos voluptuosos e os austeros verá que nele havia duas pessoas diferentes, unidas numa quase impossível união. Seus últimos anos foram penosos, devido à doença que o afligia sobremaneira, [...] em abril de 1492 morreu com quarenta e quatro anos de idade. Nunca morreu ninguém, não só em Florença, mas em toda a Itália, com tanta fama de prudência, nem cuja perda causasse tanta dor à pátria. E de sua morte haveriam de provir grandes ruínas, [...] Sua morte, portanto, causou pesar em todos os seus cidadãos e em todos os príncipes da Itália, que disso deram demonstração bem clara, pois nenhum deles deixou de mandar embaixadores a Florença para expressarem a dor que sentiam diante de tão importante fato. [...] quando a península italiana ficou desprovida de seu conselho, aqueles que restaram não encontraram modos de satisfazer nem de conter a ambição de Lodovico Sforza, governador do ducado de Milão. Pois, tão logo Lorenzo se foi, começaram a germinar suas más sementes que, depois de não muito tempo, por não estar vivo quem as soubesse debelar, arruinaram e continuam arruinando a Itália.[522]

Para fidedigna interpretação das informações que o texto nos fornece, iremos decompor seus elementos. Há, como esperado, a mistura de componentes positivos e negativos sobre Lorenzo, o que torna a análise crítica mais desafiadora, mas com o uso de sua teoria e da retórica de toda a obra, é passível de conclusões tangíveis.

---

[522] MAQUIAVEL, 2007, p.555-558.

Primeiro, há a exaltação da figura de Lorenzo, destacando suas realizações e enfatizando suas habilidades de governança, administração e sua "generosidade". Na sequência, nota-se o elogio à estabilidade e ao poder da cidade, já que o autor tinha em alta estima um equilíbrio duradouro proporcionado ao Estado. Ele enfatiza como Lorenzo fortaleceu Florença e a manteve unida, embora os métodos empregados frequentemente envolvessem manipulação financeira e emprego de força. Tal abordagem sugere uma estratégia de consolidação do poder do seu grupo político, ao isolar oponentes e assegurar a liderança na cidade.

Um dos exemplos que usa para a formalização dessa ideia é o fim que quaisquer adversários dos Medici obtiveram como frutos de suas ações. Fins trágicos a seus inimigos e vitoriosos para a família. A obra navega pela complexidade dessa dinâmica, apresentando um governo ao mesmo tempo benevolente e próspero, mas cuja estabilidade foi alcançada através de conflitos e atos de violência dispersos pela Itália. O que por si só é uma afirmação não harmônica ou condizente, pois, como poderia um governo ser benevolente e violento?

Contudo, Maquiavel também destaca aspectos mais indulgentes na vida de Lorenzo, como seus romances e inclinações para os prazeres da vida. Ele mostra como o comportamento de Lorenzo em sua vida pessoal, marcado por festas exuberantes, divertimentos e exibições ostensivas de riqueza, ecoava a noção de despesas extravagantes e a ampla capacidade financeira — um tema recorrente em nossa análise, associado à origem desses recursos no Banco Medici.

Ademais, destaca a relevância política e influência internacional, ou seja, até quais círculos de poderio puderam adentrar, seja por casamentos vantajosos, alianças político-econômicas ou pela eloquência persuasiva que Lorenzo era capaz de ostentar. Nas palavras maquiavelianas, esses caminhos trilhados os alçaram para que a família "subisse aos céus". Por consequência, sua morte impactou não apenas Florença, mas toda a Itália, uma vez que sua orientação política e preponderância eram reconhecidas para além de suas fronteiras.

Porém, é válido interpretar que Maquiavel elogia Lorenzo por suas ações na promoção da cultura, das artes e do desenvolvimento de sua cidade. Ele detalha as contribuições de Lorenzo, que ultrapassam as expectativas de um príncipe e se assemelham às de um rei, tanto em Florença quanto fora dela. Isso não apenas valoriza essas ações para a cidade, mas também destaca a magnitude dos gastos feitos com propósitos oportunos.

Tais críticas, por sua vez, podem ser vistas como um alerta sobre os riscos da exploração de posições de poder para benefício próprio, evidenciando o papel que a família Medici desempenhou no auge de seu domínio.

5. Considerações Finais

Acredito ser necessário que rememoremos o caminho que foi trilhado no decorrer da pesquisa para que o entendimento seja plenamente sintetizado e as conclusões palpáveis ao entendimento do leitor.

Dedicamo-nos a compreender o contexto europeu, observando que, embora tenha ocorrido uma retração dos centros urbanos durante boa parte do período medieval, eles jamais chegaram a desaparecer completamente. Assim, com a crescente centralização dos poderes régios, a economia passou a desempenhar um papel mais predominante nas preocupações gerais. Um exemplo disso é a criação de moedas únicas, que facilitaram seu intercâmbio nas diversas localidades e a multiplicação de rotas comerciais. A soma desses elementos resultou em um cenário propício para o florescimento de novos centros urbanos, como foi o caso florentino.

A república florentina dos séculos XIV ao XVI foi marcada por grande dinamismo político, econômico e cultural. Embora oficialmente fosse uma república e sua estrutura de governo fosse complexa, com várias instituições responsáveis por papeis distintos a fim de garantir a participação "cidadã" no governo - que se restringia a três mil homens -, o poder estava concentrado nas mãos de algumas famílias ricas e influentes, como os Medici. Possuía, todavia, uma atmosfera permeada por embates de poder, que na prática traduzia-se em um conflito entre a nobreza estabelecida e a ascendente classe mercantil. Esta última, através de manobras políticas e econômicas, conseguia direcionar tanto seus apoiadores quanto suas ambições privadas, delineando um cenário de intensas rivalidades.

A economia de Florença do período era diversificada e próspera, com a cidade sendo um importante centro de comércio, finanças e manufaturas, destacando-se especialmente no setor bancário e têxtil. Ademais, visto que a península italiana se encontrava em uma cisão política e territorial, Florença também enfrentou conflitos externos. As rivalidades com outras cidades-estado italianas e as ameaças de potências estrangeiras eram constantes e por vezes levaram a guerras.

Nesse cenário, a família Medici, originária de modestas descendências, conseguiu, com a astuta capacidade de negócio de Giovanni de Medici, alçar-se a uma imensa soma de riquezas a partir da estruturação de uma empresa privada, o Banco Medici. Esse mecanismo, valorizado, aprimorado e lapidado pela próxima liderança, Cosimo de Medici, foi capaz de inseri-los nos principais meios de poderes europeus e torná-los os líderes "velados" da república, controlando a cidade através de uma rede de patronagem e alianças estratégicas. Até o ponto de seu neto Lorenzo, O Magnífico, ser reconhecido como próximo a um príncipe.

O mecanismo utilizado para tamanha ascensão, que consideramos primordial ao raciocínio, é o Banco Medici, cuja operação meticulosa e dedicada pelas primeiras gerações da família foi detalhada na pesquisa. O empreendimento foi capaz de tornar-se o depositário exclusivo de um dos maiores, se não o maior, poderes europeus da época, a Igreja Católica. Além disso, provia as "benevolentes" – e tão rememoradas por Maquiavel – "assistências", "caridades" e acordos com lideranças, projetando internacionalmente a imagem dos Medici como uma fonte de segurança econômica e política.

Durante a liderança de Giovanni de Medici, o Banco foi fundado e estruturado numa forma organizacional subdividida em filiais independentes entre si, mecanismo crucial para a expansão do banco e a mitigação de riscos financeiros. Ademais, firmou as primeiras parcerias que perduraram durante sua existência. Entre elas, a união com a Cúria Romana, que proveu recursos vastos e uma posição de proeminência em relação aos demais bancos da época, elevando a influência do Banco e da família.

A geração seguinte, que teve como líder Cosimo de Medici, tornou-se o período de maior expansão e enriquecimento do Banco. Suas ações, determinantes para transformar os Medici em uma força política dominante em Florença e além, incluem a expansão internacional, estabelecendo filiais em cidades-chave como Londres, Bruges, Genebra, Veneza e a perduração da aliança Medici com o papado. Fatos estes que permitiram uma maior diversificação de investimentos e redução de riscos.

No poder da república florentina, Cosimo utilizou sua riqueza para exercer influência política, financiando campanhas e construindo alianças estratégicas. Além disso, Cosimo foi um patrono das artes e continuou a prática de Giovanni de fornecer assistências e caridades, não apenas para ganhar favor público, mas também para estabelecer uma imagem de benevolência e legitimidade junto ao povo. Suas decisões o tornaram o líder "velado" da república e permitiram que mantivesse uma rede de apoio local e internacional financiada pelos recursos providos pelo Banco.

As posteriores gerações, representadas por Piero de Medici e Lorenzo de Medici, foram responsabilizadas pela desestruturação e decadência do Banco Medici. O primeiro, filho de Cosimo, com sua debilidade devido à doença de gota, pouco conseguia exercer suas atividades de liderança e morreu pouco depois de seu pai, deixando a seu filho Lorenzo o comando da frente política e financeira da família.

Em sua imaturidade administrativa, com pouco ou quase nenhum treinamento nos negócios bancários, Lorenzo tendeu a voltar-se para a governança da cidade e permitir uma crescente autonomia dos gerentes das filiais do Banco. Essa decisão acabou por resultar,

posteriormente, em más decisões de negócios pelos gerentes, que trouxeram sucessivas perdas financeiras e, por fim, a falência do Banco Medici. Entretanto, mesmo com a decadência do Banco, Lorenzo se manteve como líder de Florença e por meio do patrocínio das artes e de suas habilidades diplomáticas reafirmou a cidade como um dos centros do Renascimento.

Dessa forma, reestruturando e resgatando as circunstâncias e objetos de interesse de nossas fontes, escritas por Maquiavel, passamos a seu estudo de caso. Explicitamos a particularidade de seu modo de escrita a partir do aporte na teoria contextualista linguística de Skinner, referência nos estudos maquiavelianos.

Tendo pessoalmente feito parte da dinâmica e do governo florentino, Maquiavel enfrentou dilemas quanto às suas crenças e seu ímpeto de ser útil no trabalho à sua pátria. Produzindo durante seu exílio quase todas suas obras políticas, como foi o caso de *Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, tinha a intenção de contribuir de alguma forma na reestruturação da península italiana e de Florença. O ápice de seu impasse ocorreu quando aceitou a tarefa de escrever a *História de Florença* pela própria família Medici, a quem tentava retornar as graças e culpabilizava pela presente perduração de corrupção no seio do governo de sua cidade.

Assim, ao findar o ciclo Medici e a *História de Florença*, Maquiavel se deparou com a complexidade do fato de que a família Medici não era o pivô da corrupção das instituições florentinas, uma vez que esta precedia a família e lastreava seus problemas desde sua fundação. Sua participação nesse sistema consistiu no aproveitamento e perduração de suas debilidades. Dessa forma, para remediação da corrupção das instituições florentinas, seria necessário mais que apenas um líder. Seus cidadãos, precisariam se deparar com essa realidade para que pudessem se libertar do sentimento paternal da esperança de um salvador, nesse período, Medici. Libertando-se disso, poderiam começar uma renovação da república.

Entretanto, mesmo que a influência da família dentro e fora dos muros civis tenha se alastrado em grande medida, sob sua ausência, aqueles dotados de intenções gananciosas puderam prosperar na república de Florença. A carência de um arcabouço institucional robusto, pautado em leis e diretrizes fundamentadas na *virtù*, fazia com que o ciclo que Florença percorria volta e vez continuasse se perpetuando. Aqueles capazes de perceber suas debilidades, mesmo não sendo da família Medici, valeram-se delas e tomaram para si o poder da cidade.

Essa obra formalizou, já que o autor veio a falecer pouco tempo depois, o elemento final do que Maquiavel veio a conceber na sua caminhada política, tanto prática quanto teórica, sobre a evolução e as falhas intrínsecas da república florentina. Nela, Maquiavel

detalha como a família Medici, habilmente posicionada nas intersecções de oportunidades, explorou as lacunas do sistema político. Usando sua fortuna—elemento que pela primeira vez é identificado como chave na análise da sua obra—, a família Medici conseguiu ascender e manter o controle sobre a governança de Florença, exercendo também uma significativa influência na política europeia. Cooptou, além disso, uma ampla gama de alianças estabelecidas por meio do Banco Medici, como a Igreja Católica ou apoiadores dentro e fora de Florença, obtidos por empréstimos, ajudas financeiras e alianças diplomáticas amparadas nos recursos, como o duque de Milão.

6. Referências

FONTES

MAQUIAVEL, Nicolau. **História de Florença.** São Paulo: Musa Editora, 1998.

MAQUIAVEL, Nicolau. Edson Amaro de Souza (trad.) **Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio.** Ebook. 2017.

MACHIAVELLI, Niccolò. Franco Gaeta (editor) **Lettere.** Classici italiani. UTET, 2013.

ESTUDOS

ALMEIDA, Dinorah Lopes Rubim. A Narrativa da Nova História Política: Representações dos Subterrâneos da Historiografia. **Anais do V Encontro Internacional**, Paris, 2015. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/ufesupem/article/view/11757/8454. Acesso em: 8 jan. 2021.

ALMEIDA JÚNIOR, José Benedito de. **Como ler Maquiavel.** 1ª. ed. São Paulo: Paulus Editora, 2021.

ALMEIDA, Rafael Salatini de. Maquiavel e as relações internacionais nos Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio. **Prometeus**, [*s. l.*], v. 7, n. 16, p. 265-288, 2014. Disponível em: http://hdl.handle.net/11449/115221. Acesso em: 21 abr. 2023.

AMADEU JUNIOR, Celso Antônio. **Revisitando Maquiavel: as interpretações da teoria política do secretário florentino (Séc. XVII a XX)**. 2019. 137 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2019.

AMES-LEWIS, Francis. Domenico Veneziano and the Medici. **Jahrbuch der Berliner Museen**, [*s. l.*], v. 21, p. 67-90, 1979. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/4125770. Acesso em: 23 jan. 2024.

ANGELI, Douglas Souza; SIMÕES, Rodrigo Lemos. A Nova História Política e a Questão das Fontes Históricas. **REVISTA CIPPUS** , UNILASALLE, v. 1, ed. 2, p. 112-129, 2012.

Disponível em: https://revistas3.unilasalle.edu.br/index.php/Cippus/article/viewFile/324/682. Acesso em: 11 ago. 2023.

ANSELL, Christopher K; PADGETT, John F. Robust Action and the Rise of the Medici, 1400-1434. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 98, n. 6, p. 1259-1319, 1993. Disponível em: ttps://www.jstor.org/stable/2781822. Acesso em: 9 abr. 2020.

ARANOVICH, Patrícia Fontoura. Maquiavel, retórica e política. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, USP, v. 2, p. 62-74, 2014. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/85747. Acesso em: 8 jan. 2023.

ARANOVICH, Patrícia Fontoura. **História e política em Maquiavel**. São Paulo: Discurso, 2007.

BENASSI, Maria Aparecida Lopes. **História, conhecimento e prática política em Nicolau Maquiavel**. Orientador: José Flávio Pereira. 2007. 84 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2007. Disponível em: http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/2964. Acesso em: 20 jul. 2023.

BERLIN, Isaiah. A originalidade de Maquiavel. *In*: BERLIN, Isaiah. **Estudos sobre a Humanidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 299-348.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. *In*: RIOUX, Jean-Pierre. e SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1998. p. 349-364.

BIGNOTTO, Newton. Maquiavel e seus primeiros leitores. *In*: BENEVENUTO, Flávia; MAGALHÃES PINTO, Fabrina. **Filosofia, política e cosmologia**: ensaios sobre o renascimento. São Paulo: UFABC, 2017. p. 89-113. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.7476/9788568576939.8. Acesso em: 22 ago. 2022.

BIGNOTTO, Newton. Maquiavel Historiador. **Florestan Fernandes**, São Paulo, n. 29, p. 182-188, 1996. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25897. Acesso em: 8 nov. 2023.

BIGNOTTO, Newton. **Maquiavel Republicano**. São Paulo: Loyola, 2005.

BIGNOTTO, Newton. Nota Metodológica: Guicciardini Leitor de Maquiavel. **Discurso**, São Paulo, ed. 29, p. 111-131, 1995. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/discurso/article/download/62644/65443/81848. Acesso em: 10 dez. 2023.

BOBBIO, Norberto; BOVERO, Michelangelo. **Sociedad y Estado en la filosofía política moderna**. Tradução: José Florencio Fernández Santillán. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

BOBBIO, Norberto. **Teoria geral da política.** Rio de Janeiro: Campus, 2000.

BORGES NETO, Alcides. **História política em Maquiavel**. Seara Filosófica, [*s. l.*], n. 12, p. 1-15, 2016. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/searafilosofica/article/view/6742. Acesso em: 17 jan. 2024.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p. 183-191. Disponível em: https://ria.ufrn.br/jspui/handle/123456789/1438. Acesso em: 14 jul. 2023

BROWN, Alison. Changing Perceptions in the Fifteenth and Sixteenth Centuries. *In*: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). **City states in classical antiquity and medieval Italy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991. p. 93-112.

BRUCKER, Gene A. The Medici in the Fourteenth Century. **Speculum**, [*s. l.*], v. 32, ed. 1, p. 1-26, 1957. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2849243. Acesso em: 21 abr. 2020.

BRUCKER, Gene. **Renaissance Florence**. Berkeley: University of California Press, 1969.

BURCKHARDT, Jacob. **A cultura do renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa Ltda, 1983.

BURKE, Peter. **O Renascimento Italiano**. São Paulo: Editora Nova Alexandria Ltda. 1999.

CARDINI, Franco. Symbols and Rituals in Florence. *In*: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). **City states in classical antiquity and medieval Italy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991. p. 499-512.

CARDOSO, Sérgio. Maquiavel: lições das Histórias Florentinas. **Discurso**, São Paulo, v. 48, ed. 1, p. 121-154, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2318-8863.discurso.2018.147389. Acesso em: 2 nov. 2023.

CERTEAU. Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CIPOLLA, Carlo M. **Il fiorino e il quattrino**: La politica monetaria a Firenze nel Trecento. Collana: Il Mulino, 2013.

COHEN, Ilka Stern. Entre História e Política. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 9, p. 197-202, 1997. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/328069376.pdf. Acesso em: 5 maio 2023.

COIMBRA, Fábio. O papel da história na construção da teoria política de Maquiavel. **Humanidades em diálogo**, [*s. l.*], v. 5, p. 147-154, 2013. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2013.106245. Acesso em: 12 maio 2022.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do renascimento –** I. Lisboa: Editorial Estampa, Ltda, 1984.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do renascimento –** II. Lisboa: Editorial Estampa, Ltda, 1984.

DIAS, Edmundo Fernandes. **O eterno fascínio do florentino para uma leitura de Maquiavel.** Campinas: IFCH/UNICAMP, 1999.

DUBRETON, J. Lucas. **A vida quotidiana em Florença no tempo dos Medicis.** Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1979.

DUNN, John. The Identity of the History of Ideas. **Philosophy**, Cambridge, v. 43, ed. 134, p. 85-104, 1968. Disponível em: https://doi.org/10.1017/S0031819100008986. Acesso em: 13 jun. 2023.

EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (org.). **City states in classical antiquity and medieval Italy.** Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1991.

FREITAS NETO, J.A. **A Escrita da Memória: interpretações e análises documentais**. São Paulo: ICBS, 2004.

FRANCO JÚNIOR, Hilário**. A Idade média: nascimento do ocidente**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREITAS NETO, J. A. Tensões e intenções nos textos de Maquiavel. *In*: KARNAL, L. e FREITAS NETO, J.A. **A Escrita da Memória: interpretações e análises documentais**. São Paulo: ICBS, 2004. p. 148-183.

FOUCAULT, Michel. "Omnes et Singulatim": uma crítica da razão política. *In*: MOTTA, Manoel Barros. (org.) **Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p.355-385.

FUBINI, Riccardo; RAILLARD, Sarah-Louise. Cosimo de' Medici' s regime: his rise to power (1434). **Revue française de science politique**, [*s. l.*], v. 64, n. 6, p. 81-97, 2014. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.2307/revfranscipoleng.64.6.81. Acesso em: 21 abr. 2020.

FUBINI, Mario. **Ritratto dell'Alfieri e altri studi alfieriani.** Florença: La Nuova Italia, 1963.

FUBINI, Riccardo. Machiavelli, i Medici, e la storia di Firenze nel Quattrocento. **Archivio Storico Italiano**, Itália, v. 55, n. 1, p. 127-141, 1997. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26222049. Acesso em: 11 mar. 2023.

FUBINI, Riccardo. From Social to Political Representation in Renaissance Florence. *In*: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). **City states in classical antiquity and medieval Italy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991. p. 223-240.

GARIN, Eugenio. **O homem renascentista.** Lisboa: Editorial Presença, 1991.

GILBERT, Felix. **Machiavelli and Guicciardini**. Nova York e Londres: W.W. Norton & Company, 1984.

GILBERT, Kelly Ann. **Medici power and patronage under Cosimo the Elder and Lorenzo the Magnificent**. 2005. 55 p. Dissertação (Licenciatura) - Eastern Michigan University, Michigan, 2005. Disponível em: https://commons.emich.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1102&context=honors&httpsredir=1&referer=. Acesso em: 17 fev. 2023.

GOLDTHWAITE, Richard A. **The Economy of Renaissance Florence.** Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2009.

GOLDTHWAITE, Richard A. The Medici Bank and the World of Florentine Capitalism. **Past & Present**, Oxford, n. 114, p. 3-31, 1987. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/650959. Acesso em: 28 abr. 2020.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Org.). **Intelectuais Mediadores**: Práticas culturais e Ação Política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GRZYBOWSKI, Lukas. História política, história do poder: visitando manuais da historiografia portuguesa como estratégia para o estudo político tardomedieval português. **Revista Vernáculo**, v. 19/20, p. 87-98, 2007.

GUICCIARDINI, Francesco. **Historia de Florencia:** 1378 – 1509. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.

GUTKIND, Curt S. **Cosimo de` Medici – Pater Patriae 1389-1464.** Oxford: Oxford at the clarendon press, 1938.

HALE. John R. **Dicionário do Renascimento Italiano.** Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1988.

HALE, John R. **Florence and the Medici** – The Pattern of Control. Florença: Thames and Hudson, 1977.

HALE, John R. **Maquiavel e a Itália da Renascença.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

HALE, John R. **Renascença.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1970.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade**: Presentismo e Experiências do Tempo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HAY, Denys (org.). **La Época del Renacimiento:** el amanecer de la Edad Moderna. Barcelona: Editorial Labor, S.A., 1969.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Hegel 's political writings.** Oxford: Clarendon: Sandipiper, 1998.

HERLIHY, David. The Rulers of Florence, 1282-1530. *In*: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). **City states in classical antiquity and medieval Italy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991. p. 197-221.

HIBBERT, Christopher. **Ascensão e queda da casa dos Medici.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

JURDJEVIC, Mark. Civic Humanism and the Rise of the Medici. **Renaissance Quarterly**, [*s. l.*], n. 52, p. 994-1020, 1999. Disponível em: https://doi.org/10.2307/2901833. Acesso em: 25 ago. 2023.

KENT, Dale. **Cosimo de` Medici and the Florentine renaissance**: The patron's oeuvre. Londres: Yale University Press, 2000.

KENT, Dale. **The Rise of the Medici: Faction in Florence 1426-1434.** Oxford: Oxford University Press, 1978.

KRITSCH, Raquel. Maquiavel e a República: lei, governo legal e institucionalidade política nos Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio. **Revista Espaço Acadêmico**, Nº113, 2010.

KOCH, Linda A. Power, Prophecy, and Dynastic Succession in Early Medici Florence: The Falcon Impresa of Piero di Cosimo de‘ Medici. **Zeitschrift für Kunstgeschichte**, Berlin, p. 507-538, 2010. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41039013. Acesso em: 25 ago. 2020.

LARIVALLE, Paul. **A Itália no Tempo de Maquiavel.** São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

LEVILLAIN, Pierre. Os protagonistas: da biografia. *In*: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 141-184.

LOPES, Marcos Antônio. Pequeno Clássico Contemporâneo: Maquiavel de Quentin Skinner. **Síntese - Revista de Filosofia**, Belo Horizonte, v. 38, n. 121, p. 261/269, 2011. Disponível em: https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/download/1397/1787/5182. Acesso em: 6 set. 2023

LYNCH, Christopher. War and Foreign Affairs in Machiavelli’s Florentine Histories. **The Review of Politics**, Cambridge, v. 74, p. 1-26, 2012. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41346114. Acesso em: 27 fev. 2023.

MARIN, Marcelo de Paola. **Maquiavel e Gucciardini**: liberdade cívica e discórdias civis. 2007. 96 p. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2007. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/11739/1/marcelo%20marin.pdf. Acesso em: 18 ago. 2022.

MARTINES, Lauro. La Famiglia Martelli e Un Documento Sulla Vigilia Del Ritorno Dall’esilio Di Cosimo Dei Medici (1434). **Archivio Storico Italiano**, Itália, v. 117, n. 1, p.

29-43, 1959. Disponível em: http://www.jstor.org/stable/26252229. Acesso em: 23 mar. 2023.

MATTINGLY, Garrett. "Machiavelli‘s "Prince": Political Science or Political Satire?. The American Scholar, Oxford, n. 4, ed. 1, p. 482-491, 1958.

MISKIMIN, Harry A. **A Economia do Renascimento Europeu 1300-1600.** Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

MOTTA, Marly da Silva. **O Relato Bibliográfico como Fonte para a História.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

NAJEMY, John M. **A History of Florence 1200-1575.** Inglaterra: Blackwell Publishing Ltd. 2006.

NAJEMY, John M. Machiavelli and the Medici: The Lessons of Florentine History. **Renaissance Quarterly**, 1982, v. 35, n. 4, p. 551-576, 1982. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2861371. Acesso em: 22 mar. 2022.

NÉSPOLI, José Henrique Songolano. Cultura Política, História Política e Historiografia. **História e Cultura**, PPGH - UNESP, v. 4, n. 1, p. 361-376, 2015. Disponível em: https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1341. Acesso em: 19 maio 2023.

PADGETT, John F; ANSELL, Christopher K. Christopher K. Robust Action and the Rise of the Medici, 1400-1434. **American Journal of Sociology**, [s. l.], v. 98, p. 1259-1434, 1993. Disponível em: https://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/230190. Acesso em: 1 mar. 2022.

PADGETT, John F; MCLEAN, Paul D. Economic Credit in Renaissance Florence. **The Journal of Modern History**, Chicago, v. 83, p. 1-47, 2011. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/10.1086/658247. Acesso em: 4 set. 2021.

PINSKY, Carla B. e LUCA, Tania R. **O historiador e suas fontes.** São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PIRES, Francisco Murari. Maquiavel e Tucídides: O(s) olhare(s) da história e as figurações de historiador. **Revista de História**, São Paulo, p. 51-67, 2010. Disponível em: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0ispep51-67. Acesso em: 20 ago. 2023.

POCOCK, JOHN. **The Machiavellian Moment.** Princeton e Londres: Princeton University Press, 1975.

RÉMOND, René. Por que a história política?. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, 1994. Disponível em: https://diretorio.rcaap.pt/handle/1/562. Acesso em: 13 jun. 2023.

RÉMOND, René. (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: UFRJ/ FGV, 1996.

RICCIARDELLI, Fabrizio. La repressione del dissenso a Firenze nell'età di Cosimo de' Medici. **Hispania**, Ohio, p. 389-412, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.3989/hispania.2015.012. Acesso em: 14 out. 2023.

ROOVER, Raymond de. **The rise and decline of the Medici Bank.** Nova York: Norton & Company, INC, 1966.

ROOVER, Raymond de. **Money, Banking and Credit in Medieval Bruges.** Massachusetts: Cambridge, 1948.

ROOVER, Raymond de. The Medici Bank Organization and Management. **The Journal of Economic History**, [s. l.], v. 6, p. 24-52, 1946. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2112995?seq=1&cid=pdfreference#metadata_info_tab_contents. Acesso em: 18 out. 2022.

ROOVER, Raymond de. Cosimo de' Medici come banchiere e mercante. **Archivio Storico Italiano**, [s. l.], v. 4, p. 467-479, 1965. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26252696. Acesso em: 21 jul. 2021.

ROOVER, Raymond de. I libri segreti del Banco de' Medici. **Archivio Storico Italiano**, [s. l.], v. 107, p. 236-240, 1949. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/45092773. Acesso em: 10 jul. 2022.

ROOVER, Raymond de. The Medici Bank Financial and Commercial Operations. **The Journal of Economic History**, [s. l.], v. 6, p. 153-172, 1946. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2113081. Acesso em: 17 out. 2021.

ROSANVALLON, Pierre. Por uma História Conceitual do Político. **Revista Brasileira de História**, [s. l.], v. 15, 1995.

ROSS, Janet. **Lives of the early Medici as told in their Correspondence**. Londres: Chatto and Windus, 1910.

RUBINSTEIN; Nicolai (org.). **FLORENTINE STUDIES Politics and Society in Renaissance Florence**. Evanston: Northwestern University Press, 1968.

RUBINSTEIN; Nicolai. **The Government of Florence under the Medici (1434 to 1494)**. Oxford: Clarendon Press, 2ª impressão, 1997.

SALATINI, Rafael; DEL ROIO, Marcos. (org.) **Reflexões sobre Maquiavel.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

SAPORI, Armando. «Bilancio» della filiale di Roma del Banco Medici del 1495. **Archivio Storico Italiano**, [s. l.], v. 131, p. 163-224, 1973. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26258799?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em: 19 jun. 2021.

SASSO, Gennaro. **Niccolo Machiavelli.** Bologna: Società editrice Il Mulino, 1993.

SCHULTZ, Victoria L. The Renaissance Plutocracy of Cosimo de' Medici: How He Used Patronage to His Advantage in 15th Century Florence. **The Exposition**, Nova York, v. 7, 2023. Disponível em: https://digitalcommons.buffalostate.edu/exposition/vol7/iss1/1/. Acesso em: 11 dez. 2023.

SEVCENKO, Nicolau. **O renascimento.** São Paulo: Atual Editora LTDA, 1994.

SIRINELLI, Jean-François. As elites culturais. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (org.). **Por uma história cultural**. Lisboa: Editorial Estampa, 1999. p. 259-280.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. *In:* RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-270.

SKINNER, Quentin. **Maquiavel.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SKINNER, Quentin **As Fundações do Pensamento Político Moderno**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

STRUM, Sara. **Lorenzo de' Medici.** Nova York: Twayne Publishers, 1974.

SZNURA , Franek. Civic Urbanism in Medieval Florence. In: EMLEN, Julia; MOLHO, Anthony; RAAFLAUB, Kurt A. (ed.). **City states in classical antiquity and medieval Italy**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1991. p. 403-418.

TEIXEIRA, Felipe Charbel. **Timoneiros: A retórica prudencial de Maquiavel e Guicciardini**. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

TENENTI, Alberto. **Florença na época dos Medici.** São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

VEYNE, Paul. O indivíduo atingido no coração pelo poder público. *In*: RICOEUR , Paul; VERNANT , Jean-Pierre (org.). **Indivíduo e Poder**. Lisboa: Edições, 1988.

VIVANTI, Corrado. **Nicolau Maquiavel: nos tempos da política**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

WEINSTEIN, Donald. The Myth of Florence. In: RUBINSTEIN, Nicolai (org.). **Politics and Society in Renaissance Florence**. Londres: Faber & Faber, 1968.